Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/memoriassobreant00roch

PALEOETHNOLOGIA E ARCHEOLOGIA HISTORICA

MEMORIAS

SOBRE A

ANTIGUIDADE

POR

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA

Advogado, Conservador do Museu Municipal da Figueira,
socio correspondente do Instituto de Coimbra, membro da Sociedade
Carlos Ribeiro, socio honorario da Real Associação
dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, vogal delegado
da Commissão dos Monumentos Nacionaes
e commendador de S. Thiago

FIGUEIRA DA FOZ
IMPRENSA LUSITANA

1897

MEMORIAS

SOBRE A

ANTIGUIDADE

PALEOETHNOLOGIA E ARCHEOLOGIA HISTORICA

MEMORIAS

SOBRE A

ANTIGUIDADE

POR

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA

Advogado, Conservador do Museu Municipal da Figueira,
socio correspondente do Instituto de Coimbra, membro da Sociedade
Carlos Ribeiro, socio honorario da Real Associação
dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes
e commendador de S. Thiago

FIGUEIRA
IMPRENSA LUSITANA
1897

Prefacio

Os estudos comprehendidos n'este livro já foram, na maior parte, publicados pela *Revista de sciencias naturaes e sociaes* ou pelo *Archeologo Portuguez*. O interesse da coordenação dos nossos trabalhos aconselhava que os reunissemos em um volume; e a intima relação que existe entre uma grande parte d'elles e o assumpto da nossa obra *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira* impunha-nos quasi o dever de facilitarmos a sua approximação, legando á nossa terra, onde as revistas scientificas estão ao alcance de poucos, mais este punhado de noticias sobre o passado.

Como muitas publicações d'esta natureza, o livro, no seu conjuncto, carece d'unidade. Os assumptos, embora de indole archeologica, são muito diversos, a ponto de os ultimos não terem uma relação directa com os primeiros; mas, pela ordem em que se acham dispostos, facil será conhecer que os subordinámos a um methodo, onde o logar de cada um é determinado segundo as normas da sciencia.

Cinco periodos de tempo, abrangendo civilisações muito diversas, alcançam estes estudos. O primeiro pertence á idade da pedra, epocha neolithica ou da pedra polida. Quatro dos estudos que lhe respeitam, são o desenvolvimento d'assumptos que só foram summariamente indicados na nossa referida obra. O quinto e sexto versam sobre duas obras d'arte da mesma epocha, arte de que nos occupamos detidamente no terceiro estudo; o setimo sobre uma interessante estação do concelho de Soure; e o oitavo sobre uma preciosa clava de pedra existente no Museu a nosso cargo.

O segundo periodo succede immediatamente, na ordem dos tempos e dos progressos da industria humana, ao primeiro: é o principio da idade dos metaes—a epocha do cobre. No estado actual da paleoethnologia é esta uma das epochas que está reclamando maior attenção dos estudiosos em Portugal. Lá fóra já ella tem sido proclamada por muitos sabios; mas no nosso paiz, depois do congresso internacional d'anthropologia e d'archeologia prehistoricas, celebrado em Lisboa no anno de 1880, onde Vilanova a affirmou pela primeira vez com relação á Hespanha, apenas conhecemos as analyses do sr. Alfredo Bensaude sobre alguns objectos prehistoricos, que se reputavam feitos de bronze, algumas indicações do sr. Cartailhac e os trabalhos de Estacio da Veiga no Algarve, que possam interessar ao estudo d'essa interessante phase da civilisação no territorio portuguez. O que nós escrevemos sobre ella pouco adianta nos dominios da sciencia; mas a culpa não é sómente nossa. Nós fizémos duas viagens ao Algarve com o proposito de continuarmos os nossos trabalhos sobre a necropole da Campina, estação que promettia farta colheita de elementos para o estudo d'essa epocha; mas infelizmente nada mais conseguimos.

Não tendo nós encontrado ainda estações da epocha do bronze nem dos primeiros tempos da epocha de ferro,

estes estudos passam a uma epocha já bastante avançada da influencia phenicia ou lybi-phenicia, onde começam os primeiros alvores da historia da peninsula. Bem sabemos que ha quem pense que nada existe na archeologia que seja reconhecidamente d'origem phenicia; mas nós seguimos os que sustentam o contrario, até que se prove de modo convincente que os monumentos e vestigios a que estes attribuem essa origem, pertencem a outra civilisação.

A' epocha da influencia punica seguiu-se o dominio romano, desde os fins do 3.º seculo antes de Christo. Aqui estamos já em plena historia; mas infelizmente esta, muito occupada do povo-rei, é bastante parca de noções sobre a ethnographia dos povos peninsulares ao tempo em que começou aquelle dominio. Nós pensamos em contribuir com alguns dados archeologicos para o estudo d'esse tempo, tratando dos castros das visinhanças da Figueira; mas o assumpto exige um livro especial, que vamos preparando com muita lentidão. O que n'estes estudos se descreve da epocha romana ou é genuinamente romano, ou tem influencia romana, e pertence, pela maior parte, a tempos muito posteriores ao começo d'esta epocha.

Ao dominio romano succedeu, nos principios do seculo 5.º, a invasão dos barbaros, e depois o dominio wisigothico; mas estes estudos passam á epocha do dominio sarraceno, que teve seu começo nos principios do seculo 8.º Poucas cousas mencionamos que possam attribuir-se a este periodo; mas os monumentos arabes são raros em Portugal, e raras foram as pesquizas que encetámos com animo de os procurar.

Convem não esquecer que os nossos principaes esforços têem sido applicados ao estudo da paleoethnologia. Tanto no concelho da Figueira, durante nove annos, como na provincia do Algarve, durante alguns mezes, foram os problemas d'essa sciencia que nos impelliram aos sacrificios de longas, incommodas e dispendiosas pesquizas. Só

incidentemente ou no interesse do museu a nosso cargo nos occupámos de archeologia historica. Isto explicará a mingua de trabalhos nossos n'este ramo de sciencia, e fará olhar com mais benevolencia os erros e incorrecções que devemos ter commettido. Por outro lado a rapidez com que os monumentos se destróem n'este paiz, logo que o acaso, a cubiça ou o interesse scientifico os faz sair da terra, era caso para não subtrahir á publicidade esse pouco que póde interessar a historia nacional. Se fizessemos o contrario, a falta podia ser irreparavel. Para não citarmos senão um exemplo, diremos que todos os annos os trabalhos agricolas dão novos golpes nas necropoles luso-romanas de Marim, de Maratéca e da Fonte Velha, no Algarve, sem que ninguem versado em archeologia romana appareça a estudal-as. Decorrido mais algum tempo tudo alli será destruido; e os estudiosos de futuro não terão mais do que as nossas humildes e insufficientes notas sobre a existencia d'essas interessantes estações mortuarias.

De resto a indole do livro não obriga a mais. Reimprimimos alguns escriptos esparsos: não fazemos obra inteiramente nova. Novas são apenas duas das memorias e algumas notas ou modificações do texto, que nos pareceram indispensaveis.

Figueira.

A. dos Santos Rocha.

IDADE DA PEDRA

EPOCHA NEOLITHICA

I

A QUESTÃO DA ANTHROPOPHAGIA

NAS ESTAÇÕES NEOLITHICAS

DA SERRA DO CABO MONDEGO

Quando escrevemos a monographia sobre as antas das visinhanças de Brenha [1], tivemos por norma limitar-nos, quanto possivel, a registar fielmente os factos observados, não estabelecendo como certas senão as classificações e indicações apoiadas pela generalidade dos mestres da sciencia, e dando ás outras um caracter puramente hypothetico.

Assim o praticámos, de facto, tanto na parte descriptiva, como na ethnographica, depois de havermos declarado no prefacio que o nosso principal fim fôra apenas recolher e registar todos os elementos paleoethnologicos que encontraramos dispersos e quasi perdidos por aquella região, a fim de que os homens de sciencia podessem utilisal-os e basearem n'elles outros estudos de maior alcance.

Nem deviamos ter procedido d'outro modo. Se as proprias summidades da sciencia hesitam nas conclusões a tirar dos factos observados, sobretudo depois de haverem colligido todas as observações feitas no mundo scientifico, seria uma verdadeira loucura que nós, conhecendo pouco

1 A referencia é á primeira parte, já então publicada, das *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira.*

a sciencia, e tratando d'observações locaes, pretendessemos ir mais longe do que elles.

Entretanto a critica, que nada poupa, sem mesmo se importar com os motivos que nos forçaram a levar a cabo um trabalho a que quizeramos esquivar-nos, pretendeu tornar bem manifesta a deficiencia do escripto, arguindo-nos a sobriedade na exposição e nas conclusões; e, para supprir as nossas faltas, proclamou abertamente descobertas que infelizmente ainda não tinhamos feito.

Do numero d'ellas, e a mais importante, é a anthropophagia, que se attribue ao povo das nossas estações.

Lera que na anta da Cumieira se haviam encontrado ossos humanos com incisões de dentes d'animaes; que na anta do Cabeço dos Moinhos tinham tambem apparecido alguns fragmentos de craneo, de um cubito e outros ossos queimados; que das Carniçosas se exhumaram ossos fendidos, fragmentos de femur e humero com incisões que pareciam ter resultado de golpes, outros ossos com signaes dos dentes de pequenos roedores, e ainda alguns que pareciam roidos por animaes de maior talhe; e, baseada n'estes factos, affirmou que a questão da anthropophagia na epocha neolithica ficava resolvida, estranhando que nós, com tão decisivas provas, nem ao menos emittissemos opinião sobre assumpto de tanta monta.

E porque, uma vez na ladeira do abysmo, a propria gravidade nos arrasta para o fundo, eis que os auctores da descoberta conjecturaram, em face dos fragmentos de craneo queimados, que o canibal da serra do Cabo Mondego misturava o cerebro do seu semelhante a alguma bebida, provavelmente no proprio craneo, que era em seguida levado ao fogo e depois partido *para lhe explorar os recessos osseos.*

Ora, antes de tudo, convem notar que nós não deixamos de lembrar-nos, ao explorar as nossas estações, da questão que se debate; e isto pela simples razão de que

ella lembra a todos aquelles que se occupam d'estes estudos. Sabiamos que no estrangeiro muitos homens de sciencia sustentavam a existencia do canibalismo entre os povos da epocha neolithica; e que em Portugal o Ex.mo Sr. Nery Delgado lembrara esse costume a proposito dos despojos humanos encontrados nas grutas de Cezaréda, e o sustentava abertamente quanto aos da gruta da Furninha.

Mas como não julgámos ter recolhido elementos favoraveis a esta opinião, ou com que affrontar, sequer, a auctoridade do sr. Mortillet, nós pretendemos explicar a presença dos ossos queimados da anta do Cabeço dos Moinhos por causa diversa [1], o que foi já emittir uma opinião sobre o assumpto.

E tanto não haviamos esquecido a questão, que na parte da monographia, em que apresentamos algumas considerações ethnographicas, tratando da alimentação, tinhamos primeiramente escripto o seguinte, que depois supprimimos:

«Mas entre os animaes que serviam de alimento, deve contar-se o proprio homem? Alguns dos factos que costumam invocar-se em favor da anthropophagia na epocha neolithica, verificam-se nas estações de que tratamos. Taes são os ossos queimados do Cabeço dos Moinhos, os fendidos longitudinalmente e os craneos esmigalhados de todas as antas, a falta de extremidades articulares, a abundancia d'ossos longos e o pequeno numero dos curtos ou chatos, e a presença, n'alguns fragmentos, de certos vestigios, entalhos ou incisões, que parecem feitos por instrumento cortante.

«E, se estes factos não provam a favor da anthropophagia, como costume geral, não poderiam porventura referir-se a algum costume especial nas praticas funebres? Como provavelmente existia o uso de banquetes funera-

[1] Vej. a monographia citada, pag. 38.

rios, podia acontecer que n'elles se sacrificassem victimas humanas, como era uso entre os gaulezes.

«Porém, ainda que semelhantes hypotheses não repugnem á historia, pensamos que não podem de modo algum inferir-se das circumstancias notadas; porque em todas as antas os ossos se encontraram fendidos e em desordem, o que prova que uma causa semelhante actuou sobre elles; e, se essa causa fosse o canibalismo, seria necessario admittir que se comiam todos os mortos, em logar de se sepultarem, o que repugna á propria existencia das antas e ao cuidado com que n'ellas se encerravam os despojos humanos.

«Alem d'isto nós temos provas irrefragaveis de que as antas foram todas violadas, talvez muitas vezes, antes de as explorarmos; e este facto era bastante para produzir a destruição e a desordem que alli notámos [1].

«De resto nós não encontrámos em qualquer dos ossos recolhidos vestigio algum de ter sido excavado o canal medular, para lhe extrahir o conteudo, manjar que devia ter sido a causa determinativa da fractura, segundo a opinião dos que sustentam a anthropophagia: muitos d'elles estão fendidos longitudinalmente só d'um lado, o que não seria bastante para obter a medula; outros estão fendidos dos dois lados, mas sem que os fragmentos se achem desunidos; outros, emfim, apesar de apresentarem os fragmentos desunidos, conservam entre estes a sua relação anatomica, por se acharem adherentes á terra que enche o canal medular; e não é crivel que, partidos os ossos, e extrahida a medula, o supposto canibal se occupasse em unir depois os fragmentos, ás vezes muito miudos, para lhes dar as suas relações naturaes. Hoje mesmo esse trabalho seria difficilimo, se não impossivel,

[1] Nas antas exploradas depois da publicação d'este escripto encontrámos alguns depositos funerarios não profanados.

em muitos dos exemplares que colligimos, até para os que têem profundos conhecimentos de anatomia! A experiencia é facil. Nós enviámos para o Instituto todos os fragmentos d'um craneo, que conservavam todas as suas relações anatomicas, emquanto estiveram adherentes á terra que enchia a cavidade craniana: que qualquer tente a sua restauração, e verá as espantosas difficuldades que encontra.

«Por outro lado ha ossos longos (femures) que não estão fendidos, e a que apenas faltam as extremidades articulares, e esses mais difficilmente se explicam pela anthropophagia».

Já depois de escriptas estas linhas, que nós supprimimos por nos parecer que pejavam inutilmente a monographia, o estudo detido dos ossos das sepulturas da Asseiceira [1] nos conduziu ao mesmo resultado. Uma d'ellas estava na maior parte intacta; e todavia os ossos achavam-se tão fracturados como os das antas.

E nem admira: uns e outros estavam decompostos a tal ponto e tão repassados da humidade, que se desfaziam, quando os retiravamos da terra.

Admiração causaria o facto de os encontrarmos todos inteiros e nas suas relações anatomicas. O sr. Mortillet, tratando das observações sobre a antiguidade dos ossos humanos, nota, e com razão, que—«é necessario sobretudo ser muito circumspecto quando se trata d'esqueletos completos, dos quaes as diversas partes conservam a sua connexão natural.»

Os fragmentos de ossos humanos queimados são pou-

[1] A contemporaneidade d'estes cistos ou cofres sepulcraes de, pedra e dos dolmens está hoje perfeitamente confirmada, a nosso ver pelos trabalhos que o sr. F. Gaillard apresentou na decima sessão do congresso internacional d'anthropologia e d'archeologia prehistoricas, celebrada em Paris, no anno de 1889. *Compte rendu*, pag. 236 e seg.

cos, e só appareceram na anta do Cabeço dos Moinhos. Deduzir d'este facto singular, e que póde ter diversas causas, que a carne humana era passada ao fogo e devorada, e que se misturava ao cerebro alguma bebida no proprio craneo, parece-me absoluta falta de logica.

Em primeiro logar esses vestigios foram encontrados em um monumento geralmente considerado como logar de sepultura: e por isso é forçoso restringir a hypothese ao banquete funerario. Ora, se o usó funebre de comer carne humana passada ao fogo existisse entre o povo ou tribu das nossas estações, deveria ter deixado vestigios semelhantes nos outros megalithos; e, todavia, não foram n'elles encontrados, sendo muito para notar que em todos existiam bocados de pau carbonisado, e que em um dos supportes da anta das Carniçosas havia negro de fumo.

Por conseguinte o facto não póde ter semelhante explicação.

Pelo contrario a sua causa deve naturalmente ter sido a mesma que nos deixou alli estes ultimos vestigios. Nas antas fazia-se fogo, ou fosse para purificar o ar em occasião de novas inhumações, ou para preparar uma refeição funebre, ou praticar alguma ceremonia; e por um acaso qualquer a fogueira accender-se-ia em sitio onde já existiam ossos.

É a explicação que reune em seu favor o maior numero de probabilidades.

Em segundo logar os vestigios do fogo deviam apparecer nos ossos que apresentam as incisões attribuidas ao canibalismo: e, de facto, os golpes teriam sido dados para dividir as peças do corpo, afim de as levar ao fogo, ou para extrahir a carne depois de ter soffrido a acção d'este, e os dentes deviam ter atacado o manjar tambem depois d'essa operação. Mas precisamente n'esses ossos não notámos nós signaes de fogo: assim como nos ossos queimados não notámos incisões suspeitas.

O estudo das incisões tambem não nos parece poder auctorisar a opinião que combatemos. As resultantes de dentes d'animaes, segundo o nosso juizo, reduzem-se a tres especies. Uma, que se encontra no maior numero d'ossos, é manifestamente obra dos incisivos de pequenos roedores; e por isso mal e indevidamente póde ser trazida para a questão. Outra, que se encontra em pequeno numero de fragmentos, é proveniente de repetidas e irregulares mordeduras, em que os caninos representam a parte principal, penetrando mais ou menos profundamente no tecido osseo; e assim dá todos os indicios de que o animal, que produziu taes vestigios, atacou propriamente os ossos, e não se occupou apenas em despojal-os das suas carnes. Por isso deve ser obra de carnivoros, do genero *Canis*. A terceira, finalmente, que se encontra em um pequeno fragmento de femur, apresenta de um e outro lado d'este, convergindo para os mesmos pontos, tres sulcos largos, quasi parallelos, separados por arestas, os quaes, pela sua fórma, tanto fazem lembrar o homem como um carnivoro. Mas não nos parece provavel que dentes humanos produzissem tão fortes incisões em osso de individuo que acabava de perecer; ao que acresce a circumstancia de indicarem que o animal atacou propriamente o osso, o que o homem não faria.

As incisões que parecem resultar de golpes existem só em dois fragmentos. Examinadas minuciosamente e com o auxilio da lente perdem muito de seu valor, porque as suas faces não se inclinam regularmente, formando um angulo, que possa ajustar-se ao gume d'uma hacha. Em um dos exemplares estão ellas junctas com outras que são manifestamente de dentes d'animaes.

Mas, se realmente resultaram de golpes, podiam estes ter sido dados em vida do individuo, por occasião de lucta com o seu semelhante.

Nem estes e os vestigios da terceira especie indicada, por serem em tão pequeno numero, poderiam, mesmo em

outras circumstancias, auctorisar a idéa da anthropophagia: são factos isolados, e que só se notaram na anta das Carniçosas.

Assim é nossa convicção que os dados recolhidos até ao presente nas estações da serra do Cabo Mondego não tendem a demonstrar por qualquer modo o costume do canibalismo entre o povo ou tribu que na epocha neolithica habitou por estes sitios: antes mostram o contrario, isto é, que esse selvagem, nosso antepassado, pobrissimo de tudo, respeitava e encerrava os mortos, cercando-os de todas as seguranças ao seu alcance, para que a paz do tumulo não fosse perturbada nem pelas profanações dos homens, nem pelos animaes famintos.

Tão grande era este seu empenho que até os mais pequenos intersticios dos supportes das antas eram cuidadosamente vedados com lascas de pedra!

E com que piedade elle depositava junto do cadaver todo o necessario em armas, utensilios e alimentos, para que os entes queridos podessem seguir a grande viagem, sem soffrerem privações, e quiçá para continuarem no seu sonhado Olympo a vida d'este mundo!

É que tudo isso podia ser consagrado apenas aos restos osseos d'aquelles a quem tinham a bestial crueldade de devorarem as carnes?! Os fragmentos de ossos careciam de antas bem vedadas, de armas, de utensilios, de comida? Onde já se viu o canibal nutrir aquelles sentimentos de ternura pelos ossos das suas victimas?

É preciso sermos razoaveis tanto em sciencia como em tudo mais. Avançar a uma proposição, quando todos os factos protestam contra ella, é substituir o arbitrio á logica, e desviar a sciencia por veredas tortuosas, onde os prejuizos disputam a palma ao erro.

N'isto referimo-nos apenas á critica que nos julgou.

Nem nós temos discutido a questão senão na hypothese das nossas estações [1].

[1] Todos os trabalhos que emprehendemos posteriormente á publicação d'este escripto confirmam a opinião que n'elle emittimos; o que prova que as nossas observações foram feitas com bastante rigor.

Nos depositos intactos dos megalithos de Santo Amaro da Serra e da Cabecinha, assim como no que se encontrou dentro da galeria do megalitho da Cabecinha Grande todos os ossos estavam fendidos e esmagados. No mesmo estado os das sepulturas da necropole luso-phenicia da Fonte Velha em Bensafrim (Algarve). A causa d'este facto é estudada com algum desenvolvimento no escripto adiante publicado — *O rito da inhumação nos dolmens da Serra do Cabo Mondego* — para onde remettemos o leitor.

A quantidade de ossos humanos que temos encontrado nos megalithos, sobretudo nos do Cabeço dos Moinhos, da Cabecinha e do Facho, é enorme; e comtudo nunca appareceu exemplar algum com vestigios de ter sido excavado o canal medular.

Nos megalithos da Capella, de Santo Amaro da Serra e da Cabecinha appareceram os vestigios do fogo, mas nenhum osso queimado. O ultimo d'estes monumentos continha tres depositos funerarios intactos, e só em nivel muito superior appareceram lares com cinzas, carvões e pedaços d'argila passados ao fogo; prova decisiva de que este não tinha relação alguma com actos de canibalismo.

Nas camaras dos megalithos da Cabecinha Grande e do Facho é que foram encontrados alguns raros fragmentos d'ossos humanos queimados, mas sem golpes ou incisões algumas. Estas camaras estavam profanadas; mas pelas observações feitas nos depositos da Cabecinha mais verosimil se torna a hypothese de que as deslocações provenientes da decomposição cadaverica teriam deixado á superficie dos monticulos da terra arenosa, com que se cobriram n'aquelles monumentos os corpos acocorados contra os supportes, algumas peças dos esqueletos, que o fogo, feito sobre esses monticulos, atacou. Póde vêr-se o estudo d'estes monumentos na parte quarta das *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira.*

Por outro lado, se o canibalismo fosse praticado pelo homem neolithico d'esta região, nós deveriamos encontrar restos humanos com vestigios dos hediondos banquetes nos rebotalhos de cosinha da estação do Forno da Cal, na Vinha da Rainha, do outro lado do Mondego; e é certo que alli só appareceram, nos depositos que explorámos, os objectos que adiante vão descriptos no estudo relativo a esta interessante estação.

II

PEQUENAS HACHAS DE PEDRA

DAS ESTAÇÕES NEOLITHICAS

DO CONCELHO DA FIGUEIRA

Entre os machados de pedra, que se têem recolhido nas estações neolithicas da Europa, ha muitos que se tornam notaveis pelas suas pequenas dimensões, e cujo destino, segundo pensamos, não se acha ainda completamente esclarecido.

Não é sem grandes embaraços que nós, a cada objecto d'estes que vamos colligindo, tentamos dar-lhes uma explicação que satisfaça o nosso espirito. Uns, muito pequenos, de rochas vistosas, com fórmas bastante regulares, polidos e acabados com extremo cuidado, parecem, á primeira vista, verdadeiras joias do homem primitivo, que na sua rude simplicidade faria a representação artistica do instrumento mais util e mais poderoso que o genio humano, na sua infancia, tinha inventado. Outros, maiores, de ro-

chas unicolores, sem brilho, com fórmas irregulares, não polidos em todas as suas superficies, e sem vestigios de accessorios que podessem fazer suspeitar a sua applicação, nem parecem ter o caracter dos primeiros, nem favorecer a hypothese de um emprego util. Dir-se-iam meros brinquedos de crianças!

Não será, pois, sem interesse expôr algumas observações que temos feito, a fim de chamar sobre taes objectos a attenção de outras pessoas mais competentes. Mas antes d'isto convém lembrar e reunir aqui certas indicações que encontrámos espalhadas por alguns livros, e que muito interessam ao nosso proposito.

O sr. Mortillet dá noticia de pequenas hachas de pedra polida provenientes de regiões muito diversas. Menciona as dos dolmens do Morbihan, que chegam a ter apenas $0^m,032$; as de outras estações da França, que medem $0^m,039$ e $0^m,025$, havendo uma no Museu de Saint Germain que tem $0^m,023$; as da Dinamarca, cuja dimensão minima é de $0^m,067$; e as das palafittas da Suissa, que diminuem até $0^m,033$, $0^m,029$ e $0^m,027$; e apresenta os desenhos d'algumas nas figuras 445.ª, 449.ª, 455.ª, 456.ª, 469.ª, e 474.ª do seu *Museu prehistorico* [1].

O sr. Barão J. de Baye encontrou nas grutas da Marne, valle do Petit-Morin, uma que só media $0^m,05$ e outras que, por uma gradação quasi insensivel, iam attingir o maximo de $0^m,18$ [2].

Quanto á nossa Peninsula, o sr. Cartailhac falla de hachas *muito pequenas* das grutas de Gibraltar; dá o desenho de uma proveniente de Cascaes; e menciona ainda outra

1 *Le Prehistorique*, pag. 540 e 541.
2 *L'Archéologie prehistorique*, pag. 246.

encontrada na Casa da Moura, estação sabiamente explorada pelo sr. Nery Delgado, que mede $0^{m},04$ por $0^{m},05$ [1].

No dolmen do Monte Abrahão encontrou o sr. Carlos Ribeiro um exemplar que media $0^{m},066$; e outros foram recolhidos na gruta da Furninha, em Peniche, pelo sr. Nery Delgado.

Sobre o destino d'estes objectos o sr. Mortillet distingue uns que eram utilisados como instrumentos e outros que apenas serviam de amuletos. Os primeiros preparavam-se de algum dos modos seguintes: — embutidos pelo lado opposto ao gume em bases de chifre de veado com um esgalho a servir de cabo, ou em uma especie de estojo *(gaine)* da mesma substancia, que umas vezes entrava e se fixava em um cabo de madeira, outras era furado e atravessado pelo cabo. Effectivamente de todos estes typos se encontraram exemplares em França, na Suissa e na Italia, e que se acham representados nas figuras 438.ª, 443.ª e 444.ª do *Museu prehistorico* do mesmo escriptor, o qual nas figuras 431.ª e 433.ª a 436.ª tambem apresenta os desenhos em separado d'aquelles estojos [2].

Convém tambem notar que algumas hachas eram ás vezes picadas, de modo a tornal-as asperas na parte que entrava no cabo, afim de poderem fixar-se com mais solidez; e o sr. Mortillet diz que «*esta operação era feita principalmente nas hachas susceptiveis de receberem uma bella polidura*» [3].

Os mais pequenos dos objectos de que tratamos, como o da figura 456.ª do *Museu,* e ainda os fabricados de rochas brandas ou que têem um orificio, eram, segundo o illustre paleoethnologo, verdadeiros amuletos, visto não poderem ter outro destino. Justifica esta opinião, conside-

1 *Les âges prehist. de l'Espagne et du Portugal,* pag. 66, 96 e 104.

2 *Le Prehist.,* pag. 544-545.

3 *Museu* cit., estampa XLVII.

rando que a hacha era o instrumento por excellencia dos povos primitivos, que com elle exerciam os mais rudes misteres, e que assim era natural que se tornasse o emblema da prosperidade, da força, do poder, da divindade, emfim, suprema dispensadora de todos estes attributos: e accrescenta que o culto da hacha se confirma pelas numerosas gravuras da epocha neolithica, que a representam [1].

Mas este culto da hacha póde effectivamente explicar, só por si, os pequenos exemplares que não têem a apparencia de outro destino conhecido? Nós duvidamos, apesar da auctoridade do mestre. As hachas manifestamente usuaes e de maiores dimensões deviam ser objecto do mesmo culto: e encontram-se com effeito em identicas circumstancias, isto é, nos dolmens e nas grutas sepulcraes, logares indubitavelmente religiosos. Por conseguinte as pequenas dimensões d'aquelles objectos não podem ser caracteristicas de um destino meramente religioso, ou de amuletos ou objectos de superstição. Caracteristica seria apenas a *fórma*.

O que póde com muita probabilidade considerar-se amuleto é a hacha *furada* [2]. O orificio indica que era suspensa; e de facto já tem sido encontrada como fazendo parte de collares nas sepulturas. Ora um objecto, cuja fórma tinha um certo prestigio entre os povos neolithicos, e que se usava suspenso ao pescoço, póde bem ser um amuleto; e por isso os archeologos não hesitam em attribuir-lhe este caracter.

As interessantissimas descobertas feitas pelo sabio explorador das grutas da Marne auctorisam até certo ponto aquella nossa duvida. O sr. de Baye opina, com judiciosos fundamentos, que realmente as hachas eram objecto

1 *Le Prehist.*, pag. 604.

2 Um d'estes objectos figura nas *Antiguidades monumentaes do Algarve*, t. 1.º, est. C. e pag. 198.

de um apreço muito elevado entre os povos primitivos, visto que se achavam esculpidas nas paredes das grutas, onde tambem appareceram outras figuras que se suppõem de divindades, e muitas estavam collocadas de um modo singular junto aos esqueletos; e, para tornar plausivel a hypothese, cita, a proposito dos tempos historicos, esta notabilissima passagem de J. Evans:

«É curioso notar que os antigos gregos parecem ter attribuido á hacha certa importancia sagrada. Segundo Plutarco, Jupiter Labrandeus tomou este titulo da hacha, e M. de Longpérier cita uma passagem de que resulta que Baccho, pelo menos em um caso, era adorado sob a fórma d'uma hacha ou πέλεκυς. M. de Longpérier tambem descreve um cylindro chaldaico, no qual se vê um sacerdote fazendo offertas a uma hacha erguida sobre um throno; e, além d'isto, chama a attenção para o facto seguinte — que o hieroglyphico egypcio que representa Nouter, Deus, é simplesmente a figura d'uma hacha.»

Inclina-se mesmo o sr. de Baye a que a importancia dada a esse objecto pelos povos neolithicos era de caracter religioso; e cita a opinião respeitabilissima do sr. de Quatrefages, que pensa do mesmo modo, e que vê tambem nas pequenas hachas furadas verdadeiros amuletos. Emfim, a proposito das hachas que encontrou nas referidas grutas, diz o seguinte: — «Não é simplesmente um instrumento funerario, mas um objecto votivo, consagrado, tratado assim sob a inspiração d'um sentimento religioso».

Mas ao mesmo tempo apresenta estas observações muito importantes: — que todas as hachas, desde a mais pequena, que, como dissémos, tinha sómente $0^{m},05$, estavam *dispostas para serem usadas e completamente acabadas segundo os seus respectivos typos; — que as mais pequenas, que não estavam acompanhadas de seus estojos, deviam ser encabadas de um modo differente* das outras que se achavam providas d'esse accessorio; e que algumas es-

tavam lascadas, mutiladas ou picadas, para facilitar a sua fixação no estojo.

O modo como se achavam montadas as que eram providas de cabo, era o indicado pelo sr. Mortillet: isto é, estavam embutidas em um estojo de chifre de veado e este estojo atravessado por um cabo de madeira. Assim tambem se achavam representadas nas esculpturas.

Estas observações provam: — 1.º que as hachas pequenas tambem eram utilisadas como instrumentos, não havendo indicações algumas de que as inferiores a $0^m,05$ deixassem de ter este destino; — 2.º que aos mortos se votavam hachas usuaes, sem distincção quanto a dimensões, symbolisando todas um pensamento religioso.

Quanto ás hachas furadas, o illustre sabio, tendo encontrado um exemplar, não duvida classifical-o como amuleto [1].

É facil e commodo dizer que hachas mui pequenas, inferiores a $0^m,05$ ou $0^m,04$, não poderiam ser applicadas como taes; mas, não conhecendo nós todos os processos da arte ou industria primitiva, nada nos auctorisa a rejeitar a hypothese de terem essa applicação, como verdadeiros instrumentos, e de que seriam encabadas por um modo diverso das outras, como indica o sr. de Baye.

Entretanto é forçoso confessar que hachas de $0^m,023$, $0^m,027$ e $0^m,029$, como as de que faz menção o sr. Mortillet, difficilmente poderiam servir ao mister de cortar, pelo menos em competencia com as maiores, de modo a tornar util o seu fabrico. Não podendo manifestamente ser utilisadas á mão, devia ser um processo embaraçoso o de fixal-as em algum cabo, ficando o gume bastante saliente para ser empregado: e isto quando a operação de cortar facilmente se realisava com as hachas mais proprias, pelas suas dimensões, e montadas com segurança.

---

[1] Obra cit., pag. 98 e ss., 103, 105, 239 e ss. e 309.

Assim é possivel que estas miniaturas de que falla o sr. Mortillet fossem joias sagradas, amuletos, ou cousa semelhante. Tambem no fim da epocha do bronze e começo da epocha do ferro a pequena hacha apparece, segundo alguns, como um objecto meramente votivo. A civilisação villanovianna, na Italia, que se attribue a esses tempos, fornece um exemplo no mobiliario das suas sepulturas. «As armas, diz o sr. Jules Martha, que alli se recolhem, são em miniatura, pequenas hachas, por exemplo, reducções fabricadas sem duvida em vista de um destino funerario. É assim que na Grecia se fabricavam para os tumulos joias ligeiras, sem consistencia, que não tinham de verdadeiras joias senão a apparencia» [1].

Comtudo tambem pensamos que esses objectos poderiam ter algum outro emprego desconhecido; e que, sem novas descobertas, não póde aspirar-se a resolver inteiramente o problema.

Pela nossa parte temos registado todas as indicações colhidas na observação dos objectos d'esta especie, que vamos colligindo.

Já na primeira parte do nosso estudo sobre as «*Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*», sob a designação — *Hachas pequenas de pedra polida* — descrevemos dez que foram encontradas dispersas em diversos logares da serra do Cabo Mondego, á superficie ou a pequena profundidade do solo.

Na segunda parte d'esse estudo, que já se acha impressa, descrevemos mais dois exemplares, um de quartzo hyalino, simplesmente lascado, e outro de schisto verde, perfeitamente polido, ambos encontrados á superficie do

1 *Manuel d'Archeol. etrusque et romaine*, pag. 19.

solo na estação neolithica da Varzea de Lirio. O primeiro, de secção hexagonal, mede approximadamente $0^m,04$ no comprimento e $0^m,026$ na maior largura; o segundo, com a fórma do que o sr. Mortillet representa a pag. 540 da sua obra — *Le Prehistorique,* de faces convexas, mas achatado, com gume á maneira das *herminettes,* mede $0^m,063$ no comprimento e $0^m,051$ de largura junto ao gume. Vão ambos representados nas fig. 87.ª e 89.ª d'aquella publicação.

Mas ha outro, achado na freguezia do Paião, ao sul do Mondego, onde são frequentes os vestigios dispersos da industria neolithica. É um bello exemplar, feito d'uma rocha amarella, manchada de negro, que ainda não nos foi classificada, perfeitamente polido e lustroso, com fórma trapezoidal, semelhante ao da fig. 36.ª da primeira parte do referido estudo. Era acuminado de dois lados, isto é, na base e no topo. O gume da base tem algumas fracturas; e o outro está completamente destruido. Mede $0^m,07$ no comprimento, $0^m,036$ de largura junto ao gume da base, e $0^m,02$ do lado opposto.

Analysando e confrontando entre si estes treze exemplares, notamos que predomina n'elles o schisto, como materia prima; poisque sete são fabricados d'esta rocha, dois de quartzite, um de quartzo hyalino, outro de serpentina e dois de rochas não classificadas.

As de schisto são em regra as maiores. Medem no comprimento de $0^m,067$ a $0^m,086$, havendo uma que attinge $0^m,093$ e outra $0^m,063$, e na maxima largura de $0^m,034$ a $0^m,052$; emquanto que as outras variam, no comprimento, entre $0^m,04$ e $0^m,066$, havendo só uma que attinge $0^m,07$, e, na largura, entre $0^m,026$ e $0^m,04$.

Vistas de face, as de schisto têem fórmas que se approximam muito de um typo commum. As outras apresentam a fórma triangular ou trapezoidal, se exceptuarmos a de quartzo hyalino, que se assemelha a uma cunha.

Vistas de perfil, apenas algumas de schisto têem o typo das *herminettes*.

Só a de quartzo é simplesmente lascada. Todas as outras são polidas. Quasi todas, sem distincção, são mais ou menos achatadas; mas a de quartzo tem a secção que indicámos, e uma de schisto é muito espessa e roliça.

Esta ultima é tambem a unica que, em vez de gume, apresenta uma superficie polida, como certas hachas grandes que temos encontrado, proveniente do desbaste do mesmo gume; e por isso lembrámos a hypothese de ter servido para polir ou alisar outros objectos de pedra ou osso. Duas são acuminadas na base e no topo. Todas as outras só são acuminadas do lado da base.

Algumas d'estas hachas acuminadas apresentam vestigios d'uso, consistindo em certas fracturas, manifestamente antigas, no gume. Mas faltam a todas, no lado opposto a este, se exceptuarmos a de quartzo, as asperezas reconhecidamente intencionaes para bem as fixar em qualquer cabo: apenas a de serpentina tem extrahida d'esse lado uma lasca, e a do Paião tem o gume do topo fracturado, e algumas de schisto não estão n'essa parte polidas de modo a apagar todas as rugosidades resultantes do trabalho preparatorio de lascar os fragmentos da rocha, para os approximar da fórma procurada. Algumas até estão acabadas e polidas com tanta perfeição, que parecem repellir inteiramente a hypothese de serem encabadas. É por isto que nós apresentámos a duvida, na primeira parte do nosso referido estudo, de que estas hachasinhas polidas e perfeitamente acabadas fossem empregadas como instrumentos, e lembrámos a hypothese de serem meros symbolos ou insignias. Tambem alli mencionámos a hypothese de serem amuletos, proposta pelo sr. Mortillet, ou a de serem objectos votivos; todavia notámos que os nossos exemplares não tinham orificio de suspensão, nem foram encontrados nas sepulturas.

Agora, porém, já temos um facto que derrama alguma luz n'esta questão, relativamente ás estações da Figueira. Podemos affirmar que não eram só as hachas grandes que se votavam aos mortos, como aliás indicavam os exemplares encontrados nas antas do Cabeço dos Moinhos, da Serra de Brenha e das Carniçosas: tambem as de mui pequenas dimensões. O desejo de esclarecer-nos sobre este assumpto levou-nos a proceder a novas excavações no Cabeço dos Moinhos, onde fomos adquirir a certeza da existencia d'uma sepultura importante, que aliás tinhamos suspeitado por occasião dos primeiros trabalhos.

Alli recolhemos de entre esqueletos humanos desconjuntados e n'uma grande desordem, associada a um pequeno, mas interessante mobiliario, uma hachasinha de fibrolithe, rocha estranha ao paiz, segundo nos informam, de fórma alongada como um dedo e muito semelhante á das goivas representadas na fig 43.ª das nossas «*Antiguidades prehistoricas*», com uma das faces muito arqueada e a outra ligeiramente convexa no sentido transversal, completamente polida, com o gume convexo e perfeito, e apresentando na extremidade opposta uma fractura, que parece ser defeito do fragmento de rocha de que foi fabricada. Mede $0^{m},06$ no comprimento e $0^{m},021$ na maior largura, e não tem orificio algum.

Mas esta descoberta não basta. Resta ainda a questão de saber se estes objectos das nossas estações seriam ou não tambem usados como instrumentos; e sobre este ponto nós arriscaremos mais algumas considerações.

Não ha duvida que o fim é que dá a fórma aos productos da industria humana: e por isso podemos muitas vezes pela fórma descobrir o destino dos objectos. A fórma acuminada das hachas e a dureza das rochas de que são

fabricadas, para epochas em que os metaes não eram conhecidos, indicam sufficientemente que serviam de instrumentos cortantes. Os accessorios do cabo, que têem sido descobertos, e o exemplo dos povos que em epochas historicas têem permanecido na idade da pedra confirmam essa interpretação. Grandes ou pequenas, mais ou menos espessas, e seja qual fôr o seu typo, sempre as hachas apresentam indubitavelmente o caracter de instrumentos d'aquella natureza. Só um dos nossos exemplares, o de quartzo hyalino, mede $0^{m},04$: os outros são superiores a $0^{m},058$. Todos são fabricados de rochas duras, como os machados grandes. Por conseguinte, se os descobertos nas grutas sepulcraes da Marne, que descem ao minimo de $0^{m},05$, eram utilisados como instrumentos, porque não admittir que os nossos tinham o mesmo destino, fóra das sepulturas? As fracturas que notámos nos gumes não nos deixam grandes hesitações; e por outro lado não ha entre os nossos exemplares algum que tenha orificio ou as exiguas dimensões d'aquelles que o sr. Mortillet apresenta como simples amuletos.

E que aquelle que tem o gume desbastado pelo attrito foi tambem usado como instrumento, não póde haver duvida: sendo certo, por outro lado, que a peça é bastante forte para indicar que seria primitivamente empregada como instrumento cortante. Quanto ao de quartzo, não podendo considerar-se um objecto regular, para lhe attribuirmos um caracter puramente symbolico, é facil admittir que fosse destinado simplesmente ao mister de cortar.

Mas uma difficuldade surge. Todos esses objectos não podiam ser empregados á mão. Por mais que tentemos a experiencia, não conseguimos dar com elles um golpe aproveitavel. Por isso o auxilio de um cabo era necessario; e é precisamente este que nos causa sérios embaraços.

Não admira que não tenhamos encontrado nas sepulturas qualquer cabo de madeira, porque esta devia ter sido

destruida; mas os cabos ou estojos de osso ou chifre de veado, que podiam conservar-se através milhares d'annos, como outros objectos d'osso alli recolhidos? Como explicar a sua falta?

Por outro lado faltam nos exemplares polidos, como notámos, as asperezas reconhecidamente intencionaes, praticadas no lado opposto ao do gume, para se fixarem solidamente nos cabos; e nem mesmo parece verosimil que peças perfeitamente acabadas d'esse lado fossem feitas com o destino de serem mutiladas ou de ficar escondida esta parte dos instrumentos nos cabos.

E as de dois gumes? Como suppôr que, por exemplo, a da fig. 36.ª das *Antiguidades prehistoricas* seria encabada por um d'elles, ainda que o mais pequeno? Este gume daria pouca solidez ao instrumento, porque seria fracturado facilmente com o uso; e tambem não parece verosimil que fosse feito para ser destruido fóra da sua applicação como aresta cortante.

Entretanto estas objecções não são bastantes para nos levarem a renunciar á ideia de que taes objectos eram utilisados como instrumentos. Pelo facto de não termos encontrado ainda vestigios de cabos, não póde já concluir-se que estes não existiram. Não são ainda muitas as antas exploradas; e em todas, com excepção do cisto de pedra da Asseiceira, que não continha objectos alguns de industria, as profanações tinham posto tudo em tal desordem [1], fazendo até sair nos entulhos alguns objectos que se encontraram fóra das camaras e galerias sepulcraes, que é facil admittir a hypothese de cabos d'osso ou de chifre de veado terem sido d'alli extraviados. Tambem outros objectos d'osso eram muito raros até ha pouco tempo; e toda-

1 Depois da publicação d'este escripto explorámos alguns dolmens em que havia depositos funerarios não profanados; mas só em um d'estes recolhemos um machado.

via novas excavações nos terrenos que cercam os megalithos já nos descobriram mais alguns exemplares. É, pois, licito esperar que ainda encontraremos nas nossas estações alguns d'aquelles de que se trata.

Mas os cabos tambem podiam ser só de madeira. O sr. Mortillet representa nas fig. 439.ª e 440.ª do seu *Museu* dois exemplares de hachas grandes assim preparadas, provenientes da estação lacustre de Locras, lago de Bienne, na Suissa, e na fig. 441.ª uma semelhante, proveniente da Inglaterra. D'este modo a falta de semelhantes accessorios póde realmente explicar-se pela acção destruidora do tempo. Nem admira que as proprias peças de chifre de veado tenham tambem soffrido igual destruição. O sr. Barão J. de Baye encontrou em grutas sepulcraes, que aliás estavam intactas, muitos d'esses objectos destruidos. «Muitas vezes, diz o sabio archeologo na obra já citada, não restavam senão pedaços desaggregados (dos cabos), entre os quaes alguns fragmentos de chifre permittiam distinguir o genero e determinar as dimensões.» Mais facilmente, no seio da terra, atacados pelos acidos, estavam sujeitos a destruição.

A falta de mutilação, reconhecidamente intencional, da parte superior das hachas tambem não nos demove. Notaremos antes de tudo que a de quartzo está nas condições que podiam desejar-se, pela sua fórma hexagonal. Quanto ás polidas e acuminadas, é preciso ter em vista que umas têem vestigios de uso, como dissémos, e outras não; e que, a julgar pelo perfeito estado da que foi encontrada no dolmen do Cabeço dos Moinhos, e dos gumes de todas as hachas grandes descobertas nos megalithos da Serra, as que não têem vestigios de uso são provavelmente provenientes de monumentos sepulcraes destruidos. Assim não é para estranhar que não tivessem sido ainda preparadas para receberem os cabos.

Por outro lado esta preparação não era essencial. Tanto o sr. Mortillet como o sr. de Baye observam que

umas hachas eram *picadas* ou lascadas, e outras não [1]. Por isso em grandes series d'estes instrumentos facil será encontrar exemplares das primeiras; mas em onze, que nós colligimos, não surprehende a sua falta.

Comtudo as irregularidades que o artista deixou em quasi todas e as pequenas fracturas d'algumas não poderão ter sido destinadas a esse fim? Para as hachasinhas perfeitamente acabadas e polidas em todos os pontos, que são só duas, não haveria algum processo, por nós ignorado, de as fixar solidamente nos cabos, sem as damnificar? Tudo isto dá logar a muitas conjecturas, mais ou menos plausiveis. Mas o que é certo é que o bello exemplar da freguezia do Paião tem o gume do topo completamente abatido e vestigios d'uso no gume da base; o que nos leva a pensar que o objecto fôra effectivamente encabado. Ou se abateu o gume do topo, para que as superficies da fractura encontrassem mais resistencia no cabo, ou aquelle se fracturou, depois de embutido n'este, com o uso do instrumento.

Concluimos, pois, segundo o estado actual dos nossos conhecimentos, que as pequenas hachas de pedra polida das nossas estações eram indubitavelmente objectos votivos; mas que, fóra das sepulturas, deviam tambem, salvo melhor juizo, ter sido usadas como instrumentos cortantes [2].

1. *Le Prehist.*, pag. 544; *Musée,* estampas 47.ª, 49.ª, e 50.ª; *L'Archéolog. Prehist.,* pag. 246 e 247.

2. Na terceira parte das *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira* damos noticia de mais uma pequena hacha, feita de fibrolithe ou quartzo, que mede no comprimento apenas $0^m,037$; e na continuação d'essa obra havemos de descrever mais cinco, uma de quartzo (?) e as restantes de schisto, que medem no comprimento $0^m,039$, $0^m,05$, $0^m,055$ e $0^m,068$.

III

A ARTE NAS ESTAÇÕES NEOLITHICAS

DO

CONCELHO DA FIGUEIRA

Existiu a arte na epocha neolithica? O sr. Mortillet nega-o formalmente.

Todavia, na sua obra *Le Préhistorique,* trata largamente da architectura dolmenica, e menciona na epocha neolithica muitas variedades de pontas de setta e de dardo, algumas que elle proprio considera muito *bellas,* os punhaes de silex da Scandinavia, que reputa verdadeiras obras primas, muitas e bellas louças ornamentadas, variados adornos do corpo e até a representação das hachas e do pé humano; e tudo isto é do dominio da arte, no rigoroso sentido da palavra. De facto, as pontas, os punhaes e outros instrumentos e utensilios seriam igualmente uteis e apropriados aos seus fins sem a pureza de trabalho e elegancia das fórmas que n'elles nota o illustre paleoethno-

logo: as louças não careciam de ornamentação, nem o corpo humano de collares e de braceletes. O rude fabricante procurou n'elles mais alguma cousa do que a utilidade: procurou o bello, tal como podia então comprehendel-o e executal-o.

«L'art, dizem Elie Pecaut e Ch. Baude, c'est tout ce que ne sert à rien qu'à être gracieux, ou beau, ou admirable. C'est ce que l'homme fait de beau, uniquement pour le plaisir de faire une belle chose». Ora o bello não existe só na imitação e interpretação da natureza. Póde contestar-se a belleza do Pateo dos Leões ou da Sala dos Abencerragens da Alhambra de Granada? Cremos que não; e comtudo alli a linha geometrica rege toda a construcção e toda a decoração! Todos reconhecem que existiu uma arte arabe, exaltada com justa razão pelo insigne Le Bon: e todavia o periodo mais brilhante d'essa arte foi quando a linha geometrica predominou nas suas obras.

Para nós os simples *dentes de lobo* ou linha em ziguezague e as linhas em xadrez ou losango, que se encontram nas louças e nas placas de suspensão neolithicas, sendo motivos de decoração, pertencem tanto ao dominio da arte como as imitações da flora e da fauna nas obras do antigo Egypto. Esses ornatos, embora singelos e grosseiros, encontram-se até nas obras d'arte phenicias; e os que estudam esta arte não hesitam em comprehendel-os na esphera das artes decorativas, como expressão d'um sentimento esthetico.

Na introducção da monumental obra *Histoire de l'art dans l'antiquité,* de Perrot e Chipiez, ao passo que se nega sentimento artistico nas obras do homem primitivo, fallando-se da esculptura das cavernas, diz-se: — «En effet, si là l'homme décore de figures d'animaux le manche de ses outils et ces objets que l'on a nommés, un peu au hasard, des bâtons de commandement, ce n'est pas par necessité, l'instrument ne devenant pas plus efficace et plus commode

par le fait de cette ornamentation; c'est pour se donner un plaisir et un luxe...» Ora se este prazer e este luxo, que nada acrescentam á utilidade do objecto, fazem entrar as representações da natureza viva na esphera da arte, não podem excluir d'esta as decorações de phantasia. É o que aquelles auctores na verdade reconhecem, quando dizem: «Vers la fin de ce que l'on appelle *l'âge préhistorique,* le goût de l'ornement est fort développé; mais cet ornement appartient tout entier à ce que l'on appelle la *décoration géométrique.* Le règne végétal lui-même n'a fourni presque aucun motif. Comme l'effort tenté par l'habitant des cavernes pour copier les fórmes animées, cette décoration prouve, elle aussi, que ceux qui l'ont imaginée et qui en ont fait souvent un heureux emploi ne se contentaient pas de l'utile, mais qu'à leur manière et dans la mesure de leurs forces ils cherchaient le beau. Un secret instinct les travaillait et leur inspirait le désir de donner aux objets dont ils se servaient une certaine élégance C'est encore l'art qui commence, ou plutôt qui recommence; mais, cette fois, pour ne plus se perdre et s'interrompre, pour durer et se relier aux développements futurs. Les procédés et le style de la décoration géométrique presistent dans toute l'Europe centrale, jusqu'au temps où d'abord les relations commerciales entretenues avec la Gréce et l'Étrurie, puis plus tard la conquète romaine, feront partout pénétrer et prévaloir les méthodes et le goût de l'art classique».

Mas que a plastica não é estranha á arte neolithica provam-n'o as imitações das hachas, como nas fig.as 442.ª e 580.ª do *Musée Préhistorique* dos srs. Mortillet, e as representações de pé humano e de outros objectos da natureza descobertos até ao presente. O sr. Cartailhac, que na sua obra sobre a prehistoria da Hespanha e de Portugal affirma que a arte na epocha neolithica *não reproduz a natureza viva,* desviando-se assim da these absoluta do sr. Mortillet, é o proprio que nos fornece dados em contrario do

seu asserto. Referindo-se á ceramica encontrada na *Cueva de la Mujer* (Hespanha), cita um fragmento desenhado por Mac-Pherson, cuja ornamentação descreve n'estes termos: — «au-dessus d'une bande de pointillé, il offre un dessin assez analogue aux représentations du soleil de l'imagerie populaire; des rayons circonscrivent un cercle dans lequel sont trois points en triangle, le tout rapellant, avec beaucoup de bonne volonté, une figure humaine. Ce qui rendrait cette hypothèse vraisemblabe, c'est que les yeux sont incrustés d'une paillette de mica». Mais adiante representa uma pedra esculpida em fórma de hacha encabada, existente no Museu de Lyon, que contem uma figura humana, e outra do Museu da Universidade de Coimbra que contem uma figura de animal, assim como um vaso de barro tambem com a configuração d'um animal, proveniente da caverna de Carvalhal.

Duvida-se que estas tres ultimas peças sejam da epocha neolithica? Pois bem, aqui temos outras. No *Musée Préhistorique* dos srs. Mortillet a fig. 521.ª reproduz uma cabeça de móca, feita de pedra, verdadeiramente neolithica, que representa n'uma extremidade a cabeça d'um animal; a fig. 581.ª duas gravuras da planta do pé humano, feitas no supporte d'um megalitho; e a fig. 580.ª tres gravuras que manifestamente representam serpentes, encontradas em outro megalitho.

Que diremos então d'essas celebres esculpturas em relevo nas paredes d'algumas grutas da Marne, em que os sabios têem visto não só a figura humana, mas o sexo feminino e até uma divindade?! O sr. barão de Baye, na sua obra *L'Archéologie Préhistorique,* descreve uma d'ellas por estas palavras: «Le nez est l'organe le plus énergiquement accusé, sans proportion avec le reste de la figure, ébauchée de la façon la plus naïve. Au bas de la figure et comme pour en déterminer le contour, ou voit un collier; la partie médiane se compose d'un grain d'une grande dimension,

jouant en quelque sorte le rôle d'un médaillon. Sur la partie centrale du sujet, une hache emmanché est représentée en relief».

D'outra diz o seguinte: «La tête est circonscrite par une courbe considérable dessinant la région frontale et les deux cotés de la face. Le nez, dont la proéminance est frappante, joue un rôle démesurément exageré dans cette figure; la glabelle n'a pas été indiquée. Il prend sa naissance au centre de la ligne courbe qui donne les contours du front et des arcades sourcillières, puis il descend à une petite distance du collier qui décrit la figure dans sa partie inférieure. De chaque côté, à la partie supérieure du nez, les yeux sont figurés par deux points noirs fort réduits et mal proportionnés avec la grandeur de la figure. Ils ont été formés par l'introduction d'un corps noir dans deux trous pratiqués dans la craie». Em seguida descreve o collar e os dois seios que estão representados n'esta figura.

Mais duas d'estas esculpturas, embora menos completas, existem nas referidas grutas; e auctoridades como Broca e Bellucci não duvidam considerar tres d'ellas como representações d'uma divindade feminina, o que dá em resultado a existencia d'uma arte religiosa.

Semelhante á mais rudimentar d'essas esculpturas cita o sr. de Baye outra do megalitho do bosque de Bellehaye, descoberta por M. Brongniart; e muito semelhante a uma das mais completas é a do megalitho de Collorgues, proximo de Uzés (Gard), descripta e representada pelo mesmo escriptor, que conclue por estas palavras: «Cette évidente analogie entre deux sujets provenant de localités si éloignées est éminemment digne de remarque. Au point de vue de l'art, il existe une commune inspiration. Les deux représentations visaient un même but, elles avaient une pareille destination. Elles indiquent une origine identique, un rapport réligieux, ou, au moins, une fréquentation certaine».

Mas ha ainda outra mais recentemente descoberta no

megalitho do bosque do castello da Garenne, a dois kilometros d'Épône (Seine-et-Oise), de que o sr. Cartailhac deu noticia em 1894 á Academia das Inscripções e Bellas Letras de Paris. A *Revue encyclopédique* [1], que relata este importante acontecimento, dá as indicações seguintes: — «la représentation d'une figure humaine réduite à sa plus simples expression, mais absolument reconnaissable avec le front, le nez, le contour du visage, puis, un collier à trois rangs de grosses perles, et au-dessous, des seins petits, rapprochés et saillants. Nous avons donc là un nouvel exemple de ces images que l'on considère comme representant des divinités féminines, signalées, il y a vingt ans, par M. de Baye, dans les grottes artificielles de la Marne [2]».

Sem sahir da obra do sr. de Baye não faltam exemplares em favor da nossa these. Lembraremos apenas uma *herminette,* que elle cita como existente no museu de Stockolmo, feita de chifre de veado, que apresenta uma figura com as fórmas nitidas d'este animal.

De resto o illustre explorador do Marne não inclue só as referidas esculpturas de divindades e as das hachas no dominio da arte: tambem as obras aprimoradas de muitas peças do mobiliario neolithico. Referindo-se, por exemplo, ás pontas de setta, diz: «L'ouvrier y affirme un art incontestable et une grande habilité».

As explorações archeologicas em Portugal não têem sido absolutamente estereis quanto a representações artisticas das cousas da natureza na epocha de que tratamos. No jazigo neolithico da Folha dos Barradas, encontrado dentro da quinta regional de Cintra, descobriu o sr. Carlos

1. 4.º anno, n.º 92, pag. 307.

2. Mr. Joly, fallando das esculpturas descobertas por Mr. de Baye, concorda na existencia da arte na epocha neolithica, mas em verdadeira decadencia. (*L'Homme avant les metaux*, pag. 277).

Ribeiro uma interessantissima peça de calcareo, a que chamou clava, que, entre outros ornatos puramente geometricos, apresenta esculpida, em relevo, a figura do crescente; e em um dolmen de Alcalá, que pertence ao fim do neolithico, como se infere da presença d'uma lança de cobre no meio dos artefactos de pedra, encontrou o sr. Estacio da Veiga uma lamina de schisto branda, tendo esculpida em relevo uma figura humana a meio corpo, com a cabeça coberta por um objecto de fórma conica, segundo refere o distincto explorador do Algarve e parece verificar-se pelo desenho que elle publicou.

É, pois, licito affirmar, em face dos dados colligidos até hoje, a existencia d'uma arte neolithica, que, em logares muito distantes, se elevou até á imitação da natureza viva e ás concepções religiosas. N'essas esculpturas da divindade, a que nos referimos, está sem duvida já manifestado o germen do anthropomorphismo, que mais tarde, em epochas historicas, provocou as bellas obras de esculptura religiosa da Grecia e de Roma.

Os proprios dolmens, com a sua estreita galeria d'accesso e a sua sala, soterrados em monticulos, são talvez uma imitação das grutas que a natureza offerecia ao homem primitivo para sua habitação ou para guardar os seus mortos. Sem duvida a sua ignorancia não lhe permittia construir d'outra maneira com semelhantes materiaes e sem o auxilio de instrumentos de metal: e por isso não seria por mero gosto d'imitação que elle preferiu aquella fórma a outra qualquer. Só um sentimento artistico muito desenvolvido podia, com o auxilio dos metaes, levar muito mais longe as imitações da natureza na architectura, como aconteceu em povos historicos, taes como os egypcios, entre os quaes a columna parece já representar o tronco das arvores, e muitas vezes representa um feixe de hastes de lodão, cujos botões, apertados por um laço, se reuniam para formarem o capitel (lotíforme), e onde o capitel campaniforme chegou a transfor-

mar-se em palmeira; ou como os gregos, que não só revestiram o capitel corynthio de folhas d'acantho, mas, segundo certas tradições, representaram, nas caneluras dos fustes, as pregas dos vestidos, e, nas volutas jonicas [1], os toucados das matronas gregas.

Entretanto, na essencia, parece predominar em uns e outros factos a influencia da natureza, que é o factor principal para aquelles que consideram a arte sob um ponto de vista restricto.

N'aquella tosca architectura do homem neolithico poderia até notar-se uma certa representação do pavimento rochoso e das abobadas naturaes das grutas.

Não são raros, tanto nos paizes estrangeiros como em Portugal, os dolmens com o pavimento interior feito de lages. Nós já temos descoberto tres; e um d'estes, o da Cabecinha, encontrado na Serra das Alhadas, está hoje reconstruido no pateo do Museu Municipal da Figueira. No Algarve (necropole de Alcalá), em dolmens, que pertencem talvez á aurora do cobre, descobriu o sr. Estacio da Veiga cryptas formadas por camadas horisontaes de placas de schisto, que, tornando-se gradualmente salientes, apresentavam na face interna da construcção uma curva que dava ideia da abobada de silhares divergentes, abobada que apparece aperfeiçoada e completa em certos monumentos dos tempos heroicos da Grecia.

Diminuido por essa curvatura o espaço a cobrir, o constructor aproveitava para a *mesa* do monumento algumas lages mais pequenas do que as exigidas pelo emprego de supportes monolithicos.

Advertiremos, comtudo, que se esta rudimentar abobada já é privativa dos primeiros alvores do cobre, não o

1. É certo, porém, que as volutas jonicas já apparecem indicadas nas esculpturas antiquissimas dos rochedos da Cappadocia. Perrot e Chipiez, obr. cit., tom. 6.º, pag. 15.

é a substituição dos supportes monolithicos por muros de alvenaria secca.

Nós encontrámos um megalitho, pertencente ao neolithico puro, em que parte da camara era fechada por um d'esses muros.

Mas seja como fôr, o que parece manifesto, pelo menos, é que o espirito humano já então procurava por esses processos simplificar o trabalho, evitando o emprego dos grandes e pesados monolithos, e ao mesmo tempo tornar as construcções mais proporcionadas com os materiaes, e, por conseguinte, menos desgraciosas.

Póde dizer-se que as mais interessantes manifestações da arte neolithica, isto é, as que tendiam a reproduzir a natureza viva, não têem apparecido em grande numero, e assim não apresentam um certo caracter de generalidade, como as que se limitavam á decoração geometrica. Mas, sendo a paleoethnologia uma sciencia muito moderna, é já bastante que ella nos offereça exemplares desde a Scandinavia até ao sul da Peninsula Iberica, e que entre esses exemplares figurem sete esculpturas de divindades femininas, todas do mesmo typo fundamental e provenientes de logares diversos. Estes precedentes felizes auctorisam a esperar resultados futuros mais abundantes.

Se vinte annos mediaram entre a descoberta das quatro esculpturas das grutas da Marne e a da ultima que mencionámos, hoje, que a febre das explorações archeologicas vae tomando incremento por toda a parte, póde o acaso n'um momento multiplicar os desejados thesouros da arte primitiva.

Pela nossa parte vamos fazendo quanto podemos para tentar a fortuna. Algumas leguas de terreno têem já sido methodicamente exploradas por nós; e, se ainda não fomos recompensados por uma d'essas emoções que produzem as grandes descobertas, tivemos pelo menos o prazer de recolher por nossas proprias mãos alguns objectos que

reputamos de muito interesse para a questão que se debate.

Nós vamos occupar-nos d'elles antes de tratarmos das outras manifestações artisticas que são communs a quasi todas as estações neolithicas. Não se pense que temos a pretensão de fundar theorias: queremos apenas reforçar o asserto de Estacio da Veiga, que ha alguns annos proclamou a existencia d'uma arte neolithica em Portugal, manifestada nas decorações e na reproducção da fórma humana.

Nenhuma opinião antecipada nos guia na interpretação d'esses objectos: n'este momento ainda sentimos em face d'elles as mesmas impressões que nos causaram á primeira vista.

Se alguma opinião antecipada tinhamos, quando os descobrimos, era a de que não existira a plastica na epocha de que tratamos, como tinhamos lido nos mestres; e foi porque as nossas impressões estavam em diametral opposição com esta these que procuramos indagar se na archeologia prehistorica não haveria exemplos de reproducção artistica das fórmas animaes na referida epocha.

Póde ser que interpretemos erradamente os nossos achados, e que a verdade esteja muito longe de nós. Mas emquanto não nos demonstrarem que nos nossos exemplares não existem os principaes caracteres anatomicos, que devem decidir e sempre têem decidido n'esta materia, e emquanto não nos provarem que ha n'elles menos semelhança com a fórma humana do que n'aquelles em que sabios de primeira ordem têem reconhecido essa fórma, nós não podemos convencer-nos do nosso erro.

Na segunda parte do livro que estamos publicando sobre as antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira já démos noticia d'uma lasca de silex retocada, proveniente

da estação neolithica da Varzea de Lirio, representando um perfil da cabeça humana; e advertimos desde logo que o desenho que offereciamos d'esse objecto não reproduzia com exactidão o original. Todas as pessoas que viram este, são perfeitamente concordes em que existem n'elle os caracteres anatomicos que determinam uma semelhança notavel com a figura humana; o que é muito importante para a classificação do objecto, porque todos esses caracteres lhe foram dados pelo trabalho dos retoques, e, por conseguinte, pela mão do homem. Alguns, porém, não concluem da semelhança anatomica que a fórma fosse intencional, isto é, que fosse uma manifestação artistica. Isto provém, a nosso ver, da intransigencia da opinião estabelecida ácerca da ausencia da arte na epocha neolithica, opinião formada muito precipitadamente, e que ha de ter o destino de todas as generalisações intempestivas. Se a peça pertencesse á ultima epocha do periodo quaternario ou a qualquer epocha historica, ninguem hesitaria em ver n'ella uma obra d'arte! Acceitar-se-ia facilmente que antes da pedra polida o homem era capaz de imitar por essa fórma a sua propria figura; mas recusa-se-lhe a capacidade para, em epocha muito posterior e com uma civilisação evidentemente mais avançada, executar semelhante obra! E porque? Porque só do homem quaternario têem apparecido artefactos imitando a natureza viva: razão que não é exacta, como dissémos, nem póde ter as honras d um argumento serio, visto que do facto puramente negativo do não apparecimento de semelhantes objectos não podia de modo algum concluir-se que elles não existissem.

Reduzido a uma fórma logica, o argumento é o seguinte:

— A arte neolithica não reproduziu a natureza viva.

— Mas o objecto da Varzea de Lirio representa a figura humana.

— Logo este objecto não é um producto d'aquella arte.

É falsa a permissa maior, como resulta das descobertas já feitas. Ainda que não estivesse provada a falsidade, a proposição carecia de ser demonstrada, provando-se que foram já exploradas todas ou quasi todas as estações neolithicas; que essas explorações foram feitas com escrupulosa attenção; e que n'ellas não se encontraram objectos alguns d'aquella natureza. Por conseguinte a conclusão não póde admittir-se.

E se porventura se argumentasse do mesmo modo, a proposito de todas as obras d'arte que apparecem nas estações neolithicas, não só teriamos de negar todas as esculpturas e gravuras que mencionámos, mas nunca poderia chegar-se a provar a existencia da arte, por mais numerosos e evidentes que fossem os exemplares recolhidos nas explorações.

É preciso não perder de vista o criterio archeologico de que o fim é que dá a fórma aos productos do trabalho humano; de sorte que, pela fórma, é que deve interpretar-se o fim.

Por isso, se a fórma do objecto tem os caracteres da figura humana, não é licito admittir que o fim a que o artista destinou essa fórma fosse outro que não a representação do homem.

Para que phantasiar outros fins, se o proprio objecto dá sufficiente noção do seu?! Quando se vê na parede d'uma escola, traçada por mão infantil, uma linha descrevendo algumas curvas em que se nota a fórma da cabeça humana, da arcada supraciliar, do nariz, bocca, barba e pescoço, alguem porventura duvida que esse grosseiro esboço represente o homem, e que o auctor teve em vista esta representação? Não. Pois a peça em questão apresenta todos estes detalhes, e com tal exactidão, que não soffrem com ella confronto essas rudimentares esculpturas descobertas e preconisadas em França, nas quaes não apparecem figurados do rosto humano senão o nariz e os olhos!

Se houvesse uma interrupção qualquer na ordem dos caracteres por nós assignalados, poderia talvez contestar-se o valor artistico do objecto. Mas não: todo o contorno é executado com fidelidade, de modo a excluir outro pensamento.

Á curva da parte superior da cabeça succede-se a do frontal; á d'este a arcada supraciliar; a esta o nariz; a este os dois labios; a estes a curva da barba, e depois a curva anterior do collo; ao passo que no bordo opposto da lasca, e na altura correspondente a esta ultima curva, está formada por meio de retoques a curva posterior do collo.

Os que não viram o objecto, hoje depositado no Museu Municipal da Figueira, notando falta de conformidade da descripção com o desenho, falta contra a qual tinhamos prevenido o publico, negaram tambem a obra d'arte. D'este numero foi o sr. Fonseca Cardoso no artigo com que honrou o nosso humilde trabalho no n.º 10.º da *Revista de sciencias naturaes e sociaes*. Sua ex ª, dispensando-nos muita benevolencia, que em verdade não mereciamos, classificou a peça como *raspador discoide, cuja base alongada, mesmo pedunculada servia para fixar o utensilio a um cabo de osso ou madeira*. D'este modo o instrumento seria destinado a operar pelo bordo convexo, em que nós reconhecemos a curva da parte superior da cabeça.

Mas, sem quebra do respeito devido aos mais eruditos, ousamos affirmar que a hypothese é insustentavel. Aquelle bordo não é uma aresta retocada, como as que caracterisam os raspadores de todas as epochas da idade da pedra. Pelo contrario é uma porção da superficie irregular e angulosa do nucleo de que a lasca foi separada, e cuja largura, correspondente á espessura do objecto n'esse lado, varia entre $0^{m},007$ e $0^{m},002$, com a circumstancia de as arestas dos bordos d'aquella superficie serem vivas e irregularissimas, apresentando fortes saliencias: e com semelhan-

tes caracteres não conhecemos raspadores, nem sabemos como o objecto podesse raspar. Por outro lado essa hypothese tem, a nosso vêr, o defeito de deixar sem explicação precisamente o que se pretende explicar, isto é, os retoques dos bordos lateraes, onde nós vemos o perfil do rosto humano e o collo.

Parece-nos pouco razoavel que, existindo n'um lado da peça trabalho minucioso do homem, em vez de interpretar-se esse trabalho, procurando a intenção do artista, se imagine que não foi semelhante trabalho que elle quiz aproveitar, mas uma outra parte do objecto, onde se não encontram caracteres de nenhum dos instrumentos e utensilios conhecidos na idade da pedra. Era preciso então dizeremnos para que serviriam no supposto raspador aquelles retoques, em que se acham anatomicamente representados o frontal, a arcada supracilar, o nariz, os labios e o pescoço. Seriam tambem para raspar de lado com o instrumento? Não; porque nos raspadores as arestas são abatidas continua e regularmente. Não ficam n'elles fortes saliencias, umas agudas e outras arredondadas, nem profundas cavidades, que seriam improprias para operar em qualquer superficie plana, concava ou convexa, pois que nem deixariam ajustar o instrumento ao objecto operado, nem as superficies d'este poderiam ficar lisas.

Não interessa á questão saber se os objectos colligidos na Tunisia, pelo Dr. Collignon, a que se refere o sr. Fonseca Cardoso, são raspadores ou pontas de setta. Esses objectos não apresentam os caracteres anatomicos do perfil do rosto humano, como o nosso exemplar; e, se fossem iguaes, se tivessem o bordo convexo, no estado do nosso, nós não veriamos na respeitavel auctoridade d'aquelle illustre homem de sciencia motivo bastante para chamar-se raspador ou ponta de setta ao que não podia ser uma cousa nem outra.

Ainda se as cavidades que se acham em seguida á ar-

cada supraciliar e junto á barba fossem regulares, poderia, em vez d'um raspador discoide, ver-se no objecto um pequeno raspador concavo, para as agulhas e alfinetes cylindricos d'osso. Mas o artista nem esta duvida nos deixou: as curvas são muito irregulares, e a que fica junto á barba tem no meio uma saliencia correspondente ao labio inferior. Por outro lado ficariam sempre sem explicação os retoques que põem em relevo a extremidade do nariz e o labio superior, e os que se seguem da convexidade da barba para o pescoço, assim como os que se encontram na aresta opposta da lasca.

Este objecto, porém, não é o unico. Encontrámos outro por occasião das novas explorações feitas no rico megalitho do Cabeço dos Moinhos, e que é descripto e desenhado na terceira parte do nosso alludido livro, que em breve vae ser publicada. N'esta peça, que tambem é de silex, o frontal eleva-se quasi perpendicularmente, e a arcada supraciliar está apenas ligeiramente indicada; mas a curva da parte posterior da cabeça, o nariz, os labios e a barba acham-se representados com bastante exactidão, salvo quanto ás dimensões da barba, que não estão proporcionadas. O nariz tem pequena saliencia no bordo da peça; mas a cavidade d'uma lasca extrahida na face, junto ao bordo, o põe bem em relevo. Por modo analogo se acha representada a bocca. A figura olha á esquerda do observador; e o contorno foi-lhe dado por meio de retoques.

Este objecto suscitará provavelmente tantas duvidas como o da Varzea de Lirio, por causa do mesmo preconceito de que a plastica não existia na epocha de que tratamos. Mas nós pensamos que a coincidencia dos caracteres anatomicos em dois silices, que não dão indicios de serem objectos de utilidade, ou de terem outro qualquer destino, é um argumento poderoso em favor do caracter puramente artistico d'estas obras.

Nós temos procurado nos instrumentos neolithicos das

nossas estações, quer sejam perfeitamente acabados, quer simples esboços, alguns retoques que descrevam alguma figura semelhante áquellas. Mas debalde! Nas pontas de setta ou dardo, nas lanças, nas serras, nos raspadores, nos ponções, emfim em todos os objectos conhecidos como instrumentos do homem neolithico, onde os retoques são praticados em larga escala, ainda não encontrámos, sequer, um exemplo de este trabalho ter produzido casualmente a reunião d'alguns dos caracteres do perfil do rosto humano. E todavia, se em dois objectos menos trabalhados esses caracteres se apresentam reunidos em grande numero, era natural que nos mais trabalhados e com um destino conhecido tambem apparecessem, se o facto fosse um resultado da natureza do trabalho, isto é, produzido pela irregularidade d'alguns retoques.

Em nosso juizo, para repellir a hypothese da casualidade, basta verificar a coincidencia nas duas peças de aos relevos do nariz e labios se seguir inferiormente uma curva perfeitamente semelhante á da barba, e não outro qualquer contorno. E cousa ainda mais notavel: em ambas as esculpturas o relevo da barba prolonga-se um pouco na face do silex por meio de retoques profundos!

Nem nós podemos bem comprehender as razões porque seja preferivel explicar semelhantes peças pela casualidade do trabalho, a ver n'ellas uma fórma intencional. O que domina o trabalho humano é a intelligencia, a vontade ou o sentimento, e não o acaso. Será commodo invocar este, para não desarranjar as opiniões preestabelecidas no assumpto que se debate; mas não é conforme á razão deixar assim de interpretar a obra humana pelo homem.

Afóra estes objectos possuimos um, muito interessante, recolhido no megalitho do Cabeço do Facho, que exhumámos de um *tumulus* da Serra de S. Bento, freguezia de Maiorca, ao sul do Casal de Matto, povoação que fica na estrada da Figueira a Coimbra. É uma placa de schisto

cinzento polido, que apresenta o contorno da planta do pé humano, tendo uma face plana, e, na opposta, esculpidas as curvaturas caracteristicas da sola do pé, comprehendendo o calcanhar, que se acha nitidamente em relevo. Não estão representados os dedos por divisões ou traços abertos na pedra; mas o contorno formado pelo conjuncto d'elles está bem indicado pela circumstancia de essa extremidade da placa ser obliqua, sendo a parte mais saliente a que corresponde precisamente á face ou curva interna do pé. Parece-nos manifesto que representa a planta do pé direito.

Este objecto tem diversas fracturas, algumas das quaes foram restauradas; e mede no comprimento $0^{m},14$, na maior largura da parte correspondente ao calcanhar $0^{m},06$, e $0^{m},065$ na extremidade opposta. A rocha de que é frabricado não pertence á região.

Aqui temos, pois, reproduzida pela esculptura, uma parte do corpo humano, que já se tem encontrado gravada nas pedras dos megalithos.

A duvida não é mais admissivel: a arte neolithica reproduzia a natureza viva [1]!

O fim com que este objecto seria collocado dentro do monumento não é do dominio d'este escripto. Nós examinaremos o problema quando o livro que estamos publicando chegar ao ponto de descrevermos a exploração dos

1. Na 10.ª sessão do congresso internacional d'anthropologia e d'archeologia prehistoricas, celebrada em Paris, no anno de 1889, o sr. Piette communicou que na gruta de Mas-d'Azil encontrara seixos com pinturas de hydroxido de ferro, representando vegetaes, como fetos, ramos, etc. (*Compte rendu*, pag. 203 e seguintes).

O nosso presado amigo sr. dr. José Leite de Vasconcellos affirmou-nos que em dolmens da provincia transmontana se haviam descoberto objectos de pedra com figuras de animaes, e que em um dolmen por elle explorado no concelho de Fornos encontrara na face interna d'alguns supportes umas figuras de quadrupedes pintadas com uma substancia vermelha.

Vej. *O Archeologo Portuguez*, vol. 2.º, pag. 1 e 2.

megalithos descobertos pela cumiada da Serra, entre os das Carniçosas, já conhecidos do publico, e o Casal de S. Bento.

A decoração geometrica está mais abundantemente representada no mobiliario das nossas estações.

Nós temos encontrado, em restos ceramicos, pequenas cavidades arredondadas abertas na pasta e dispostas em linhas parallelas: outras vezes incisões transversaes recortando o bordo dos vasos; e n'alguns exemplares filas de pequenos sulcos parallelos, como tudo se vê nos objectos das fig.as 153.a, 154.a, 155.a e 156.º-A, estampas XI e XII, da nossa referida publicação.

N'outros, como são os recolhidos nas novas explorações do Cabeço dos Moinhos, vêem-se grupos de pequenos traços alinhados, formando algumas filas parallelas, que descem da proximidade do bordo do vaso para a parte inferior d'este, ou grupos de pontos gravados na pasta, tambem enfileirados, e ás vezes sem uma coordenação regular.

Em fragmentos de placas de suspensão, feitas de schisto, apparece a linha contornando o bordo da peça, ou formando no meio o zigue-zague ou *dentes de lobo;* e ás vezes vêem-se gravadas duas linhas parallelas, parecendo cruzar-se com outras em angulo agudo, ou fazendo talvez parte d'algum ornato diverso, que não é possivel determinar, por falta dos restantes fragmentos das respectivas peças.

Algumas d'estas singelas ornamentações encontram-se esculpidas em certos objectos, e não simplesmente gravadas. No megalitho do Cabeço do Facho appareceu um fragmento d'alfinete d'osso, em que a cabeça, reduzida a uma placa muito delgada, termina por duas hastes parallelas, cada uma das quaes se acha decorada com um orificio circular. No grande monumento descoberto no Cabeço dos Moinhos encontrou-se uma peça de collar, feita d'uma

lamina de *dente de javali,* que tem a fórma aproximadamente quadrada, apresentando dois bordos oppostos guarnecidos de protuberancias triangulares, semelhantes aos *dentes de lobo.* Emfim, algumas cabeças d'alfinetes d'osso, provenientes d'este ultimo monumento, são formadas por anneis d'osso, em que se embutiam as extremidades das hastes.

Mas em muitos fragmentos ceramicos, recolhidos no mesmo monumento, a decoração ostenta fórmas mais complicadas. Certos vasos, que provavelmente tinham a fórma de callote espherica, eram guarnecidos, em todo o seu contorno, por linhas pontuadas e parallelas, que começavam o,^{m}01 abaixo do bordo, e parece que não desciam a mais de meia altura do vaso, seguindo-se outro ornato pontuado, cuja fórma não podemos classificar. O bordo, muito espesso, terminava por uma superficie plana com a largura media de o,^{m}013, decorada por grupos de seis linhas pontuadas e parallelas traçadas obliquamente, de modo que cada grupo formava um angulo agudo com o immediato. Outros tinham uma fórma e ornamentação semelhantes ás dos bellos vasos das grutas de Palmella. O bordo reintrante e largo de o,^{m}022 era guarnecido d'um xadrez, formado por linhas que se cruzavam obliquamente em relação ás arestas do mesmo bordo. O corpo era decorado, proximo do bordo, por linhas continuas e parallelas; em seguida por quatro e cinco filas parallelas de *dentes de lobo,* e para a parte inferior por linhas pontuadas e tambem parallelas.

Esse megalitho, o mais rico de todos os que até ao presente temos explorado, offereceu-nos ainda dois fragmentos d'uma outra obra d'arte.

É uma figura esculpida em relevo na face d'uma placa d'osso, figura de que não restam senão duas faxas rectilineas, formando um angulo, talvez parte d'um quadrilatero.

Todos estes objectos pertencem manifestamente ao neo-

lithico puro, pois que nos monumentos e estações em que foram recolhidos não appareceram vestigios dos metaes.

Em tempos muitos posteriores, quando as populações dos castros d'esta região já recebiam a influencia da civilisação romana, a decoração das louças de fabrica indigena ainda não era, em geral, superior á das louças neolithicas. Pelo contrario. Em Santa Olaya [1] e na estação dos *Chões,* ao norte de Brenha, a ceramica trabalhada á mão só ganhou em dureza e na menor irregularidade das espessuras.

A sua ornamentação não vale a mais singela dos vasos do Cabeço dos Moinhos. Só no *Crasto* de Brenha é que entre essa grosseira ceramica dos velhos lusitanos appareceram alguns raros exemplares de ornatos que excedem incontestavelmente os das louças neolithicas.

O que se encontrou em Santa Olaya foi um outro artefacto bastante notavel.

É uma placa rectangular d'osso, alongada e polida, que apresenta n'uma das faces, gravada a ponção, uma cercadura formada por uma linha em zigue-zague ou *dentes de lobo,* emmoldurando outro ornato, que consiste em duas faxas onduladas, manifestamente traçadas a compasso, que se cruzam regularmente, deixando no meio espaços circulares, cujo centro é figurado por um ponto. N'esta peça é sobretudo interessante a circumstancia de que nos pontos em que as faxas se cruzam só uma d'estas fica visivel, occultando a outra.

Este ornato apparece, segundo lemos em Perrot e Chipiez, nas obras d'arte phenicias, copiado da arte assyria, servindo para emmoldurar outras figuras.

---

1. Esta parte do texto original foi modificada em consequencia dos resultados colhidos em explorações posteriores. Santa Olaya não é estação da epocha do cobre: é um castro luso-romano em plena epocha do ferro.

Será com effeito o nosso exemplar um resultado da influencia phenicia ou punica na peninsula?

Não ousamos affirmal-o.

Se passarmos da decoração propriamente dicta ás fórmas dos objectos do mobiliario neolithico, é fóra de duvida que estas adquirem muitas vezes uma elegancia notavel, que as colloca tambem na esphera da arte. É vêr a série consideravel de pontas de setta e de dardo recolhidas por nós em seis dos megalithos explorados, e que se acham no referido Museu, para adquirir a convicção de que o artista não só tinha certas noções ácerca da symetria e da proporção, assim como da belleza que resulta do emprego da curva, mas sabia executar com grande habilidade as fórmas que escolhia. Nada mais digno de admiração do que essas graciosas pontas triangulares, com as arestas lateraes rectilineas ou ligeiramente curvas, de base concava ou biconcava e pedunculada, cujas faces, trabalhadas por minuciosos e delicados retoques, se tornam convexas, se considerarmos que estas verdadeiras esculpturas dos tempos primitivos eram executadas com pedaços de pedra ou osso, que serviam de cinzel.

Nós exhumamos do megalitho da Cabecinha e depositamos no Museu uma ponta de lança triangular, que é uma obra prima de arte primitiva na pureza dos contornos e na perfeição do trabalho, e outra do mesmo typo, que pelas suas dimensões excepcionaes é talvez exemplar unico nos museus da Europa. Mede esta ultima peça no comprimento $0,^{m}32$, e completa devia medir $0,^{m}34$ aproximadamente; e na largura da base $0,^{m}12$, e com os angulos externos, que já não existiam quando foi descoberta, devia medir mais de $0,^{m}13$. Uma lamina de silex com taes dimensões, direita e reduzida á espessura d'alguns milimetros pelo trabalho

dos retoques, é caso para surprehender até aquelles que estão muito familiarisados com o trabalho da pedra na epocha de que tratamos.

Estes objectos hão de ser opportunamente descriptos e desenhados no livro que estamos publicando; e por isso nos limitamos aqui a mencional-os sómente sob o ponto de vista que nos occupa.

Na ornamentação do corpo humano a arte já tinha creado alguns singelos modelos, como resulta da comparação dos objectos de adorno por nós colligidos nos megalithos com os de muitas outras estações neolithicas de Portugal e dos paizes estrangeiros. Os longos alfinetes d'osso e os pentes indicam um certo toucado; as contas e objectos furados a existencia de collares; e as grandes argolas d'osso a de braceletes. Muitas contas são de *ribeirite,* materia que devia ser considerada como preciosa, e que era indubitavelmente uma das mais ricas da joalheria primitiva. Da mesma substancia alguns pendentes; outros de crystal de rocha ou de osso. As grandes placas de suspensão eram de schisto, algumas com ornatos grosseiros gravados a ponção; mas recolhemos uma que é apenas um seixo achatado. As fórmas de todos estes objectos, assim como as das cabeças dos alfinetes são variadas, mas nada graciosas: apenas se distinguem a trapezoidal, discoide ou elliptica e a fórma excepcional do objecto feito de *dente de javali* a que já nos referimos.

A polidura representava um papel importante n'esta arte dos tempos neolithicos. Todos os objectos de adorno, que acabamos de mencionar, são polidos. Polida, em parte, é tambem a grande ponta de lança e a esculptura do pé humano.

Por essa operação, quando executada com esmero, os

proprios machados tomavam um aspecto muito bello, ás vezes até luxuoso. Nós possuimos alguns, feitos de rochas vistosas, em que entra o quartzo e a fibrolithe, que nos parecem verdadeiros objectos d'arte.

Muitos vasos de barro tambem eram alisados e polidos ou brunidos externamente, adquirindo algumas vezes um certo lustro, antes de serem adornados, como provam os fragmentos que temos recolhido; e não é raro apparecerem exemplares brunidos e lustrosos em ambas as faces. «Avec le tour, dizem Perrot e Chipiez, la rotation de l'axe et la pression de la main sur la galette de terre humide suffisent à répartir également les parcelles de la matière; tant que le potier ne possède pas ce simple et merveilleux instrument, le polissoir lui est indispensable pour corriger les défauts du modelage et pour effacer, sur la panse, les traces des doigts».

Emfim a pintura a liso não era desconhecida. Alguns vasos são pintados a aguarella, preparada com oxydo de ferro ou com uma substancia negra. Provavelmente este oxydo serviria tambem á tatuagem, assim como uma especie de talco cinzento, que recolhemos em um dos megalithos ultimamente explorados [1].

Taes são os elementos recolhidos até ao presente na região que temos explorado. Elles concorrem, a nosso vêr,

1. A hypothese de servirem á tatuagem os mineraes de ferro e de manganés que se encontram nas estações da idade da pedra é geralmente admittida, sobretudo por causa dos exemplos que se notam nos povos selvagens da actualidade (*Hommes fossiles et hommes sauvages* de Mr. Quatrefages, pag. 60, 68 e 74; *L'Homme avant les metaux*, de Mr. Joly, pag. 278; *Le Préhistorique* de Mr. G. de Mortillet, pag. 394 e seg.).

para provar que o sentimento da arte, tão vivo nos ultimos tempos do periodo paleolithico, não se extinguiu com a nova civilisação. As suas manifestações são menos variadas e menos expressivas do que na epocha anterior; mas bastantes para demonstrarem que o homem não deixou de cultivar essa elevada faculdade do seu espirito.

.....

IV

O RITO DA INHUMAÇÃO NOS DOLMENS

DA

SERRA DO CABO MONDEGO

Nos dominios da sciencia ninguem hoje póde duvidar que o dolmen seja um monumento funerario. Milhares de descobertas feitas na Europa, Asia e Africa, annunciadas nos livros de paleoethnologia, na imprensa periodica e nos trabalhos dos congressos, fornecem a prova irrefragavel d'esse destino; e em cada dia novos factos o veem confirmar.

Mas seriam os dolmens logares de sepultura, ou antes meros ossarios, isto é, recipientes de ossos dos mortos sepultados *provisoriamente* em outros logares?

A ideia d'uma sepultura *provisoria,* destinada apenas a consumir os tecidos molles do corpo, e d'uma sepultura *definitiva,* destinada a guardar perpetuamente o esqueleto, tem sido bem acolhida por alguns eruditos da actualidade,

postoque ainda ninguem tivesse a fortuna de descobrir sepultura alguma da primeira especie.

Foi o sr. Cartailhac, uma das summidades da paleoethnologia, que, segundo pensamos, formulou essa hypothese, sem comtudo lhe dar a sua completa adhesão. Depois de fallar da inhumação nas grutas naturaes e artificiaes e nas cryptas megalithicas, escreveu o seguinte :— «Disons en passant que peut-être les grands ossuaires receveaient les corps qui avaient déjà séjourné dans des sépultures provisoires, par exemple, soit dans leur hutte délaissée, soit sur les hauts lieux ; de telles coutumes sont répandues chex des peuples dont la civilisation rapelle celle de nos ancêtres de l'âge de la pierre polie [1]».

Mais adiante, a proposito da gruta da Furninha em Peniche, apresentou a mesma ideia n'estes termos: «L'inégalité de proportion dans les ossements recueillis se représentera dans toutes les sépultures au contenu desquelles on appliquera la statistique. Peut-être aussi, comme je l'ai noté, les ossements etaient-ils venus de sépultures provisoires antérieures, ou ils avaient été déjà soumis aux causes ordinaires de destruction. Mais sans aller jusqu'à cette supposition, il est évident que ces cavernes ont été depuis longtemps et peut-être toujours accessibles, et par suite leur sol a pu être bouleversé de bien des manières [2]».

O illustre sabio sr. Quatrefages, preoccupado tambem com a ideia de que nos dolmens e grutas funerarias muitas peças dos esqueletos faltam ou se encontram partidas, julgou a hypothese muito aceitavel. Eis como elle se exprime, prefaciando a obra do sr. Cartailhac : — «M. Cartailhac a d'ailleurs proposé une autre explication des faits invoqués à l'appui de l'opinion qu'il combat. Il pense que les hommes de la pierre polie plaçaient d'abord les cadavres dans

1. *Les Ages prehist. de l'Esp. et du Port.* pag. 76.
2. Obra cit., pag. 115.

une *sépulture provisoire,* d'où les os seuls étaient retirés pour être reunis dans les dolmens ou dans les grottes sépulcrales. Une séjour trop prolongé à l'air libre ou sous terre, un peu de négligence et de précipitation dans la recherche des ossements dissociés expliqueraient, en effet, fort bien comment un certain nombre d'entre eux peuvent être brisès ou manquer. Il y a quelquefois une disproportion étrange entre les diverses parties des squelettes trouvés dans une même chambre. La grotte de Peniche renfermait 140 maxillaires inferieures et seulement 22 maxillaires supérieures. L'hypothèse de M. Cartailhac est d'autant plus admissible que des coutumes analogues existent encore chez certains peuples sauvages, chez les polynésiens, par exemple.» Logo em seguida, porém, adverte que nem todos os povos neolithicos praticavam esta dupla inhumação, como mostram as grutas sepulcraes de Marne, exploradas pelo sr. Barão de Baye, achando na diversidade de estes usos mais um argumento em favor da diversidade das origens d'esses povos

Os polynesios, a que se refere o sr. Quatrefages, são os Maoris da Nova-Zelandia, de quem o mesmo sabio tinha dito em outro logar que collocam provisoriamente os mortos em uma cabana ou na sua propria habitação, e muitas vezes n'um bosque reservado para este fim, e que, depois do desapparecimento das carnes, limpam os ossos e os depositam em logar secreto, só conhecido de poucas pessoas 1.

N'estas condições a hypothese não repugna absolutamente. A falta de peças nos esqueletos ou a sua fractura poderão em geral explicar-se pela dupla inhumação, sobretudo havendo exemplo d'um uso analogo entre selvagens, que viviam na idade da pedra antes da communicação com os europeus, e tendo essa interpretação em seu favor o pa-

1. *Hommes fossiles et hommes sauvages,* pag. 450.

recer d'um vulto da sciencia, como era o sr. Quatrefages.

Mas a exploração dos dolmens da Serra do Cabo Mondego levantou a este respeito muitas duvidas no nosso espirito; e por ultimo chegámos a convencer-nos de que estes dolmens, pelo menos, não eram simples ossarios, mas logares em que se inhumavam definitivamente os corpos.

Um facto importante tem sempre fixado a nossa attenção: é a grande decomposição da maior parte dos ossos, principalmente dos esponjosos e da parte esponjosa dos ossos de tecido compacto. Encontrámos, por exemplo, ossos longos em que as épiphyses se desfaziam com uma ligeira pressão dos dedos. Costellas, vertebras, ossos das mãos e dos pés, sobretudo nos terrenos humidos, estavam reduzidos a uma substancia tão branda e às vezes tão penetrada pela côr dos entulhos, que, não se distinguindo d'estes, nem offerecendo a mais ligeira resistencia ás facas com que era feita a exploração, só difficilmente chegavam a conhecer-se, e já tarde, quando muitas peças se haviam destruido. No proprio megalitho de Santo Amaro da Serra a camada de tufo que envolvia os ossos, tinha desfigurado completamente uma grande parte d'elles, e muitos pedaços de tufo que, pela sua fórma, indicavam encerrar diversas peças, sendo partidos, apresentavam uma estructura quasi homogenea, como se as particulas osseas tivessem sido inteiramente substituidas pelo proprio tufo. No megalitho da Cabecinha até muitos dos ossos de tecido compacto estavam tão alterados que pareciam pedaços de madeira completamente apodrecida.

Outro facto de não menor valia é que nos depositos mortuarios, virgens de profanações, encontrámos sempre os ossos partidos, e muitos verdadeiramente *esmagados,* po-

dendo verificar com toda a exactidão, até em muitos d'estes ultimos, que as esquirolas conservavam as suas relações anatomicas. Chegámos a fazer experiencias superfluas n'este sentido. Tomando alguns ossos longos, cujos fragmentos se achavam empastados pela terra, e que, pela sua posição, podiam causar duvidas, fomos dissolvendo pouco a pouco a pasta em agua, retirando cada esquirola e collocando-a sobre uma meza pela ordem em que se achava na pasta; e em seguida reconhecemos que todos os fragmentos se ajustavam perfeitamente para formar o osso.

Não nos resta, pois, a menor duvida que foi nos proprios dolmens que esses ossos se fracturaram; e a causa d'este facto foi a pressão natural dos entulhos. Só esta acção natural podia deixar em todos os depositos sem vestigios de profanação os ossos humanos n'esse estado, isto é, esmagados e conservando os seus numerosos fragmentos as relações naturaes; e por outro lado a grande decomposição d'essas peças era propria para favorecer semelhante resultado. Com muito menos peso d'entulhos, esqueletos d'uma epocha muito posterior foram por nós encontrados no mesmo estado em sepulturas virgens de profanações. Referimo-nos a algumas das sepulturas da necropole protohistorica da Fonte Velha em Bensafrim (Algarve), que nós attribuimos á epocha da influencia phenicia ou liby-phenicia no sul do paiz. O pavimento e o entulho d'essas sepulturas eram d'argila; e, postoque fossem cobertas por lages, e por conseguinte não pezasse sobre os ossos senão uma camada d'entulho com a espessura maxima de $0^{m},6$, estes estavam esmagados, verificando nós pelo exame d'alguns exemplares que os fragmentos mantinham as suas relações anatomicas.

D'estes factos resulta que a fractura dos ossos, nos nossos megalithos, não póde explicar-se pela hypothese da dupla inhumação; e que é muito difficil, se não impossivel, reconhecer se em um deposito mortuario dos mesmos mo-

numentos faltam ou não algumas peças do esqueleto, sobretudo quando se trata de pequenos ossos, ou quando as peças do esqueleto estão partidas em milhares de fragmentos.

Dir-se-ha que n'estas circumstancias tambem não póde rejeitar-se a hypothese da dupla inhumação. Mas nós não carecemos de provar que os esqueletos estavam completos, para demonstrarmos que os cadaveres eram encerrados nos nossos megalithos: os que sustentam a hypothese contraria é que seriam singularmente favorecidos, se podesse affirmar-se com segurança que os esqueletos estavam incompletos. Para nós o esqueleto podia estar completo e ter sido removido d'uma sepultura provisoria; e podia não estar completo, pertencendo aliás a um corpo inhumado no proprio megalitho, por terem sido destruidas pelos agentes naturaes as peças que faltassem.

O exemplo da gruta da Furninha, em Peniche, não parece convincente. Explorando esta gruta, o illustre geologo sr. Nery Delgado reconheceu, quanto aos ossos, o mesmo facto que tantas vezes nos tem occorrido nas explorações dos megalithos, isto é, que no acto da exploração houve perdas inevitaveis d'algumas peças, principalmente dos pequenos ossos e dos ossos esponjosos. Mas, prescindindo d'este facto, o deposito neolithico estaria intacto? Não teriam actuado n'elle causas especiaes de destruição? O sr. Delgado não affirma que o entulho estivesse virgem de profanações; e por outro lado fornece-nos provas manifestas de grandes deslocações, e até do desapparecimento d'uma parte do deposito. Note-se em primeiro logar a desordem e confusão de todos os ossos humanos e dos restos d'industria, e a accumulação da maior parte em um certo ponto da gruta. Nos depositos mortuarios, não profanados, dos nossos megalithos, nada semelhante: cada esqueleto occupa um logar separado. Note-se mais que o sabio portuguez encontrou alguns ossos humanos empastados por um resto da

camada stalagmitica na parede da gruta, a 1m,30 acima do nivel do solo, indicando que este tinha chegado àquella altura, e verificou que no sitio em que existia a grande accumulação dos ossos e artefactos o pavimento rochoso da gruta tinha um orificio, por onde haviam desapparecido as areias quaternarias que estavam por debaixo do deposito neolithico, e onde tambem se encontraram ossos d'este deposito, indicando que o movimento d'essas areias e a sua descarga pelo orificio haviam deslocado e confundido tudo o que se achava no deposito superior, arrastando até parte d'elle. Note-se emfim a presença de ossos roidos, mostrando que os dentes dos animaes bravios se ajuntaram ás outras causas da destruição [1]».

O proprio sr. Cartailhac, no congresso internacional de Lisboa, em que foi apresentado o notavel trabalho do sr. Nery Delgado, referindo-se ao estado d'esse deposito, explicou a falta d'ossos, não pela hypothese da dupla inhumação, mas por causas naturaes de destruição, precisamente as mesmas que nós temos reconhecido nas cryptas megalithicas. «Les os qui manquent, disse elle, sont ceux que l'on est habitué à ne pas rencontrer toutes les fois qu'on fouille une sépulture multiple; ce sont ceux qui dans les tombeaux simples se détruisent les premiers. Lorsque le squelette est seul, isolé, par exemple, dans un cercueil, il n'est pas rare de trouver que la pression des terres et l'action des milieux l'ont traité comme ceux des grottes du Portugal: même aspect, mêmes cassures, même élargissement du canal medullaire.

«Les incisions également invoquées par M. Delgado sont dues aux dents des carnassiers de petite taille et surtout des rongeurs [2]».

1. Vid. *La grotte de Furninha*, do sr. Nery Delgado.
2. *Compte rendu*, pag. 269.

É claro que, para nos decidirmos pela hypothese da inhumação dos corpos nos megalithos, pômos inteiramente de parte os depositos com vestigios de completo remeximento. Só os que nos pareceram intactos ou a parte d'elles que não chegou a ser remexida, vão servir-nos de guia n'este difficil problema.

No megalitho da Capella, contiguo á capellinha de Santo Amaro da Serra, encontrámos, junto a um dos supportes, restos d'um esqueleto empastado pelo tufo sobre uma pedra do pavimento da camara sepulcral, que haviam escapado das explorações precedentes. Entre esses ossos figura um grande fragmento craneano; e, cercando quasi metade d'esta peça, encontrámos na pasta muitas contasinhas de schisto, algumas unidas e com os orificios no mesmo plano, como se o mesmo fio as ligasse. Pareceu-nos manifesto que taes contas faziam parte d'um collar, e que o fio d'este ainda as ligava quando o craneo tomou a posição em que o achámos cimentado. Esta relação entre os dois objectos indica, a nosso vêr, que com a decomposição dos principaes tecidos molles o monticulo de terra, que cobria o corpo acocorado, foi comprimindo o esqueleto, ainda articulado, sobre as pequenas lages que guarneciam o pavimento da crypta, e o craneo e vertebras cervicaes, descendo conjunctamente, arrastaram o fio das contas.

Se alli só fossem inhumados os ossos do esqueleto, não se explicaria razoavelmente a situação do collar junto do craneo e cercando uma parte d'elle. Seria preciso inventar que os selvagens, lançando n'aquelle logar os ossos do seu semelhante, teriam a singular phantasia de disporem estes de modo a ficarem intimamente associados aos adornos que andavam ligados á respectiva parte do corpo, e de darem ao collar uma fórma arredondada, semelhante á que devia ter mantido no corpo.

Nós encontrámos um collar de contas de vidro esmaltadas, em circumstancias analogas, n'uma sepultura da allu-

dida necropole da Fonte Velha, onde a inhumação dos corpos era manifesta, com a notavel coincidencia de estes tambem terem sido acocorados.

No megalitho de Santo Amaro da Serra, que pouco dista do precedente, encontrámos dois depositos mortuarios que não se achavam profanados. Cada um d'estes estava junto a um dos supportes medios do lado meridional. Eram envolvidos por areia, e não por entulho igual ao que preenchia a maior parte do recinto, e distavam entre si $0^{m},50$ approximadamente. Em ambos os depositos os ossos illiacos assentavam immediatamente na lage do pavimento. Fóra dos pequenos espaços que occupavam os dois grupos d'ossos, a camada d'areia não remexida, que se estendia sobre o pavimento até á linha media longitudinal do megalitho, foi absolutamente esteril.

Ora, se este monumento fosse um mero recipiente de ossos disjunctos, nem os esqueletos estariam tão distanciados, nem teriam sido enterrados, nem o espaço entre elles e o eixo longitudinal do megalitho estaria desoccupado; e só por uma singularissima casualidade, que não póde presumir-se, os illiacos dos dois esqueletos occupariam precisamente a posição em que deviam ficar, se, em vez d'ossos, se inhumassem corpos acocorados.

De facto não se comprehende facilmente a utilidade de enterrar ossos dentro d'um recinto de pedra hermeticamente fechado, nem a de desperdiçar espaços consideraveis em monumentos de tão custosa fabrica.

O que se reconhece, sem difficuldade, é a imperiosa necessidade de cobrir os cadaveres com terra ou areia, para absorver os liquidos resultantes da decomposição, e que, nas successivas inhumações, se collocasse cada corpo junto ao monticulo que envolvia outro deposito anterior, do que deveria resultar nós encontrarmos hoje os esqueletos um pouco distanciados entre si.

A nosso vêr um simples ossario deveria fornecer-nos

ossos em todo o pavimento, e até accumulados de modo a preencherem completamente a crypta megalithica, attendendo ao trabalho que custavam semelhantes monumentos: ao passo que, inhumando-se alli os corpos acocorados, era preciso encostal-os aos supportes, ficando assim inutilisada a parte média do recinto; e, sendo os cadaveres cobertos por monticulos de terra, era consequente ficarem afinal os esqueletos separados e distantes uns dos outros.

Por conseguinte a hypothese da dupla inhumação tambem não póde aqui admittir-se.

No megalitho da Cabecinha, situado na Serra das Alhadas, dos quatro depositos mortuarios que encerrava, só um fôra profanado em parte, em consequencia do arrancamento d'um dos supportes a que estava encostado. Os restantes achavam-se intactos; e tambem o estava todo o entulho que os envolvia.

Cada esqueleto jazia n'uma camada de terra arenosa; e todo o resto do recinto, desde o pavimento da camara até quasi aos topos dos supportes estava cheio de terra argilosa, igual á que formava o *tumulus,* muito empastada, contendo algumas lascas de silex, quartzo e quartzite. Sem duvida que com os quatro depositos se dera por preenchido o pequeno megalitho, entulhando-se talvez todo o espaço medio e superior da crypta.

O que mais força dá a esta inducção é o facto de um dos esqueletos, que devia pertencer á ultima inhumação, ter algumas peças junto á galeria e em frente d'ella, indicando que o deposito mortuario, estendendo-se até alli, devia necessariamente embaraçar a entrada na camara: sobretudo tendo em vista que logo em frente, no lado opposto da mesma camara, estava outro deposito, cujo envolucro arenoso nós vimos confundir-se com o que cobria aquelle de que tratamos.

Os quatro esqueletos achavam-se situados junto aos supportes, em volta da camara sepulcral, dois no lado do

N, um no do O e outro no do S, distantes entre si $0^{m},40$ a $0^{m},70$ approximadamente. No meio da crypta não havia ossos alguns.

Não podémos, por causa da grande podridão e fractura dos ossos, verificar a posição dos illiacos; mas as circumstancias que ficam indicadas, concordando com as do megalitho de Santo Amaro da Serra, bastam para nos persuadirem que alli se inhumaram quatro cadaveres, e não quatro esqueletos.

Para ossario havia ainda muito espaço, no meio da camara e aos lados, entre os quatro depositos. Nada menos de seis ou sete esqueletos bem dispostos cabiam ainda no pavimento, sem que as respectivas peças se misturassem; e mais de 50 seriam precisos para preencherem toda a crypta até aos topos dos supportes.

Não nos parece que a exploração dos dolmens em outras regiões de Portugal tenha fornecido argumentos favoraveis á hypothese da dupla inhumação. Estacio da Veiga pretendeu sustental-a a proposito de tres megalithos da necropole de Alcalá; mas com tanta infelicidade que, pela descripção que elle fez do estado em que encontrou os monumentos, facilmente se reconhece que tudo alli fôra profanado, profundamente remexido e confundido. Foi uma verdadeira temeridade. Difficil era affirmar, em taes circumstancias, que os ossos tivessem entrado partidos nos monumentos, e que qualquer agglomeração de fragmentos em um ou outro logar fosse o resto d'algum deposito feito n'esse mesmo sitio, e não deslocado d'outro logar.

Todas as considerações em que elle se fundou, nos parecem erroneas. Não ha, na hypothese de remeximento, criterio algum para distinguir a fractura d'um osso occorrida fóra d'um megalitho da que tivesse logar dentro d'elle;

nem do facto de um d'estes monumentos ter sido fechado, para não mais se abrir, póde inferir-se que só recebera ossos descarnados; nem a altura de $1^{m},32$ na entrada era insufficiente para dar passagem aos cadaveres e aos seus portadores.

De resto Estacio da Veiga reconheceu que certas agglomerações de fragmentos osseos, que attribuiu á sua hypothese, podiam ser devidas á inhumação de cocoras [1].

Em Hespanha os conscienciosos trabalhos de Gongora y Martinez são manifestamente adversos á ideia dos ossarios. Resumindo as suas observações sobre os dolmens, este escriptor exprime-se nos seguintes termos:

«Los cadáveres aparecen colocados en lechos hórisontales y con pequeñas piedras cerca de los cráneos [2]».

Por isso até novas descobertas, que provem a existencia de megalithos servindo de meros ossarios, continuará a vigorar para a peninsula iberica a theoria dos srs. Mortillet, Joly e outros, que, fundando-se em todas as observações feitas sobre os dolmens da Europa, Asia e Africa, affirmam que estes monumentos recebiam os corpos dos mortos [3].

.....

1. Vid. *Antiguidades mon. do Algarve,* vol. 3.°, pag. 138 e seg., 158, 159, 168, 187, 218 e 233.

2. *Antiguedades prehist. de Andalucia*, pag. 106.

3. Vid. *Le Préhist.,* pag. 597; *L'Homme avant les métaux,* pag. 124, 140-141.

V

UMA OBRA DA ARTE PRIMITIVA

Ha no museu provincial de Valladolid um objecto de pedra, que nos parece bastante digno da attenção dos que se dedicam aos estudos paleoethnologicos.

A sua fórma é verdadeiramente excepcional, e cremos até que unica. Pelo menos ainda não vimos cousa inteiramente igual, nem temos conhecimento de que tenha sido encontrada em qualquer estação da idade da pedra.

Comtudo este objecto jaz esquecido n'aquelle estabelecimento, no meio de obras d'arte de outras idades. Nenhum escripto dos que nós temos noticia, incluindo a obra do sr. Cartailhac, falla d'elle; ninguem, ao que parece, ainda o estudou; e a propria direcção do museu ignora o logar e as circumstancias em que foi achado, assim como o destino que teria.

Nós fizemos a este respeito as possiveis indagações, por intermedio do distincto academico de Valladolid, o sr.

D. Jezus Asencio Ibañez; e nada obtivemos, a não ser a indicação de que o objecto era proveniente da Hespanha e fôra offerecido ao museu por um particular, alguns annos antes da nossa visita (1889).

Tambem fallamos n'elle ao illustre antiquario de Leon, o sr. D. Ramon Alvarez de la Braña, chefe da Bibliotheca e secretario da Commissão de Monumentos da provincia; mas nada nos poude informar, porque nem vira o objecto, nem lêra noticia alguma sobre elle.

O que nós conseguimos foram os desenhos, devidos ao lapis do sr. Ibañez; o que nos permitte dar uma descripção assaz comprehensivel d'esta curiosa peça archeologica.

A sua configuração é a de uma ferradura; mas apresenta no bordo exterior seis pontas muito desenvolvidas. É de silex castanho, reduzido a uma lamina bastante delgada pela extracção de lascas e escamas mais ou menos volumosas.

O arco tem um desenvolvimento de $0^{m},29$, medidos pelo bordo interno da peça. A corda, partindo do meio d'elle até a qualquer das extremidades, mede $0^{m},13$. O diametro attinge $0^{m},111$. A largura da lamina no meio é de $0^{m},23$. Nas extremidades da base termina em ponta; e a distancia entre estas ultimas é de $0^{m},11$.

As seis pontas que guarnecem o bordo externo são de dimensões desiguaes, a maior de $0^{m},026$ d'extensão, as mais pequenas de $0^{m},011$, e distam tambem desigualmente umas das outras.

A fig. 1.ª representa o seu contorno no tamanho natural. A fig. 2.ª os detalhes de uma das faces, que são ambas retocadas do mesmo modo.

A regularidade do contorno, como se vê, nada tem de geometrica; mas apresenta certa symetria, que lhe dá o aspecto de um objecto de luxo.

Seria este effectivamente o seu destino, um mero ador-

no? Em tal caso como era usado? Seria antes um instrumento de trabalho, um simples amuleto, ou ainda uma insignia?

Difficil é resolver semelhantes questões.

Não ha duvida que o fim é que dá a fórma aos objectos; de sorte que por esta devia determinar-se aquelle. Mas quando nós estamos muito longe de uma epocha ou d'um certo estado de civilisação, ignorando as ideias, as instituições, as crenças, necessidades e habitos dos povos que n'elles viveram, o problema archeologico é muitas vezes insoluvel. A mesma fórma, segundo os nossos conhecimentos e modo de viver actuaes, póde corresponder a diversos fins; e, por conseguinte, no seu estudo não será facil em muitos casos sair do dominio das conjecturas.

E é n'este campo sómente que nós tentamos uma resposta ácerca do destino do objecto em questão, dando assim ensejo a que os eruditos procurem estudal-o e possam levar mais longe as suas investigações.

A lamina é fina e tem os bordos mais ou menos acuminados; e todavia o simples exame d'ella persuade que era impropria para o mister de cortar, attendendo á sua fórma.

No bordo externo tem as seis pontas de que fallámos; mas estas eram tambem improprias para o uso de furar, em vista das suas dimensões, disposição e fórma achatada.

Confirmam-se estes assertos pelos resultados já obtidos na archeologia prehistorica; pois que é bem sabido que os instrumentos cortantes e perfurantes da idade da pedra são todos muito diversos do nosso exemplar.

Se quizessemos fazer d'elle um utensilio proprio para qualquer outro trabalho, n'uma epocha em que quasi todos os trabalhos eram bastantes rudes, teriamos ainda contra a hypothese a fragilidade da peça, a sua fórma nada

maneavel, a difficuldade da apprehensão, a falta d'instrumentos de trabalho da mesma natureza entre os povos das epochas lithicas, etc.

E d'este modo somos levados a suppôr que o trabalho minucioso do objecto e a sua fórma indicam uma peça de particular estimação, e que as pontas seriam uma representação symbolica ou meros ornamentos. Isto equivale quasi a restringir a questão ás hypotheses do amuleto, da insignia ou do adorno.

Mas ainda entre estas ha preferencias. Um amuleto representa uma superstição, uma crença religiosa; e estas não são attributo d'um só homem, mas d'um povo, tribu ou collectividade qualquer. Por conseguinte parece que n'essa hypothese outros objectos similares deveriam já ter apparecido nas estações humanas primitivas, sobretudo nas sepulturas da epocha neolithica, que têem um caracter profundamente religioso.

A insignia, representando um poder qualquer ou uma distincção social, tambem não devia naturalmente ficar restricta a um unico exemplar. A um chefe ou homem poderoso succedem-se outros e outros: e nas distincções sociaes, por castas ou classes, são sempre muitos os contemplados.

Pelo contrario um adorno é obra de phantasia, que diverge d'individuo para individuo e produz fórmas variaveis indefinidamente, fórmas que pódem não se repetir. Por isso esta é, no estado actual dos nossos conhecimentos, a hypothese mais favoravel para a solução do nosso problema.

De facto não custa a admittir que na idade da pedra um capricho selvagem e infantil fizesse excepcionalmente fabricar o objecto de que tratamos, cuja fórma poderia ser suggerida pela configuração natural que a lasca tomasse ao separar-se do nucleo, e utilisal-o em seguida como ornamento do corpo. Estes factos singulares não são raros

ainda no nosso tempo. Em 1867 M. Simonin, fazendo uma viagem ao noroeste da America, encontrou entre os Indios dos Prados adornos verdadeiramente excepcionaes e unicos; e um nosso amigo viu ainda não ha muitos annos a cabeça d'um regulo africano ornada com um pedaço de lata, tirado d'uma caixa de sardinhas de Nantes.

Quanto ao modo como seria usado, lembram-nos duas hypotheses: ou se fixava pelas extremidades da base em algum objecto que porventura se trazia na cabeça, ou era suspenso sobre o peito por alguma fibra ou corrêa que o ligasse pelo meio do arco.

Se abstrahirmos das pontas que guarnecem o bordo exterior da peça, a fórma arqueada, embora com diversas modificações, não é desconhecida nos adornos ou amuletos do homem primitivo. O sr. Mortillet falla dos crescentes da epocha neolithica, arcos de pedra mais ou menos desenvolvidos, quasi todos com orificios de suspensão, a que attribue o caracter de amuletos [1].

Mas com um arco de fórma semelhante ao do exemplar que estudamos, só encontrámos em metal, na idade do bronze, epocha chamada *larnaudianna,* os dois objectos de que o mesmo sr. Mortillet apresenta os desenhos nas figuras 984 e 985 do seu *Museu,* objectos de pequenas dimensões e com um appendice ou annel de suspensão.

Com fórma muito mais approximada do crescente do que os objectos de pedra mencionados com este nome pelo illustre paleoethnologo francez, achamos nós na estação neolithica da Varzea do Lirio uma pequena lasca de silex cinzento, com uma particularidade notavel, que faz lembrar a peça do museu de Valladolid. Apresenta, como

1. *Préhistorique*, pag. 565 e 567; *Musée préhistorique,* fig. 644.

ella, no bordo exterior, algumas pequeninas pontas disseminadas, das quaes cinco, pelo menos, são bem distinctas. Mede $0^{m},027$ d'abertura entre as pontas que formam as extremidades do arco, e $0^{m},016$ de largura no meio.

Mas esta lasca, comquanto tenha os caracteres da percussão intencional, tomou *naturalmente* a sua fórma arqueada e ponteaguda. Não interveio para esta o trabalho minucioso dos retoques, trabalho que deveria revelar-nos o proposito de dar-lhe esse singular aspecto.

Verdade é que entre algumas das pontasinhas a aresta da lasca acha-se fracturada em um ou outro ponto; mas estas fracturas não nos parecem intencionaes. São irregulares, como que realisadas ao acaso, pouco profundas, sem contiguidade e sem a apparencia que geralmente apresentam os retoques. Além d'isto, observando attentamente o dorso da lasca, isto é, a face opposta ao conchoide, nota-se uma circumstancia que julgamos decisiva: é que cada uma das pontas, incluindo as das extremidades do arco, corresponde a uma das numerosas arestas do nucleo de que foi extrahida. Isto prova, com effeito, que a disposição d'essas saliencias é obra de mero acaso.

Assim nenhuma relação ethnographica liga, a nosso vêr, o objecto da Varzea de Lirio com aquelle que procuramos estudar.

Nem nos desenhos gravados pelos homens da idade da pedra se encontra cousa alguma semelhante. Apparece sim o crescente, como na massa de calcareo descoberta pelo distincto paleoethnologo sr. Carlos Ribeiro na sepultura neolithica da *Folha das Barradas,* descripta na sua Memoria sobre os monumentos megalithicos das visinhanças de Bellas (pag. 83 e figuras 87 e 88); mas da fórma de ferradura e das pontas a guarnecer o bordo exterior não temos noticia alguma.

Entretanto ainda ha muito que explorar na Hespanha e em Portugal sobre a idade da pedra. Centenares de dol-

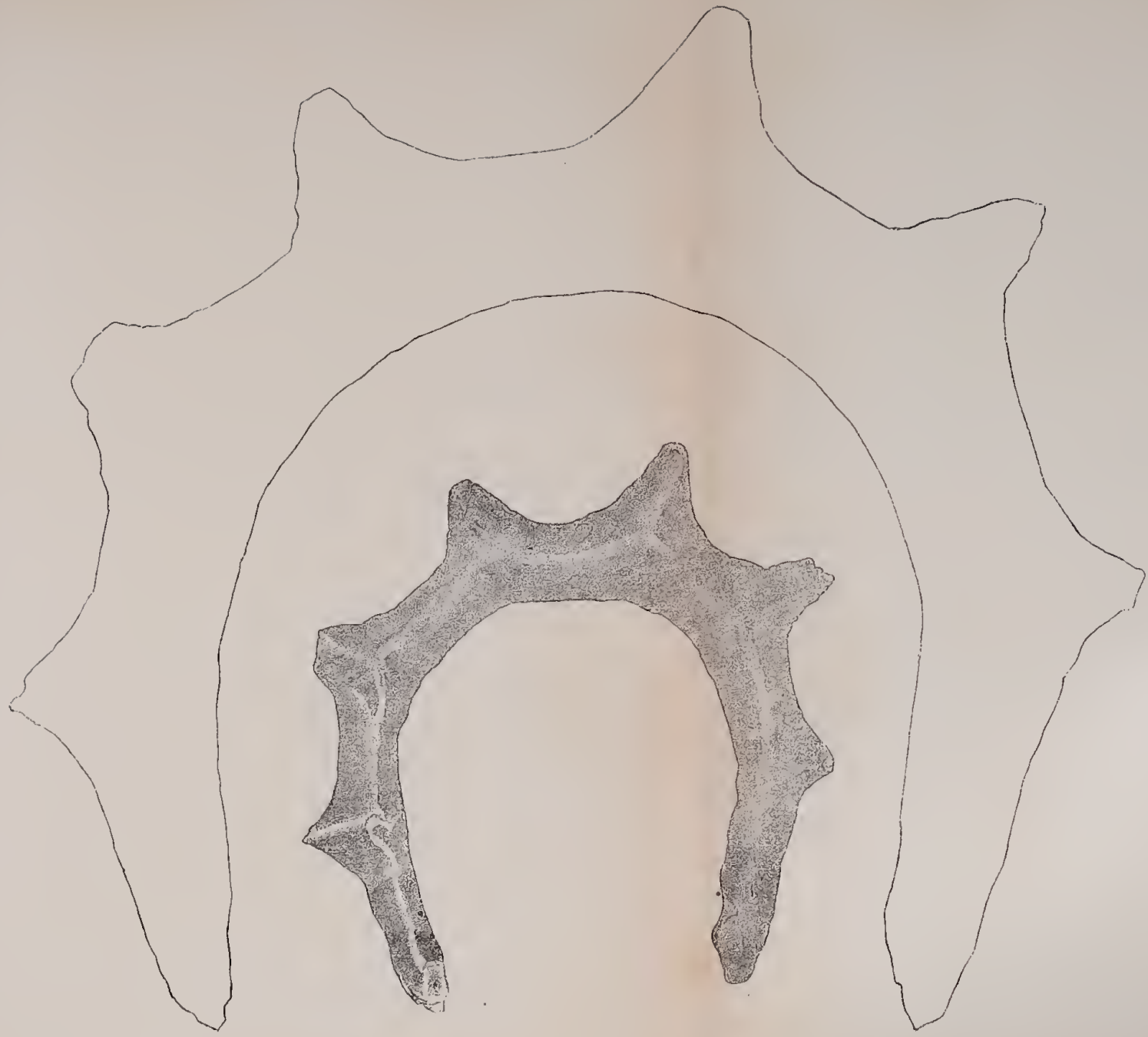
mens e grutas aguardam o paciente investigador; e por conseguinte pódem ainda descobrir-se outros objectos semelhantes ou que concorram para explicar d'outro modo aquelle de que nos temos occupado.

De resto o trabalho que n'elle se manifesta, comquanto seja menos delicado do que o de muitas pontas de dardo e setta que temos encontrado nas antas dos arredores de Brenha, não nos parece pertencer a epocha diversa. Se os retoques são muito maiores do que os que se notam nas superficies d'aquellas pontas, comtudo a sua perfeição, a convexidade das faces do objecto e a habilidade com que este em geral foi trabalhado, estabelecem certa affinidade com os das nossas estações.

Os que classificam estes ultimos como pertencentes ao fim da epocha neolithica poderão talvez attribuir aquelle a tempos anteriores da mesma epocha; mas, pela nossa parte, julgamos este juizo pouco seguro. Dentro da mesma anta temos nós recolhido umas peças muito menos perfeitas do que outras. Ha, por exemplo, um dardo das Carniçosas, que pela sua imperfeição mais parece simplesmente lascado do que retocado; e todavia no mesmo megalitho achámos nós os dardos melhor retocados que temos visto [1].

1. Muito depois de publicado este escripto vimos na obra do sr. N. Joly, *L'Homme avant les metaux*, pag. 152, a gravura d'um objecto de silex que tem notaveis semelhanças com o do museu de Valladolid. Essa gravura é tirada da obra de Wilson, e a fórma do objecto considerada como exotica. Diz-se que foi achado em 1794, n'uma caverna da bahia de Honduras (America). O arco é mais arredondado do que na peça d'aquelle museu, e guarnecido de sete pontas, uma ao meio bastante desenvolvida e dentada nas arestas lateraes, semelhante a uma ponta de lança, e tres pontas mais pequenas de cada lado, diminuindo successivamente para as extremidades do arco.

O sr. Joly classifica-o como alabarda, porque faz recordar as fórmas de certas alabardas dos tempos modernos; mas, se porventura esse destino póde attribuir-se á peça americana, e certo que repugna ao exemplar hespanhol, porque e disposição é dimensões das pontas são muito diversas e improprias d'uma alabarda.



VI

ESTUDO SOBRE UM MACHADO DE PEDRA

PROVENIENTE DO ALGARVE

O reverendo Antonio José Nunes da Gloria, prior de Bensafrim, cavalheiro já muito conhecido pelos trabalhos que illustram a obra de Estacio da Veiga, enviou-nos em fins de 1895 a parte inferior d'um machado de pedra, encontrada em terreno que possue na sua freguezia, que nos parece muito interessante. É de schisto (?), polido, indicando a fórma trapezoidal, com secção quadrangular e gume convexo; typo muito commum no concelho da Figueira. Mede o fragmento no comprimento $0^{m},073$, na largura junto ao gume $0^{m},05$ e na sua maxima espessura $0^{m},25$.

Nas duas faces maiores e em uma das menores a peça apresenta um certo espaço, em toda a largura d'aquellas superficies, completamente guarnecido de pequenas cavidades circulares. Nas faces maiores estas cavidades começam

a $0^m,015$ approximadamente do gume e estendem-se até $0^m,045$. Na face menor começam junto ao gume e estendem-se até $0^m,025$.

N'este ultimo lado acham-se dispostas do modo seguinte: n'uma linha superior tres cavidades completas, formando no seu conjuncto uma curva com a concavidade voltada para o gume; na linha immediatamente inferior outras tres cavidades formando uma curva semelhante, mas estando as duas das extremidades um pouco cerceadas pelo desbaste que a peça soffreu para se refazer o gume; em outra linha immediata restos de tres cavidades indicando uma disposição analoga; e por debaixo de tudo, junto ao gume, uma só cavidade cerceada pelo trabalho da reparação indicada. Os alinhamentos das superiores com as inferiores são tambem em curva.

Nas faces maiores os seus alinhamentos em sentido transversal são ondulados, e não rectilineos ou formando curvas simples; mas no sentido longitudinal parecem formar pela maior parte curvas simples, com a concavidade voltada para a direita do observador, e obliquando da esquerda para este lado. Algumas foram destruidas por fracturas, ficando vestigios d'uma parte d'ellas; e outras acham-se obliteradas pelo desbate da peça para formar o gume.

O numero total d'estas cavidades completas ou de que restam vestigios ascende a 76. Ora são contiguas, ora afastadas entre si $0^m,001$ a $0^m,003$. A sua fórma é approximadamente hemispherica ou conica; e nas que parecem completas o diametro do bordo varía de $0^m,003$ a $0^m,005$, e a maxima profundidade entre $0^m,002$ e $0^m,003$. Em quasi todas vêem-se distinctamente as estrias circulares produzidas pelo trabalho da perfuração.

Algumas cavidades são singelas. Muitas, porém, são *duplas,* isto é, formadas por uma excavação concava, no fundo da qual se abriu outra excavação de menor diametro, mas ás

vezes mais profunda; e exemplares ha em que reconhecemos vestigios de tres. Isto parece demonstrar que, para a mesma perfuração, se empregaram muitas vezes instrumentos de calibres diversos: e é provavelmente d'este facto que resultou a fórma conica de algumas. O mais notavel ainda é que muitas apresentam ao meio do fundo uma pequenina saliencia circular, que devia corresponder a qualquer cavidade que existisse na ponta do instrumento perfurante.

Emfim, o menor lado do machado, onde não existem estas cavidades, é precisamente aquelle em que apparece a superficie bruta da rocha, que o trabalho da polidura não chegou a desbastar completamente.

Não temos noticia de outro machado de pedra em semelhantes condições. O que se tem encontrado é apenas a hacha com um orificio de suspensão do lado do topo. No proprio Algarve, d'onde proveio a peça, o reverendo Gloria, que tem colligido centenares de machados, nunca encontrou exemplar igual. É, pois, uma novidade para nós, que valerá a pena estudar.

Tres questões suscita o exame d'este objecto, a saber:

1.ª — As gravuras já existiam n'elle, quando foi usado como instrumento cortante, ou serão obra posterior, para dar ao objecto outro destino?

2.ª — Qual foi o processo empregado para brocar a rocha?

3.ª — Qual o destino de taes gravuras?

A primeira parece resolver-se sem grande difficuldade. N'uma das faces maiores existem fracturas com o mesmo aspecto de antiguidade que se nota na que causou a perda da parte superior do machado; e essas fracturas cercearam algumas cavidades, de que restam vestigios manifestos: o que indica que estas existiam anteriormente á inutilisação do instrumento. Por outro lado é fóra de duvida que o

gume foi refeito, em consequencia de fracturas de que tambem restam vestigios; e a polidura do novo gume cerceou consideravelmente muitas das cavidades que estão mais proximas d'elle. Ora, se a obra d'um novo gume levou parte das gravuras, é claro que estas já existiam no objecto, e que com ellas era este applicado aos seus misteres usuaes.

A segunda questão é mais embaraçosa. Tres processos principaes de perfuração têem sido apresentados para explicar os orificios abertos nas rochas pelo homem neolithico, a saber: o emprego de simples ponções de silex, operando a *meia rotação,* quanto permitte o movimento do punho; o d'uma haste massiça de osso ou de madeira, operando perpendicularmente por movimentos de rotação completa entre as mãos [1], com o auxilio de areia e agua pos-

1. Não estamos longe de admittir que, para a rotação da haste perfurante, podesse já então empregar-se algum singelo apparelho, como o arco com a corda ou a chamada *broca de pião,* ainda actualmente muito usados em diversos misteres. A *broca de pião* estava em uso entre os Iroquezes desde tempos immemoriaes, e o arco com a corda era empregado pelos Sioux e indios do Canadá, para moverem, á maneira de torno, a haste de madeira com que faziam fogo. (N. Joly, *L'Homme avant les métaux,* pag. 178).

Entretanto o torno d'arco passa por ter sido inventado em epochas historicas. É provavelmente esta especie de torno de que Plinio attribue o invento a Theodoro de Samos (*Hist. Nat.*, liv. 7 °, cap 57, § 7 °); e, segundo alguns, o seu uso não foi conhecido no Oriente senão no 8.° seculo antes de Christo, empregando-se até ahi uma broca com arco semelhante ao arco de pua ou de berbequim de que ainda hoje usam os carpinteiros. (Perrot et Chipiez, *Hist. de l'Art.*, t. 2.° pag. 672).

Do trado movido por uma corrêa, para furar madeira, instrumento que devia ser a fórma primitiva da *broca de pião*, já falla Homero na Odysséa, canto IX. (Tradução de Bignan, pag. 143).

Schliemann cita a opinião do professor Maskelyne, que attribue a perfuração das pedras duras a uma broca de pedra ou de madeira movida por um arco. «Cet instrument, diz elle, alimenté d'émeri et d'eau, produisait petit à petit un trou. Le professeur Virchow m'assure que l'expérience a été faite récement et qu'elle a parfaitement réussi.» (*Ilios,* pag. 307).

tas entre a bróca e a rocha; e o d'um tubo de osso ou de canna, applicado do mesmo modo que a haste massiça.

A dois d'estes processos já alludimos nas *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira,* para explicar alguns objectos; mas appareceu-nos ultimamente uma peça perfurada por outro systema, que se afasta de todos os que ficam mencionados, e que será indicado na continuação d'aquella obra. Para a hypothese de que tratamos não tem interesse.

O sr. Gabriel de Mortillet explica o segundo e terceiro n'estes termos:

«Le plus grossier de ces procédés consiste á faire tourner un corps pointu sur le point qu'on veut percer en interposant constamment entre ce corps et la pierre de sable fin et de l'eau. Le corps qu'on fait tourner n'a pas besoin d'être dur, ce peut être un simple morceau de bois... Pour commencer l'opération on prépare au point désigné un petit godet par percussion... On l'a simplifié en employant, au lieu d'un appareil rodeur plein, un appareil vide à l'intérieur, comme un jonc ou un os creux. On n'a plus eu alors qu'à creuser un anneau; il reste á l'intérieur du tube un noyau de la roche, qui, à la fin de l'opération, se détache et donne de prime saut un trou de la grandeur voulue [1]».

Com relação ao primeiro processo o sr. N. Joly, citando os factos de Eduardo Lartet ter conseguido perfurações iguaes ás dos fundos das agulhas de osso quaternarias, empregando um ponção ou furador de silex, e de John Evans, pelo mesmo meio, ter perfurado madeira e chifre de veado, applica este systema até na perfuração das rochas, baseando-se em varias descobertas archeologicas; «Ainsi donc, diz elle, à l'aide d'un foret en silex appliqué successivement sur les deux faces opposées d'une hache en pierre dure *(diorite, jade, serpentine)* et en faisant exécuter au foret des

1. *Le Préhistorique*, pag. 550.

mouvements de demi-tour en rapport avec ceux du poignet, on arrive à obtenir deux trous coniques dont les sommets se rencontrent». Referindo-se ao terceiro processo, como explicação das saliencias cylindricas que apparecem no meio de orificios circulares de certas hachas, que não foram concluidos, cita as experiencias do dr. Keller e de John Evans, que empregaram aquelle processo com um pedaço de chifre de boi e um tubo de sabugueiro; mas não julga a explicação satisfactoria, porque nas experiencias de Evans a areia accumulava-se no canal medular do tubo de sabugueiro e atacava o topo do cylindro central [1].

Examinando detidamente o exemplar de que tratamos, parece-nos evidente que não foi empregado o primeiro processo; porque as proprias cavidades que apresentam uma fórma conica, não terminam em ponta ou angulo agudo. A sua configuração é a d'um cone truncado, que parece ter resultado do emprego successivo de brocas de menor calibre, e não da applicação d'um unico instrumento.

É muito duvidoso para nós se teria sido empregado o terceiro processo. Por um lado a saliencia central no fundo de muitas cavidades póde indicar a applicação d'algum pequeno osso de animal, cujo canal medular désse causa á sua formação; mas por outro lado é certo que o mesmo resultado se obteria com uma haste massiça, em que a extremidade destinada a operar tivesse uma pequenina cavidade no centro, talvez para reter a areia. Além d'isto, aquelle processo é lembrado para as grandes perfurações das hachas ou das cabeças de móca, em que evita o longo trabalho do desbaste de toda a massa rochosa que devia dar logar ao largo orificio; mas em cavidades cujo diametro maximo é de $0^{m},005$ e a profundidade de $0^{m},003$, não seria preciso recorrer a semelhante meio, porque a porção da rocha que se pouparia, era muito insignificante.

1. *L'homme avant les métaux*, pag. 198-199.

Só o segundo processo parece explicar sufficientemente as gravuras que estudamos, se admittirmos que a ponta espessa e convexa da broca tinha no meio a cavidade a que alludimos. Nada semelhante ao trabalho preparatorio, por percussão, indicado pelo sr. Mortillet: o instrumento perfurante parece ter operado immediatamente na superficie polida da hacha. Se ha alguma cousa parecida com o *godet* de que falla o insigne paleoethnologo francez, não é feito por percussão. Uma broca de maior diametro, attingindo ás vezes $0^{m},005$, abriu uma primeira cavidade; outra broca menos espessa abriu no fundo d'esta uma cavidade mais pequena; e assim successivamente.

Haveria alguma razão technica para o emprego d'estas diversas brocas? Nós não sabemos. Não repugna, porém, admittir que, se taes gravuras são apenas um ornato, um intuito meramente decorativo fosse a causa d'esse facto, para produzir alguma cousa semelhante á ornamentação de circulos concentricos que se encontra em certas obras neolithicas [1].

A ideia de attribuir a estas gravuras um caracter meramente decorativo será talvez muito contestavel; mas, para nós, é a que mais satisfactoriamente explica o seu destino no objecto de que se trata. De facto não vemos em que ellas podessem ser *uteis* no mister de cortar, a que foi destinado e applicado o instrumento. Tambem não podemos attribuir-lhes o caracter d'um registo numeral, interessando sob qualquer ponto de vista ao possuidor do objecto. Nos orificios que guarnecem as peças de chifre de renna, per-

1. Já depois de publicado este estudo vimos desenhos de hachas de pedra, recolhidas por Schliemann em Hissarlik, que apresentam começo de perfuração, parecendo ter todos os caracteres das gravuras do nosso machado, sem lhe faltar a pequenina saliencia central (*Ilios*, pag. 307). Este facto apoia a hypothese d'uma razão technica.

tencentes á ultima epocha do periodo paleolithico, que o insigne Eduardo Lartet denominou *bastões de commando,* viram alguns uma representação dos graus de auctoridade dos individuos que os usavam; mas esta hypothese, que não se apoia em razão alguma de peso, não póde ser invocada relativamente ao machado em questão, onde as 76 cavidades de que restam vestigios, afóra as que foram destruidas, nos levariam a admittir um complicado organismo politico, de que não ha memoria entre selvagens e que é incompativel com o estado primitivo do homem.

Um registo, qualquer que fosse o seu fim, não podia confiar-se a um objecto que, pelo uso a que era destinado, estava sujeito a constantes deteriorações e reparações, que destruiriam os signaes gravados, como aconteceu no nosso exemplar. Seria um registo de momentos, uma obra de loucos.

É certo que nas grandes pedras brutas das sepulturas neolithicas da Scandinavia, da Inglaterra e Escocia e da Bretanha franceza apparecem cavidades ellipticas e circulares, a que os paleoethnologos francezes chamam *écuelles* e *cupules,* e que tambem se encontram em rochas erraticas dos Alpes, do valle superior do Rhodano e dos Pyrenéus, e em rochedos da Lorena e da Alsacia. Ainda na ultima sessão do congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistoricas, celebrada em Paris, o sr. Julien Sacaze mencionou muitas em monumentos e rochedos da montanha d'Espiaux (Pyrenéus francezes), e o sr. B. Reber citou uma lage com 26 d'essas gravuras, tendo o diametro de $0^{m},06$ a $0^{m},07$, proveniente d'uma sepultura de Douvaine (Saboia), e o rochedo de Planet em Salvan (Valais) com 500 approximadamente, que, combinadas com outras figuras, formavam series comparaveis ás inscripções hieroglyphicas. No Alemtejo encontrou o sr. Cartailhac muitos exemplares nos megalithos; e nós tambem recolhemos no entulho das ruinas do megalitho da Cumieira um fragmento

de lage de calcareo muito brando, em que distinguimos duas pequenas cavidades conjugadas por meio de um sulco aberto na rocha.

Quanto ao seu destino, o sr. Sacaze declarou nada saber, lembrando todavia que teriam alguma relação com o culto dos mortos [1]. O sr. Cartailhac, mencionando as explicações que se têem offerecido d'essas gravuras nos rochedos, e que uns considéram signaes astronomicos, e outros como obras da ociosidade dos pastores, nota que as das sepulturas existem ás vezes nas faces das pedras que o *tumulus* devia occultar para sempre, mesmo aos individuos que penetrassem nas cryptas, estando n'este caso as que elle descobriu nos dolmens de Candieira, de Paço-da-Vinha e de Paredes, que estavam na face superior das lages de cobertura; e declara que, embora taes gravuras, multiplicando-se na epocha do bronze, se achem já associadas n'esta epocha a imagens comprehensiveis, são inexplicaveis, citando entretanto o facto de serem veneradas na India como cousa sagrada [2].

Já na setima sessão do congresso internacional d'anthropologia e d'archeologia prehistoricas, celebrada em Stockolmo, em 1874, o sr. Hildebrand filho, fallando d'essas gravuras, que se encontram em quasi todas as provincias da Suecia, ponderava que ainda eram objecto da veneração dos povos. «Les habitants y déposent souvent des offrandes, pour obtenir la guérison des maladies dont ils sont affectés. Ils étaient dans l'antiquité regardés comme ayant une grande signification [3]».

Entretanto o sr. Mortillet parece comprehender estas gravuras entre os signaes puramente decorativos, repellindo a hypothese de serem destinadas a recolherem um liquido

1. Vid. *Compte rendu*, pag. 613 e seg., e 623 e 624.
2. *Les âges prehist. de l'Espagne et du Portugal*, pag. 174 e seg.
3. *Compte rendu*, pag. 45.

ou objecto qualquer, visto que se encontram ás vezes na face inferior das lages de cobertura dos dolmens ou em superficies verticaes [1].

Seja, porém, qual fôr o mysterioso destino de taes gravuras nos megalithos, nas rochas erraticas ou nos penedos, onde são de muito maiores dimensões do que aquellas que estudamos, parece-nos que em um pequeno instrumento, destinado a rudes trabalhos, sujeitas a desapparecerem facilmente com as fracturas e com as reparações, não deviam ser cousa sagrada, nem terem uma utilidade real. Pelo contrario, agrupadas em um certo espaço, que ficava completamente guarnecido, destruindo a fastidiosa monotonia das superficies lisas, que nas faces maiores ficavam restrictas ao gume e á parte superior, dando assim um certo realce ao objecto, mais parecem formar uma simples ornamentação.

Na verdade encontramos estas cavidades circulares gravadas na pasta das louças neolithicas e até na das louças da idade dos metaes; e ninguem hesita em classifical-as entre os elementos puramente decorativos. No *Museu Prehistorico* do sr. Mortillet os fragmentos ceramicos das figuras 537.ª e 538.ª podem servir de exemplo. Outros podem ver-se na obra citada do sr. Cartailhac, figuras 165.ª e 166.ª, e nas *Antiguidades Prehistoricas da Andaluzia* do sr. Gongora y Martinez, figura 39.ª; e até nós temos colligido fragmentos em que existe essa ornamentação [2].

1. *Le Préhistorique*, pag. 603; *Mus. préhist.*, fig. 584.

2. Nos fusaiólos troyanos, recolhidos por Schliemann, são frequentes os pequenos buracos redondos; e o sr. A. H. Sayce, em um excellente estudo sobre as inscripções encontradas em Hissarlik, sustenta que esses buracos são imitações dos signaes gravados nos cylindros babylonicos, representando as estrellas e os planetas. (*Ilios*, pag. 915).

Nós temos encontrado ornato semelhante em artefactos dos tempos historicos. Citaremos apenas, para exemplo, um fecho (*fibula*) de cinturão, feito de bronze e ferro, manifestamente de fabrica romana, recolhido no Crasto, freguezia de Brenha, estação lusitana dos primeiros tempos do dominio romano.

Talvez que as cavidades do nosso machado fossem preenchidas com qualquer massa colorida, a fim de melhor sobresair a decoração. No museu municipal da Figueira ha artefactos do gentio africano, em que as gravuras geometricas são preenchidas com uma substancia negra [1].

1. Depois da publicação d'este escripto no *Archeologo Portuguez* recolhemos muitos fragmentos de vasos de barro, com a ornamentação das covinhas circulares, na estação neolithica do Forno da Cal, descoberta na Vinha da Rainha, concelho de Soure; e o nosso illustrado amigo sr. Antonio José Nunes da Gloria, prior de Bensafrim, brindou-nos com mais uma peça de schisto em que existem gravuras semelhantes. É um fragmento d'uma grossa placa (0m,02 d'espessura), com fórma ligeiramente trapezoidal, polida e com os bordos lateraes convexos, tendo a metade inferior de uma das faces guarnecida quasi do mesmo modo que o machado. O diametro das fossasinhas varia entre 0m,001 e 0m,004; e algumas apresentam a disposição já indicada, que faz lembrar o ornato de circulos concentricos, isto é, são abertas no fundo de outras de maior diametro: mas em nenhuma notamos esse ponto central em relevo, que apparece nas do machado. Um sulco transversal, parallelo á base e junto d'esta, que parece ser a continuação de um dos que se acham na face apposta, liga quatro d'essas fóssas. É o unico indicio de conjugação, se assim póde chamar-se.

Na outra face, junto á base, dois sulcos transversaes, approximadamente parallelos, e muitos riscos verticaes; e por cima do sulco superior alguns traços triangulares. Na parte média, junto a um dos bordos lateraes, mais alguns riscos irregulares.

Se tão singelas gravuras são por todos consideradas como ornatos, não vemos motivo para excluir d'esta classificação as gravuras circulares existentes na mesma peça.

Advertiremos que os fragmentos de louça assim ornamentada da estação do Forno da Cal estavam misturados a rebotalhos de cosinha. Evidentemente eram objectos despresiveis.

VII

ESTAÇÃO NEOLITHICA DO FORNO DA CAL

NA

VINHA DA RAINHA

Em 1892 o concelho de Soure contribuiu para as collecções do Museu Municipal da Figueira com dois objectos neolithicos, a saber: um machado de pedra inteiro e a parte superior de outro de grandes dimensões, o primeiro encontrado no Casal do Almeida, e o segundo em outro local da freguezia da Vinha da Rainha.

O exemplar completo era uma curiosa peça, feita de uma lamina de schisto, com fórma trapezoidal, gume convexo e secção quadrangular, medindo no comprimento $0^{m},153$, na largura junto ao gume $0^{m},07$ e no topo $0^{m},025$, e na maxima espessura $0^{m},015$.

O fragmento, tambem de schisto, de secção quasi quadrada, era facetado para o lado do topo, sem duvida para facilitar o encabamento.

Estes objectos fizeram-nos pensar em sair dos limites

do concelho da Figueira para o lado do concelho de Soure em procura de mais esclarecimentos. Desejando seguir os vestigios neolithicos do sul do Mondego, a via que ficava indicada era indubitavelmente para leste da freguezia do Paião, atravessando os campos banhados pelo rio do Pranto, que separa os dois concelhos, e dirigindo as pesquizas pelo Bicanho e suas immediações até a Vinha da Rainha e talvez ainda mais longe.

Entretanto uma noticia inesperada veio decidir-nos a prescindir temporariamente dos logares intermedios para encetar desde logo os trabalhos d'exploração nas cercanias da Vinha da Rainha. Contou-nos o nosso amigo sr. Gonçalo Tello de Magalhães Collaço que vinte annos antes, explorando uma sua pedreira no outeiro do Forno da Cal, os serviçaes, fazendo rebentar a fogo uma porção da rocha, pozeram a descoberto uma especie de crypta, onde jaziam alguns esqueletos humanos; que, sendo avisado por elles d'esta descoberta, visitara immediatamente o sitio, e vira em um recinto aberto pelo tiro da pedreira não menos de cinco esqueletos estendidos horisontalmente e com as cabeças para o lado do oeste, que os assistentes tratavam de pôr em desordem e partir, lançando-lhes pedras; que junto d'estes esqueletos estavam alguns vasos de louça muito grosseira, de que recolhera certos exemplares, hoje perdidos, assim como pederneiras, buzios grandes, que, pela descripção feita, pertenceriam talvez ao *Triton nodiferus,* e valvas de ostras e de bribigão em grande quantidade; que, não conhecendo o valor scientifico d'esta descoberta, deixara destruir completamente a crypta e perder os ossos e mobiliario, não conservando mais do que umas conchas que recolhera com os vasos; e que finalmente, continuando depois a exploração da pedreira para fazer cal, outras cryptas funerarias haviam sido descobertas e destruidas com tudo o que continham. Estavam todas na parte inferior da encosta meridional do outeiro, no sitio que o proprietario

actual sr. Julio Carlos Gonçalves, pharmaceutico na Vinha da Rainha, tinha ultimamente reduzido a cultura.

Apesar do que esta noticia tinha de desanimadora para nós, convinha-nos explorar o sitio.

O sr. Gonçalo Tello apresentou-nos uma valva d'ostra calcinada e algumas do *cardium edule,* restos, que ainda encontrara em sua casa, das que havia recolhido na primeira crypta descoberta, assim como alguns fragmentos d'ossos humanos e um pedaço de vaso de barro com aza de fórma annullar, inteiramente coberto por uma ligeira camada de carbonato de cal, que dias antes recolhera, para nos mostrar, no terreno onde as cryptas tinham existido; e este ultimo facto indicava-nos que tinhamos probabilidade de encontrar ainda alguma cousa que interessasse aos nossos estudos.

O juizo que fizémos d'estas descobertas foi que se tratava de grutas sepulcraes da epocha neolithica. Se fossem dolmens, rebentando-se a fogo alguma pedra da *mesa,* não ficariam logo os esqueletos inteiramente a descoberto, porque aquelles monumentos estão cheios de terra. Por outro lado o sr. Gonçalo Tello não viu alli lages algumas a formarem o recinto, mas uma cavidade na rocha, de que depois nos mostrou ainda uma pequena parte, que reconhecemos ser natural, isto é, não ter vestigios alguns de trabalho do homem.

O facto de a posição dos esqueletos da primeira crypta descoberta indicar a inhumação horisontal não é contrario aos usos funerarios da epocha neolithica. Se na necropole da serra do Cabo Mondego todos os indicios são em favor da hypothese da inhumação de cocoras, é certo que nos dolmens da Andaluzia observou o sr. Gongora y Martinez a inhumação horisontal [1]; e é este o modo geral de sepultura nas grutas da Marne, exploradas pelo sr. Ba-

1. *Antig. prehist. de Andalucia*, pag. 106.

rão de Baye, onde só um esqueleto indicava a inhumação de cocoras [1]. Referindo-se a estes usos o sr. Joly exprime-se nos termos seguintes: «Les morts dont on trouve les ossements dans les dolmens y ont été ensevelis dans une position assise ou acroupie; mais on en voit aussi un certain nombre qui sont couchés sur les dos et ont la tête ou les pieds tournés vers l'orient [2]». Com os pés voltados para o lado do oriente é que o sr. Gonçalo Tello affirma que estavam os esqueletos na referida crypta.

O outeiro do Forno da Cal ergue-se a pequena altura no fundo d'um valle, 300^{m} approximadamente para o norte da igreja matriz da Vinha da Rainha, alongando-se na direcção de S E para N O e diminuindo d'altura para este ultimo lado. É formado por um massiço de rocha calcarea, sobre o qual se encontram depositos de tufo, e coberto por uma camada de terra vegetal, que attinge em alguns pontos 0^{m},80 a 1^{m} d'espessura.

Na encosta voltada ao S e S O encontrámos, para o lado de S E, grandes excavações resultantes da exploração da pedra de cal, e para o lado do N O um corte com a profundidade de 0^{m},50 a 2^{m}, praticado em extensão não inferior a 60^{m}, que ficava sobranceiro a uma faxa de terreno cultivado, que começava quasi na base da encosta.

A face quasi vertical d'este corte apresentava na parte superior a camada de terra vegetal, com a expessura de 0^{m},25 a 0^{m},50 ou pouco mais, e por debaixo uma espessa camada de tufo empastando enorme quantidade de valvas de molluscos marinhos, de que recolhemos alguns exemplares.

As especies notadas, segundo a classificação do nosso

1. *L'Archeol. prehist.* pag. 111 e 115.
2. *L'Homme avant les metaux*, pag. 140.

illustrado collega no Museu da Figueira sr. Augusto Goltz de Carvalho, eram as seguintes: o *Tapes decussatus,* o *Cardium edule,* L., e a *Scrobicularia piperata,* Schum., que formavam a maior parte do deposito, a *Ostrea edulis,* L., e uma especie de *Solen,* que parece o *Solen siligua,* L.

Estes depositos manifestavam-se, com pequenas interrupções, n'uma extensão superior a 40^{m}, o que nos fez pensar ao principio nos kioekkenmoeddings.

Explorando a barreira em alguns pontos, retirámos do meio das conchas muitos pedaços de carvão, fragmentos de ceramica cobertos de tufo, raros ossos de carneiro ou cabra, um fragmento osseo que parece de porco, e duas lascas de silex. De metal não appareceu vestigio algum.

Observámos então que taes depositos, apresentando uma espessura variavel entre 0^{m},10 e 0^{m},50, pareciam arrojados da parte immediatamente superior da encosta, porque seguiam o declive do solo; e as suas interrupções auctorisavam a conjectura de que haviam sido lançados de diversos pontos.

Estavamos em face dos rebotalhos de cosinha d'um pequeno povoado neolithico? Cada deposito teria correspondido a uma habitação construida em ponto mais elevado da encosta? A affirmativa apresentava-se com muita verosimilhança; mas o nosso trabalho não cessou, em procura de outros vestigios.

Como os depositos fossem pobrissimos, a nossa attenção voltou-se para a faxa de terreno cultivado, que tinhamos aos pés.

Era provavel que, tendo-se feito recentemente o corte da encosta, espalhando-se os entulhos n'aquella faxa, onde se denunciavam pelos pedaços de tufo e fragmentos de conchas, encontrassemos ainda alli alguns objectos que tivessem estado associados aos restos de cosinha. De facto, abrindo fossos em diversos pontos, recolhemos mais fragmentos de ceramica, uns cobertos de tufo e outros sim-

plesmente de terra vegetal, com a côr da camada superficial do outeiro, e bem assim alguns objectos de pedra polida e parte d'um nucleo de silex, tambem com indicios de terem jazido em terra semelhante.

Estas descobertas pareciam decidir da epocha da estação; mas não quizémos abandonar as explorações. Forçados a levantar o trabalho por causa d'uma tremenda trovoada, voltámos a continual-o alguns mezes depois. Então um novo corte na encosta, acima do que tinhamos visto na primeira exploração, havia augmentado consideravelmente a faxa de terreno cultivado, espalhando sobre esta os entulhos. Na superficie d'esse corte a camada de terra vegetal, que occupava a parte superior, continuava a manter a espessura de $0^{m},25$ a $0^{m},50$. Por debaixo existia a camada de tufo, mais ou menos profunda; e apenas em tres pontos notámos restos de cosinha, mas em pequena quantidade, fortemente empastados. Eram valvas dos molluscos já mencionados, carvões e raros ossos de carneiro.

Dois d'estes depositos não distavam entre si mais do que 2^{m}; e d'elles extrahimos alguns fragmentos de vasos de barro, parte d'uma faca de silex e uma lasca de quartzite, tudo coberto de tufo.

Quando a excavação de um d'elles desceu a $1^{m},20$ approximadamente da superficie do terreno, appareceu no meio do tufo uma pasta de cinzas e de conchas queimadas, com a espessura de $0^{m},3$ a $0^{m},4$, occupando uma superficie não inferior a $0^{m2},50$. A um lado encontrou-se um grande pedaço d'argila passada ao fogo.

Pareceu-nos manifesto que se tratava d'um lar, onde o homem d'esta estação preparara pelo fogo os seus alimentos; e a sua situação muito abaixo do nivel da camada de tufo indicava que fôra estabelecido no fundo d'alguma excavação, feita provavelmente para nivelar o terreno onde se construira a respectiva habitação. Nós fizemos todos os esforços para encontrar vestigios das paredes d'essa exca-

vação, sobretudo depois que notámos em um dos outros depositos o facto de muitos restos estarem agglomerados de modo que pareciam encerrados em um pequeno fosso; mas tudo se achava tão fortemente empastado pelo tufo que nada conseguimos distinguir.

Entretanto as circumstancias de os depositos diminuirem do primeiro para o segundo corte do terreno e de se extinguirem nas excavações feitas n'este ultimo corte, e ainda o facto de em nivel muito superior da encosta termos descoberto mais alguns depositos semelhantes, pareceram indicar-nos que as habitações, provavelmente simples choças feitas com ramos de arvores, visto não termos encontrado vestigios de construcções com pedra ou barro, estavam collocadas em diversos niveis, occupando uma grande parte da encosta, quasi desde a base até ao cimo do outeiro.

Assim o homem d'esta estação, não podendo estabelecer commodamente a sua choupana em um terreno tão inclinado, teria excavado a encosta, preparando um espaço approximadamente plano em que assentasse a construcção. Alli teria estabelecido a sua lareira, d'onde removeria os restos accumulados da sua frugal cosinha, lançando-os pela encosta. Não podemos explicar d'outro modo o facto de as maiores agglomerações d'estes restos seguirem o declive do solo. Se elles estivessem sobre o proprio pavimento das habitações, se, como em certas estações neolithicas da França e d'outros paizes, preenchessem os fossos em que aquellas eram construidas, seria forçoso reconhecer que o pavimento das habitações do Forno da Cal tivera uma inclinação singularmente impropria para o seu destino.

A descoberta d'esta estação prova um facto interessante, qual o de que o homem neolithico do sul do Mondego, como o das estações do norte d'este rio, não habi-

tava logares naturalmente fortificados, proprios para a defeza em caso de guerra; o que todavia não significa que este flagello lhe fosse absolutamente desconhecido.

Prova tambem que esse nosso antepassado tirava a sua principal subsistencia da pesca dos molluscos marinhos, sobretudo do *tapes decussatus,* da *scrobicularia piperata* e do *cardium edule,* que ainda hoje constituem um soffrivel alimento.

Estes mariscos não viviam longe da estação. As excavações praticadas nos campos adjacentes ao rio do Pranto, que passa nas proximidades da Vinha da Rainha, têem mostrado que no sub-solo abundam as valvas d'aquellas espepecies de conchas, indicando que o terreno fizera outrora parte do estuario do Mondego e fôra banhado pelas aguas salgadas. Ainda agora estas sobem com as marés regulares pelo rio do Pranto até á Quinta do Seminario, para cima dos campos da Vinha da Rainha; e até á ponte da Avessada, que fica muito áquem d'estes campos, vivem no leito d'aquelle rio, segundo nos informam, o *cardium edule* e a *scrobicularia piperata*. Se estes molluscos não passam actualmente esse limite, é comtudo affirmado por pessoas conhecedoras da localidade que na vasa do mesmo rio, a certa profundidade, para montante da ponte d'Avessada até proximo da Quinta do Seminario, apparecem valvas das mesmas especies de conchas e do *solen siligua*.

Emfim, se os depositos funerarios descobertos ha vinte annos em grutas que existiam na parte inferior do outeiro, eram da mesma epocha das habitações que occupavam a parte superior, como todas as informações e vestigios colhidos indicam, é licito suppôr que pertenceriam ao mesmo povo: e n'esta hypothese tambem é interessante o facto de esse povo habitar o proprio logar onde sepultava os seus mortos. Nós até observámos que os rebotalhos de cosinha das habitações dos vivos deviam ter chegado a cobrir as grutas sepulcraes, porque n'uma lingua de terreno virgem,

que descia para a base do outeiro, entre as grandes excavações das pedreiras e a faxa de terreno cultivado, encontrámos parte d'um deposito de conchas, em nivel correspondente áquelle em que nos indicaram a situação das cryptas.

Nada semelhante temos observado até ao presente na necropole da serra do Cabo Mondego: o homem não parece ter habitado a zona consagrada aos seus mortos, ou, pelo menos, não ha vestigios de elle ter lançado os restos das suas refeições sobre os tumulos.

Prova porventura isto que o culto dos mortos ao sul do Mondego, na pobrissima estação do Forno da Cal, era menos intenso do que o dos homens d'aquella necropole? A affirmativa seria temeraria. Nós não vimos as grutas, postoque tivessemos encontrado no terreno alguns fragmentos d'ossos humanos; e tambem não temos a certeza de que em toda a zona dolmenica da serra do Cabo Mondego não estejam ainda occultos no seio da terra os vestigios d'algum povoado neolithico.

O mobiliario colligido divide-se em tres grupos, a saber:—pedra lascada, pedra polida e ceramica.

Pedra lascada. N'este grupo figuram duas lascas de silex, um fragmento de nucleo, uma lasca de quartzite castanha, parte d'uma lamina de faca de silex, com a secção trapezoidal, medindo no comprimento $0^{m},048$, na maxima largura $0^{m},011$ e na maior espessura $0^{m},004$, e uma lasca de quartzite azulada, com uma aresta cortante e fórma de faca, medindo no comprimento $0^{m},09$ e na maior largura $0^{m},023$.

Pedra polida. Um machado de schisto com fórma trapezoidal, secção quadrangular e gume convexo, medindo no comprimento $0^{m},13$, na largura junto ao gume $0^{m},078$ e no topo $0^{m},05$, e na maior espessura $0^{m},028$. Para o lado

do topo foram extrahidas algumas lascas, talvez para facilitar o encabamento.

— Parte d'um instrumento de schisto, com a secção quasi quadrada e mal polido.

— Outro instrumento de schisto com fórma trapezoidal e secção quadrangular, apresentando diversas fracturas que não permittem determinar seguramente se seria machado ou algum d'esses objectos com a fórma geral das hachas, mas sem gume, tão communs nas nossas estações do norte do Mondego.

Ceramica. Os fragmentos de ceramica tambem não são muito numerosos; mas entre elles ha exemplares verdadeiramente interessantes para nós.

A pasta, geralmente um pouco dura, tem spatho calcareo ou grãos quartzosos, havendo comtudo certos fragmentos em que se apresenta mais pura, indicando melhor fabríco.

Em grande numero de exemplares é muito negra ou simplesmente parda e coberta superficialmente com argila vermelha ou amarellada. N'outros é negra para o lado da superficie interna do vaso e vermelha para o lado da superficie externa, sendo manifesto em alguns que foi formada com duas camadas d'argila sobrepostas. Um pequeno numero de fragmentos apresenta uma só côr na pasta, avermelhada, castanha ou parda; e estes têem sempre mistura de spatho calcareo.

A estructura d'estas pastas é perfeitamente semelhante á de muitas louças das estações neolithicas do concelho da Figueira; e seria facil confundil-as, sobretudo comparando-as com as dos megalithos do Cabeço dos Moinhos e do Facho.

Recolhemos dois exemplares que conservam aza de fórma annullar junto ao bordo, dois outros com vestigios de haverem tido azas semelhantes, e uma aza partida. Nada semelhante temos encontrado nas estações neolithicas do

nosso concelho, onde só appareceu um exemplar com aza em fórma de crescente.

O mais notavel é que em uma d'essas azas de fórma annullar existe já uma especie de cannelura, que dá bem ideia das que appareceram depois nas azas dos vasos da antiguidade historica e que ainda têem larga applicação nas louças ordinarias da actualidade.

Tambem recolhemos um fragmento em que a aza é reduzida a uma pequena protuberancia mamillar junto do bordo, e outro em que apresenta approximadamente a fórma de crescente, disposta perpendicularmente á linha do bordo.

A ornamentação é singela. Consiste em series de pequenos traços abertos na pasta, horisontaes em alguns exemplares e verticaes em outros, ou em numerosas covinhas circulares que começam junto ao bordo. Este ultimo ornato e o dos traços verticaes tinha já sido notado por nós nas louças das estações ao norte do Mondego.

Ha comtudo um fragmento que faz excepção a esta simplicidade nos ornatos. Pertence ao typo da notavel ceramica das grutas de Palmella, de que haviamos tambem recolhido vestigios no megalitho do Cabeço dos Moinhos e na estação da Varzea de Lirio. Esta ceramica é tão rara em toda a area das nossas pesquizas, que somos levados a admittir que não se fabricava nas regiões visinhas do Mondego. Vinha provavelmente de longe; e as grutas de Palmella são por emquanto talvez o unico ponto para onde poderiamos lançar a vista, se tentassemos procurar o centro do fabrico ou o caminho d'esses productos singulamente aperfeiçoados.

Todas as semelhanças, que ficam notadas, entre a ceramica da estação de que tratamos e a das estações neolithicas do norte do Mondego, tornam mui verosimil a hypothese de que, além de pertencerem ao grande periodo pre-

historico da pedra polida, foram contemporaneas; e todas deviam subsistir em plena actividade quando já raiava a aurora do cobre entre as tribus neolithicas de Palmella.

Não chegariam esses povos das margens do Mondego a usar este metal? Porque? Emigrariam? Teriam sido levados em captiveiro? Extinctos por algum flagello? Nada podemos responder. O que é fóra de duvida é que, para encontrar vestigios reconhecidos da primeira epocha dos metaes, é preciso caminhar mais para o sul, até Caldellas, na freguezia da Caranguejeira, concelho de Leiria, e depois até Espite, no concelho d'Ourem.

E não é só o cobre que nos falta: tambem o bronze e os primeiros vestigios do ferro. Desde a epocha neolithica até áquella em que os povos da Lusitania começaram a tratar com os romanos, ha uma enorme e deploravel lacuna nos nossos conhecimentos relativos a esta região. Nós ainda pensámos durante algum tempo que nos depositos de Santa Olaya, sobre a margem direita do Mondego, estaria representada a epocha do cobre; mas trabalhos posteriores nos vieram demonstrar que nos illudiamos. Santa Olaya não passa d'um castro, em plena epocha do ferro, que soffreu a influencia romana.

Estarão os vestigios d'esses tempos ainda occultos na terra? Terão já sido destruidos? Ninguem o sabe; mas custa a crer que os homens do cobre, do bronze e dos primeiros tempos do ferro não habitassem estes logares, onde a vida devia ser relativamente facil e commoda.

VIII

A CLAVA DE PEDRA

EXISTENTE NO

MUSEU DA FIGUEIRA

Possuimos um objecto de pedra verdadeiramente interessante e talvez unico nos museus da Europa. É feito de schisto, polido, alongado e grosso como uma tranca, de secção elliptica, mas um pouco achatado para as extremidades, que são limitadas por superficies planas e obliquas, approximadamente parallelas.

No comprimento mede $0^m,71$ a $0^m,73$, na maior largura, que é na extremidade perfurada, $0^m,08$ approximadamente, e na menor, que é na parte média, $0^m,06$, e na espessura $0^m,03$ a $0^m,05$. O seu peso é de 4:750 grammas.

A $0^m,05$ da extremidade mais larga existe uma perfuração operada pelos dois lados ou faces da peça, apresentando a fórma de dois cones truncados, unidos pelos planos da truncatura. É a fórma mais vulgar das perfurações no mobiliario de pedra dos povos neolithicos, cujo processo já nos tem occupado muitas vezes.

As superficies dos dois cones estão polidas por um longo attrito, distinguindo-se as estrias produzidas pelo instrumento que serviu de broca ou antes pela areia que elle comprimia; mas junto aos bordos externos do orificio, correspondente ás bases dos cones, nota-se que a rocha foi *picada* e desbastada irregularmente para formar de cada lado uma cavidade, onde operou indubitavelmente o instrumento que abriu e poliu o orificio. Esse trabalho preparatorio, já assignalado pelo sr. G. de Mortillet nas perfurações neolithicas, devia ter sido executado por algum escopro ou forte ponta de silex a choques de percutor.

Nos bordos externos o diametro do orificio mede $0^m,03$ a $0^m,45$ approximadamente, e no bordo interno, formado pelo encontro dos dois cones, mede apenas $0^m,01$ a $0^m,013$. Vê-se bem que semelhante orificio só era apropriado a receber uma ligação qualquer, assás robusta para um objecto tão pesado.

Esta magnifica peça, que está inteira, apenas mordida em alguns pontos pela picareta que a poz a descoberto, foi encontrada em Villar Secco, concelho de Nellas, em terreno do sr. Abilio de Brito Amaral, que teve o bom senso de a recolher e guardar, surprehendido pela sua fórma exotica.

Não nos deram noticia d'algum dolmen, a que chamam *orca,* na localidade da descoberta. Só nos affirmaram que por alli ha sepulturas abertas na rocha, apresentando uma excavação apropriada á cabeça, fórma que parece ter sído muito usada em França depois do seculo XI; mas é claro que não póde haver relação alguma entre taes sepulturas e o objecto de que se trata.

Este é manifestamente neolithico. A rocha é a mesma de que é fabricado o maior numero dos machados que temos colligido. Foi desbastada a golpes de percutor, polida e furada pelos mesmos processos que outros objectos de pedra encontrados nos dolmens. Sobre isto o exame da peça não deixa a menor duvida.

O seu destino está escripto na propria fórma. Era uma clava, uma verdadeira arma de guerra. Uma corrêa de couro ou corda feita de fibras animaes passava pelo seu orificio e a ligava ao pulso; e assim era brandida, talvez com as duas mãos, porque o seu peso é tão consideravel que provavelmente não poderia ser movida com violencia durante muito tempo, em qualquer refréga, só por um braço, ainda que muito robusto.

Quem vê esses bastões curtos e grossos, perfurados n'uma das extremidades e ligados por um cordão ou corrêa ao pulso, que ainda hoje são armas vulgares entre o povo portuguez, tem a noção do objecto de Villar Secco. Se substituir a pedra ao pau, tornando-a roliça na parte média e um pouco achatada para as extremidades, e perfurar uma d'estas pelas duas faces da peça, de modo que os dois orificios, de fórma conica, se encontrem, tem reproduzido com bastante fidelidade o nosso exemplar.

A duvida não nos parece licita. Pela polidura foram supprimidas as arestas e asperezas da peça, para não ferir ou magoar os mãos; e a sua fórma roliça tornou-a uma arma contundente. O seu orificio não tem explicação satisfactoria senão pelo facto de ser ligada ao braço que a movia, a fim de melhor a segurar. Não se comprehende como um objecto com o peso de 4:750 grammas e comprimento de $0^{m},71$ a $0^{m},73$ podesse ser um adorno, que andasse suspenso do corpo, ou que o seu orificio de $0^{m},1$ a $0^{m},13$ podesse servir a um cabo, nem mesmo que tal peça podesse ser utilmente encabada.

D'este modo, se o fim é que dá a fórma aos productos da industria humana, de sorte que pela fórma é que o fim se determina, a magnifica peça de Villar Secco é uma das mais interessantes applicações d'este criterio archeologico.

Este objecto parece não ter similar no mobiliario neo-

lithico até hoje conhecido. Pelo menos nós não encontrámos ainda menção de exemplar algum nos livros de paleoethnologia portugueza ou estrangeira que nos têem chegado ás mãos, incluindo os trabalhos do congresso internacional d'anthropologia e d'archeologia prehistoricas.

Muito diversos são os objectos que o illustre Carlos Ribeiro classificou como clavas ou massas de guerra, encontrados no megalitho do Monte-Abrahão e no monumento neolithico da Folha das Barradas. Para comparação basta o exemplar proveniente d'este monumento, que se acha moldado no Museu da Figueira, occupando a mesma estante que o de Villar Secco. As suas exiguas dimensões, a fórma e a sua notavel ornamentação indicam apenas um pequeno objecto de luxo [1], provavelmente uma insignia, como já notámos em outro logar [2], que, usado como arma, não podia competir com um machado de pedra ou com um simples bastão de madeira de dimensões apropriadas.

O sr. Cartailhac formulou outra hypothese a respeito d'este objecto, bem diverso tambem da clava do insigne paleoethnologo portuguez. Eis como elle se exprime: «il est plus difficile encore dire à quoi servait ce bâton demi cylindrique en calcaire blanc (fig. 185). Peut-être était-ce une des parties dont se composait l'emmanchure d'une herminette? Celle-ci pouvait être placée entre le coude du manche en bois et cette piéce. Des liens auraient pu fixer le tout, les stries aux points ABC les retenaient et augmentaient la solidité de l'instrument [3]».

O nosso exemplar, pelo contrario, é uma terrivel massa, longa, grossa e robusta, uma especie de barra de pedra

1. *Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos*, pag. 38 a 40.

2. *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*, pag. 176.

3. *Les âges prehistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 136—157.

que, vibrada por braços vigorosos, devia supplantar todas as armas curtas d'aquelles tempos na lucta corpo a corpo.

Muito diversas são tambem as mócas neolithicas encontradas em outros paizes e a que os francezes chamam *casse-tête*. O sr. G. de Mortillet menciona algumas de madeira, feitas d'uma só peça, como as de muitos povos selvagens da actualidade, encontradas em estações lacustres da Suissa, e certas massas furadas, umas de pedra e outras de chifre de veado, com fórma discoide, de martello, de picão ou picareta, de hacha de dois gumes, etc., que, sendo encabadas, formavam tambem verdadeiras mócas [1].

O sr. de Baye tambem encontrou algumas d'estas cabeças de móca, feitas de chifre de veado, nas celebres grutas da Marne, associadas a um mobiliario manifestamente neolithico [2].

O sr. Joly, tratando d'esta especie de armas, parece indicar outra variedade. «Les massues ou casse-têtes, diz elle, étaient fabriquées des cailloux anguleux enchâssés dans des manches de bois, ou même liées au manche par des laniéres de cuir. Les cailloux en quartzite de l'Infernet ont du servir à cet usage (Noulet). De vraies massues, tout en bois, et passablement conservées, ont été retirées du sein des eaux. L'une d'elles a été trouvée à Glasgow dans un canot primitif [3]».

Como os exemplares de madeira de que o sr. Mortillet apresenta os desenhos, o nosso tem a fórma d'um bastão; mas aquelles augmentam de volume no lado opposto ao da empunhadura, a ponto de um d'elles formar ahi uma grossa massa quasi espheroidal, como em certas cachamorras usadas pelo nosso povo. Esta ideia de aligeirar a arma,

1. *Musée Préhist.*, estampas 53.ª e 54.ª; *Le Préhist.*, pag. 548.
2. *L'Archeologie prehistorique*, pag. 280.
3. *L'Homme avant les metaux*, pag. 211.

reduzindo a espessura d'uma parte d'ella, para só servir de cabo, e deixando mais volumosa a restante, para com ella contundir, sem que o objecto perdesse na sua solidez, ideia que explica tambem as mócas com cabeça de pedra ou de chifre de veado e com cabo de madeira, não era igualmente praticavel em peças monolithicas. A pedra não tem a flexibilidade da madeira, que póde ser forte com pequena espessura. Reduzida uma parte do monolitho a pequena espessura, esta especie de cabo ficaria muito fragil. Só uma espessura como a do nosso exemplar daria garantias de solidez: e com semelhante espessura, tornando-se o objecto bastante pesado, não só era desnecessario dar maior volume á extremidade opposta á da empunhadura, mas esse augmento de volume daria tal peso á arma que a tornaria inutil.

Assim se explica, a nosso ver, a differença entre a fórma da arma de Villar Secco e a das suas congeneres já conhecidas na paleoethnologia.

IDADE DOS METAES

EPOCHA DO COBRE

I

NECROPOLE PREHISTORICA DA CAMPINA

NAS

VISINHANÇAS DE FARO

O desejo de fazer alguns estudos sobre a ceramica da primeira idade dos metaes levou-nos a emprehender diversas explorações na provincia do Algarve, a região mais rica em estações typicas d'esses tempos, segundo as indicações que nos deixou Estacio da Veiga. Escolhendo Faro para ponto de partida dos nossos trabalhos, começámos a investigar o local do Campo da Trindade, em que Estacio da Veiga tinha encontrado algumas sepulturas.

A carta archeologica do Algarve marcava por alli, a menos de 200 metros para o norte da cidade, sepulturas ou cemiterio por inhumação da epocha do bronze; e nas *Antiguidades monumentaes do Algarve* o auctor dizia que tinha descoberto e explorado n'esse logar duas curtas sepulturas quadrangulares, medindo no comprimento $0^{m},90$ a $0^{m},95$, na largura $0^{m},65$ a $0^{m},72$ e na profundidade $0^{m},57$ a $0^{m},63$,

orientadas N N E a S S O, onde recolhera ossos humanos, ceramica e dois objectos de bronze.

Mas ninguem nos deu noticia de semelhante descoberta, que até passou ignorada de alguns cavalheiros mais illustrados de Faro, a quem pedimos esclarecimentos, comprehendendo o erudito conservador do Museu, Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto. Esta falta de indicações precisas e a circumstancia de o illustre explorador do Algarve só haver encontrado alli duas sepulturas não nos animaram a fazer a exploração do Campo.

Para N E do Milreu, no Monte do Castello, que fica a O do povoado de Mestra, marcava a referida carta outra necropole da epocha do bronze; e todavia Estacio da Veiga, na sua obra, considerava esta estação como typica da epocha do cobre, sem comtudo dar noticia de haver feito alli qualquer exploração, e sómente por informações, segundo parece, de se haverem encontrado muitas sepulturas quadradas, contendo ossos, louças e artefactos de cobre, dos quaes só um (uma adaga) chegára ás suas mãos, por offerta d'um lavrador que ainda o guardava. Nós estivemos primeiramente, por erro do nosso guia, em outro Monte do Castello, no sitio de Cancella; e depois fômos ás visinhanças do indicado por Estacio da Veiga pedir informações sobre as sepulturas. Mas chegámos ao mesmo resultado que aquelle explorador: as sepulturas estavam destruidas pelos agricultores; e por isso não nos seduziu a tentativa de fazer alli qualquer trabalho, como provavelmente tinha acontecido ao nosso antecessor.

Para N E de Olhão, junto ao povoado das Bias, marcava tambem a carta uma sepultura por inhumação da epocha de bronze; mas d'este achado nenhumas informações nos souberam dar.

Resolvemos, por isso, pôr de parte a carta archeologica como guia das nossas pesquizas, e proceder pelas informações que colhessemos entre o povo das freguezias ru-

raes ácerca de quaesquer descobertas que recentemente o acaso tivesse favorecido. Este procedimento levou-nos a descobrir sepulturas e ruinas romanas, que nos desviaram por muito tempo do objecto principal das nossas investigações; e já pensavamos em abandonar Faro pelo concelho de Lagos, quando fômos agradavelmente surprehendidos por um acontecimento que devia pôr ao nosso alcance talvez a maior e mais rica necropole prehistorica até hoje descoberta n'esta região.

Sendo informado o illustre clinico sr. dr. Virgilio Francisco Ramos Inglez, governador civil do districto de Faro, que no sitio da Campina, ao norte da cidade, nos extensos vinhedos do sr. Alexandre de Sousa Figueiredo, illustrado director da Escola Pratica d'Agricultura, se haviam descoberto, pelos amanhos da terra, diversas sepulturas, que continham objectos metallicos, pediu immediatamente ao sr. Figueiredo as peças recolhidas e alguns esclarecimentos para nos apresentar; ao que esse cavalheiro annuiu. Graças a esta lembrança do sr. dr. Virgilio podémos reconhecer que se tratava de uma necropole da epocha do cobre, precisamente a que mais poderia interessar-nos. Dois foram então os objectos submettidos ao nosso exame, a saber: uma bella adaga de cobre fundido, que já havia sido ferida a ponção pelo sr. Figueiredo a fim de descobrir o vermelho do metal, por estar este coberto d'uma camada de oxydo e em parte por uma aggregação terrosa ou tufo da côr dos terrenos da Campina; e a metade inferior d'uma ponta de lança de cobre batido, que adquirira côr annegrada nas superficies.

Apresentados em seguida ao proprietario, soubemos por este e pelo seu feitor que outras sepulturas tinham já apparecido, onde o sr. Figueiredo recolhera mais uma ponta de lança, inteira, de cobre batido, e uma pequena placa de ardosia, que nos foram mostradas, tendo além d'isso notado que em cada sepultura, de cada lado da cabeça do esque-

leto, existia um vaso de louça negra. Disseram-nos ainda que as sepulturas eram da fórma rectangular, feitas de lages brutas e sem cobertura; e, instados sobre este ultimo facto, deram-nos indicações que nos fizeram pensar terem sido arrancadas em amanhos anteriores as lages que cobriam esses monumentos.

Communicando ao sr. Figueiredo a grande importancia que tinha a descoberta, em face da sciencia, sobretudo depois que a ideia d'uma *epocha do cobre,* precedendo a do bronze, tanto na Peninsula, como na Grecia, e talvez no resto da Europa, vae ganhando os espiritos [1], derruindo a theoria que fazia preceder, na historia das industrias humanas, a liga do cobre e do estanho, caracterisando o bronze, ao cobre puro, pedimos-lhe auctorisação para explorar o sitio, sem detrimento das suas importantes plantações, e que no futuro mandasse observar na cava das vinhas o maior cuidado, para se não destruirem os monumentos que fossem apparecendo, sem que primeiramente se explorassem e estudassem com methodo; ao que aquelle cavalheiro annuiu com inexcedivel amabilidade e verdadeiro interesse, pondo á nossa disposição o pessoal de trabalho de que careciamos.

Cremos que assim, fóra da área das nossas explorações, fica tambem assegurado á sciencia o estudo da necropole. O sr. Figueiredo é já muito conhecido pelo seu saber; e nós tivemos ensejo de ouvir-lhe expender algumas noções de Prehistoria, que serão as melhores recommendações para que elle não deixe perder os preciosos restos que tivemos a fortuna de reconhecer na sua propriedade. Que outros vão depois de nós: se não pudermos completar os trabalhos emprehendidos, explorando toda a necropole, lá

1. Franks pôz a questão no congresso de Stockholmo, em 1874; e Pulski já proclamou a epocha do cobre no congresso de Budapesth, em 1876.

encontrarão reunidos os abundantes elementos d'estudo que a vigilancia do proprietario terá sem duvida preservado da destruição. É o mais assignalado serviço que presentemente póde prestar á paleoethnologia portugueza o digno director da Escola Agricola de Faro.

A necropole está a 450^{m} approximadamente para E do kilometro 3:200 da estrada de Faro a S. Braz d'Alportel, em campo raso. Não conhecemos ainda toda a área que ella abrange; mas, tendo em vista os pontos distantes em que foram descobertas sepulturas, e observando que a sondagem do terreno, por meio d'uma haste de ferro ponteaguda, denunciava a presença de outras sepulturas muito proximas entre si, tanto nos espaços intermedios, como por fóra d'aquelles pontos, parece-nos que podemos estabelecer com muita probabilidade que a necropole é vasta e encerra grande numero de monumentos. A nossa exploração fez-se em uma das ruas que atravessam a propriedade na direcção de L O, pelo norte da grande parcella de terreno onde haviam sido descobertas as primeiras sepulturas. Era alli que o trabalho podia fazer-se mais livremente, sem receio de damnificar as plantações.

A 0^{m},50 approximadamente do nivel do solo foi encontrada uma das sepulturas, que fizémos pôr inteiramente a descoberto. Era formada por lages brutas de 0^{m},30 a 0^{m},50 de comprimento, de altura não superior a 0^{m},48 e de 0^{m},08 a 0^{m},10 de espessura, cravadas de cutello, descrevendo alguma cousa semelhante a um heptagono irregular, em que faltava um dos lados a S E: mas um outro supporte seguia no mesmo alinhamento do que ficava ao nascente; de sorte que a sepultura era mais comprida d'esse lado do que do outro. Da cobertura restavam apenas duas pequenas lages. Todas eram de calcareo branco da montanha que fica a 7 kilometros approximadamente para o norte da necropole.

A orientação do monumento seguia o rumo de N O a S E; e a sua medição indicou 1m,20 no comprimento d'um lado, comprehendendo o referido supporte, e apenas 0m,90 no lado opposto, e 0m,80 a 1m na largura. Pensámos, e ainda hoje pensamos que trabalhos agricolas levaram outrora as lages que faltavam na cobertura, assim como algum supporte que estava em face do que avançava para S E e outro que fecharia o recinto d'este lado; e que assim a sepultura era alongada, estreitando n'esta direcção. O que apoia este ultimo facto não é sómente a fórma alongada das outras sepulturas: é tambem a circumstancia, minuciosamente observada, de encontrarmos a parte inferior d'um humero e a valva d'um mollusco marinho (Pecten maximus) junto ao sitio que devia occupar o primeiro dos presumidos supportes. Era evidente que o braço d'um cadaver se estendera para este lado, e que não devia ter ficado fóra do recinto. Não vimos vestigios do radio, cubito e mão correspondentes; e pareceu-nos que um remeximento alli levára esses ossos. Foi o unico notado. No resto do entulho, fortemente empastado, tudo nos pareceu intacto.

A exploração do recinto descobriu primeiramente dois esqueletos com as pernas encolhidas, isto é, com os joelhos proximos dos maxillares inferiores, parecendo que ambos tinham os braços estendidos; e estavam deitados sobre o lado direito, com a face em terra e a cabeça para N O, mas bastante inclinada para O, um ao lado do outro. Os esqueletos eram de individuos adultos, mas um d'elles ainda muito moço, como parecia indicar o pouco desbaste dos dentes. O estado da decomposição dos ossos não permittiu que se levantassem da terra senão em fragmentos.

Adiante da face de cada esqueleto havia um vaso de barro muito escuro, com a fórma approximadamente hemispherica e de bordo vertical, como muitos dos que temos descoberto na necropole neolithica da Serra do Cabo Mondego. A pasta é trabalhada sómente á mão e muito branda. Foi

este um dos nossos mais preciosos achados, mas de que só colligimos alguns fragmentos, que o proprietario nos deu.

Por debaixo d'estes esqueletos, separado por pequena espessura da terra, jazia outro esqueleto humano de adulto, collocado na mesma posição dos superiores, excepto quanto aos braços, de que não podémos verificar a verdadeira posição. Este esqueleto tinha a columna vertebral inteira e tão recurvada para O, que ficava atravessado na sepultura. Nenhum vaso ou outro artefacto estava associado a estes ossos.

Pensámos que a inhumação dos tres individuos, a que pertenciam taes esqueletos, não fôra simultanea, posto que não seja raro encontrarem-se em hypogeus dos tempos prehistoricos os esqueletos em camadas sobrepostas, indicando algumas d'estas estações mortuarias que muitas victimas haviam sido feitas pela guerra e que o deposito dos cadaveres fôra feito na mesma occasião. Considerando a pequena altura dos supportes e o nivel do esqueleto inferior, reputamos muito difficil admittir que tres corpos alli coubessem. O mais verosimil é que os dois corpos superiores fossem inhumados já depois de consumido o que jazia inferiormente. Verdade é que, segundo as observações feitas tanto em sepulturas luso-romanas, por nós exploradas no Valle do Mondego e no concelho de Olhão, como em sepulturas da Grecia prehistorica descriptas por Perrot e Chipiez, quando se fazia a inhumação d'algum morto em logar já occupado pelos restos de outros, desarranjavam-se e removiam-se os ossos para dar logar ao novo deposito. Mas não póde concluir-se que fôsse esta a pratica observada em todos os tempos e em todos os povos; nem em caso de guerra, epidemia ou outra calamidade haveria tempo para semelhantes trabalhos.

Inhumação simultanea foi muito provavelmente a dos individuos dos esqueletos superiores, attendendo á disposição d'estes e ao nivel em que se achavam; mas não é licito

affirmar que só se aproveitasse um tão acanhado espaço por serem muitos os mortos e não haver tempo para construir outros tantos monumentos. Semelhante hypothese seria prematura, porque nós só tivemos tempo para explorar mais uma sepultura, e as outras, descobertas anteriormente, haviam sido excavadas sem uma observação methodica.

A sondagem da faxa do terreno em que se achava esta sepultura assignalou outra $1^m,80$ approximadamente ao O. Afastada a terra que a envolvia, encontrou-se uma cobertura feita com duas lages de calcareo cinzento muito duro, emparelhadas de norte a sul. A do norte media $0^m,70$ por $0^m,45$ e $0^m,1$ na espessura: a do sul, mais irregular, $1^m,50$ por $0^m,50$ d'um lado e $0^m,83$ do outro, e $0^m,12$ de espessura média. Estas lages deviam ter vindo, segundo nos informaram, do sitio de Alface, a 7 kilometros da necropole.

Levantadas, appareceram os topos de cinco supportes, feitos com lages brutas da mesma rocha, cravadas de cutello. A sepultura estava orientada ao rumo magnetico de N S. Um dos supportes, na direcção de L O, fechava o recinto pelo N; outro, na direcção de N S, formando approximadamente um angulo recto com o anterior, fechava o lado de L; outro ao sul formava um angulo obtuso como o segundo; e dois formavam o lado do O, mas descrevendo entre si um angulo reintrante, talvez proveniente de deslocação que soffressem pela pressão lateral e exterior das terras. Se não fossem estas irregularidades, a fórma da sepultura seria sensivelmente rectangular.

Os supportes mediam na altura de $0^m,46$ a $0^m,75$: o do norte $0^m,83$ no comprimento e $0^m,08$ na espessura; o do nascente $1^m,20$ no comprimento e $0^m,10$ na espessura; o do sul $0^m,50$ no comprimento e $0^m,07$ na espessura; um dos collocados ao oeste $0^m,56$ no comprimento e $0^m,07$ na espessura, e o outro $0^m,37$ no comprimento e espessura igual á do anterior. Explorado o entulho, em que não encontrámos in-

dicios de remexímento, verificámos a existencia de um esqueleto humano de individuo adulto, parecendo occupar a posição dos encontrados na primeira sepultura, e recolheram-se duas pontas de alfinetes de cobre muito oxydado, de secção quadrangular, medindo $0^{m},032$, e um vaso hemispherico de barro do typo e estructura dos que ficam descriptos, medindo approximadamente entre $0^{m},17$ e $0^{m},2$ no diametro irregular da bocca. Notámos nos femures uma pilastra muito desenvolvida; mas pareceu-nos que a platycnemia das tibias era bastante attenuada.

A natureza do metal, de que eram fabricadas as referidas pontas, foi-nos confirmada pela analyse chimica. O sr. Figueiredo concedeu-nos uns pedaços sobre que operou o sr. Sotero Simões d'Oliveira, habilissimo pharmaceutico da Figueira, que se tem encarregado das analyses chimicas para o Museu Municipal. Um dos fragmentos era tão pequeno que a analyse não podia dar um resultado certo; mas só encontrou n'elle o cobre, e o aspecto da parte interna do objecto nem indicava outra cousa, nem era diverso do que apresentava o outro fragmento, ácerca do qual o sr. Oliveira nos dirigiu o relatorio seguinte:

«Pelo seu aspecto exterior e pelas oxydações que tinha mostrava pertencer a um objecto antigo, tendo o aspecto interior, a côr e o brilho do cobre. Seguindo os methodos por via humida indicados no tratado de *Analyse chimica qualitativa* do ex.^{mo} sr. Joaquim dos Santos e Silva, verifiquei ser o cobre metallico.»

Não podémos fazer verificar pela analyse a composição dos outros objectos recolhidos na necropole antes da nossa exploração, porque não nos pertenciam; mas a brandura, o brilho e a côr do metal são iguaes aos dos fragmentos analysados; e objectos semelhantes, recolhidos por Estacio da Veiga em outras estações, e de que adiante havemos de fallar, foram analysados chimicamente por pessoa auctorisada, e não se encontrou n'elles outro metal. Por isso, até

prova em contrario, nós reputamos todos esses artefactos de cobre [1].

A 1m,50 approximadamente para o norte d'esta ultima sepultura a sonda indicou outra. Excavado o solo, encontraram-se apenas as ruinas do monumento. Dois supportes, um de 1m e outro de 0m,80 de comprimento e de espessura quasi igual, estavam ainda cravados de cutello em alinhamento de N S, e ao lado do primeiro appareceram alguns fragmentos d'outras lages. N'este sitio fôra plantada uma amendoeira, e o entulho da sepultura estava muito remexido e carregado do adubo que fôra applicado áquella arvore; o que explica sem duvida a destruição.

Não podémos levar mais longe a exploração por causa das chuvas. Ainda voltámos um mez depois a Faro, a tentar a continuação dos nossos estudos; mas as terras estavam em lama, e por isso foi forçoso adiar os trabalhos para outra epocha.

Não desistimos, porém, do nosso proposito. Se conhecemos já, por diversos exemplares, um typo da ceramica que procuravamos, interessam muito agora outros problemas. Um d'elles é se na necropole não haverá sepulturas marcando uma epocha de *transição* As duas que nós estu-

1. Tendo ultimamente conseguido para o Museu a nosso cargo o fragmento da ponta de lança, foi analysado tambem pelo sr. Sotero Simões d'Oliveira, que nos enviou a nota seguinte:

«Analyse qualitativa feita ao fragmento d'uma ponta de lança, que tem dois entalhos de cada lado da base, e mede na maior largura 0m,029 e na maior espessura 0m,002, existente no Museu Municipal da Figueira.

Procedendo á analyse pelo methodo indicado no tratado de — *Analyse Chimica qualitativa* — do ex.mo sr .Joaquim dos Santos e Silva, reconheci ser de cobre a referida ponta de lança.

Figueira da Foz, 12 de março de 1896. — O pharmaceutico, Sotero Simões d'Oliveira.»

dámos não continham instrumento algum ou lasca de rocha que indicasse a idade da pedra; posto que seja frequente, até em sepulturas de epochas historicas, apparecerem silices trabalhados e instrumentos neolithicos, que nos terrenos haviam abandonado as populações que os usavam, e que foram sem duvida misturados nos entulhos que cobriram os corpos. Por outro lado tambem nada appareceu que podesse fazer suspeitar o conhecimento do bronze. Se assim acontecer em todas as que nos restam, ou, pelo menos, em todas as sepulturas que forem exploradas, nós teremos verificado com certa segurança a realidade d'uma estação do cobre puro, e então o estudo archeologico dos monumentos e do mobiliario permittirá traçar a vida do homem n'essa epocha, e o estudo dos esqueletos, que porventura se encontrem em estado regular de conservação, dará á anthropologia elementos para nos explicar as caracteristicas da raça a que pertenciam.

Outro problema, muito mais restricto, é se o modo de inhumação, que nos foi indicado pela posição dos quatro esqueletos, será constante em todas ou em grande parte das sepulturas da necropole. Se fôr geral ou muito frequente, será licito pensar em algum rito funerario que lhe servisse de norma.

Nós ficámos verdadeiramente surprehendidos por aquella descoberta. Estacio da Veiga nada nos tinha deixado escripto sobre o assumpto, descrevendo aliás numerosas estações mortuarias que reputou *typicas* da epocha do cobre no Algarve, muitas das quaes foram exploradas por elle. As explorações parecem ter sido desacompanhadas d'uma attenção minuciosa quanto ás circumstancias da situação dos ossos e objectos no entulho das sepulturas, circumstancias que tinham uma importancia capital para a ethnographia.

Inhumações de cocaras, na epocha neolithica, já nós ti-

nhamos encontrado no estudo do megalitho de Santo Amaro da Serra, proximo ao Cabo Mondego, e vimos depois confirmadas em outro monumento da mesma epocha, recentemente explorado; mas na posição indicada pelos esqueletos das sepulturas da Campina não temos noticia de inhumações na paleoethnologia portugueza.

Para encontrar algum facto semelhante podemos talvez ir muito longe da Peninsula, sem comtudo nos julgarmos auctorisados a estabelecer qualquer relação ethnica entre os povos em que elle tem sido observado. O monticulo de *Hanaï-Tépeh,* na Troada, encerrava sepulturas em que não póde duvidar-se da existencia de tal pratica nos enterramentos; e Perrot e Chipiez notam certa semelhança entre a ceramica d'esta estação e a da *primeira cidade de Hissarlik,* cujos restos se encontram debaixo das ruinas de Troia: posto-que em Hanaï Tépeh apparecesse o bronze e n'aquella estação o cobre. Eis a descripção que apresentam esses auctores: «Les seules sépultures desquelles on puisse affirmer qu'elles sont contemporaines des premiers efforts que l'homme a faits, dans cette contrée, pour sortir de la barbarie, c'est celles qui ont été reconnues dans l'étage inférieur de ce monticule d'Hanaï-Tépeh qui, pendant l'âge classique, portait à son sommet le temple d'Apollon Thymbrœos. Au-dessous des restes de cet édifice, on a rencontré les débris d'un village de l'époque préhistorique, où la poterie est aussi rudimentaire que dans les couches les plus profondes du tertre d'*Hissarlik;* presque tous les outils y sont en pierre et en os; le bronze y est rare. On a trouvé là un certain nombre de squelettes, tantôt sur le roc même, tantôt un peu au-dessus, dans ce qui semble avoir été le sol de certaines maisons. Ces squelettes étaient ensevelis la face contre terre, les têtes tournées à l'ouest et les genoux pliés en deux. Point de fosses creusées dans la roche vive ou à parois maçonnées; on se contentait de creuser un trou en

terre et d'y placer les corps. Il n'y a d'exception que pour deux tombes d'enfant, faites de briques séchées au soleil [1]».

Outro ponto a resolver será a fórma typica dos monumentos funerarios, se porventura alguma existiu. A necropole está n'uma planicie, e os dois monumentos por nós estudados não apresentam a fórma quadrangular; e por conseguinte temos novas excepções para as caracteristicas geraes da epocha do cobre formuladas por Estacio da Veiga. Se as explorações proseguirem n'esta e n'outras estações ainda ignoradas, serão regras ou excepções os caracteres estabelecidos por aquelle illustre archeologo? Ninguem o poderá prever.

Ainda sobre a ceramica ha a averiguar se na necropole não haverá variedades quanto a estructura, fórma e ornamentação. Já sabemos pelos tres vasos que encontrámos e por alguns restos recolhidos no entulho sahido das sepulturas destruidas antes da nossa exploração, que nem a pasta, nem o trabalho, nem a fórma differem dos que temos estu-

1. *Histoire de l'Art.*, t. 6.º, pag. 562. Na 10.ª sessão do congresso internacional d'archeologia e d'anthropologia prehistoricas, celebrada em 1889, o sr Hardy communicou a descoberta d'uma sepultura quaternaria nos abrigos de Raymonden (Dardogne), em que o esqueleto parecia indicar um modo de inhumação semelhante, em parte, ao da Campina. «Le corps replié, sur lui-même, en flexion forcé reposait sur le coté gauche, la tête inclinée en avant et en bas, les deux bras repliés brusquement; la main gauche était appliquée contre la tête et au-dessus; la main droite se trouvait reportée sur le coté gauche du maxillaire inférieur. De même, les membres inférieurs étaient brusquement repliés, de telle sorte que le niveau des pieds correspondait à celúi de la partie inférieure du bassin, et que les genoux arrivaient au contact des arcades dentaires.» (*Compte rendu*, pag. 398 e seg.). Seria effectivamente o resultado d'uma inhumação? A affirmativa offerece muitas duvidas, em face das circumstancias em que o esqueleto foi encontrado.

dado em vasos da necropole neolithica da Serra do Cabo Mondego. É o mesmo barro annegrado, com mistura de grãos quartzosos, trabalhado á mão e levemente cosido. Amigos nossos, que chegaram recentemente das margens do Madeira, confluente do Amazonas, onde residiram muitos annos, affirmam que os indios d'aquellas regiões ainda presentemente assim trabalham e cosem o barro das suas louças, dando-lhe a côr negra com o pó de carvão da casca de certas arvores, na persuasão de que a pasta fica por este meio mais solida. O mais notavel é que alli alguns colonos europeus, que vivem mais desviados dos centros de população, usam tambem louças fabricadas por este processo primitivo!

A fórma hemispherica é a mais geral na referida necropole neolithica. Nós até possuimos um vaso, exposto no Museu Municipal da Figueira, que facilmente se confundiria com o maior dos que nós recolhemos na Campina, hoje restaurado e em poder do illustre director da Escola Pratica d'Agricultura.

Tudo isto vae sem duvida abalar o asserto de Estacio da Veiga, que reputa caracteristica da epocha do cobre uma ceramica differente e mais aperfeiçoada do que a neolithica, tendo até fórmas *melhoradas*. Se elle quiz referir-se á fórma hemispherica, modificada por uma depressão concava desde metade ou um terço do bojo até á bocca, de que apresenta exemplares nos n.os 8 e 11 a 13 da estampa 13.ª do 4.º volume da sua obra, e a alguns dos quaes chama bellissimos, nós podemos affirmar que semelhante typo pertence á epocha neolithica, porque nós encontrámos um exemplar em um dos megalithos da Serra do Cabo Mondego, que se acha tambem exposto no referido Museu.

Mas deixemos a futuras explorações a solução completa d'estes e d'outros problemas; e passemos á descripção de alguns dos objectos provenientes da necropole da Campina.

A adaga é do typo da representada na fig. 14.ª, estampa 10.ª, do tomo 4.º da obra do sr. Estacio da Veiga, e que este diz ser proveniente da necropole do Monte do Castello, a que já nos referimos n'este escripto; typo que está tambem desenhado na obra do sr. Cartailhac sobre a prehistoria da Peninsula, a pag. 216. Mas ha duas differenças dignas de reparo. O exemplar da Campina, em vez d'uma aresta longitudinal no meio das faces da lamina, tem uma forte nervura de fórma convexa, que começa na ponta e vae alargando até á altura dos angulos externos que parecem separar a lamina do espigão, onde attinge $0^{m},015$ de largura, e vae tambem abatendo de altura até confundir-se com a superficie da lamina. Esta nervura dava incontestavelmente maior solidez á arma, do que a simples aresta do exemplar de Estacio da Veiga.

A outra differença está em que os referidos angulos externos da lamina são muito mais salientes do que n'este exemplar: um d'elles attinge $0^{m},012$. Tem dois orificios circulares no espigão, para as cavilhas que fixavam o cabo; mas estas, que deviam existir na sepultura, não foram recolhidas.

Mede esta peça $0^{m},225$ no comprimento, e na largura da lamina, junto aos angulos externos, $0^{m},042$, n'estes angulos $0^{m},065$, e na extremidade inferior do espigão $0^{m},032$. O diametro dos orificios é de $0^{m},005$.

A ponta de lança, que estava inteira, tem a fórma das que estão representadas nas fig.as 1.ª, 2.ª e 4.ª da estampa 12.ª, volume 4.º, da obra de Estacio da Veiga, a duas das quaes este chama facas ou adagas, classificando a outra de adaga, provenientes do sitio das Antas e da necropole do Serro da Eira da Estrada; typo reproduzido na alludida obra do sr. Cartailhac, pag. 216. Mas tem quatro orificios na base, e estes são circulares. Duas pequenas cavilhas de cobre conservam-se ainda fixas nos respectivos orificios; e a $0^{m},02$ da base convexa da lamina nota-se uma pequena

aresta transversal formada, segundo parece, por aggregação terrosa, que indica o ponto onde terminava a haste em que a peça era fixada.

Mede no comprimento $0^{m},147$, na maior largura da base $0^{m},032$ e na espessura maxima $0^{m},0015$. Se a oxydação não causou a perda d'uma parte consideravel da primitiva espessura d'esta arma, não nos parece que ella tivesse mais vantagens do que uma ponta de lança de silex: antes pensamos que lhe seria muito inferior.

O fragmento da outra ponta de lança tem quatro entalhos lateraes junto á base, que serviam, sem duvida, para fixal-a por meio d'algum fio ou fibra na respectiva haste. Mede $0^{m},029$ na maior largura e $0^{m},002$ na espessura.

Esta ultima peça é interessante. Estacio da Veiga apresentou as pontas com entalhos na base como fundamentalmente caracteristicas das estações de transição do neolithico para o cobre, e as pontas com orificios e cavilhas na base como caracteristicas da plena epocha do cobre; mas na necropole da Campina, onde não ha instrumentos de pedra, nem vestigios d'elles, pois que todos são de cobre, das duas unicas pontas de lança conhecidas uma tem entalhos e outra orificios. Isto quer dizer que em plena epocha do cobre qualquer dos methodos de fixar as pontas de lança não exclue o outro, poisque coexistiram ambos [1].

Emfim o adorno de ardosia polida é muito importante para nós. Se porventura recorda a idade da pedra, nem por isso lhe pertence. A pedra, empregada só nos adornos, não é pertença d'uma epocha: ainda hoje as rochas figuram n'esses objectos entre os povos mais civilisados. Nós encontrámos uma placasinha de osso nos depositos de Santa Olaya, concelho da Figueira, com a fórma d'aquella:

1. Convém notar que na primitiva estação de Hissarlik, que pertence á epocha do cobre, Schliemann recolheu facas que tinham orificios para receberem cavilhas que as fixassem nos cabos (*Ilios*, pag. 314—315).

era rectangular e alongada, e tambem tinha um orificio junto a cada uma das extremidades; mas continha uma singular ornamentação, que aqui não importa conhecer. Estava associada a louças grosseiras, mas muito mais duras do que as da Campina.

Mede o objecto da Campina $0^{m},071$ no comprimento, $0^{m},022$ na maior largura e $0^{m},004$ na espessura. Os orificios são de fórma conica e abertos pelas duas faces da placa.

Nenhum adorno semelhante tem sido encontrado por nós entre o mobiliario da necropole neolithica da Serra do Cabo Mondego, posto que tenhamos encontrado alguns com dois orificios.

Quanto ao modo de o suspender, pensamos que o fio do collar devia passar pelos dois orificios, afim de manter o objecto em posição horisontal. Assim temos collocado o seu similar de Santa Olaya em um collar restaurado que se acha exposto no Museu Municipal da Figueira [1].

Considerando a diversidade d'estes objectos e dos descobertos por nós, e que a nossa exploração, como dissémos, só comprehendeu verdadeiramente duas sepulturas, tendo sido as outras excavadas sem uma observação minuciosa, é facil presumir que a necropole, methodicamente explorada, deve fornecer despojos abundantes, talvez sufficientes para explicarem uma das epochas mais obscuras e mais interessantes da idade dos metaes no Algarve.

1. Devemos advertir que Schliemann recolheu nas quatro primeiras estações prehistoricas de Hissarlik umas placas de schisto, perfeitamente semelhantes ao exemplar da Campina, que elle classifica como afiadores ou pedras d'amolar (*Ilios*, pag. 310).

II

ALGUNS VESTIGIOS DA EPOCHA DO COBRE

COLLIGIDOS NO

MUSEU MUNICIPAL DA FIGUEIRA

Para affirmar a existencia d'uma epocha do cobre em Hespanha, succedendo á da pedra polida e precedendo a do bronze, Vilanova apresentou na 9.ª sessão do Congresso Internacional d'Anthropologia e d'Archeologia Prehistoricas, celebrada em Lisboa (1880), alguns machados chatos de cobre, com fórma semelhante á dos machados neolithicos, uns provenientes de dolmens das provincias de Valencia e da Extremadura, e outros d'Alcoy, na provincia de Alicante, declarando que a analyse chimica d'um dos exemplares tinha verificado a falta absoluta d'estanho ou d'outro metal que não fosse o cobre.

Encetada a discussão sobre este assumpto, o sr. Chantre não julgou a prova sufficiente; e o sr. G. de Mortillet disse que os machados de cobre d'aquelle typo lhe pare-

ciam mais recentes do que os de bronze com outras fórmas [1].

Na mesma sessão o sr. Possidonio da Silva communicou que nos dolmens do Alemtejo se haviam encontrado machados semelhantes de bronze; e o sr. Cazalis de Fondouce, tratando por igual os mencionados pelo sr. Silva e por Vilanova, assim como os do mesmo typo existentes nos museus de Lisboa, no da Universidade e em outras collecções portuguezas e hespanholas, considerou-os todos como prova d'uma industria do bronze na peninsula. O sr. Hildebrand, seguindo as mesmas ideias, tomou esse typo de machados pelo mais antigo da epocha do bronze; ao passo que o sr. Mortillet insistiu que pertencia ao fim da mesma epocha [2].

Não surprehende que ao tempo do Congresso de Lisboa se manifestasse tanta repugnancia em admittir uma epocha do cobre na Hespanha. Apesar de Franks a ter enunciado em geral no Congresso de Stockolmo, em 1874, fundando-se nas analyses chimicas d'alguns machados chatos recolhidos na ilha de Chypre, na India e em outros logares [3], e de Pulski a ter affirmado no Congresso de Budapesth, em 1876 [4], parece que os homens da sciencia não se tinham decidido a sacrificarem ás analyses os numerosos objectos que passavam por serem de bronze, recolhidos nos dolmens, a fim de resolverem a contenda.

Ainda na excellente obra do sr. John Evans sobre a idade do bronze, postoque não se rejeitasse absolutamente a hypothese d'uma epocha do cobre com relação a alguns paizes, o auctor declarava que na Europa poucos vestigios havia d'esta epocha, se é que podia dizer-se que existiam alguns. Onde ella tinha existido era na America do Norte,

1. *Compte rendu*, pag. 352 e seg.
2. *Compte rendu*, pag. 358 e seg.
3. *Compte rendu*, por J. de Baye, pag. 52.
4. Cotteau — *Le préhistorique en Europe*, pag. 200.

e durava ainda quando começou a diffundir-se alli a civilisação europeia, pelo meado do seculo XVI, sendo para notar que o metal era geralmente trabalhado a martello pelos indigenas, e não fundido [1].

Tratando dos machados chatos, com as faces maiores ligeiramente convexas, que representam o typo mais simples, e que a maior parte dos archeologos, com Wilde, considéra a reproducção do typo commum dos machados neolithicos, mencionava o illustre paleoethnologo inglez os exemplares de cobre que haviam sido communicados ao Congresso de Stockolmo, e outros do mesmo metal, mais ou menos puro, provenientes da Babylonia meridional, da Troada, da Austria, Hungria, Italia, Dinamarca, Suecia, Irlanda, França e Hespanha: e comtudo não julgava demonstrado que fossem estes machados que tivessem substituido immediatamente os de pedra polida, porque, havendo machados de bronze com fórma semelhante, podiam os primeiros ter sido tambem fabricados na epocha do bronze, pela raridade momentanea ou local do estanho [2].

Esta explicação tinha o defeito de suscitar duvidas muito graves. Como admittir que desde a India central ate á Irlanda, França e Hespanha tantos povos, n'uma certa epocha ou em divérsas epochas, e como que combinados entre si, faltando-lhes o estanho para prepararem o bronze, reproduzissem todos a mesma fórma de machados em cobre, precisamente aquella que quasi todos os archeologos reconhecem ser a primitiva? Porque não se roproduziram outras fórmas da epocha do bronze? Como combinar uma raridade *local* do estanho com a *generalidade* do fabríco d'esses machados de cobre em tantos logares distantes, alguns com abundancia de estanho nativo? O sr. Evans parece não ter prevenido estas questões. A ultima

1. Vej. a obra do sr. Evans, Introducção, pag. 2-4.
2. Obra cit., pag. 42, 44, e 46.

sobretudo podia abalar profundamente a sua theoria. A India, por exemplo, tinha o estanho na peninsula de Malaca e na ilha de Banca, cujas alluviões o sr. Chantre considera como as mais ricas do mundo e faceis de explorar [1], e nas minas do Khorassan, sobre a fronteira da Persia, já mencionadas por Strabão sob o nome de minas da Drangiania [2]. Seria possivel faltar o bronze nas proprias regiões d'onde se pretende derival-o para o Occidente ?!

Na peninsula iberica tambem não faltavam minas de estanho: a Lusitania até era afamada na antiguidade pela abundancia d'este metal [3]. Poderia faltar o estanho no Occidente, na propria região onde os phenicios o vinham buscar, para espalharem nos mercados do Oriente ?

Na 10.ª sessão do Congresso Internacional, celebrada em Paris (1889), Vilanova voltou á carga sobre a sua these, invocando a associação da industria neolithica com a do cobre puro em diversas cavernas e estações do seu paiz: e então nenhuma discussão se travou sobre este assumpto [4]. Porque ? Durante o tempo decorrido entre as duas sessões do Congresso as ideias de Pulski e de Vilanova tinham recebido o apoio de numerosos factos observados pelos sabios. Em 1886 publicava o sr. Cartailhac a sua notavel obra *Les ages prehistoriques de l'Espagne et du Portugal,* na qual, citando as analyses chimicas de alguns machados portuguezes do referido typo, que tinham verificado a existencia do cobre sem estanho, e invocando a outra

1. Cit. nas *Ant. mon. do Alg.*, pag. 32.
2. Vej. *Hist. de l'Art.* de Perrot e Chipiez, t. 6.º, pag. 952 e nota 4.
3. Vej. as *Ant. mon. do Alg.*, vol. 3.º, pag. 17 e seg.
4. *Compte rendu*, pag. 250-251.

analyse mandada fazer por Vilanova, admittiu uma epocha do cobre na peninsula, e acrescentou o seguinte: «Cette époque du cuivre, que l'on était disposé à nier pendant le Congrés international d'anthropologie á Lisbonne (1880), se révèle aujourd'hui presque partout. Ainsi, en Suisse, le Dr. Gross l'a mise en évidence. En France, les dolmens des Cévennes (Aveyron, Gard, Lozère, Ardèche, Herault, etc.), les grottes sépulcrales de la même région, ont depuis longtemps fourni un plus grand nombre d'objets en cuivre pur qu'en bronze. Les palafittes du Mandsée, en Autriche, conduisent aux mêmes conclusions. Elles ont livré 25 objets de cuivre pur et plusieurs creusets, et, rapprochement notable, parmi ces cuivres se rencontrent les deux types de objets qui se montrent les premiers en Portugal et en Espagne; l'un d'eux ne fait pas défaut dans les dolmens de l'Aveyron [1]».

No prefacio d'esta obra o illustre sabio sr. Quatrefages opinou no mesmo sentido; e já antes o sr. Joly se mostrara disposto a aceitar a epocha do cobre, pelo menos na Hespanha, citando o parecer do sr. Prad [2].

N'outro logar da obra do sr. Cartailhac, onde se trata detidamente dos machados chatos, já muito communs em Portugal e no sul da Hespanha, aquelle escriptor nota que são pela maior parte de cobre, sem ornamentação alguma, e raras vezes apresentam ligeiros rebordos, relacionando-os com os seus similares da Scandinavia, Irlanda, França, Italia, Grecia, Chypre, Troada, Babylonia e India: «partout, accrescenta elle, se retrouvent ces instruments de forme simples et qui sont souvent en cuivre pur.» Nas palaffitas da Suissa apparece exclusivamente esse typo em estações do fim da epocha neolithica, indicando serem dos primeiros instrumentos metallicos usados pelos povos lacustres [3].

1. Vej. a obra cit. no texto, pag. 211.
2. *L'Homme avant les metaux*, pag. 19-20 e nota 1.
3. Obra cit., pag. 229 e seg.

Por tal fórma tem progredido a ideia d'uma epocha do cobre, fundada principalmente nos machados d'aquelle typo, que Perrot e Chipiez, fallando da industria na mais antiga estação de Hissarlik, explorada por Schliemann, abandonam todas as hesitações, para affirmarem a existencia d'essa epocha no Oriente. «On en est, dizem elles, encore là á cet âge du cuivre qui partout parait avoir précédé l'âge du bronze». Mais adiante: «Il a été démontré que l'Egypte, la Chaldée, la Syrie et l'île de Cypre ont passé par cet âge du cuivre. La même marche a dû être suivie dans le bassin de la mer Égée. Dans les outils de la bourgade primitive, à Hissarlik, pas d'etain; une scie trouvée á Santorin, sous les cendres du volcan, est en cuivre et non en bronze [1]».

A esta conclusão tinha tambem chegado o sr. W. Chandier Roberts, de Londres, professor de metallurgia na Escola Real de Minas, analysando os metaes recolhidos por Schliemann em Hissarlik; e era a opinião do proprio Schliemann [2].

Depois da obra do sr. Cartailhac publicou Estacio da Veiga o 3.º e 4.º volumes das *Antiguidades monumentaes do Algarve,* em que reuniu todos os elementos então conhecidos sobre a epocha do cobre na peninsula, addicionando-lhes os que colhera nas suas proprias explorações. Referindo-se á Hespanha, citou o facto de se encontrarem os machados chatos de cobre e os martellos de pedra nas minas de cobre d'este paiz, como prova de estas terem sido exploradas n'uma epocha em que não era conhecido outro metal [3]; e citou tambem as descobertas de objectos reco-

1. *Hist. de l'Art.*, t. 6.º, pag. 952.
2. *Ilios*, pag. 314-315 e 323.
3. É preciso não confiar no argumento, com relação aos martellos de pedra, porque até para trabalhar o ferro têem sido empregados. Em epocha não muito remota os ferreiros irlandezes serviram-se d'elles; e os povos da Illiria (Africa septentrional) ainda actualmente os usam. Vej. *L'Homme avant les métaux*, pag. 23.

nhecidamente neolithicos, associados exclusivamente a artefactos de cobre, feitas pelos srs. Henri e Luis Siret, engenheiros belgas, no sul da Hespanha, a presença do mesmo metal nos dolmens da provincia de Granada, descriptos por Gongora y Martinez, assim como os trabalhos de Vilanova, e a descoberta de sepulturas com mobiliario de cobre nas provincias de Sevilha e de Huelva, indicando tudo que fôra este metal que succedera á pedra.

Com relação a Portugal mencionou numerosas minas de cobre, especialmente no Algarve, muitas com vestigios d'exploração na epocha em que eram usados os machados chatos do mesmo metal e os martellos de pedra; e notou que estes machados e outros objectos de cobre tinham tambem apparecido em sepulturas trapezoidaes de Odemira e de Villa Nova de Milfontes, associados a mobiliario neolithico, e que as analyses chimicas dos objectos metallicos recolhidos nas grutas de Palmella e de Cascaes, onde o resto do mobilliario era igualmente neolithico, tinham provado que eram feitos de cobre, e não de bronze, como aliás se havia imaginado; provas não menos concludentes de que em Portugal, como na Hespanha, fôra o cobre o successor da pedra.

Em reforço d'esta these veio a necropole neolithica de Alcalá, onde encontrou em dolmens alguns objectos que as analyses chimicas provaram serem de cobre, e em seguida a estas estações de transição descreveu muitas outras que reputou da plena epocha d'esse metal, apresentando desenhos de muitos machados chatos, como caracteristicos de toda esta interessante phase da civilisação na peninsula.

Entre estes instrumentos figuram dois provenientes do sitio de Caldellas, freguezia da Caranguejeira, concelho de Leiria, que appareceram com muitos outros objectos de cobre na margem da ribeira de Pouzos, confluente do Liz, depois d'uma grande cheia que teve logar no inverno de 1887, e muitos exemplares encontrados nas raizes d'um ve-

lho carvalho em Espite, concelho de Villa Nova d'Ourem, que foram adquiridos pelo sr. Sande e Castro, amador de antiguidades [1].

É, pois, fóra de duvida que os machados chatos de cobre têem uma importancia consideravel na sciencia, e muito particularmente na paleoethnologia portugueza. Não é verosimil que o homem, conhecendo o bronze, que é muito mais fusivel e duro do que o cobre, lhe preferisse este ultimo metal para o fabrico dos instrumentos que eram destinados aos mais rudes mistéres. Por outro lado o typo d'esses instrumentos, reproduzindo o mais usual dos machados neolithicos, e apparecendo em muitos paizes, fabricado com o cobre, é um valioso argumento a favor da hypothese de que os habitantes d'esses paizes tinham passado immediatamente da industria neolithica para a d'aquelle metal.

Por isso é da maior conveniencia tornar conhecidos todos os exemplares d'esses machados que se forem colligindo. D'estas peças depende, em grande parte, a completa solução do interessante problema da primeira epocha dos metaes.

Nós já conseguimos colligir tres. São todos provenientes do thesouro de Espite, que o sr. Sande e Castro não adquiriu por completo; e acham-se expostos no Museu Municipal da Figueira.

Estes objectos apresentam precisamente o typo de que têmos fallado. São massiços, chatos, com fórma trapezoi-

1. Vej. o vol. 4.º pag. 152 e seg.

dal, secção quadrangular e gume convexo, tendo tambem as faces maiores ligeiramente convexas no sentido longitudinal; typo muito commum nos machados neolithicos do concelho da Figueira, e que se encontra muito bem representado em um machado de schisto proveniente do dolmen do Facho, na serra de S. Bento, freguezia de Maiorca, que em outro logar teremos de descrever.

Entretanto alguma differença se nota entre os tres exemplares, como já se podia ter notado entre a fórma representada na figura 7.ª da estampa VIII e as das figuras 8.ª e 19.ª da estampa XIX, volume 4.º, da obra de Estacio da Veiga. Um tem os bordos lateraes ligeiramente convexos no sentido longitudinal; e proximo do gume esses bordos projectam-se um pouco para fóra, formando uma concavidade e terminando em angulo saliente com o gume. Figura 1.ª Este exemplar, antes de extrahida uma parcella do metal para a analyse chimica, pesava 376 grammas; e mede no comprimento $0^{m},107$, na largura entre os angulos externos do gume $0^{m},049$ e no topo $0^{m},023$, e na maior espessura $0^{m},014$.

Outro tem os bordos lateraes ligeiramente concavos no sentido longitudinal. Figura 2.ª Está recurvado sobre uma das faces maiores, do lado do topo, e pesa 375 grammas. Mede no comprimento $0^{m},103$, na largura do gume $0^{m},053$ e do topo $0^{m},028$, e na maxima espessura $0^{m},014$.

O terceiro tem os lados rectilineos. Figura 3.ª Pesa 125 grammas; e mede no comprimento $0^{m},1$, na largura do gume $0^{m},053$ e do topo $0^{m},018$, e na maxima espessura $0^{m},0065$.

São todos de cobre, sem liga alguma. Da massa interna de cada exemplar, onde não penetrava a oxydação, se extrahiu uma porção sufficiente de metal sobre que operou o sr. Sotero Simões d'Oliveira, encarregado das analyses chimicas no Museu da Figueira; e foi verificado não conter estanho ou outro metal além do cobre. Eis o rela-

torio em que o sr. Oliveira expõe o processo seguido nas analyses e os resultados que obteve:

Analyse chimica qualitativa de tres machados chatos, em fórma de trapezio, existentes no Museu Municipal da Figueïra da Foz, que me foram dados, para proceder á sua analyse, pelo conservador Antonio dos Santos Rocha.

«Segui n'esta analyse o methodo que se acha descripto nos *Elementos d'analyse chimica qualitativa* do ex.mo sr. Joaquim dos Santos e Silva, e procedi do modo seguinte:

Perfurando os machados no centro, extrahi d'elles a quantidade necessaria para separadamente fazer a analyse.

Tratei-a pelo acido azotico, que effectuou a solução completa, dando um liquido azul; e, depois de eliminado o excesso d'acido pela evaporação, ajuntei agua distillada e tratei o liquido pelo gaz sulphydrico, que deu abundante precipitado negro.

Este precipitado, que podia conter o estanho, o chumbo, o cobre e outros metaes, foi separado por filtração, lavado com agua distillada, posto em contacto com o sulfureto d'ammonio por algum tempo e novamente separado por meio do filtro. O liquido filtrado, sendo tratado pelo acido chlorhydrico diluido, deu precipitado levemente amarellado, que fervido com o acido chlorhydrico concentrado deixou residuo d'enxofre; e o liquido tratado pelos reagentes caracteristicos do estanho manifestaram ausencia d'este metal.

O precipitado negro que ficou insoluvel no sulphureto d'ammonio foi tratado pelo acido azotico, que o dissolveu, deixando apenas um residuo d'enxofre; a dissolução foi evaporada até quasi á seccura, e o residuo tratado pela agua

distillada. No liquido azul assim obtido existia apenas o cobre, pois que os reagentes que caracterisam os outros metaes que o hydrogenio sulphurado póde precipitar n'um liquido acido deram resultado negativo.

No liquido separado do precipitado produzido pelo hydrogenio sulphurado o sulphureto d'ammonio não deu precipitado algum, o que mostra a ausencia do ferro e d'outros metaes do mesmo grupo.

D'estes resultados concluo que os machados submettidos ao meu exame são formados exclusivamente pelo cobre.»

Seriam estes machados fundidos em molde ou trabalhados a martello? Nós não sabemos.

Uma questão analoga atormentou os archeologos com relação aos machados de cobre da America do Norte; e muitos ficaram na persuasão de que estes instrumentos haviam sido fundidos em molde.

Entretanto a descoberta, feita no sul da Hespanha pelos srs Henri e Luiz Siret, de moldes de pedra, para a fundição dos machados d'aquelle typo, póde bem apoiar a hypothese de os nossos exemplares terem sido realmente fundidos, e não trabalhados a martello.

É certo que no da figura 2.ª os bordos lateraes, na metade inferior, e o topo foram feridos com um instrumento contundente; mas a falta d'oxydo n'estes pontos e por outro lado a circumstancia de o resto dos bordos e as faces maiores estarem carcomidos provam, a nosso ver, que esse trabalho é muito moderno.

Onde parece haver vestigios de trabalho de percussão antigo é no topo e nos angulos externos do gume do exemplar que representamos na figura 1.ª Provavelmente este objecto, depois de fundido, foi aperfeiçoado n'aquelles pontos a choques de percutor.

Não repugnaria comtudo admittir que estas peças tivessem sido inteiramente forjadas. Eis o que a este respeito diz o sr. Evans, referindo-se ao trabalho do cobre pelos indios da America do Norte: «*A priori*, il est extrémement probable que ces instruments ont dû d'abord être forgés et non fondus. Sur certains points des rives du lac Supérieur le cuivre natif se trouve en grande abondance, et il a certainement dû attirer l'attention des premiers occupants du pays. Habitués à se servir de la pierre, ils n'ont sans doute vu dans ce métal qu'une pierre plus lourde que les autres, et lorsqu'ils on voulu la tailler, ils ont dû reconnaître sur-le-champ qu'elle cédait sous les coups au lieu de se briser, et, en un mot, que c'était une pierre malléable. Le sauvage de l'Amérique du Nord tira parti de cette proprieté, et parvint à fabriquer des pointes de lance avec une douille pour y adapter la hampe; pour cele, il n'avait qu'à travailler au marteau la base de la pointe de lance et à la replier pour former la douille, tout comme on fait aujourd'hui pour certains outils en fer [1]».

A mesma explicação póde dar-se relativamente aos machados. O cobre nativo existe em Portugal, como se vê das noticias colligidas por Estacio da Veiga; e este affirmou que encontrara artefactos d'este metal simplesmente forjados e outros fundidos, notando que em algumas pontas de lança o trabalho das arestas lateraes fôra feito a percutor [2].

Do mesmo modo, pelo nosso escripto sobre a necropole da Campina, vê-se que uma adaga de cobre fôra fundida e duas pontas de lança do mesmo metal simplesmente forjadas.

1. *L'age du bronze*, Introd., pag. 3.
2. Vej. *Ant. mon. do Alg.*, vol. 3.º, *signanter* a pag. 54-55 e 62.

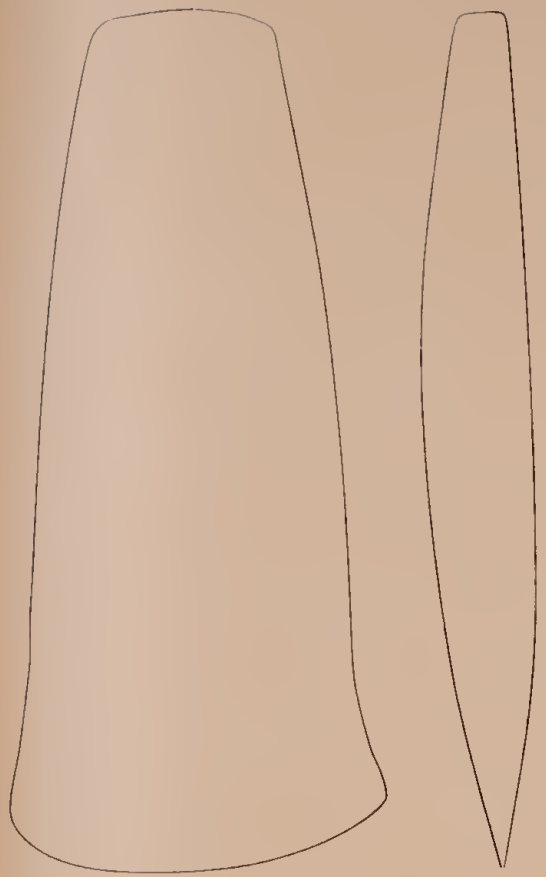


Fig. 1

(Peso 375 gr.)

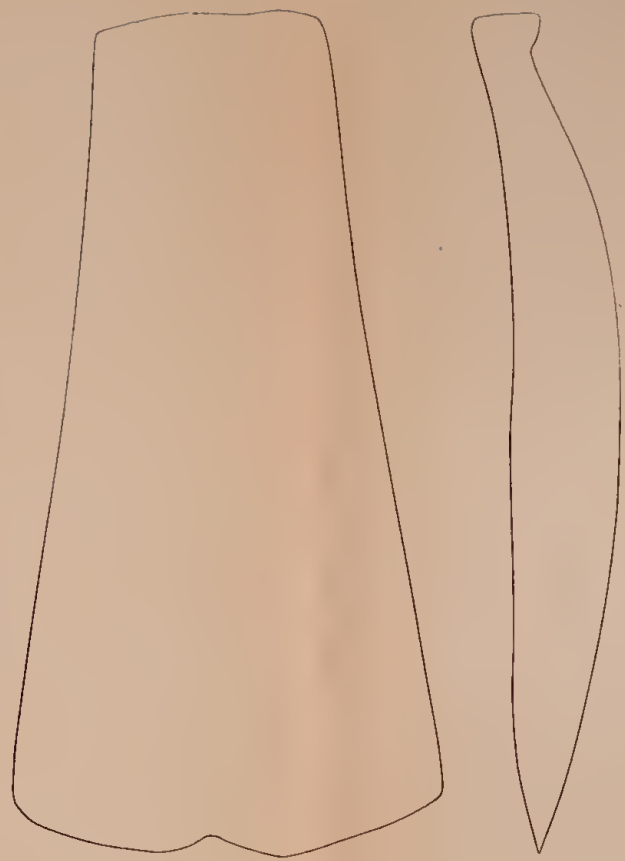


Fig. 2

(Peso 375 gr.)

Fig. 3

(Peso 125 gr.)

EPOCHA LUSO-PHENICIA

A NECROPOLE PROTO-HISTORICA

DA

FONTE VELHA, EM BENSAFRIM

No anno de 1878 o reverendo Manuel José de Barros, parocho em Bensafrim, assignalou a Estacio da Veiga o sitio da Fonte Velha ou Solões da Mina, a 1 kilometro approximadamente do povoado, como estação rica em monumentos sepulcraes de remotas eras, d'onde se haviam já extrahido algumas lages com inscripções em caracteres exoticos. Estacio da Veiga procedeu á exploração do local; e encontrou as dezesete sepulturas rectangulares que são descriptas na sua obra sobre a prehistoria do Algarve [1]. Estavam a profundidade variavel, todas orientadas, no seu eixo maior, de NNO a SSE, por debaixo d'uma necropole romana por incineração; e quasi todas mediam internamente pouco mais de 1^m no comprimento e de $0^m,50$ na largura, variando a profundidade entre $0^m,35$ e $0^m,70$. Den-

1. *Ant. monum. do Alg*, t. 4.º, pag. 251 e seg.

tro d'ellas descobriu o illustre explorador ossos humanos, algumas lascas de silex e de quartzite, artefactos de ouro, cobre, chumbo, bronze e ferro, contas de vidro, sendo muitas d'estas esmaltadas, fragmentos d'uma urna de barro escuro, com pasta grosseira, mas bem cosida, e outros restos de louça ordinaria.

Uma das sepulturas era feita com lages de grés vermelho; e n'outra uma das lages lateraes tinha gravada uma inscripção em caracteres chamados ibericos. Ácerca das inscripções d'esta natureza, que se encontram na necropole, nota que ellas formam os flancos ou os topos das sepulturas, e estão voltadas para dentro.

Apesar da *mais escrupulosa observação* com que o insigne archeologo declarou ter feito as explorações, não se sabe se as sepulturas eram cobertas com lages — qual a posição dos ossos humanos — se cada sepultura continha um só esqueleto — e sobretudo se haveria indicios de profanações; circumstancias que, a nosso ver, eram da maxima importancia.

A interessante necropole foi por elle attribuida á primeira idade do ferro, não só por ter recolhido tres artefactos d'este metal, mas porque contas de vidro semelhantes ás da Fonte Velha foram encontradas na necropole de Villanova (Italia), explorada por Gozzidini e pertencente áquella epocha, e em outras necropoles mencionadas pelo sr. Chantre na sua obra sobre a primeira idade do ferro.

Das inscripções em caracteres ibericos, que, segundo boas auctoridades, derivam do alphabeto phenicio, e que o proprio Estacio da Veiga reconheceu que existem em grande parte nas mais antigas inscripções phenicias de Carthago e de outras estações do Mediterraneo, nenhum argumento parece ter tirado aquelle auctor para determinar a epocha da necropole; porque encontrou inscripções semelhantes em estações que suppoz typicas da epocha do bronze e até em um caco da epocha neolithica, que o sr. Gongora y Mar-

tinez recolhera na *Cueva de los Murciélagos,* em Albuñol, provincia de Granada; caco em que o sr. Martinez vira, e muito bem, apenas um adorno.

Tendo presentes estas indicações, mas sem opinião formada sobre a epocha da necropole, sobretudo não havendo estudos feitos sobre a primeira epocha do ferro em Portugal, proseguimos em março ultimo a exploração do sitio, sujeitando todo o trabalho á nossa observação pessoal. Serviu-nos de guia o illustrado prior de Bensafrim, reverendo Antonio José Nunes da Gloria, um dos melhores ornamentos da archeologia do Algarve, a quem Estacio da Veiga devera assignalados serviços, e que conhecia bem os pormenores da exploração que este havia feito n'aquella localidade. Foi elle que nos marcou no terreno a área d'esta exploração; que nos assistiu com o seu prudente criterio em todos os trabalhos; e que afinal levantou a planta das nossas descobertas, que se acha hoje no Museu Municipal da Figueira, e na qual foram relacionados os trabalhos de Estacio da Veiga com os nossos. Por isso aproveitamos aqui o ensejo de mais uma vez prestarmos homenagem a esse illustre varão, tão distincto nas lettras como nas artes e na prática das virtudes christãs, testemunhando-lhe publicamente o nosso reconhecimento e a sincera admiração que sentimos pelo seu merito, tanto mais apreciavel quanto é grande a sua modestia.

A nossa excavação cercou a área explorada anteriormente pelo O, S e SSE, n'uma extensão de mais de 30^{m}; mas pelo N penetrou n'essa área, descobrindo-nos tres novas sepulturas, uma das quaes, segundo a informação do nosso excellente guia, tinha já sido posta a descoberto por Estacio da Veiga, que a tomára como resto de construcção romana, deixando-a intacta como nós a encontrámos, e que

afinal foi precisamente a que nos forneceu o melhor dos resultados que colhemos n'aquella necropole.

Na camada superior do terreno explorámos uma necropole luso-romana por incineração, que é objecto d'um escripto que estamos publicando no *Archeologo Portuguez;* e por debaixo, a profundidade variavel entre $0^m,50$ e $0^m,80$, encontrámos e explorámos quatorze sepulturas da necropole proto-historica, isto é, menos tres apenas do que as descobertas e exploradas pelo nosso predecessor.

Estas sepulturas não eram todas rectangulares e orientadas de NNO a SSE, como as mencionadas por Estacio da Veiga. Apenas quatro tinham apparentemente a fórma rectangular. Oito das restantes eram trapezoidaes. uma triangular e outra semicircular. Onze tinham o eixo maior no rumo de ONO a ESE, e uma no de NNE a SSO. A triangular offerecia um dos lados a NO; e a semicircular tinha a concavidade voltada para ONO.

Tambem a profundidade não apresentava as grandes differenças indicadas por Estacio da Veiga. Nenhuma sepultura tinha menos de $0^m,65$; e nem o modo de inhumação permittia talvez menor profundidade para individuos adultos.

Lages brutas de grés e algumas de calcareo, cravadas de cutello na argilla do sub-solo e sensivelmente inclinadas para fóra, formavam os lados de treze d'essas sepulturas; mas uma d'ellas tinha um dos lados formado, em parte, com alvenaria secca. A semicircular era toda construida com esta alvenaria.

Uma das rectangulares, orientada, no seu eixo maior, de ONO a ESE, offerecia a singularidade de ter do lado de ESE dois renques de lages parallelas, um ligado ao flanco de SSO e o outro ao de NNE, que era o mais comprido, sendo este segundo renque que envolvia o outro, de modo a formar alguma cousa semelhante a um pequeno corredor ou canal de $0^m,20$ de largura, communicando com

o interior do monumento. Esta circumstancia excepcional coincide com a de ser essa a unica sepultura onde jaziam dois esqueletos, um do lado ONO e o outro no de ESE.

As sepulturas trapezoidaes mediam internamente, no comprimento, entre 1m,10 e 1m,40, no lado que figurava a base do trapezio entre 0m,70 e 1m,30, e no lado fronteiro quasi todas 0m,50 a 0m,70. As rectangulares mediam de 1m,10 a 1m,35 no comprimento e 0m,70 a 0m,80 na largura. Os lados da triangular tinham de 0m,90 a 1m; e a semicircular approximadamente 0m,70 de diametro.

Esta ultima não tinha cobertura alguma, nem indicios de remeximento no deposito. Quatro das outras eram cobertas com lages brutas collocadas horisontalmente, e tambem não apresentavam signaes alguns de profanação ou remeximento. As nove restantes já não tinham tampa; mas cinco d'estas não offereciam outros vestigios de profanação. Só quatro pareciam remexidas até ao fundo.

Nós colhemos provas manifestas de que estas sepulturas foram primitivamente todas cobertas. Encontrámos algumas das respectivas lages, ainda inteiras, ao lado das sepulturas, e restos de outras que os homens da necropole superior partiram, applicando muitos fragmentos a protegerem as urnas cinerarias.

Os remeximentos nos depositos d'essas sepulturas devem ter sido obra dos mesmos homens. Encontrando nas suas excavações, para formarem as fóssas em que incineravam os seus mortos e sepultavam as urnas, as lages de cobertura das sepulturas inferiores, e levantando-as, viram necessariamente bem delineada nos topos dos supportes a fórma d'esses monumentos escondidos no seio da terra; e por vezes, talvez emquanto não se convenceram da pobreza do espolio que elles encerravam, fizeram descer as excavações até ao fundo, arrastando e dispersando nos entulhos extrahidos os frageis restos que continham.

Bastará um dos factos por nós observados para con-

firmar inteiramente esta hypothese. Um deposito luso-romano de cinzas e carvões vegetaes, contendo vasos de vidro, bronzes e uma urna cineraria, estava dentro d'uma sepultura da necropole inferior, penetrando $0^{m},15$ a $0^{m},20$ abaixo dos topos dos supportes; e estes tinham vestigios d'um fogo intenso, indicando que a cremação do morto, cujas cinzas foram encerradas na urna, se fizera n'aquelle mesmo logar. D'ahi para baixo, até ao fundo argilloso da sepultura, o entulho, com fraca cohesão, foi absolutamente esteril. Os proprios ossos humanos tinham desapparecido!

A camada superior do terreno, onde se achava a necropole luso-romana, continha, disseminados, muitos objectos neolithicos, assim como alguns fragmentos de ceramica, uns semelhantes ás louças neolithicas e ás da necropole da Campina, e outros com caracteres da roda do oleiro, havendo até pela superficie da terra alguns com feição arabe.

Ás vezes no meio do entulho das sepulturas da necropole inferior, que haviam sido profanadas, apparecia isoladamente alguma lasca de silex, e em uma d'ellas recolheu-se um pequeno fragmento de ceramica com pasta perfeitamente igual á da mais antiga da camada superior. Para nós ficou bem manifesto que estes objectos foram introduzidos com o entulho, quer no acto da inhumação, quer por occasião das profanações.

Á mesma causa deve attribuir-se a presença dos silices e quartzites que Estacio da Veiga encontrou em sepulturas por elle exploradas.

Cumpre advertir que nós descobrimos a algumas dezenas de metros das sepulturas que explorámos, uma grande quantidade de pedras brutas, pela maior parte de fórma polygonal irregular, parecendo ruinas d'uma ou mais construcções, entre as quaes se encontraram cinzas e fragmen-

tos de pequenos vasos, semelhantes, na grosseira estructura da pasta, mas não na fórma, ás louças da Campina. Esses vasos tinham fundo de prato. Ruinas semelhantes forneceriam provavelmente esses fragmentos de louça primitiva que encontrámos esparsos no terreno que cobria a necropole de que tratamos.

Nenhuma das sepulturas que explorámos, forneceu louça, a não ser o fragmento a que nos referimos. A profanação podia talvez ter feito desapparecer todos os vestigios d'ella, o que não era muito provavel; mas a sua falta em nove sepulturas, umas intactas e outras em que a profanação não chegára ao deposito mortuario ? !

Tambem nenhum objecto de metal, a não ser um pequenissimo bocado que parece bronze, forneceram todas as nossas sepulturas. Esse objecto foi encontrado em uma sepultura que fôra profanada até ao fundo, como provaram a falta de ossos humanos que n'ella notámos e a desordem em que se acharam as contas de vidro.

O que mais surprehende, em face das declarações de Estacio da Veiga, é a falta dos objectos metallicos nas sepulturas não profanadas, sobretudo n'aquella em que encontrámos o cippo com inscripção iberica, que devia provavelmente pertencer a um personagem de mais importancia.

Por outro lado é preciso notar que nós recolhemos na necropole luso-romana argolas de bronze que parecem semelhantes áquellas que Estacio da Veiga diz ter encontrado na necropole inferior e de que apresenta os desenhos na sua obra [1]; e que não encontrámos em sepultura alguma a camada de lascas de pedra que elle notou em sepulturas onde recolheu os objectos de ferro e chumbo e duas das referidas argolas.

Tudo isto dá logar a muitas conjecturas, que nós por

1. D'estes objectos damos noticia no *Archeologo Portuguez*.

emquanto nos abstemos de formular e discutir, mas que, a nosso ver, não influem na questão da idade da necropole.

Todas as sepulturas que reputamos profanadas até ao fundo, não continham vestigios apparentes de ossos humanos; e só duas d'ellas forneceram contas de vidro, mais ou menos disseminadas no entulho.

Das restantes uma continha fragmentos de dois esqueletos, como já dissémos, e cada uma das outras restos d'um esqueleto, e algumas tambem contas de vidro. Os ossos, com excepção dos encontrados na sepultura semicircular, estavam completamente apodrecidos, mal se distinguindo, a olhos pouco exercitados n'estes estudos, do proprio entulho que os envolvia e de que haviam tomado a côr. Por isso apenas aproveitámos alguns fragmentos. São notaveis, pela sua extraordinaria espessura, os fragmentos de femur provenientes da sepultura semicircular.

Nos outros apenas nos feriu a attenção a platycnemia attenuada d'uma tibia.

Em todas as sepulturas orientadas de ONO a ESE, que continham um só esqueleto, os ossos d'este estavam agglomerados para o lado de ESE. Este facto e o comprimento das sepulturas, que não permittia a inhumação horisontal de individuos adultos, assim como a sua profundidade, provam que os corpos eram inhumados de cocaras.

Na sepultura orientada de NNE a SSO, que era a que continha a inscripção iberica, o corpo fôra inhumado do mesmo modo do lado de NNE. Agglomerados estavam tambem os ossos do esqueleto na sepultura semicircular e os de cada um dos dois esqueletos na sepultura rectangular que tinha os dois renques de lages do lado de ESE.

A inhumação de cocaras representa um uso antiquissimo, que nós temos observado nos monumentos neolithicos da Serra do Cabo Mondego; e afasta-se do modo de inhumação que notámos na necropole da Campina, perten-

cente á plena epocha do cobre, segundo os dados colligidos até ao presente.

Na sepultura da inscripção iberica nós podémos observar a verdadeira situação das contas de vidro. Estavam junto aos fragmentos do craneo e dispostas seguidamente em duas curvas na direcção transversal da sepultura.

As contas d'este monumento, as maiores de todas, são esphericas e feitas de vidro preto, conservando restos d'esmalte branco. Vê-se perfeitamente que eram formadas por um nucleo quadrangular de vidro negro, atravessado por um orificio, e coberto por laminasinhas alternadas de vidro negro e de esmalte branco.

As outras são de vidro azul ou de vidro verde esmaltado de branco, com fórma discoide ou espherica e de diversas dimensões; mas ha uma, espherica, de côr rosea, e outra tubular de vidro amarellado.

Todas estas contas têem similares nas que Estacio da Veiga representa na estampa XXVIII, fig.as 1.ª a 5.ª, terceiro exemplar superior da fig.ª 6.ª e nos tubosinhos mais estreitos da fig.ª 7.ª, da sua obra sobre as antiguidades do Algarve.

A inscripção é gravada sobre uma lage bruta de grés vermelho, de fórma irregular, medindo no comprimento $1^{m},34$ e na maxima largura $0^{m},65$. Esta lage fazia parte da tampa da sepultura, e tinha a face da inscripção voltada para baixo. Estava partida em tres partes pela pressão vertical das terras: mas os fragmentos conservavam as relações; e, quando estes foram levantados, os caracteres da

inscripção appareceram reproduzidos em relevo no entulho sobre que assentavam.

A inscripção tem de ser publicada no *Archeologo Portuguez*; e d'ella se enviou copia ao sr. Hübner. Por isso apenas diremos aqui que é gravada da direita para a esquerda, como na mais antiga escripta semitica.

Estacio da Veiga baseou-se no apparecimento dos artefactos de ferro para classificar esta necropole. Nós temos uma orientação diversa. Ignoramos se as sepulturas em que foram encontrados taes objectos apresentavam ou não indicios de profanação; mas pensamos que, admittida a hypothese de o deposito primitivo ser encontrado intacto, a presença do ferro não seria bastante para attribuir a necropole aos *primeiros tempos* do uso d'este metal, assim como a sua falta não seria argumento absolutamente seguro para demonstrar que aquella pertenceria a uma epocha anterior, porque é sabido que o ferro foi de uso mui restricto até na antiguidade historica. Nós temos encontrado numerosas sepulturas manifestamente luso-romanas em que não appareceu aquelle metal: ao passo que outros descobriram sepulturas phenicias em que o ferro até se encontrou nos pregos e argolas dos esquifes [1].

O facto só nos auctorisaria a affirmar que a necropole pertence á idade do ferro; e nada mais.

Ainda ninguem fez estudos bastantes para se estabelecerem as caracteristicas da primeira epocha do ferro em Portugal, e não são de certo os elementos fornecidos pela necropole de Bensafrim que nos auctorisam a preencher esta lacuna da sciencia.

Da presença das contas de vidro e do facto de se ha-

1. *Hist. de l'Art.*, de Perrot e Chipiez, t. 3.º pag. 192 e 193.

verem encontrado exemplares, que se dizem semelhantes, em estações estrangeiras, que alguns reputam da primeira epocha do ferro, tambem nada póde concluir-se seguramente, para fazer recuar a nossa necropole até essa epocha. É o proprio Estacio da Veiga que confessa a falta de elementos para comparar as estações descriptas pelo sr. E. Chantre com o pouco que da mesma epocha o illustre archeologo portuguez julga estar descoberto no nosso paiz, notando até que nenhum dos artefactos de bronze ou de ferro, provenientes d'essas estações, tem similares conhecidos em Portugal. A necropole de Hallstatt, na Austria, considerada typica da primeira epocha do ferro, tambem lhe não serve para comparação: e, o que é mais notavel, a propria necropole de Villanova não é, segundo elle, estação classica para a Peninsula [1]. Só n'uma cousa ella é classica para a Peninsula: — é nas contas de vidro, n'essas contas que nem a gente de Villanova nem a da Fonte Velha fabricavam! Assim seriamos levados a admittir para a Peninsula uma primeira epocha de ferro que em nenhum dos artefactos que lhe seriam proprios, se assemelharia á primeira epocha de ferro nas outras regiões da Europa, ainda as mais proximas!

O que parece fóra de duvida, para nós, é que a necropole é pre-romana. A sua situação por debaixo da necropole luso-romana, a fórma e dimensões das sepulturas, o modo de inhumação e ausencia absoluta de qualquer objecto de fabrica romana nos depositos mortuarios não profanados, são argumentos que não têem facil resposta.

Mas, sendo pre-romana, pertencerá ao periodo d'influencia d'algum d'esses povos, apenas mencionados na his-

1. Obra cit., t. 4.º, pag. 241-242, 248-249.

toria, que antes dos romanos se estabeleceram na Peninsula? Nós assim o pensamos. Deve pertencer ao periodo da influencia phenicia ou lybi-phenicia, isto é, ao periodo que immediatamente precedeu o da influencia romana, como indicam as contas de vidro e a inscripção em caracteres ibericos.

Não tentaremos longas dissertações para o demonstrar. Este apparato de erudição não nos ficaria bem, attendendo á nossa manifesta insufficiencia em assumptos de epigraphia e de archeologia phenicias. Limitamo-nos apenas a exhibir as opiniões dos mestres, de modo a collocar os nossos contradictores na necessidade de os refutarem.

Perrot e Chipiez, tratando da industria do vidro entre os phenicios, apresentam collares da estação phenicia de Tharros (Sardenha) e outros provenientes das explorações de M. Renan na Phenicia, em que se encontram contas iguaes ás nossas; e citam exemplares semelhantes encontrados na parte mais antiga da necropole de Tarquinii e nos mais velhos tumulos de Cumas e de Syracusa [1]. Tal é a auctoridade d'estes escriptores que o proprio Estacio da Veiga, divagando sobre a origem d'esses artefactos, admitte a possibilidade de serem de fabrica phenicia ou carthagineza e de a necropole da Fonte Velha ser contemporanea ou um pouco posterior á chegada dos pheninios ao nosso litoral [2].

Por outro lado E. Hübner, tratando da origem da escripta iberica, affirma o seguinte: — «Scripturam Ibericam e Phoenicia derivatam esse, non e Græca, cum litterarum singularum formae demonstrant, ut statim apparebit, tum quod in ulteriore provincia tam in nummis quam in inscriptionibus nunquam desiit sinistrorsum derigi secundum Phœniciorum consuetudinem [3].» Quer dizer: — «Que o al-

1. Obra cit. t. 3.º, pag. 744-745, 747, notas, 825-827 e est. X.
2. *Ant. mon. do Alg.*, t. 4.º, pag. 263 e 285.
3. *Monumenta linguae ibericœ*, pag. XXXI.

phabeto iberico deriva do phenicio, e não do grego, mostram-n'o já as fórmas de cada uma das letras, como logo se verá, já tambem o facto de ser dirigido para a esquerda, o que nunca na provincia ulterior deixa de observar-se, quer nas moedas, quer nas inscripções».

É esta tambem a opinião de outros illustres orientalistas, como Maspèro, e a que encontramos em Perrot e Chipiez.

Como se propagou e modificou o alphabeto phenicio para formar as escriptas antigas, incluindo a iberica, dizem-n'o estes ultimos auctores nos termos seguintes: — «tous les peuples qui, par terre ou par mer, ont été en rapport avec les Phéniciens leur ont emprunté cet alphabet, et, au prix de quelques retouches et de quelques additions, ils l'ont adapté aux exigences des différents idiomes qu'ils parlaient.

Les Phéniciens avaient tiré de l'écripture cursive égyptienne à la fois les formes et les valeurs de leurs signes. De proche en proche, ces signes passérent aux Hèbreux et aux Araméens en même temps que, par l'Arabie méridionale, ils se répandaient chez les Libyens d'une part et de l'autre jusque chez les Hindous; dans la direction de l'Occident, ils se propageaient chez les Grecs et les Italiotes, et les tribus mêmes de la lointaine Espagne en apprenaient l'usage. En faisant tant chemin, ces signes, on ne s'étonnera point, changérent beaucoup de forme et d'aspect; tout y contribua, les habitudes de la main, plus ou moins adroite et pressée, suivant les temps et suivant les lieux, la différence des materiaux employés et celle des situations sociales [1]».

De resto, comparando nós os caracteres ibericos com os das inscripções phenicias representadas por esses escriptores, encontrámos uma semelhança notavel entre muitos d'elles, que parece apoiar inteiramente a opinião emittida.

1. Obra cit., t. 3.º, pag. 87.

Fixar, porém, uma data á nossa necropole é impossivel no estado actual da sciencia. Os phenicios, segundo Maspèro, Cartailhac e outros, fundaram Gadir ou Gadés, 1100 annos approximadamente antes de Christo; mas já a esse tempo elles tinham colonias na Peninsula, sobre o littoral do Mediterraneo [1]. A influencia d'este povo, continuada pelos lybi-phenicios, seus irmãos, desde o 6.º seculo [2], durou na Peninsula até aos fins do 3.º seculo antes de Christo, epocha em que começou o dominio romano. N'este largo periodo apenas podemos dar vagamente á necropole da Fonte Velha uma epocha em que a influencia civilisadora d'esses povos já se havia feito sentir profundamente, a ponto de os indigenas haverem comprehendido e apropriado á sua lingua, modificando-o e vulgarisando-o entre si, o alphabeto phenicio: o que devia ter levado muito tempo, como bem notam Perrot e Chipiez a proposito da introducção do mesmo alphabeto na Grecia antiga.

N'isto vemos nós mais uma razão para impugnar a hypothese de que aquella necropole pertence aos primeiros tempos do ferro. Este metal penetrou na Grecia 1500 annos antes da nossa era; e quando os phenicios fundaram Gadir, já a epocha do bronze, segundo alguns, chegava ao seu termo na Italia e na Gallia [3], ou devia ter desapparecido, pelo menos na Italia, segundo a opinião que nos parece mais provavel. Na Peninsula o uso do ferro deve ter sido introduzido com as primeiras colonias phenicias. Os phenicios trabalhavam este metal, e faziam d'elle um commercio importante, posto que o bronze occupasse o primeiro logar, como entre todos os povos da antiguidade, incluindo os proprios romanos, que só começaram á usar

1. Vej. tambem a *Hist. da Arte*, t. 3.º, pag. 32 e seg.
2. Obra cit., t. 3.º, pag. 42 e seg.
3. *Les âges préhist. de l'Esp. et du Port.* do sr. Cartailhac, pags. 8, 28 e 207.

o ferro nas suas armas desde o 1.º seculo antes de Christo [1]. Por isso com razão o dr. Landberg affirmou no congresso internacional de Stockolmo que o ferro abundava entre os povos semitas, mas que o uso do bronze sempre lhe foi preferido [2].

Na verdade Ezequiel diz que os tyrios negociavam em ferro com Tharsis (na Hespanha), Dan e Javan [3]. O mesmo metal era objecto do seu commercio com Chypre [4]; e uma inscripção phenicia, encontrada n'esta ilha, menciona um fundidor de ferro [5]. «Nous savons, accrescentam Perrot e Chipiez, que les cuirasses cypriotes de Demétrius Poliarcete étaient en fer. Ces ouvriers experimentés avaient d'ailleur, de bonne heure, reconnu que le fer était préférable pour les armes offensives. On a la preuve; ainsi, dans la tombe d'ou est sortie la rondache d'Amathonte, à Chypre, on a aussi recueilli un sabre en fer d'environ 60 centimétres de longueur et une certaine quantité de pointes de javelot toutes faites de ce même metal [6]». De resto nós já alludimos a outros artefactos de ferro encontrados em sepulturas phenicias [7].

1. *La vie antique*, de Guhl e Koner, t. 2.º, pag. 453.
2. *Compte rendu*, pag. 53.
3. Liv. XXVII, vv. 12 e 19; *Hist. de l'Art.*, t. 3.º, pag. 35.
4. *Hist.* cit., t. 3.º, pag. 489 e nota 1.
5. *Hist.* cit, t. 3.º, pag 864.
6. *Hist.* e tomo cit, pag. 874.
7. Para confirmar a remota antiguidade do uso do ferro entre os semitas, transcreveremos as palavras proferidas a este respeito por M. P. de Morgan na 10.ª sessão do congresso internacional, celebrada em Paris, no anno de 1889.

«Je vous ai dit, Messieurs, que la connaissance du fer remonte dans l'Asie antérieure à une antiquité extrêmement reculée. Les preuves de ce fait sont nombreuses: je me contenterai de vous rappeler les principales.

Dans la Chaldée, nous voyons apparaitre le fer dans les nécropoles de Warka et de Mougheir, mais se métal n'y figure encore qu'à titre de matière précieuse, il est employé pour les bijoux. Or, n'est-il

D'este modo, devendo a necropole da Fonte Velha attribuir-se a uma epocha *avançada* da influencia phenicia, e sendo o ferro conhecido e trabalhado pelos phenicios e objecto de commercio d'este povo, que até o extrahia da Peninsula, a solução mais aceitavel é que essa necropole deve ser muito posterior aos primeiros tempos do uso do ferro no territorio do Algarve.

Já depois de escripto o que precede nós voltámos á Fonte Velha proseguir a exploração da necropole. Duas novas sepulturas foram postas a descoberto e estudadas por nós. Uma estava profanada, faltando-lhe até os supportes dos dois lados maiores; e a outra estava intacta. Esta ultima conservava as lages da cobertura, e estava orientada,

.....

pas certain que ces tombeaux sont antérieures au XXXe siècle avant notre ère?

Vers 1700 avant Jésus-Christ, les genéraux égyptiens rapportaient de leurs campagnes en Asie des ustensiles de fer auxquels, nous dit-on, ils attachaient un trés grand prix, car le fer, bien qu'ayant été connu dans la vallée de Nil dès la VIe dynastie, ne fut jamais dans ce pays d'un usage aussi répandu que dans la Mésopatamie.

Plus tard, vers les débuts des empyres assyriens, le fer était devenu un métal d'un usage courant dans toute l'Asie antérieure, et les rois d'Assour le recevaient en tribut des peuples du nord.

Les documents relatifs aux progrés de la metallurgie sont nombreux dans les annales assyriens. Ils nous fournissent la preuve indiscutable de l'existence du fer chez les tribus de Tabal, de Mouschkou, du Koummouk, du Naïri, peuplades qui, dès le XVIe siécle avant Jésus-Christ, étaient en guerre avec les Pharaons.»

(*Compte rendu,* pag. 287).

Devemos advertir que o ferro foi encontrado na pyramide de Gizeh, da 4.ª dynastia, que attinge 4000 annos antes de Christo, como notou o sr. G. de Mortillet (Ibid., pag. 293). Sobre esta materia póde ver-se *L'âge du bronze,* de John Evans, introducção.

no seu eixo maior, quasi a LO. A sua fórma era sensivelmente rectangular; e as dimensões não se desviavam das notadas nas outras sepulturas. Dentro verificámos a existencia de ossos de esqueleto humano agglomerados do lado de L; o que confirma a hypothese da inhumação de cocaras.

Nenhum artefacto de qualquer especie foi encontrado no entulho, a não ser um fragmento de ceramica avermelhada, de pasta mui branda, como a de muitas louças neolithicas e da epocha do cobre, mas mais pura e já bastante desbastada pelo longo attrito das terras. É para nós manifesto que esse objecto, isolado no entulho, fôra introduzido com este na sepultura.

Na camada superficial do terreno que cobria a sepultura profanada, encontrou-se uma bella *herminette* de schisto inteiramente polida. A presença d'este objecto nada surprehende, pela razão, já indicada, de que os artefactos neolithicos abundam nos terrenos da localidade.

EPOCHAS LUSO-ROMANA E ARABE

NOTICIA DE ALGUMAS ESTAÇÕES ROMANAS E ARABES

DO

ALGARVE

Um problema da maior importancia, que se nos deparou na exploração dos depositos do monticulo de Santa Olaya, pertencente á Quinta de Foja, no concelho da Figueira, levou-nos a percorrer grande parte do litoral do Algarve, com o fim de estudarmos algumas estações da primeira idade dos metaes. N'esta longa e demorada excursão tivemos muitas vezes de desviar-nos do objecto das nossas investigações, a fim de não deixarmos perder para a sciencia alguns vestigios interessantes das epochas romana e arabe, que por alli encontrámos: sobretudo tendo a nosso cargo a direcção do Museu Municipal da Figueira, que muito carecia de engrandecer as suas collecções com artefactos d'aquellas epochas, em que a região da Figueira é notavelmente pobre. É d'esses vestigios, estudados nos proprios logares, e registados com algum cuidado, que nós vamos aqui dar noticia tão minuciosa quanto possivel.

1. Antiguidades de Marim (Olhão)

Sabendo que em Marim, concelho de Olhão, em propriedade do sr. João Lucio Pereira, se haviam descoberto em tempo algumas sepulturas antigas, visitámos o sitio, e encontrámos alli ruinas manifestamente romanas, sendo informados que dezenove annos antes haviam sido exploradas por Estacio da Veiga. Esta exploração destruira, sem deixar registo algum conhecido dos resultados colhidos, uma necropole por inhumação e o pavimento em mosaico d'um pequeno edificio, que ficava a algumas dezenas de metros de distancia; e posera a descoberto parte de uma *cella vinaria* ou *olearia,* onde se encontraram tres *dolia* enterrados até metade dos bojos no pavimento e de que foram recolhidos todos os fragmentos, segundo nos informou uma testemunha ocular. Nós vimos ainda os orificios circulares, com o diametro d'um metro approximadamente, abertos no *pavimentum,* onde tinham existido aquelles robustos vasos.

Estudando estas ruinas, que ficam á esquerda da serventia que segue da estrada de Tavira, pelo meio do predio, para as casas que n'este existem, e explorando parte dos entulhos que restavam inexplorados, verificámos que o edificio era de fórma rectangular, alongado de leste a oeste, e que d'elle restavam os envasamentos das paredes, o pavimento e parte d'uma escada do lado do sul, onde parece que o terreno contiguo já era mais baixo, ao tempo da construcção, do que o terreno do lado do norte.

As paredes são de alvenaria ordinaria muito endurecida, emboçadas na face interna com uma argamassa de cal, areia e pedra meuda, estriada profundamente, com a espessura de $0^{m},02$ a $0^{m},03$, e por cima revestidas de outra camada de cal e areia, que se fixava nas estrias do emboço; especie de apparelho que notámos pela primeira vez. O

pavimentum era formado por um leito de argamassa de cal e areia, com mistura de fragmentos de ceramica e cascalhos, e revestido superiormente só com argamassa.

Encontrámos alli poucos restos de *dolia,* de amphoras, d'uma *patera* de fino barro e de outros vasos, alguns fragmentos de placas de marmore, restos de cozinha, consistindo em conchas de molluscos marinhos, sobretudo ostras, e ossos de cabrito e de bovideos, no meio de muitos carvões e cinzas, e bastantes fragmentos de telhas de rebordo e curvilineas *(tegula* e *imbrex).*

Procedendo em seguida á exploração do terreno contiguo pelo norte a este edificio, onde não haviam chegado as excavações de Estacio da Veiga, e que esperavamos encontrar virgem de remeximentos a uma certa profundidade, fizemos descer a excavação a ponto de encontrarmos a base da camada de terra vegetal; e descobrimos apenas alguns pedaços de alicerce de outro edificio romano, e abundantes restos da construcção espalhados e soltos no entulho, denotando que a destruição não poupára os proprios envasamentos, pavimentos e alicerces! A falta das pedras, que deviam ter entrado na construcção da obra, e pelo contrario a abundancia dos fragmentos de argamassa e de telhas e tijolos fizeram-nos persuadir que a demolição tivera logar para aproveitar-se a pedra em outras construcções, talvez as proprias que o proprietario hoje alli possue. Bases de columnas romanas de pedra existem ainda, sem applicação, junto a essas construcções: e são provavelmente restos do rico edificio a que nos referimos.

Recolhemos no entulho muitos fragmentos de pinturas muraes *a fresco,* umas lisas e outras com restos de ornamentação, em que apparecem as côres branca, amarella, azul, vermelha e castanha. O apparelho das paredes, para esta pintura, consiste em um emboço de cal e areia, coberto superficialmente por uma fina camada de cal.

Notámos n'alguns d'esses fragmentos, uns azues e ou-

tros vermelhos, um resalto de $0^{m},045$ approximadamente, indicando que servíra de moldura, cercando provavelmente a porção da parede onde existia a ornamentação. Nada semelhante encontrámos nos restos de *frescos* das thermas de Milreu, em Estoi.

Recolhemos tambem restos de ceramica muito fina e de cozinha, espalhados na maior desordem.

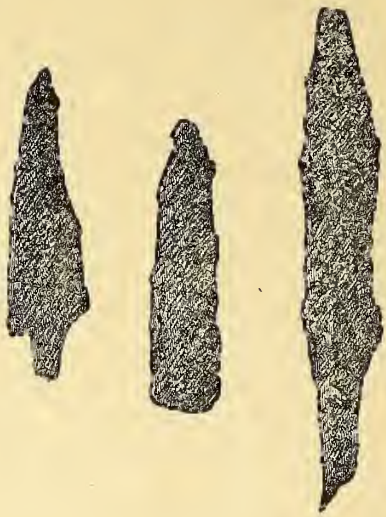


Fig. 1

N'uma pequena porção de alicerce havia uma interrupção, indicando o vão d'uma porta ou outra abertura semelhante, guarnecida ainda d'um lado por uma grande pedra apparelhada. N'este vão descobriu-se um pequeno deposito de carvões, cinzas e objectos queimados, que parecia ter escapado aos remeximentos; e n'elle recolhemos, de mistura com restos de cozinha, taes como valvas de ostras e d'outros mariscos, e ossos de cabrito e de boi, um pedaço de uma pequena taça de vidro finissimo, alguns restos de va-

sos de barro muito puro, contendo um d'elles resto de ornamentação gravada na pasta, outros d'um vaso mais grosseiro que, restaurado em parte, nos deu uma fórma semelhante á de alguns vasos romanos de Santa Olaya *(cucuma, hirnea?),* assim como tres facas de ferro muito oxydadas, do typo *culter coquinaris* (vide a fig. 1).

A presença nos restos de cozinha romana das valvas de molluscos marinhos, e sobretudo das ostras, já por nós tinha sido notada na estação de Santa Olaya, onde estas conchas abundam. Isto confirma o que a historia diz ácerca da predilecção dos romanos pelas ostras *(palma mensarum divitum),* a ponto de terem parques de criação *(vivaria ostrearum),* que Plinio affirma haverem sido estabelecidos pela primeira vez por Sergius Orata em Baias [1]. Até nos banquetes funebres os molluscos eram objecto de gulodice. «Les coquillages, diz E. Breton [2], étaient en quelque sorte le plat fondamental de ces repas funèbres; c'est ce qui explique la quantité de débris de ces mollusques trouvée ordinairement dans les tombeaux romains».

N'esse mesmo deposito recolhemos restos de ceramica muito grosseira. Em alguns é difficil reconhecer os caracteres da roda do oleiro, posto que a pasta e a fórma se afastem notavelmente das ceramicas neolithica e da epocha do cobre. Este facto é, a nosso ver, muito interessante, porque demonstra que durante o dominio romano ainda se fabricava na Peninsula louça por processos algum tanto primitivos. Tambem é para notar que algumas louças manifestamente romanas apresentam na grosseira pasta a côr negra internamente e externamente a vermelha, com aspecto semelhante ao d'algumas louças neolithicas. Se não fossem as estrias parallelas, a regularidade da espessura,

1. *Nat. Hist.*, liv. IX, 79; Guhl e Koner, *La vie antique*, Rome, pag. 339.

2. *Pompeia*, pag. 96, n. 1.

a estructura da pasta, a sua dureza e a fórma, não seria muito difficil confundil-as com as prehistoricas. Que isto sirva de aviso aos exploradores que porventura esperam encontrar nas ruinas da epocha luso-romana sómente os excellentes productos ceramicos das fabricas genuinamente romanas.

Os barros predominantes n'essas ruinas de Marim são o vermelho e o branco amarellado, e excepcionalmente o negro. É o contrario do que acontece nos restos romanos de Santa Olaya, em que predominam os barros negro, pardo-cinzento e vermelho intenso ou desmaiado. Nos mais finos de Marim apparecem ás vezes restos d'uma camada superficial muito lisa e lustrosa, de côr vermelha, devida a uma especie de massa especial feita com leite de argilla, que toma o aspecto de verniz.

A 100 metros approximadamente para NO d'estas ruinas a exploração do solo poz a descoberto uma pequena necropole. Estudámos alli quatro sepulturas, cuja planta se acha hoje no Museu Municipal da Figueira, e de que démos copia para o Museu de Faro. As fossas, abertas em marne calcarea, tinham fórma sensivelmente rectangular ou trapezoidal, com a profundidade media de $0^m,50$, orientadas todas de NO-SE, e estavam abaixo do nivel do solo entre $0^m,30$ e $0^m,80$. Tres estavam cobertas por lages, e uma por quatro cippos funerarios arrancados d'outras sepulturas, alguns tijolos e pedaços de lage, tudo fortemente cimentado com dura argamassa de cal e areia. Um dos cippos tinha as inscripções voltadas para fóra. Media a cobertura total da fossa onde estavam os cippos $2^m,35$ no comprimento e $1^m,05$ na maxima largura.

Duas das sepulturas não tinham revestimento interior; mas as outras eram revestidas de paredes feitas com pedra,

tijolo e argamassa, exceptuado o lado NO da fossa que continha os quatro cippos, que era revestido por um outro cippo invertido e cravado de cutello, com as inscripções voltadas para dentro. O leito era formado apenas pelo fundo nú da excavação, apresentando em tres das fossas um resalto onde se apoiara a cabeça do esqueleto, e sendo este resalto substituido na restante por uma especie de almofada feita com cal e areia.

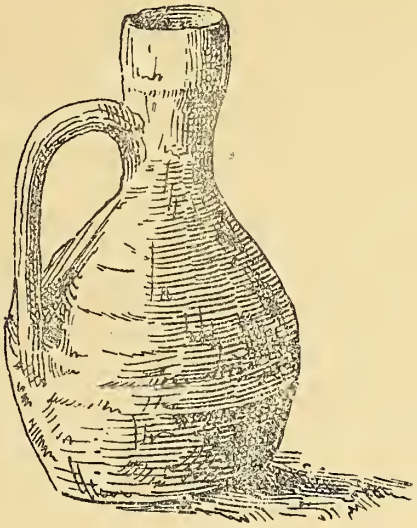


Fig. 2

Para fazer ideia da extensão d'estas fossas sepulcraes indicaremos apenas as dimensões d'uma d'ellas, de mediana grandeza. Media 1^{m},95 a 2 metros no comprimento, e 0^{m},50 a 0^{m},60 na largura.

Cada fossa continha um esqueleto em posição horisontal, com a cabeça para o NO, como na necropole luso-romana de Ferrestello, pertencente á quinta de Foja, na visinhança de Santa Olaya, onde, todavia, as sepulturas

eram feitas só com telhas romanas ou lages brutas, cravadas de cutello. Em duas das fossas havia ossos agglomerados e sem ordem de outros esqueletos aos pés dos primeiros: eram sem duvida provenientes de inhumações anteriores feitas nas mesmas sepulturas; facto tambem observado na referida necropole de Ferrestello, e que apparece até em necropoles pertencentes a mais antigas civilisações, como são as da Grecia pre-homerica. Referindo-se aos hypogeus de Mycenas, Perrot e Chipiez dão a noticia seguinte: — «Lorsque, toute la place étant prise, on avait à introduire dans la tombe un nouveau mort, on dérangeait, au profit de celui-ci, les premiers occupants; leurs os dépouillés de la chair, déjà disjoints et blanchis, on empilait dans le fond du caveau [1]».

Com esses ossos removidos estavam em uma das fossas nove pregos de ferro muito oxydados, que não differem na fórma d'alguns dos nossos pregos actuaes. N'outra fossa encontrámos tombado ao lado esquerdo do cranio um pequeno vaso de barro alvadio com o typo da *ampulla,* servindo provavelmente de *unguentarium* ou vaso de perfumes (fig. 2).

Dos ossos humanos poucos podémos aproveitar, attendendo ao seu estado; mas entre elles figura a parte superior d'um cranio, notavel pela pequena elevação do frontal e forte desenvolvimento das arcadas supraciliares, pertencente a um esqueleto em que o femur tem a pilastra tambem extraordinariamente desenvolvida.

Dos tijolos que entravam nas paredes das sepulturas recolhemos tres typos: — um rectangular, medindo no comprimento $0^{m},30$, na largura $0^{m},205$ e na espessura $0^{m},065$; — outro trapezoidal, com dois angulos reintrantes nas extremidades da base, medindo nos lados $0^{m},27$, na base $0^{m},22$, no topo, que está incompleto, $0^{m},17$ e na espessura $0^{m},04$;

1. *Histoire de l'Art*, t. VI, pag. 574.

— e outro alongado, medindo no comprimento $0^m,18$, na largura $0^m,052$ e na espessura $0^m,038$.

Dos cippos só aproveitámos dois, indo os restantes, em que as inscripções estavam deterioradas, para o Museu de Faro.

O da fig. 3 tem as seguintes inscripções:

D M S
PATRICIA VI
XIT ANNIS XI
D IIII

«Consagrado aos deuses Manes. Patricia viveu 11 annos e 4 dias».

D M S
PATRICIVS VI
XIT ANNIS
XCIII M III D X
IIII PISPI

«Consagrado aos deuses Manes. Patricio viveu 93 annos, 3 mezes e 14 dias. Jaz sepultado a expensas publicas ? *(Publica impensa sepultus jacet ?)* [1]».

1. Ácerca d'esta inscripção escreveu o sr. dr. José Leite de Vasconcellos o seguinte: «Supponho que as letras P I S da ultima linha d'esta inscripção significam antes P (*ius* I (*n*) S (*uos*): «piedoso para com os seus». As ultimas duas letras offerecem difficuldades; se fossem T L em vez de P I teriamos T (*erra*) L (*evis*); mas, comquanto no calco a penultima letra me pareça um T, o sr. dr. Santos Rocha diz-me que a pedra está falhada, e que elle distingue um P. A ultima letra, apesar de ter a fórma de I, podia ser L com a haste horisontal inferior muito curta. Tambem a primeira letra da segunda linha parece mais T do que P, e comtudo é P.»

O da fig. 4 diz:

D M S
DIONY
SIANVS
VIXIT
ANN
XXXV IIII D V
DINITL
TTBL

«Consagrado aos deuses Manes. Dionysiano viveu 39 annos e 5 dias».

Segundo o sr. Hübner, as letras DINITL TTBL estão erradas, por impericia do artista, e deverão talvez conter a fórmula vulgar P(*ius*) I(*n*) S(*uos*) S(*it*) TIBI T(*erra*) L(*evis*). Antes de examinar o calco d'esta inscripção o illustre epigraphista lembrára que aquellas letras podiam significar o seguinte: D(*ic*) V(*iator*) D(*ei*) I(*nferi*) N(*e*) I(*nvideant*) T(*ibi*) L(*ocum*) T(*itulum*) T(*erram*) L(*evem*) B(*oni*) L(*ibenter*).

D M S
MARITIM
A VIXT
ANN
XXV D V D
INITL
TTBL

«Consagrado aos deuses Manes. Maritima viveu 25 annos e 5 dias».

Com relação ás letras DINITL TTBL existem as mesmas duvidas que na inscripção anterior.

São notaveis estes cippos por terem lavor geminado e cada um duas inscripções; e pertencem provavelmente á mesma epocha, como indica o estylo das rosaceas, que é identico nos frontões de ambos. Mas o segundo é incontestavelmente o mais interessante pelos ornatos em baixo relevo, figurando um portico de ordem jonica, e tendo uma inscripção em cada intercolumnio e dois frontões, entre os quaes tambem se acha esculpida uma corôa, que parece de loureiro. A corôa de louro, como é sabido, era concedida aos generaes triumphadores.

O sr. Hübner, tendo em vista o estylo dos caracteres das inscripções, attribue os cippos aos fins do seculo II ou principios do seculo III.

O juizo que fazemos da necropole de Marim é que pertencia a escravos do estabelecimento agricola que alli existia.

Segundo refere a historia, os trabalhos agricolas eram, entre os romanos, feitos por escravos *(familia rustica)*, e estes, em regra, eram inhumados depois da morte; o que explicará talvez a grande quantidade de necropoles por inhumação da epocha romana, que se tem encontrado pelo fertil litoral do Algarve. O cidadão romano, segundo Plinio (liv. XV) era geralmente incinerado, posto que muitas familias conservassem o antigo uso da inhumação.

Já ao tempo das leis das Doze Taboas a incineração era praticada, pois que estas prohibiam que alguem se enterrasse ou queimasse no recinto de Roma. Alguns auctores dizem que as duas fórmas de sepultura, por inhumação e incineração, subsistiram sempre, porque nenhuma lei impoz aos cidadãos a escolha d'uma ou outra, sendo a plebe enterrada em uma valla commum [1]; outros que a cremação cessou no tempo de Domiciano, entre 81 a 96 depois de Christo [2];

1. *La vie antique*, Rome, pag. 490 e 493.
2. Schliemann, *Péloponèse, Troie*, pag. 36 et 191.

outros que a cremação começou a declinar no seculo III e cessou por completo no IV da era christã [1]; e outros que a inhumação só começou no seculo II depois de Christo [2]. No meio d'estas divergencias o que a archeologia tem provado é que na cidade de Roma existiram os dois usos, como resulta sobretudo de excavações modernas na Via Appia;

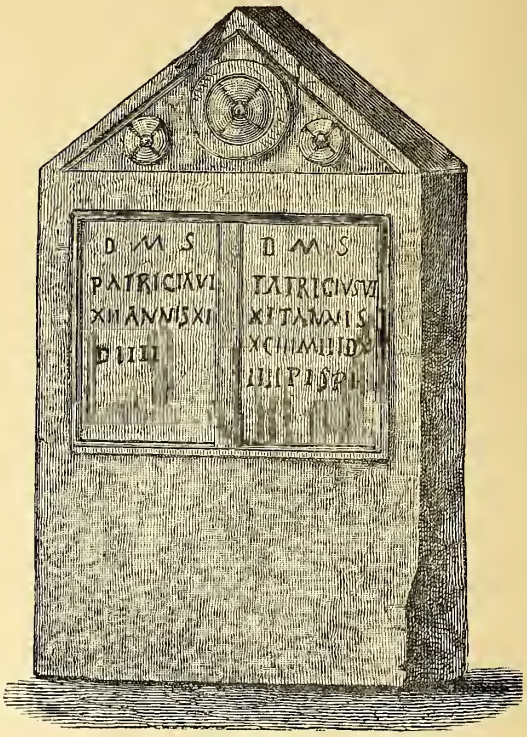


Fig. 3

mas que em certas provincias o uso geral era a cremação. Em Pompeia, na avenida dos tumulos, só appareceram tres

1. Volpierre, *Dictionnaire*, v. *tombeau*.
2. Friedlaender, *Mœurs romaines*, t. III, pag. 220.

sarcophagos, em que os corpos haviam sido encerrados, e algumas raras inhumações na terra; ao passo que um *sepulcretum* por incineração indicava que os pobres tambem praticavam este uso [1].

Quanto aos escravos, os mais fieis dos domesticos *(familia urbana)* eram ás vezes incinerados e os seus restos iam para o *columbarium* da familia [2]; mas dos escravos empregados na agricultura, sobretudo na longinqua provin-

Fig. 4

cia da Hespanha, ninguem provavelmente se occupava, a não serem as pessoas da mesma condição servil: seriam simplesmente enterrados.

1. *Pompeia* cit., pag. 93, 94, nota 1, 112 e 115.
2. *La vie antique*, cit., pag. 120; *Hist. de l'Art*, t. VI, pag. 572.

O que, sobretudo, confirma a nossa hypothese é a pobreza d'essas sepulturas de Marim e d'outros logares do Algarve, assim como a da necropole de Ferrestello. Esta forneceu um prego; e a de Marim um vaso de barro e alguns pregos! Comparada esta pobreza com o variado mobiliario que se encontra nas necropoles por incineração, onde tambem se notam urnas cinerarias sem offerta alguma, indicando que essas necropoles abrangiam cidadãos da plebe, parece-nos que a opinião emittida é com effeito a mais verosimil.

Não temos elementos para determinar a epocha do dominio romano a que pertencem a nossa necropole e as ruinas proximas. Seria arriscado, por exemplo, conjecturar pela fórma de duas das facas, que têem similares nas ruinas de Pompeia, que as de Marim fossem do seculo I de nossa era. Essa fórma devia ter existido durante muitos seculos no mobiliario romano. Mas, quando Estacio da Veiga explorou a outra necropole que existia para leste, a uns 200 metros da nossa, encontrou-se uma inscripção lapidar, e uma testemunha presencial me referiu ter ouvido ler uma data que indicava approximadamente 1900 annos de antiguidade. O que ha de verdade n'isto não sabemos. Relatamos o facto sómente para fazermos o registo fiel do que colhemos no acto da exploração. Tambem nada ao certo sabemos da necropole ou epocha a que pertenciam os referidos cippos, que encontrámos deslocados, a servirem de lages, em uma das sepulturas. Só temos a este respeito a indicação de sr. Hübner; mas é obvio que esta necropole era muito mais antiga do que a explorada por nós, a ponto de se haver perdido completamente o respeito pela memoria d'aquelles a quem as inscripções se referiam.

2. Antiguidades do concelho de Faro

Seguindo de Olhão para Faro, pela estrada real, encontra-se nas immediações d'esta cidade, ao sul do posto fiscal que alli existe, uma campina bastante extensa, onde apparecem restos da industria romana, taes como canos, tijolos, telhas e fragmentos de vasos. Fômos informados n'esse local que Estacio da Veiga havia explorado os terrenos, não encontrando cousa de importancia; e este facto não nos animou a tentar qualquer excavação. Mas verificámos a presença dos tijolos e telhas, d'alguns fragmentos de amphoras e de argamassa romana, tudo espalhado á superficie do solo, salvo um tijolo inteiro que os cultivadores haviam já recolhido. Tudo leva a crer que existira alli um estabelecimento agricola, como o de Marim, mas não tão rico como este.

Mais adiante, ao pé de Faro, na quinta do sr. Pinto, commerciante, constou-nos que em excavação para uma nora apparecera a grande profundidade um pavimento, que presumimos, pela descripção, ser de mosaico, pedaços de columnas e alguns restos de ceramica antiga. Visitando o sitio, vimos ainda uma base de columna romana; e pouco depois o illustre conservador do Museu de Faro, Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto, obteve do proprietario alguns exemplares de candeias romanas de barro, que elle casualmente havia recolhido.

Tudo o mais foi destruido, sepultado de novo nos entulhos ou mettido na alvenaria do poço! Uma exploração alli seria agora difficil e dispendiosa; e provavelmente tambem o proprietario a não consentiria.

Faro tem fornecido alguns objectos arabes. Além de uma candeia de barro, existente no Museu d'aquella cidade, candeia que fôra recolhida ao pé dos Paços do Concelho, nós vimos em poder do sr. dr. Virgilio Francisco Ramos Inglez, governador civil do districto, as peças d'um pequeno thesouro, encontrado dias antes dentro da cidade, nas quaes notámos a presença de elementos d'ornamentação arabe, ou pelo menos de estylo oriental. Em uma pequena taça de prata, de que só aproveitaram alguns fragmentos, estavam enterrados um par de grandes arrecadas, um bracelete massiço em espiral, de secção polygonal, uma pequena barra, tudo de ouro, e um annel que nos pareceu de *electrum*. As arrecadas, de ouro batido, têem uma rosacea ao centro, em cujas petalas deviam ter estado engastadas pedras preciosas, e em redor um lavor de duas faxas onduladas, cruzando-se e formando entre ellas espaços circulares. A fórma geral d'estes dois objectos e a rosacea com as petalas ponteagudas, dispostas em fórma de estrellas, tem similares na arte arabe, e o lavor circumdante pertence a um velhissimo estylo da ornamentação oriental que vae encontrar-se até na arte assyria.

Ao norte de Faro, dois kilometros approximadamente para além das celebres ruinas do Milreu em Estoi, attribuidas a *Ossonoba,* e de que se acha explorado o logar das thermas (mas sem um estudo minucioso), na estrada de S. Braz de Alportel, encontra-se o sitio de Cancella. N'esse local notámos em uma propriedade do sr. Pires restos de tijolos romanos e algumas lages que haviam coberto duas sepulturas encontradas por occasião da lavoura. Essas lages e tijolos recordavam as sepulturas de Marim.

Fazendo a fatigante ascenção do Monte do Castello, que fica sobranceiro á estrada, notámos na encosta um fragmento de dolio ou outro grande vaso; e fômos informados pelo nosso guia de que uma pequena figueira existente no meio d'um figueiral adulto estava plantada dentro do bojo

d'um grande vaso de barro, que alli se encontrára soterrado e que os plantadores partiram até meio approximadamente. O fraco desenvolvimento da arvore justificava a hypothese; mas não tentámos a exploração do local, por nos parecer pouco proveitosa e de muito dispendio, e ainda por não conhecermos o proprietario.

Para oeste de Faro, a seis kilometros approximadamente, encontra-se o pequeno povoado de S. João da Venda. Passando alli pela estrada real, notámos logo á entrada, do lado do norte, em propriedade de José Baptista Relva, um muro de alvenaria sêcca, bordando a via, no qual estavam empregados grandes pedaços de *pavimentum* e de *dolia*. Informou-nos depois um parente do proprietario que esses objectos faziam parte d'uma construcção alli encontrada no seio da terra e de grandes potes que n'ella existiam; e que nas lavouras tambem appareciam umas cousas de barro semelhantes a funis, mas que não eram furadas como estes. Estas indicações foram bastantes para aventurarmos a hypothese d'uma *cella vinaria,* a que pertenceriam os restos de *pavimentum,* os dolios e as amphoras, cujas extremidades inferiores, terminando em bico, apresentavam ao nosso informador o aspecto de funis.

Obtida em seguida auctorisação do proprietario, explorámos uma pequena porção de terreno que se não achava cultivada. O terreno alli eleva-se docemente desde a estrada publica para o norte, formando, a altura de alguns metros apenas, uma planura onde se acham as casas; e é cortado por um caminho do serviço particular do proprio predio, que communica directamente as casas com a via publica. A excavação no terreno contiguo a este caminho, pelo lado de oeste, quasi a dois terços da altura da encosta, descobriu apenas restos do pavimento d'um edificio e de ceramica. O pavimento era igual ao que fôra arrancado para o muro, e composto de argamassa e bocados de tijolo, telha e pedra.

Pensámos que, existindo tão poucos restos em terreno não cultivado ha annos, não era provavel que a exploração désse melhores resultados no terreno cultivado; e por isso, embora o proprietario nos auctorisasse a destruir a cultura, indemnisando-o, não proseguimos por esse lado. Alli mesmo nos contaram que as cavas tinham sido profundas, e que das ruinas então existentes escapara apenas um *forno,* que pela descripção ajuizamos ser alguma cuba do *torcularium,* como as que se vêem nas ruinas do Milreu, ou algum grande vaso de barro soterrado, servindo ao mesmo destino. Preferimos explorar o proprio leito do caminho, que não havia memoria de ter sido excavado, e onde as erosões das aguas pluviaes tinham posto a descoberto numerosissimos fragmentos de ceramica romana, que o transito tinha reduzido a pequenissimas fracções. Foi então que descobrimos verdadeiras pilhas de fragmentos de amphoras, desde $0^{m},40$ a baixo do nivel do solo. Para fazer-se ideia da enorme quantidade d'estes restos, basta dizer que em 4 a 5 metros quadrados de superficie, descendo a excavação até $1^{m},40$ e $1^{m},60$ approximadamente, nós recolhemos o bastante para carregar uma carroça.

Como não se encontravam senão restos d'esses vasos, de *dolia* e d'alguns outros difficeis de classificar, démos a exploração por finda.

Lavados e enxutos todos os fragmentos, tentámos restaurar alguns vasos; mas não conseguimos senão restaurações parciaes. A maior abrange dois terços approximadamente do corpo d'uma amphora. Abundavam grandes fragmentos, contendo a bocca, collo, azas e a parte superior do bojo; mas os fundos não estavam em proporção com estes restos e muito menos com os fragmentos dos bojos, não associados aos collos. Este facto fôra notado tambem no proprio acto da exploração; porque tendo nós posto a descoberto uma pilha de collos com parte dos bojos, que não continha menos de cem exemplares, appareceram ape-

nas uns quinze fundos; o que nos fez persuadir que essas amphoras tinham primitivamente os fundos enterrados, como se usava muitas vezes, e que a mesma causa de destruição as ferira a todas, impellindo para certa distancia os corpos dos vasos que estavam fóra da terra, e deixando ficar enterrada a maior parte dos fundos. Se tivermos em vista que junto á orla do caminho, do lado onde o proprietario descobrira as ruinas, appareceram á profundidade de $0^{m},70$ restos d'uma camada de cinzas, não parecerá fóra de razão admittir que o homem, em alguma sangrenta lucta, levara a destruição ao vasilhame contido na *cella,* e em seguida incendiara o edificio.

Os fragmentos das amphoras indicam que estes vasos eram de diversas dimensões, havendo alguns que não deviam exceder $0^{m},40$ a $0^{m},50$ de altura. Os barros eram geralmente de côr vermelha mais ou menos intensa, tomando ás vezes um tom ligeiramente violaceo, e a pasta grosseira; mas alguns exemplares appareceram de côr parda e escura, quasi negra, que são de barro ainda mais impuro do que os outros.

Entre os fragmentos encontram-se os d'alguns vasos cuja pasta era negra interiormente e vermelha nas superficies, como já tinha sido notado nos restos de Marim; e bem assim restos de amphoras que pareciam ter coberta vitrea, devido talvez a circumstancias especiaes da cozedura.

A fórma de todas as amphoras, segundo as indicações dos fragmentos, era a do typo, muito conhecido, em que o maior diametro do bojo está proximo do collo e vae diminuindo gradualmente para o fundo até terminar por uma ponta saliente, como o cano d'um funil. As azas, umas vezes roliças, outras achatadas e com uma canelura longitudinal ao meio, ora partem da bocca, ora do collo, logo abaixo do rebordo da bocca; e a ponta do fundo attinge em alguns exemplares mais de $0^{m},1$.

Entre os fragmentos de outros vasos aproveitámos parte do fundo e do bojo de dois *dolia,* uma grande aza e parte da bocca d'um vaso de mediana grandeza. Nenhuma louça fina parecida com alguns exemplares de Marim. Vê-se bem que aquelles restos não eram dependencia d'uma habitação sumptuosa como a que existira na propriedade do sr. João Lucio Pereira [1].

Para NO d'esta estação, a 500 metros approximadamente, percorrendo os terrenos d'uma propriedade pertencente ao sr. dr. José Caetano de Mattos Sanches, administrador de Faro, notámos em um relevo do solo, que fica ao norte, alguns restos de telhas romanas. Foi n'este predio que nós vimos tambem uns velhos e carcomidos potes de barro, de grandes dimensões, que haviam servido para depositos de azeite, onde se manifesta com bastante exactidão a fórma dos dolios romanos, taes como nos são descriptos nos tratados de archeologia. Informaram-nos que estes vasos se fabricavam outrora em Loulé.

Tambem nos contaram que no monte que fica fronteiro e ao sul da propriedade do referido Relva, do outro lado da estrada, havia apparecido uma sepultura, e muitas outras no sitio dos Caliços, para o lado do NO. Tudo fôra destruido; mas, pela descripção que nos fizeram, suppozemos que eram analogas ás descobertas por nós em Marim.

Antes de deixarmos as immediações de Faro visitámos algumas vezes as conhecidas ruinas romanas de Milreu, em

1. Em explorações que fizémos, posteriormente á publicação d'este escripto, no mesmo sitio de S. João da Venda, recolhemos duas amphoras quasi inteiras e grandes porções d'outras; mas os bocaes que appareceram n'estes trabalhos indicaram um numero de vasos d'aquella especie superior a cincoenta.

Estoi, com o intento de fazer alguns estudos sobre certos materiaes de construcção, que são os objectos que menos interessam á generalidade dos visitantes. As nossas observações pouco adiantaram ao que já sabiamos pelos livros e pelos nossos proprios trabalhos; mas convém registal-as aqui, para chamar a attenção dos estudiosos sobre a materia.

Notámos alli diversas especies de cimentos. Em fragmentos dispersos na area das Thermas uma pasta feita de cal, areia e cacos pisados, o *opus signinum,* inventado em Signia, que Plinio nos descreve n'estes termos: «fractis etiam testis utendo sic, ut firmius durent tusis calce addita, quae vocant Signina. Quo genere etiam pavimenta excogitavet». Quer dizer: «utilisam-se os fragmentos ceramicos, de tal modo que, pisados e misturados com cal, tornam-se mais solidos e duradouros, especie de composição chamada de Signia; tem-se até applicado esta preparação aos pavimentos dos edificios [1]». Este genero de apparelho é o mais geral nas ruinas romanas do Algarve que nós encontrámos; e já o haviamos notado nas ruinas da Senhora do Desterro em Montemór-o-Velho. Appareceu nos pavimentos; e em Marim até nos emboços das paredes, como já dissémos. N'esta composição mistura-se tambem geralmente a pedra britada, e até os miudos seixos. Em muitos exemplares os fragmentos de barro cozido são reduzidos a pequenissimas dimensões; e n'alguns a ceramica parece até reduzida a pó e misturada só com a cal.

Na alvenaria a argamassa é de cal e areia, entrando geralmente aquella em forte proporção; mas encontrámos paredes em que a argamassa tem tanta areia que apresenta fraca cohesão. Até nos emboços se nota ás vezes esta ultima pasta. Assim os restos de pinturas muraes *a fresco* que existem em uma sala das Thermas, pinturas muito

1. Liv. 35, cap. 46, § 5.

mais singelas e grosseiras do que as de Marim, estão sobre uma fina camada de cal pura, e esta applicada sobre uma camada mais espessa de argamassa em que a cal entra em porporção regular; mas por debaixo ha um emboço em que a areia superabunda; e é por alli que os visitantes têem conseguido separar grandes fragmentos.

Notámos tambem a cal pura ou quasi pura na formação dos mosaicos sobre o pavimento; e no revestimento interior do grande tanque existente no *atrium* das Thermas, tanque que alguns pensam ser o *impluvium,* mas que é provavelmente a *frigida natatio,* uma fina camada de cimento trigueiro e muito duro, que devia ser impermeavel. Este cimento parece tambem applicado com cal no mosaico *dos peixes* e no que se encontra na face externa do muro occidental do peribolo do supposto templo adjunto ás Thermas, attendendo á extraordinaria dureza da pasta que liga os cubos de pedra *(tessella).*

Nos materiaes de barro cozido apparecem exemplares interessantes. Ha uns tijolos grandes em que um dos lados, em vez de terminar por uma superficie rectangular, termina em aresta viva, em fórma de bico de flauta. Para achar a explicação d'estes objectos é preciso examinar os pedaços de muro que estão caídos á esquerda da actual entrada das Thermas: alli se vê que serviam de moldura no envasamento das paredes. No Museu Municipal da Figueira ha um exemplar mais pequeno d'estes tijolos, que é proveniente de Buarcos.

Outros tijolos, bastante espessos, têem a fórma de quarto de circulo, podendo servir para formarem fustes de columnas e outras superficies arredondadas.

Outros, cuja fórma não podemos determinar, por só encontrarmos fragmentos, apresentam, em uma das faces maiores, caneluras de $0^{m},02$ de largura, indicando a figura do losango.

Abundam tambem os pequenos tijolos rectangulares

alongados, geralmente de $0^m,14$ e $0^m,18$ no comprimento, $0^m,067$ e $0^m,075$ na largura, e $0^m,047$ e $0^m,055$ na espessura. Nós recolhemos exemplares de dimensões ainda inferiores a estas nas ruinas do edificio romano da Senhora do Desterro em Montemór-o-Velho.

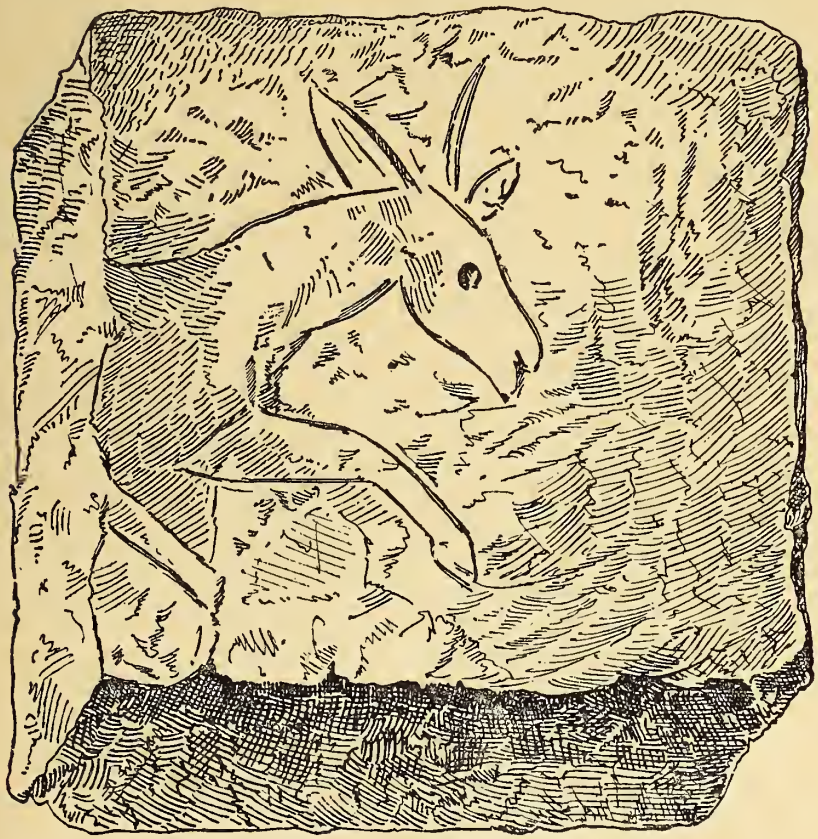


Fig. 5

Foi em dois fragmentos d'esses pequenos tijolos que tivemos a fortuna de encontrar uma gravura aberta na pasta depois de cozida, que representa a parte anterior do corpo

d'uma cabra, e de que damos o desenho na fig. 5, e parte da marca do fabricante, representada na fig. 6, aberta na pasta ainda fresca.

Fig. 6

As letras que circumdam a marca dizem FRONTINIANI. Faltam as restantes, que deviam ser VER [1],

1. Estas letras são precedidas d'uma figura cordiforme, que nós haviamos tomado inadvertidamente por um O. Por isso supprimimos agora esta ultima letra, que se achava no texto publicado no vol. 1.º do *Archeologo portuguez*, pag. 206. A rectificação veio do Museu de Faro, onde existe o original, e é devida á penna de Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto. (*O Archeologo*, vol. 2.º, pag. 27).

pois que assim se lê em um exemplar completo existente no Museu de Faro.

Além d'estes barros cozidos notam-se restos de tubos com profunda estriação na face interna, semelhantes aos das outras estações romanas de Portugal e da Hespanha, e sobretudo os cubosinhos *(tessellae)* que cercam os pavimentos de mosaico junto ás paredes, e que parecem ter sido cobertos pelo revestimento d'estas.

Eis o mais interessante no assumpto das nossas investigações em Milreu. Vamos em seguida passar ao concelho de Lagos.

3. Antiguidades do concelho de Lagos

O concelho de Lagos parece rico em monumentos da epocha luso-romana. O reverendo José Joaquim Nunes, distincto homem de letras affeiçoado aos estudos archeologicos, que exerce em Lagos o cargo de capellão do regimento de infanteria 15, annunciou-nos a descoberta recente d'uma necropole em uma campina proxima da cidade, onde foram recolhidos alguns artefactos manifestamente romanos. As sepulturas eram por inhumação. Pelas indicações que nos foram dadas pareceu-nos que essa necropole era semelhante á de Marim.

O reverendo prior da Luz confirmou-nos a descoberta d'outra necropole a dois ou tres kilometros da povoação, de que já havia dado noticia para o Museu Municipal de Faro. Nós tinhamos visto em poder do erudito conservador d'este museu alguns objectos encontrados alli, e não nos passára desapercebido que uns eram puramente romanos, e outros prehistoricos, com feição neolithica. Mas não conseguimos do digno prior uma distincção clara dos monumentos em que tinham sido recolhidos uns e outros; e por elle soubemos que todas as sepulturas estavam já destruidas, não restando mais do que parte d'uma ou duas.

Não tentámos o reconhecimento de qualquer d'estas estações, porque, como dissémos nó começo d'este escripto, o objecto dos nossos estudos era outro, e não dispunhamos já de tempo bastante para divagações.

O nosso pensamento fixára-se em Bensafrim. Era alli que esperavamos colher alguns resultados interessantes; e seduzia-nos a ideia de que teriamos n'esse logar um guia experimentado e seguro, que nos facilitaria muito as pesquizas. Refiro-me ao respeitavel prior, sr. Antonio José Nunes da Gloria, cavalheiro tão instruido como bondoso e obsequiador, cujos trabalhos archeologicos têem illustrado o Algarve e são incontestavelmente dos melhores materiaes que se encontram na obra do finado Estacio da Veiga, a quem elle generosamente os offerecera. Este notavel presbytero, que é ao mesmo tempo habilissimo artista e homem de sciencia, conhece bem tudo o que na sua freguezia e immediações póde interessar aos estudos archeologicos. Foi por elle que adquirimos conhecimento mais minucioso das celebres necropoles de Mexilhoeira-Grande e da Fonte-Velha e tivemos noticia de varias estações romanas, uma das quaes fôra descoberta mui recentemente.

Por sua indicação encetámos os trabalhos de exploração a curta distancia do povoado, junto a uma nora, onde se haviam descoberto algumas sepulturas; mas infelizmente já todas tinham sido destruidas, e por isso nada colhemos. Aproveitando entretanto algumas horas que nos sobraram d'esta primeira pesquiza, aceitámos o convite d'um lavrador, que a algumas centenas de metros nos offerecia o estudo d'umas ruinas; e démos n'um outeiro, onde appareciam á superficie do solo alguns restos de muros.

O proprietario conduziu-nos a um sitio afastado d'esses muros, e disse-nos que alli estavam soterrados dois tanques. Pela excavação pozemos effectivamente a descoberto uma obra que nos interessou bastante. Eram duas fossas quadrangulares, apenas separadas entre si $0^{m},16$ approxi-

madamente e com a profundidade média de $0^m,50$, dispostas na direcção de NS. A do norte, muito irregular, media no lado do sul 1 metro, no lado do norte $1^m,16$, pelo nascente $0^m,90$ e pelo poente $1^m,10$. A do sul media nos lados do norte e sul $1,^m10$ e pelo nascente e poente 1 metro.

Eram ambas revestidas com argamassa de cal e areia. Este revestimento estava applicado directamente sobre a terra argilosa e muito compacta do fundo e das paredes das duas excavações, excepto no lado do poente d'estas e nos do norte e nascente da primeira fossa, onde era applicada a uma especie de muro muito tosco, feito de pedras, barro e argamassa.

No meio de cada fossa existia, no pavimento que formava o fundo, uma covinha redonda e de fundo concavo, com o diametro de $0^m,20$ a $0^m,25$ approximadamente, para a qual se inclinava sensivelmente o pavimento.

Na do norte recolhemos fragmentos d'um grosso vaso, em fórma de alguidar, esmaltado internamente de verde, do qual conseguimos restaurar uma parte consideravel, hoje exposta no Museu Municipal da Figueira. Pelas informações do proprietario, este, explorando o sitio pouco tempo antes, tinha encontrado no fundo da fossa todos os fragmentos d'esta peça, dispostos de fórma que indicavam ter sido fracturada pelo peso do entulho; mas, não fazendo caso de semelhante achado, muitos dos fragmentos haviam saído com a terra que extrahira, e estavam esparsos no seio do terreno circumvisinho, que fôra lavrado. Por fortuna nossa ainda podemos recolher alguns d'estes ultimos.

Esta ceramica é considerada arabe; e o Museu da Figueira possue exemplares semelhantes encontrados em excavações feitas no recinto da Misericordia de Buarcos, que se achavam associados a outras louças.

A $1^m,50$ approximadamente para oeste d'estas fossas e na direcção da sua divisoria encontrámos uma pedra cir-

cular, com o diametro de $0^{m},70$ pouco mais ou menos e outro tanto de espessura, lavrada na face superior e em parte da superficie lateral, tendo no centro um orificio e no fundo d'este um outro de menor diametro, mas que parecia não ultrapassar metade da espessura da pedra. O proprietario informou-nos que estava no mesmo sitio em que a havia encontrado; mas que a tinha levantado, cortando uma especie de pavimento de argamassa que a cercava, e a deixára com a face superior (a do orificio) um pouco inclinada, em vez da posição horisontal que tinha.

Dois problemas nos surgiram em face d'estas ruinas. Qual o destino de semelhante obra? Que povo a construiu? Nós ficámos sériamente embaraçados com a sua solução, á falta de noções historicas e de dados archeologicos que nos servissem de comparação; e ainda hoje não nos julgamos auctorisados a affirmar cousa alguma sobre este assumpto. Entretanto, para encetar o estudo, não deixaremos de formular as hypotheses que mais provaveis se apresentaram ao nosso espirito.

As fossas com as pequenas cavidades no fundo, que se inclina sensivelmente para estas, e revestidas de argamassa, indicam recipientes d'algum liquido, servindo aquellas cavidades para o extrahir até ás ultimas gotas. A agua não era, de certo, esse precioso liquido. As proprias dimensões das fossas e a abundancia de aguas nativas na localidade repellem semelhante hypothese. Devia ser algum producto agricola muito estimado, como o vinho ou o azeite.

Posto isto, se imaginarmos que no orificio da pedra circular se montava o eixo d'um parafuso, ou se fixava uma haste de ferro para sobre ella girar outra pedra, teremos uma prensa ou um moinho. Este poderia servir para esmagar a azeitona: aquella para espremer o bagaço da uva ou da azeitona. Por um pavimento inclinado o liquido escorreria para as duas fossas.

Assim, em qualquer dos casos, as ruinas em questão pertenceriam a um pequeno lagar.

Não surprehenda a explicação. Os romanos, por exemplo, usaram no *torcular* o parafuso *(cochlea)* á moda dos gregos, como nos conta Plinio [1]. Era esse parafuso que movia a vara *(prelum),* como ainda se pratica nos lagares da actualidade.

O moinho de esmagar a azeitona *(trapetum)* não era sempre feito pelo modelo do que foi descoberto em Gragnano, descripto pelos archeologos: tambem se construia pelo systema que nós indicamos. Eis o que a este respeito diz Lagrèze, descrevendo o estabelecimento d'um mercador de azeite de Pompeia: «L'huile était puisée dans une cave revêtue de ciment, comme c'est toujours l'usage en Italie. Caton nous apprend que Pompéi était renommée pour ses pressoirs et pour ses moulins. Ces moulins à bras ont la forme de ceux que l'on fait encore. La meule du haut tournait sur la pierre inférieure à l'aide d'un appareil en bois mis en mouvement par un esclave ou par un âne [2]».

Entretanto nós preferimos a hypothese da prensa á do moinho, attendendo ao grosseiro lavor da pedra, á sua situação, ao diametro do orificio e sobretudo ao orificio mais pequeno que existe no fundo d'aquelle. O parafuso de madeira devia ser uma grossa peça; e, para girar facilmente, teria na extremidade inferior algum eixo de ferro, que se movia no pequeno orificio.

A obra, porém, não nos parece romana. O apparelho da alvenaria, o revestimento e a argamassa não são semelhantes aos das obras romanas que temos visto no proprio Algarve; e a fórma das fossas é completamente diversa da dos recipientes usados no *torcularium,* de que restam ainda dois exemplares nas ruinas de Milreu.

1. *Nat. Hist.*, liv. XVIII, cap. 74, §§ 6.º e 7.º
2. *Pompéi, les catacombes, l'Alhambre*, pag. 32.

O trabalho é muito ligeiro, muito fragil e muito tosco para ser romano: mais nos parece arabe. É sabido que os arabes aproveitavam a propria terra para os muros das suas edificações, seguindo um antiquissimo uso do Oriente; e os muros de terra pisada, chamados de taipa, ainda hoje tão generalisados no Algarve, são provavelmente vestigios da sua arte de construir. A ligeireza d'essas construcções, de que ainda restam exemplares na Hespanha, tem um certo ar de familia com a da obra de Bensafrim, porque até o fundo e paredes das fossas parecem ter sido fortemente comprimidos para receberem o revestimento da argamassa, que devia tornal-os menos permeaveis.

Um argumento poderoso favorece esta hypothese. Um vaso robusto, que servia talvez para conduzir o liquido das fossas para as vasilhas, existia no fundo da fossa do norte; e esse vaso é arabe, segundo a opinião dos que estão familiarisados com estes estudos.

Que a obra fôsse destinada ao fabríco do vinho ou do azeite não importa: os arabes fabricavam ambas as cousas, posto que geralmente se pense que a prohibição do Koran os inhibia absolutamente de fazerem uso do vinho. Damos a este respeito a palavra ao sr. Lagrèze: «Les mussulmans de Espagne, diz elle, cultivèrent la vigne, et ne laissèrent pas aux infidèles le plaisir de profiter seuls de leurs bons vins. Le remords les inquiétait parfois, mais ne les arrêtait pas. Un poème commence ainsi: «J'ai acquis mes péchés dans la boisson, et j'y ai perdu ma vertu».

Le plus souvent ils mouraient dans l'impénitence finale. Makkari raconte qu'un Arabe mourant, qu'on invitait à implorer la miséricorde divine, s'écria: «Mon Dieu! je ne désire rien de ce que contient le paradis que le vin de Malaga et les raisins secs de Séville [1]».

1. *Op. cit.*, pag. 486.

De resto Bensafrim foi povoação arabe, como indicam o proprio nome, os restos de ceramica arabe que por alli se encontram e os silos que ainda se vêem nas ruas, e a que o povo chama *celeiros dos mouros*.

Estes silos têem sido attribuidos por alguns a povos prehistoricos; mas a verdade é que elles constituem um velho uso do povo arabe, ainda hoje observado. Eis o que sobre o assumpto nos diz, por exemplo, o general Du Barail: «C'est (o silo) une sorte de cave dont les Arabes se servent pour enfermer leurs provisions. On creuse le silo autant que possible dans un terrain sec et assez compact pour ne pas se prêter aux infiltrations. Il est très étroit à son orifice, très evasé dans sa partie médiane et assez resserré au fond. Je ne puis mieux le comparer qu'à une gourde, ou plus exactement encore à ces bouteilles instables que les anglais remplissent de soda water [1]».

Dir-se-ia que elle descreve, não silos do norte da Africa, mas os do nosso Algarve.

Estacio da Veiga tinha proclamado a primeira idade do ferro em uma necropole da Fonte-Velha, a 1 kilometro approximadamente de Bensafrim, onde dizia ter encontrado, entre outros artefactos, fragmentos de louças de barro. Estas louças tinham bastante importancia para nós; e por isso, sendo-nos facilitada pelo digno prior a exploração do sitio, concentrámos alli todos os nossos esforços.

As pesquizas foram quasi todas feitas fóra da área já explorada por Estacio da Veiga; área que nos foi determinada pelo nosso excellente guia. Os resultados colhidos, quanto á necropole prehistorica, não pertencem a este es-

1. *Mes souvenirs*, *Revue Hebdomadaire*, n.º 131 de 1894.

cripto. Mas, para chegarmos a essa necropole, tivemos de atravessar uma necropole romana por incineração, que estava situada superiormente; e nós aproveitámos o ensejo de explorar tambem esta interessante estação. D'ahi uma serie de observações que estão no quadro d'este estudo, e que nos parecem d'alguma importancia.

O espaço de terreno por nós explorado fica contiguo pelo norte, oeste, sul e sueste ao da exploração anterior; e não será talvez muito inferior a este. Estacio da Veiga poz a descoberto 17 sepulturas prehistoricas: e nós descobrimos 15 do mesmo typo e uma de typo diverso, estando, todavia, esta ultima e duas d'aquellas na área das explorações do nosso predecessor.

Encontrámos restos consideraveis de 16 urnas funerarias *(ollae cinerariae)*, disseminadas pelo terreno, e mais algumas manchas de carvões e cinzas com fragmentos dispersos d'outras urnas.

O nosso illustre predecessor notára que a disposição dos depositos, contendo as cinzas, carvões, urnas e objectos votivos, era em monticulos. Nós tambem encontrámos no seio da terra 14 manchas de carvões e cinzas vegetaes, com espessuras variaveis, quasi todas isoladas, envolvendo urnas cinerarias; e pareceu-nos que essas manchas, mais largas na sua base, e tendo as urnas no meio, podiam bem, no seu conjuncto, dar a ideia de monticulos.

Esta disposição indicará que a cremação de cada corpo era operada no proprio local em que se sepultavam as respectivas cinzas dentro da urna? A hypothese poderá parecer inverosimil, em vista dos usos romanos geralmente conhecidos pela historia e pela archeologia. Quem tomar como guia, por exemplo, o bello diccionario de antiguidades de Rich, dirá que a cremação devia ser feita em algum *ustrinum* proximo, e que, sob este ponto de vista, teria sido interessante averiguar se os alicerces da construcção quadrangular, que Estacio da Veiga encontrou no terreno por

elle explorado, seriam restos dos muros que cercavam esse recinto. De facto aquelle escriptor ensina que a incineração era praticada em um logar publico, apropriado por meio de obras de arte a esse fim, a que dá o nome de *ustrinum,* ou no recinto do proprio tumulo que tinha de receber as cinzas, onde o sitio da cremação tomava o nome de *bustum,* e que só era dado a pessoas ricas. Não possuindo a pobre gente da Fonte-Velha tumulos alguns, é claro que só a hypothese do *ustrinum* poderia, segundo as ideias de Rich, ser-lhe applicada.

Outros auctores, tratando-se d'um e outro d'estes logares, de que restam vestigios em Pompeia, os designam ambos por *ustrinum,* chamando *bustum* á pyra consumida; e dizem que o da Via Appia, proximo de Roma, descoberto por Piranezi, tinha no meio uma fossa onde se fazia a incineração. «Cada localidade, dizem elles, possuia um logar especial para a incineração, chamado *ustrinum,* e até, se as leis policiaes se não oppunham, cada sepultura de familia tinha um *ustrinum* privativo [1]».

Mas, se na Fonte-Velha a cremação se fazia em um *ustrinum* publico, como explicar na necropole a presença das manchas de carvões e cinzas vegetaes? Serão os restos da pyra, trazidos do *ustrinum* com as urnas contendo as cinzas dos mortos, e depositados junto d'ellas? Difficil é a resposta, attendendo ao que se sabe geralmente das praticas funebres dos romanos.

Eis o que resumimos, a respeito d'estas praticas, de alguns auctores que nos são mais familiares. Nos funeraes dos ricos as brasas eram apagadas com vinho; os parentes, lavando as mãos, recolhiam os ossos e cinzas do cadaver nos pannos das suas vestes; aspergiam-nos com leite e vinho; e, depois de os seccarem, é que os encerravam nas

1. Guhl e Koner, *La vie antique*, Roma, pag. 134 e 135, 493 e 494.

urnas com substancias aromaticas, e os depositavam nos tumulos. No nono dia immediato havia um banquete com sacrificio junto ao tumulo *(novemdialia),* e pelo anniversario da morte tambem se sacrificava aos Manes do defuncto [1]. É certo, porém, que no tumulo de Naevoleia, em Pompeia, foram descobertas duas urnas cinerarias de vidro, hermeticamente tapadas, em que os ossos e cinzas fluctuavam n'um liquido que, pela analyse chimica, se reconheceu ser uma mistura d'agua, vinho e azeite, provenientes das libações; o que permitte modificar um pouco as praticas enunciadas [2].

Como se procedia com os pobres, taes como os da necropole da Fonte-Velha, é caso mais escuro, se attendermos ás poucas noções que nos dão os auctores que nós conhecemos. Eis a que se limita, por exemplo, Bridault, escriptor do seculo passado: — «Il avoit des endroits hors des murs de Rome ou l'on brûloit les corps des personnes du commun, ce qui se faisait à peu de frais & sans beaucoup de cérémonies». Referindo se aos sacrificios feitos nos anniversarios da morte, acrescenta: — «Les petits faisaient aussi cet anniversaire à leur manière & suivant leurs moyens [3]». Entre os mais modernos, Legrèze apenas diz o seguinte: — «nul parfum précieux n'était répandu sur le bûcher funèbre, où l'on ne jetait qu'un peu de poix pour activer la flamme. Si, dans une épidémie, les décès étaient nombreux, on entassait plusieurs corps qu'on brûlait à la fois [4]».

D'este modo, quanto ás outras praticas populares, temos de resignar-nos a affrontar os difficeis problemas que suggerem os vestigios encontrados na necropole da Fonte-

1. *Ob. cit.*, pags. 494 e 495.
2. *Pompei, les catacombes, l'Alhambra*, pag. 88.
3. *Pompeia*, por E. Breton, pag. 98.
4. *Mœurs et coutumes des romains,* t. 1, pags 250 e 255.

Velha e em outras semelhantes, como era, por exemplo, a que se descobriu em Pompeia, fóra da Porta de Nola, que parece pertencer á epocha decorrida entre Pompeu e o fim do reinado de Tiberio [1].

Ora entre os factos que foram verificados por nós no acto da exploração, convém notar primeiramente os seguintes: que se encontraram duas urnas sem estarem associadas a manchas negras no terreno circumdante; que foram encontradas tres outras urnas, todas fendidas, mas conservando todos os fragmentos adherentes á pasta interna, que era negra, as quaes estavam cercadas de manchas negras de carvão vegetal; — e que todas as restantes urnas, a que faltavam muitos fragmentos, se denunciaram por manchas semelhantes.

Para estas ultimas a hypothese de remeximentos occorre sem difficuldade; mas não basta para resolver o problema. Nós observámos que as massas de carvões e cinzas eram tão grandes em relação ao que podiam conter as urnas, que a dispersão do conteudo d'estas não podia ser a sua unica causa: tanto mais porque em muitas das manchas do solo se recolheram porções consideraveis das pastas cinerarias, conservando tambem externamente adherentes grandes porções das urnas em fragmentos, e internamente diversos vasos de vidro, uns inteiros e outros partidos.

Parece, pois, que taes urnas tinham estado em condições analogas ás das segundas, isto é, tinham sido depositadas no meio de carvões e cinzas vegetaes. Assim, para estes dois grupos, a causa da presença das manchas negras do solo foi a mesma; e essa causa representa uma pratica geral, pois que só parece não ter sido seguida quanto ás duas primeiras urnas a que nos referimos.

Outro facto de maior importancia foi tambem reconhe-

1. *Pompeia*, por E. Breton, pag. 115.

cido por nós. Alguns dos fossos que haviam sido abertos para sepultar as urnas, apresentavam no fundo vestigios d'um fogo intenso. Os homens da necropole superior, encontrando por vezes n'essas excavações as lages que cobriam as sepulturas da necropole inferior, levantaram-nas e partiram-nas, fazendo descer as excavações dentro d'estas sepulturas até $0^{m},10$ e $0^{m},20$ dos topos dos supportes ou lages verticaes, que n'esta parte ficaram inteiramente a descoberto; e um fogo fortissimo atacara profundamente estas lages, desaggregando-lhes diversas parcellas. Vestigios semelhantes encontrámos em fragmentos das lages da cobertura dispersos pelo entulho.

Isto prova, a nosso ver, que a causa dos carvões e cinzas vegetaes que cercavam as urnas, fôra esse fogo violento feito no *proprio local* de cada sepultura.

Este resultado tem um grande alcance para nós. Só a incineração dos corpos exigia fogo tão intenso: nem sacrificios, nem banquetes funebres podiam explical-o. Os ensaios de cremação, que se têem feito, demonstram que é necessaria uma forte combustão, mantida durante muitas horas, para reduzir um cadaver a cinzas; e este fogo violento chega a calcinar as proprias rochas que ficam sujeitas á sua acção destruidora. D'este modo somos levados a admittir que, para cada morto, era aberto na terra um fosso com dimensões sufficientes, o qual servia de *ustrinum* e de sepultura. Incinerado alli o corpo, como na fossa do *ustrinum* da Via Appia, recolhiam-se as respectivas cinzas na urna, e, juntando-se em uma parte do fosso os restos da pyra, a urna era depositada no meio d'elles.

Mas as duas urnas que não jaziam no meio de carvões e cinzas? Para estas é forçoso admittir que os mortos foram incinerados fóra das sepulturas.

A explicação que damos ás manchas do solo será talvez tida por ousada; mas não deixa de ter apoio em observações feitas n'outros logares. Como na necropole luso-

romana da Fonte-Velha, se procedeu na necropole gallo-romana de Poitiers. Pelos relatorios das excavações feitas n'esta ultima por conta do governo francez, sabemos que muitas das sepulturas por incineração consistiam em fossos com a grandeza de homem, ou approximadamente circulares e com um metro de diametro, abertos na rocha, dentro dos quaes se achavam cinzas, ossos queimados, restos de ceramica e de vasos de vidro; e outras consistiam em urnas de vidro ou de barro, contendo os ossos queimados, e que se achavam enterradas isoladamente. Estas ultimas fizeram pensar em um *ustrinum* onde devia ter-se effectuado a cremação; mas tendo-se verificado que o fundo e paredes dos fossos abertos na rocha estavam fortemente calcinados, concluiu-se que cada corpo fôra incinerado na propria sepultura, umas vezes em posição horisontal e outas em posição vertical. Só para as urnas isoladas subsistia a hypothese d'um *ustrinum* ou logar proprio de incineração, se é que esta não era praticada ao lado de cada sepultura.

É notavel que na nossa necropole não apparecesse sepultura alguma por inhumação. Na referida necropole gallo-romana o uso da incineração coexistiu com o da inhumação. De 125 sepulturas descobertas no terreno do Estado 73 eram por incineração e 52 por inhumação, pertencendo ás mesmas epochas as moedas encontradas em umas e outras.

O uso exclusivo da incineração pela gente da Fonte-Velha, que comprehendia homens de armas e pessoas da plebe, comparado com o da inhumação observado no estabelecimento agricola de Marim, onde as sepulturas não continham armas nem o mobiliario de vidro, bronze ou barro fino que recolhemos na necropole de que tratamos, faz pensar que esta pertenceria a pessoas livres.

Devemos, porém, advertir que em Poitiers algumas sepulturas por inhumação eram tão pobres como as de Marim. Não continham vasos de vidro, nem outro mobiliario, além de pregos e algum vaso de barro. A sua construcção era até muito semelhante ás de Marim. Por isso a distincção feita entre as duas necropoles do Algarve não passa do dominio das hypotheses, que novas descobertas em Portugal poderão confirmar ou destruir.

Explorando as manchas negras do solo, um dos factos que mais nos impressionaram foi a presença de pregos em muitas d'ellas. Em uma sepultura da necropole por inhumação de Ferrestello, sepultura feita de telha romana, que foi transportada para o Museu Municipal da Figueira, tinhamos encontrado um pequeno prego de ferro. Em uma das sepulturas de Marim, como dissémos, tambem recolhemos nove pregos de ferro. Agora temos abundancia dos mesmos objectos em sepulturas por incineração!

Será facil explicar isto pelo facto d'alguns cadaveres serem inhumados ou incinerados em esquifes feitos de madeira, como era uso entre os ricos [1]. Mas um só prego, como em Ferrestello, não era bastante para um esquife; e os pregos de ferro de Marim e da Fonte-Velha são de taes dimensões que indicam madeiras de grande espessura, pouco proprias para semelhante fim. Entretanto, encontrando-se pregos semelhantes nas sepulturas por inhumação de Poitiers, foram attribuidos a esquifes. «Presque dans toutes, diz o relatorio das explorações, on trouve des clous, souvent fort longs. Il est donc à croire que l'on inhumait les morts dans des cercueils, lorsque les ressources de la famille le permettaient». Referindo-se ás sepulturas por in-

1. *La vie antique*, Rome, pag. 491, 492—494.

cineração, explica o facto d'outro modo. «Dans toutes les sépultures on rencontre des clous calcinés; faut-il en induire qu'on brûlait les morts dans des cercueils fermés? L'existence des plates-formes (nas bordas das sepulturas) dont nous venons de parler nous a donné l'idée qu'ils pourraient avoir été brûlés sur un plancher, probablement à claire-voie, assemblé au moyen de ces clous qui sont ordinairement fort longs».

É certo, porém, que a Fonte-Velha fornece, pelo menos, um exemplo manifesto de o morto ter sido incinerado em ataúde de madeira. N'uma das sepulturas nós recolhemos os pregos, fechos, uma argola e outras peças, tudo de bronze, do esquife. Os pregos têem a cabeça conica e alguns as pontas dobradas a $0^{m},020$ das cabeças, indicando que haviam excedido a espessura da madeira.

Para fazer-se ideia das peças metallicas que se applicavam em taes casos, damos o desenho de todos esses bronzes, taes como se acham expostos no Museu Municipal da Figueira. Fig. 7.

Sem duvida faltam muitas, principalmente aquellas em que entravam as lingoetas dos fechos, e as que ligavam a argola; e d'algumas das desenhadas não se conhece bem o destino, como são os pequenos anneis: mas em todo o caso alguma restauração póde tentar-se só com os objectos existentes e de uso conhecido. Foi provavelmente a fusão que destruiu as outras; porque nós recolhemos restos de metal completamente fundido, e até um fragmento de fecho apresenta vestigios manifestos de fusão.

As urnas, como dissémos, estavam enterradas. Auctores de primeira ordem, como Guhl e Koner, formularam a seguinte pergunta: «Dans quel endroit conservait-on l'urne funéraire, si la famille n'avait point de sépulture commune?»

A resposta é dada, em Portugal, pela necropole que

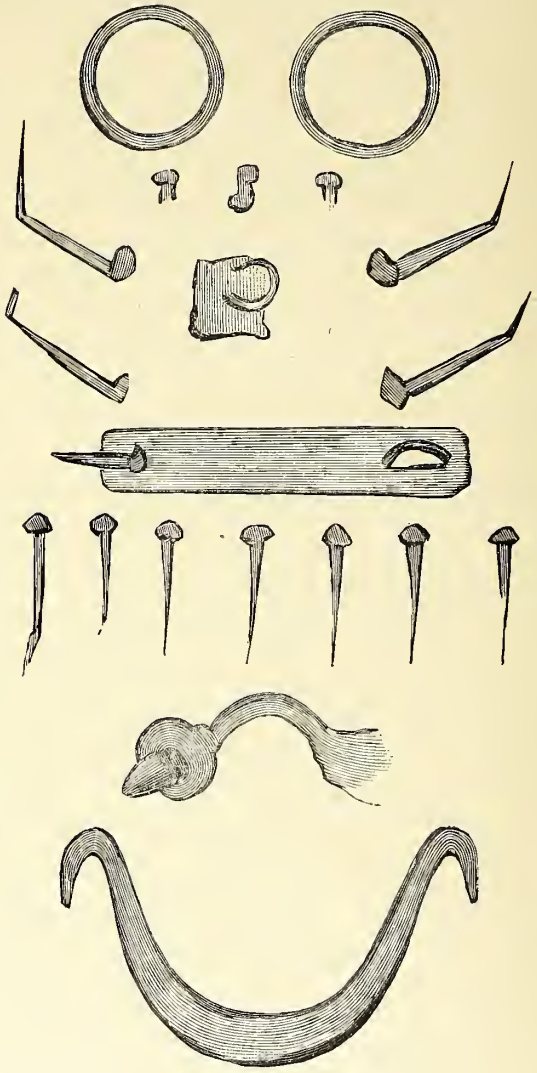


Fig. 7

estudamos, como já o fôra em Italia pela necropole de Pom-

peia, fóra da Porta de Nola, e em França pela necropole de Poitiers: — a urna era enterrada em um terreno publico, destinado para esse fim.

Geralmente estavam a $0^m,50$, pouco mais ou menos, de profundidade; mas algumas encontraram-se a $0^m,15$ e a $0^m,44$ e até a $0^m,60$. Essa pequena profundidade foi sem duvida causa de se destruirem, no amanho da terra, muitas urnas, de que só recolhemos poucos fragmentos; e um facto semelhante explicará talvez a raridade das necropoles romanas por incineração em varias regiões de Portugal.

Em circumstancias analogas se encontraram as urnas na necropole de Poitiers. «La couche de terre, diz o relatorio das explorações, très peu épaisse à l'endroit où nous avons fait nos recherches, n'atteint par endroits que $0^m,40$ ou $0^m,50$; les vases étaient donc tout prés du sol et, malheureusement par suite de cette circonstance, ils sont presque tous brisés, les fragments ont été plus ou moins disséminés, éloignés probablement de leur point de dépôt par la charrue qui les avait arrachés».

É certo, porém, que tanto n'esta necropole como na da Fonte-Velha algumas urnas foram protegidas: na primeira por uma especie de caixas ou cofres de pedra, ou por outros vasos de barro de maiores dimensões; e na segunda por pedras dispostas em redor e por cima de cada urna. Advertiremos tambem que na de Poitiers as cinzas que jaziam, não em urnas, mas no fundo dos fossos abertos na rocha viva, eram ás vezes protegidas por telhas ou tijolos dispostos em fórma de tecto triangular, ou por uma especie de caixa feita com cinco tijolos, no meio da fossa, onde se ajuntavam os restos da cremação; caixa que se cercava de pedras.

As urnas que podemos restaurar apresentam todas a mesma fórma, que se acha reproduzida na fig. 8; e pelos

fragmentos das não restauradas parece-nos que estas deviam ter fórma semelhante. É a das nossas panellas de barro, mas sem azas, se exceptuarmos um exemplar, nos fragmentos do qual notámos vestigios d'uma aza.

O barro é geralmente vermelho, castanho ou negro, puro em umas e cheio de grãos quartzosos em outras. N'algumas urnas está tão decomposto e gasto, que as arestas das fracturas desappareceram, tornando impossivel qualquer restauração.

Fig. 8

Nenhuns ornatos n'estes vasos. O ornato só apparece em outros vasos que se achavam associados ás urnas, e que provavelmente tinham sido desviados do seu destino primitivo para serem applicados a usos funerarios.

Uma das maiores urnas restauradas mede na altura $0^m,23$, no maior diametro do bojo $0^m,22$, e no diametro da bocca $0^m,155$. A mais pequena, que está incompleta, mede na altura $0^m,135$, no maior diametro do bojo $0^m,16$, e no diametro da bocca $0^m,11$.

Não tinham tampa *(operculum)* que lhes fosse apropriada. Uma estava tapada com um fragmento de grosso vaso, e outras com pequenos vasos invertidos. A da fig. 9 tinha a bocca coberta com um vaso vermelho em fórma de tigela, invertido, pousando sobre o fundo d'este um outro vaso, tambem invertido, de barro vermelho, pertencente ao typo dos pratos *com pé*. A tigela é de barro grosseiro, já muito decomposto; mas o vaso superior é de pasta mui fina, apresentando nas superficies vestigios da coberta lustrosa de que fallámos a proposito da ceramica de Marim. O typo d'este ultimo vaso é de origem grega. Guhl e Koner apresentam o desenho d'elle entre os vasos da Grecia [1]. O pri-

1. *La vie antique*, Gréce, pag. 208, n.º 2.

meiro mede na altura $0^{m},075$ e no diametro do bordo $0^{m},14$; e o segundo na altura, comprehendendo o pé, $0^{m},036$ e no diametro $0^{m},16$.

Os vasos com estas fórmas não eram raros. Recolhemos bastantes fragmentos, e conseguimos restaurar mais dois exemplares do segundo typo.

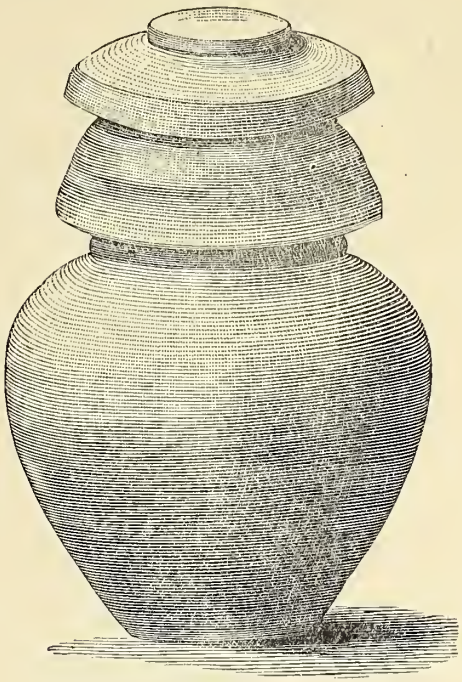


Fig. 9

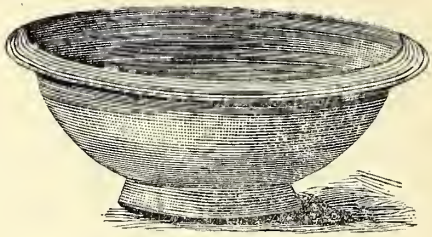
Uma variedade notavel existe nos outros productos ceramicos associados ás urnas. O typo da fig. 10 é muito commum. Dos exemplares que recolhemos, todos de barro vermelho, alguns têem a pasta grosseira e muito decomposta, e outros são de barro fino com coberta lustrosa, e têem a superficie superior do bordo guarnecida de pequenas folhas em relevo, isoladas e todas com a mesma fórma. O maior

mede na altura $0^m,036$ e no diametro do bordo externo $0^m,163$; e o mais pequeno $0^m,034$ na altura e $0^m,094$ no diametro do bordo externo.

O da fig. 11, de barro branco, é raro na necropole; mas Estacio da Veiga encontrou este typo em outras estações romanas do Algarve; e nós recolhemos numerosos fragmentos de vasos semelhantes e de muito maiores dimensões nos depositos de Santa Olaya.

O da fig. 12, em fórma de taça com pé, apparece em tres exemplares, todos de barro vermelho muito fino e com coberta lustrosa. É interessante o exemplar que apresentamos, restaurado em parte, por estar externamente decorado com ornatos de phantasia em relevo; e mede na altura $0^m,087$ e no diametro $0^m,17$. Os outros exemplares são muito mais pequenos, e não têem ornato algum.

Fig. 12



Fig, 10

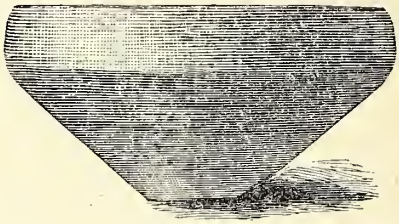


Fig. 11

O vaso da fig. 13, de barro pardo e grosseiro, não tem similar nos restos que colligimos. Mede na altura $0^m,08$ e no diametro do bordo externo da bocca $0^m,078$.

Outras fórmas parecem ainda ser indicadas em fragmentos de pequenos vasos; mas a restauração d'estes foi impossivel, e por isso nos abstemos de as especificar. Além dos vasos de barro encontrámos junto ás urnas numerosos fragmentos de vasos de vidro. Nós conseguimos, com extraordinario trabalho, restaurar alguns que nos parecem muito interessantes, e que convém assignalar aos leitores.

Seja o primeiro um de côr esverdeada, com a fórma de gomil, recordando perfeitamente a *oinochoé* dos gregos. Tem collo elevado e aza, e mede na altura $0^{m},15$ approximadamente.

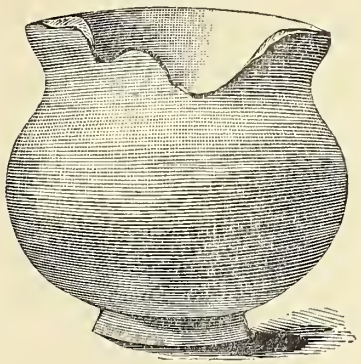


Fig. 13

Ha dois copos grandes, que recordam as fórmas de alguns dos nossos copos da actualidade. Um, de vidro mui fino e diaphano, tem o typo campaniforme, e mede na altura $0^{m},093$; e outro, de vidro esverdeado e com algumas faxas esmeriladas, devia ter pé, e pertence ao typo que Guhl e Koner representam na fig. 207 da sua obra sobre a vida romana [1]. A altura do corpo d'este segundo vaso é de $0^{m},10$.

1. *Rome*, pag. 241.

Outro vaso, com ornatos em relevo, recorda o typo do *aryballos* dos gregos, que Guhl e Koner representam na sua obra sobre a vida grega, figs. 237 a 277, n.º 36 [1], com a differença de o nosso exemplar ter a bocca e collo mais largos. Mede na altura $0^{m},08$.

Pertence ao mesmo typo, mas sem aza, um vaso de vidro tão delgado como uma folha de papel, de que não foi possivel restaurar senão a parte superior. Distingue-se esta peça por ter o collo mais elevado e ser bojuda.

São tambem notaveis os restos d'uma taça ondulada com fundo de prato, guarnecida de faxas esmeriladas.

Além d'estes vasos recolhemos alguns que pertencem á classe dos frascos. O mais importante é uma elegante garrafinha de vidro amarello, de collo alto e estreito e com o bojo em fórma de taça. Mede na altura $0^{m},165$. Outra garrafinha, de vidro esverdeado, é mais grosseira na fórma, posto que tenha collo elevado, não só por este ser demasiadamente largo, mas porque o bojo vae augmentando de diametro para a base, e não tem pé. Os restantes são pequeninos vasos que pertencem indubitavelmente ao typo do *alábastron* dos gregos, mas tendo o gargalo bastante desenvolvido. Os bojos são semelhantes aos dos n.^{os} 35 e 37, figs. 237 a 277 da obra de Guhl e Koner [2]. Alguns d'estes vasos estão deformadas pela fusão.

Notaremos por ultimo os restos d'um vaso depolido e com ornatos em relevo, indicando o typo da *oinochóe*.

Alguns dos vasos de barro e de vidro eram destinados ás libações, taes como a *oinochóe*, as taças, os copos e outros vasos de bocca larga; e as garrafinhas e o *alábastron*

1. *La Grèce*, pag. 208.
2. *La Grèce*, pag. 208.

eram destinados aos perfumes. Vasos com estas applicações se encontram frequentemente nas sepulturas romanas, como affirmam Guhl e Koner.

Pensou-se durante muito tempo que o *alábastron* era destinado a receber as lagrimas dos parentes do morto, e ainda hoje alguns archeologos o denominam *lacrymatorio;* mas Rich, fundado nos auctores antigos, o comprehende no typo *unguentarium,* ou vaso de perfumes, como era entre os gregos; e muitos escriptores abalisados seguem a mesma opinião. Se esse vaso fosse destinado a conservar as lagrimas dos parentes do morto, devia naturalmente estar tapado e não ser lançado na pyra, como aconteceu aos exemplares que nós encontrámos deformados pela fusão.

O uso dos perfumes nas cerimonias funebres era geralmente espalhado entre os romanos. Os cadaveres eram perfumados, como indica a insignia d'um *myrcopolium* ou *myrcolium,* loja de perfumes, encontrada em Pompeia [1]; e depois da cremação, as cinzas tambem recebiam substancias aromaticas. Breton cita estes versos d'um antigo poeta:

> ..... Sed cenam funeris heres
> Negliget iratus, si rem curtaveris; urnae
> Ossa inodora dabit.

«O teu herdeiro, furioso de ver os bens diminuidos, desprezará o festim do teu funeral, e encerrará na urna os teus ossos sem perfumes [2]».

O fogo não atacou sómente alguns dos vasos de vidro que estavam fóra das urnas. Dois vasos de barro soffreram tambem a sua acção destruidora, e d'elles encontrámos uma grande parte dos fragmentos. Isto significa, a nosso ver, que taes objectos não foram collocados inteiros nas sepulturas.

1. *Pompeia*, de E. Breton, pag. 331; Lagrèze, *ob. cit.*, pag. 82.
2. *Ob. cit.* de E. Breton, pag. 96, nota 1.

Factos semelhantes foram observados na necropole de Poitiers, sendo notaveis as considerações que a seu respeito faz o relatorio da exploração.

«Quelques fois, diz elle, sous le conduit il y a des débris de vases en terre et en verre. Dans certaines tombes il y a des très nombreux débris, mais, chose remarquable, il est certain pour nous que les vases auxquels ils appartiennent n'ont pas toujours été placés entiers dans la fosse.

Ils nous paraît possible de distinguer en trois catégories les vases dont nous avons trouvé des traces:

1.º Des vases placés entiers autour du bûcher, souvent brisés pendant la combustion, les uns tombés par fragments dans le brasier et fondus ou brûlés; les autres restés sur le bord, mais ramenés ensuite sur les cendres, avec plus ou moins précaution.

2.º Des vases brisés en dehors du bûcher dans quelque cérémonie de funerailles, et dont on aurait jeté quelques débris dans les cendres, déjà éteintes ou près de l'être.

3.º Des vases placés après coup dans la fosse pour contenir quelques ossements recueillis.

Ajoutons que, dans presque toutes les tombes, on rencontre des débris de fioles de verre à long goulot et à panse aplatie; cette fréquence donne à penser que c'étaient des fioles renfermant des parfums dont on arrosait les cendres ou les bûchers encore en activité, et que l'on y jetait ensuite».

Além dos vasos recolhemos fóra das urnas uma ponta de lança *(cuspis)* quasi inteira, dois fragmentos d'outra que foi manifestamente partida, restos d'uma terceira, muito deteriorados pela oxydação, que parecem pertencer ao *spiculum* de que fallam Guhl e Koner, e d'outra arma que parece ter sido uma espada, toda de ferro, assim como alguns fragmentos de placas do mesmo metal.

A arma partida indica uma cerimonia dos funeraes. Estacio da Veiga menciona armas de ferro torcidas, provenientes de Alcacer-do-Sal, que attribue a epocha muito anterior á romana, e ainda outras provenientes de Hespanha; e cita a opinião do sr. Worsae ácerca de semelhante uso [1]. *O Archeologo,* em o n.º 3, referindo-se a essas armas de Alcacer, tambem explica o seu estado por um rito funerario anterior aos romanos [2].

Mas, se algumas duvidas offerecem esses objectos preromanos, o nosso exemplar parece-nos decisivo quanto á epocha romana. Os vestigios da fractura são manifestos, e os fragmentos foram recolhidos em um dos depositos funerarios da necropole, no meio de carvões e cinzas vegetaes.

A pasta cineraria contida na primeira urna que recolhemos, foi transportada para a nossa residencia de Faro, e ahi minuciosamente examinada. Esta urna estava soterrada a grande profundidade, mettida entre pedras, sem indicios de carvões e cinzas no terreno que a envolvia; e, apesar de fendida, poude ser retirada com todos os fragmentos adherentes á pasta interna. Não havia n'ella o menor vestigio de remeximento.

Submettendo ao calor do fogo uma pequena porção da pasta, tomou o aspecto e a dureza da argilla secca, de côr vermelha. Era manifesto que as aguas, introduzindo-se pelas fendas da urna e dos vasos que serviam de *operculum,* haviam levado em dissolução e misturado nas cinzas particulas argillosas do terreno circumdante.

1. *Antiguidades Monumentaes do Algarve,* IV, pag. 268 e segs.

2. Sobre as espadas partidas em sepulturas da epocha do bronze vej. *L'Age du bronze* de J. Evans, trad de Battier, pag. 295.

O resto da pasta, conservando muita humidade, apresentava um contacto oleoso, e exhalava um ligeiro perfume. Estes dois factos causaram-nos tal surpreza que, duvidando dos nossos sentidos, fizemos com que mais tres pessoas os verificassem; e todas reconheceram que não nos illudiamos. A analyse chimica, feita pelo sr. Sotero Simões d'Oliveira, confirmou o facto da existencia d'uma substancia oleosa. No seu relatorio aquelle cavalheiro exprime-se n'estes termos: «Verifiquei estar a massa impregnada de oleo, de que não pude determinar a qualidade».

Além de terra, cinzas e ossos calcinados, só encontrámos em algumas urnas os objectos que vamos indicar.

O mais importante devia ser uma moeda de bronze, que conservamos no Museu Municipal da Figueira: mas infelizmente a oxydação destruiu por completo os vestigios do cunho; e por isso impossivel é conhecer a epocha a que pertence.

A presença d'esta moeda representa, como é sabido, um uso muito espalhado entre os romanos, de collocar nas sepulturas o dinheiro destinado a pagar a Charonte a passagem na barca infernal. Na necropole situada fóra da Porta de Nola, em Pompeia, cada urna continha alguma d'essas moedas [1].

Outra necropole romana, pertencente ao IV seculo da nossa era, descoberta em Mouy-Bury (Oise) e explorada pelo abbade Hamard, necropole em que as sepulturas eram por inhumação, apparecia a moeda entre as phalanges das mãos dos esqueletos [2].

Quanto á necropole de Poitiers, o relatorio das explorações exprime-se n'estes termos: «Les monnaies sont rares; nous en avons recueilli un petit nombre. Les sépultures incinérées n'en renferment presque jamais et dans les autres,

1. *Pompeia*, pag. 115; Lagrèze, *ob. cit.*, pag. 91.
2. *Revue encyclopèdique*, 6.º anno, n.º 131.

les bronzes, sans doute promptement altérés par les chairs en décomposition, ne sont presque jamais déchiffrables».

Em uma das urnas da Fonte-Velha existia um fibula, e em outra existiam duas, todas de bronze, tendo estas ultimas ligeiros ornatos.

Uma serie de pequenos vasos de vidro, do typo *alábastron,* foi tambem colligida em diversas urnas. Alguns partiram-se no acto da exploração; mas os outros foram retirados inteiros. Duas fórmas principaes se distinguem n'estes objectos: uma é a que já indicámos; e a outra é representada por um longo collo cylindrico, terminando em baixo por um pequeno corpo de fórma conica.

Quanto á epocha do dominio romano a que pertence esta necropole, nada podemos dizer. Se as semelhanças com a de Poitiers indicassem seguramente a mesma epocha, teriamos de attribuil-a aos seculos II e III da era christã [1]. Mas essas semelhanças não são, a nosso ver, uma forte razão de decidir, porque muitos usos romanos foram conservados em diversas epochas. Bastará notar que a necropole de Pompeia, a que nos referimos, tambem analoga á da Fonte-Velha, pertence ao seculo I antes de Christo e ao seculo I da era christã.

A 600 metros approximadamente para O da necropole da Fonte-Velha, na mesma zona dos Solões da Mina e em predio de Jozé Nobre, existem restos muito interessantes d'um lagar romano *(torcularium).*

1. Sobre o que temos dito ácerca da necropole gallo-romana de Poitiers veja-se o *Catalogo do Museu de Cluny*, pag. 638 e segs.

N'uma possante camada de grés que aflora o solo, inclinada de NNE para SSO, encontra-se uma excavação quadrilonga, semelhante a um tanque, com os dois lados maiores orientados n'aquelle mesmo rumo. Mede no lado de NNE $1^m,42$; no lado fronteiro, isto é, no de SSO, $1^m,45$; nos outros lados $2^m,25$; e na profundidade $0^m,41$ ao NNE e $0^m,26$ ao SSO, por causa da inclinação da rocha.

Este tanque, indicado na planta (fig. 14) pela letra *f*, fôra primitivamente revestido com argamassa composta de cal e areia, que até lhe occultava os angulos, substituindo estes por uma curva que ainda subsiste em *d*.

Rente ao fundo do recipiente, do lado de SSO, um orificio *e*, de $0^m,2$ de comprimento, praticado no grés, communica com outra excavação circular *g*, de $0^m,82$ de diametro, aberta na mesma rocha, e que tambem era revestida com argamassa, tendo a profundidade de $0^m,65$, no fundo da qual se abre, ao centro, uma fossasinha circular e pouco profunda. Do bordo d'esta especie de cuba parte um pequeno rego *h*, que termina no ponto em que é maior o desnivelamento da rocha.

Pelo NNE do tanque a rocha foi nivelada até $0^m,6$ approximadamente do bordo, ficando n'essa distancia um resalto *i*, *i'* e *i''*, muito acima do nivel do mesmo bordo. A parte reintrante *i'* penetra $0^m,28$ pouco mais ou menos na massa do grés, e tem de largura $0^m,23$. Com a mesma largura segue d'alli um sulco pouco profundo *c*, que termina no bordo do tanque.

Na parede vertical da porção saliente *i* do resalto existe, quasi a meia altura, uma excavação longitudinal *a*, que a atravessa; e fronteiro ao ponto em que esta excavação communica com o vão da parte reintrante do mesmo resalto, está na parede opposta d'este vão aberto um orificio circular *b*, com diametro approximadamente igual ao da dita excavação.

Nós pensamos que em *i'* penetrava a extremidade

(lingula) da vara *(prelum)* do lagar, extremidade atravessada por um orificio correspondente á excavação *a* e ao orificio *b* do grés, de modo que um eixo introduzido por esta excavação, passando pelo orificio da *lingula* e penetrando no buraco *b,* segurava perfeitamente aquella extremidade da vara, permittindo aliás que fôsse levantada e abaixada á vontade.

Esta disposição engenhosa evitava o emprego de poste ou postes verticaes de madeira *(arbores)* bem cravados no solo, que se ligavam á *lingula* da vara por eixo, nos lagares ordinarios, onde as circumstancias do solo eram diversas das que se notam no exemplar que estudamos.

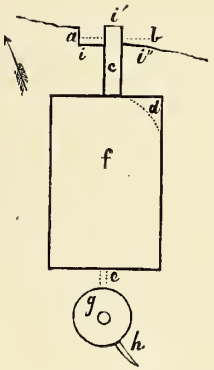


Fig 14

O sulco *c* recebia a parte correspondente da vara, quando se abaixava. Sem elle, attendendo á inclinação da rocha, a pesada alavanca, encontrando alli um ponto de apoio, faria provavelmente rebentar o resalto do grés, onde existia o eixo da *lingula.*

O meio do recipiente *f* era a *area* onde se accumulavam os restos das uvas, depois de pisadas, ou da azeitona, depois de moida, e se cobriam com o *orbis,* peça de madeira sobre que actuava a vara, e que era destinada a distribuir com igualdade a pressão.

O succo escorria para o lado de SSO do mesmo recipiente, e, pelo orificio *e*, ia cair na cuba *g*. Para o trasbordo servia o rego *h*, que dirigia o liquido sobre um unico ponto, onde seria aproveitado; e, para os restos que ficavam no fundo, servia a fossasinha central, onde um pequeno vaso poderia retiral-os quasi até ás ultimas gotas.

Qual a epocha do dominio romano a que pertence esta obra, é difficil dizer. Plinio conta que em tempos mais antigos a vara era abaixada por meio de cordas, correias de couro e alavancas; que havia um seculo se tinha introduzido o parafuso, á moda dos gregos, para erguer e abaixar aquella peça; e que depois de vinte e dois annos, isto é, em vida do auctor, tinha-se ainda modificado este apparelho, montando o parafuso no meio do lagar, parafuso que actuava sobre as peças de madeira que cobriam os restos das uvas [1]. Mas, se exceptuarmos este ultimo systema, que evidentemente não era o do exemplar de que tratamos, não estamos habilitados a resolver qual dos outros seria o adoptado, isto é, se o usado até cem annos antes de Plinio, se o usado depois, até vinte e dois annos anteriores áquelle em que este auctor escrevia. Ignoramos se no grés, que para o lado de SSO estava coberto de terra, existirão os dois buracos em que se fixavam os postes de madeira *(stipites)*, que mantinham em baixo o cabrestante *(sucula)*, destinado a augmentar a pressão da vara, e em cima a travessa onde existia a roldana que servia para levantar o pesado madeiro, conforme a descripção do mais antigo systema que nos dá Rich; e, ainda que existam, não será seguro concluir que a obra seja anterior a um seculo antes de Plinio, porque o velho systema parece ter continuado em uso, pelo menos até á sua morte, como prova a descoberta de lagares de vinho e de azeite assim construidos, mencionada pelo pro-

1. *Nat. Hist.*, XVIII, LXXIV, §§ 6.º e 7.º

prio Rich, em Stabias, povoação sepultada sob uma camada de cinzas e de pedra-pômes, vomitadas pela mesma erupção do Vesuvio que causou a morte do escriptor romano.

O exemplar que fica descripto não é o unico na freguezia de Bensafrim. O reverendo Gloria affirmou-nos que existe outro semelhante, com menores dimensões, em predio seu, conhecido pelo nome de *Lagarinho*.

Restos romanos e arabes encontram-se frequentemente, á superficie do solo, em quasi toda a freguezia e suas circumvisinhanças.

Nós podemos citar alguns que casualmente vimos.

No sitio do Valle da Vinha, a dois kilometros approximadamente para o norte da igreja matriz, encontrámos fragmentos de telhas de rebordo no meio d'um grande esteval, associados a grupos de pedras que o proprietario nos apresentou como ruinas de sepulturas, mas que na realidade indicavam serem restos d'outras construcções.

No Monte Amarello, a dois kilometros mais para o norte, vimos alguns cacos de grandes vasos romanos, talvez de *dolia*, e um fragmento de alguidar arabe, esmaltado de verde, igual ao que já mencionámos n'este estudo.

Na caverna de Saborosa, situada a um kilometro approximadamente para ESE da igreja matriz, recolhemos um pedaço de louça coberta de esmalte amarello, igual ao de muitas louças arabes que tem sido colligidas no Algarve.

No pequeno povoado da Portella, que fica na estrada publica entre Bensafrim e Lagos, vimos um grande pedaço de *pavimentum* da especie *opus signinum* ainda solidamente fixado no solo d'uma rua.

Estes e outros objectos esparsos têem sem duvida pequeno valor archeologico; mas, se nos approximarmos de

Lagos, passando a ponte, em direcção á ermida de S. Pedro, a 300 metros pouco mais ou menos para E d'este edificio, em predio da sr.ª D. Theodora Amalia da Silva Machado, encontrámos obra de maior vulto. Trata-se d'uma necropole luso-romana por inhumação, estabelecida na encosta d'esse predio, que se acha voltada para O, ao lado da casa de habitação; necropole já muito devastada pela construcção d'este edificio e pela plantação de figueiras, mas onde os estudiosos poderão ainda encontrar bastantes sepulturas intactas.

É a necropole de Marateca.

Fôra o nosso erudito amigo sr. José Joaquim Nunes quem nos dera noticia d'esta estação, mostrando-nos os bronzes recolhidos em uma das sepulturas, como já dissémos n'este estudo. Ao principio pouco nos interessára a descoberta; mas quando elle nos apresentou em sua casa um vaso de barro fabricado á mão, que se encontrára associado ás peças metalicas, ficámos com um vivo desejo de aproveitar uma nova excursão a Lagos, para explorarmos o sitio.

A razão d'este desejo já o leitor terá colhido no que escrevemos ácerca de certas louças de Marim. Presumiamos já então um facto de que hoje estamos inteiramente convencidos, qual o da existencia, entre os povos que habitavam o paiz, d'uma industria ceramica com feição primitiva em plena epocha romana; e o vaso de Marateca era mais um argumento poderoso a favor d'aquella these.

Por consequencia, voltando a Lagos alguns mezes depois, e obtida auctorisação da proprietaria do terreno, fomos com o reverendo Nunes estudar a necropole.

Fizemos descobrir seis sepulturas, que estavam intactas. Junto d'algumas encontrámos restos esparsos de *opus*

signinum, arrancados sem duvida do pavimento d'algum edificio

Duas ou tres lages horisontaes formavam a tampa de cada uma d'estas sepulturas; mas em uma d'ellas as lages estavam cobertas e cimentadas por espessa camada de argamassa composta de cal e areia. No entulho que existia em cima das tampas encontraram-se pedras soltas, fragmentos de *opus signinum* e ossos humanos em desordem.

A presença d'estes ossos em semelhante logar não nos surprehendeu. Na necropole luso-romana de Ferrestello, situada no concelho da Figueira, verificámos o mesmo facto; e pareceu-nos evidente que taes ossos tinham sido removidos das sepulturas, para darem logar a outras inhumações. É tambem a explicação que damos ao facto notado em Marateca.

Levantadas as tampas, appareceram seis fossas rectangulares alongadas, abertas na marne calcarea, medindo, termo medio, $2^{m},35$ no comprimento e 1^{m} na largura, todas orientadas, no seu eixo maior, de ENE a OSO. Comparada esta disposição com a das sepulturas das necropoles de Marim e de Ferrestello, parece fóra de duvida que não havia uma orientação certa e ritual para todas as necropoles, embora em cada uma d'estas as sepulturas estudadas tivessem approximadamente a mesma orientação.

Sómente entre a de Marim e a de Ferrestello ha uma orientação commum, que póde talvez explicar-se pela configuração do terreno. Em ambos os logares o solo abaixa na direcção do sul; e em todas as tres necropoles se observa que o eixo maior das sepulturas se cruza em X com a linha do declive do terreno.

Na necropole gallo-romana de Poitiers as sepulturas por inhumação não tinham a mesma orientação. Eis o que a este respeito diz o relatorio das explorações: «Il est difficile de tirer quelque conséquence de l'orientation des tombes; la plus grande partie d'entre elles sont creusées du

nord au sud, mais il en est aussi qui le sont de l'est à l'ouest, et ce fait se présente pour les sépultures par incinération comme pour celles où les corps étaient simplement inhumés».

Ha comtudo exemplos, no extrangeiro, d'uma orientação commum não só na mesma necropole, mas em muitas necropoles diversas. O sr. B. Reber explorou um grande numero d'ellas, preromanas e da epocha romana na Suissa, pelos arredores de Genebra, Saboia e departamento de Aix, onde as sepulturas eram feitas de lages brutas, como algumas de Ferrestello e da necropole da Granja do Olmeiro, no Valle do Mondego, e observou que em geral os mortos foram inhumados com a cabeça para O e os pés para E, como se vê da communicação por elle feita na 10.ª sessão do congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistoricas, celebrada em Paris, no anno de 1889 [1].

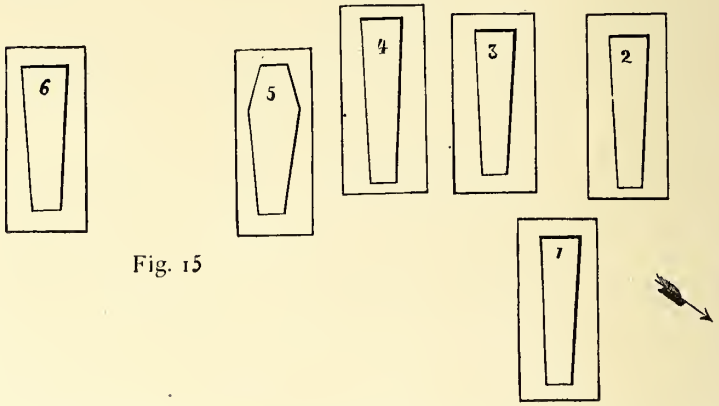


Fig. 15

As fossas rectangulares tinham de profundidade $0^m,3$ approximadamente. No fundo de cada uma estava aberta outra fossa mais pequena, com a profundidade média de $0^m,5$.

1. *Compte rendu*, pag. 621-622.

Cinco d'estas segundas fossas eram em fórma de trapezio alongado, medindo na base, que estava voltada para OSO, $0^{m},5$, na extremidade opposta $0^{m},3$, e nos lados $1^{m}.9$ em umas e 2^{m} ou $2^{m},2$ em outras. Uma tinha a fórma de dois trapezios de altura desigual unidos pelas bases. No seu comprimento e na largura do lado de ENE não differia das outras; mas media approximadamente $0^{m},6$ na base dos trapezios e $0^{m},4$ do lado de OSO.

Na figura 15 damos a planta de taes sepulturas. Cinco eram parallelas, distando entre si $0^{m},35$ a $2^{m}.9$; e uma ficava a ENE de duas das primeiras, parecendo indicar outra fileira de sepulturas d'esse lado.

A sepultura n.º 1 era a que tinha a tampa coberta com argamassa. Dentro existia um esqueleto estendido horisontalmente; e ao lado direito do cranio um vaso de fórma e barro semelhantes ao da fig. 2 [1], mas um pouco maior, com uma canelura em redor do bojo, e sem collo nem aza, cujos fragmentos não foram encontrados na sepultura. Aos pés do esqueleto estavam agglomerados os ossos de outros esqueletos, como em sepulturas de Marim e de Ferrestello; ossos que provinham de inhumações anteriores.

Na sepultura n.º 3 existiam dois esqueletos sobrepostos, estendidos horisontalmente e separados por uma camada de poeira. Attendendo á pequena profundidade da fossa, parece manifesto que a inhumação não fôra simultanea. Depois de consumido o primeiro corpo é que sepultaram o segundo, sem se darem ao trabalho de removerem os ossos d'aquelle.

Cada uma das sepulturas n.ºs 2, e 4 a 6 continha um só esqueleto, na posição dos outros.

Os corpos foram deitados sobre as costas, com as cabeças para OSO, apoiadas em pequenos resaltos da rocha,

1. Vid. *O Arch. Port.*, I, n.º 8, pag. 194.

servindo-lhes de travesseiros, que se acham no fundo das sepulturas, como já tinhamos notado na necropole de Marim. Os braços eram estendidos ao longo do corpo, como n'esta necropole e na de Ferrestello.

Pelo que fica dito vê-se que a necropole de Marateca é pobrissima. De mobiliario funebre só recolhemos uma peça — o vaso de barro quebrado, e este na melhor sepultura. O vaso é trabalhado á roda, como o da Marim; e não nos parece haver duvida sobre a sua feição romana.

Como não se encontraram pregos, é licito suppôr que os corpos não foram sepultados em caixões de madeira [1]. Tambem nos parece que não foram cobertos de terra, porque os esqueletos apenas se acharam envoltos n'uma espessa camada de poeira ou particulas terrosas muito leves, que devem ter sido introduzidas pela infiltração das aguas pluviaes.

Os ossos estavam muito decompostos. Apenas se aproveitaram alguns que o reverendo Nunes pediu para o Museu Ethnographico Portuguez. Entre elles ha um cranio que nos pareceu brachycephalo.

Comparando esta necropole com a de Marim, no concelho de Olhão, e com as de Ferrestello e da Granja do

1. A hypothese de os grandes pregos das sepulturas da epocha romana serem provenientes dos esquifes de madeira que encerram os cadaveres, acaba de ser confirmada pelos estudos feitos na necropole romana de Mouy-Bury (Oise), recentemente descoberta e explorada pelo abbade Hamard, e que pertence, como já dissémos, ao quarto seculo da nossa era. Sobre a exploração d'uma das sepulturas lemos o seguinte: «Un clou, un clou énorme, à large tête triangulaire, apparait d'abord. Le cercueil, étant de bois, a disparu, pourri, rongé. Les clous qui le fermaient indiquent maintenant la place des parois». N'esta necropole um dos esqueletos, pelo menos, cruzava as mãos sobre o peito. *Revue encyclopedique*, 6.º anno, n.º 131, de 7 de março de 1896.

Olmeiro, no valle do Mondego, é fóra de duvida que ha entre ellas certa relação: e é que todas pertencem á mesma epocha — a do dominio romano na peninsula. Mas o systema das sepulturas nas duas necropoles do Algarve é diverso do que observámos nas do Valle do Mondego. Em Ferrestello as sepulturas eram uma especie de caixões com fórma quasi rectangular, feitos com lages brutas ou telhas romanas, ou com ambas estas cousas conjunctamente, como póde verificar-se nos exemplares que restaurámos no Museu Municipal da Figueira; e na Granja do Olmeiro as que vimos eram todas feitas com lages brutas, e só differiam d'aquellas em terem a fórma sensivelmente trapezoidal e serem menos toscas. Em umas e outras não apparecem vestigios de argamassa.

A differença entre estas duas necropoles e as do Algarve explicar-se-á sómente pela diversidade dos povos que habitavam o sul e o centro do paiz ou por serem de diversos tempos do longo dominio dos romanos? Adiante tocaremos ligeiramente esta questão, que por emquanto não nos parece poder decidir-se com segurança.

O mais interessante é que as differenças, embora de pouca importancia, entre as duas necropoles do Valle do Mondego, podem tambem levantar a mesma questão de ser qualquer d'ellas anterior á outra. Por debaixo d'um pavimento de mosaico da sumptuosa casa romana que existia no sitio da capella de Nossa Senhora do Desterro, em Montemór-o-Velho, casa que parece ter sido destruida por um incendio, e cujas ruinas a selvageria dos tempos modernos tem systematicamente feito desapparecer, vimos uma sepultura trapezoidal inteiramente semelhante ás da Granja do Olmeiro, que fazia talvez parte da necropole cujos restos nos appareceram esparsos na excavação a que procedemos no adro da referida capella. Esta necropole, anterior sem duvida á construcção do nobre edificio romano, e tão antiga que os constructores d'este não tiveram

noticia d'ella (do outro modo não teriam naturalmente escolhido semelhante logar), devendo ser contemporanea da outra, póde auctorisar a conjectura de que ambas serão anteriores á de Ferrestello, onde já se empregava a telha romana em vez da lage bruta. Mas, se attendermos á relação que parece existir entre as sepulturas de Ferrestello e os proximos depositos de Santa Olaya, onde estudos muito recentes nos vieram demonstrar que existiu um castro, é mais verosimil a hypothese de que a de Ferrestello é anterior ás outras.

Seja, porém, como fôr, as differenças não são de tanta importancia que possam fazer suppôr um longo periodo de tempo decorrido entre as duas necropoles do Valle do Mondego. Achamos até verosimil que pertençam ao mesmo periodo historico, e que o emprego das telhas se explique pela escassez das lages em Ferrestello e nos terrenos visinhos. O que principalmente apoiaria esta hypothese seria o facto de nas sepulturas d'esta necropole se aproveitarem até pequeninas pedras chatas e fragmentos de tijolos e de telhas, indicios da carencia de melhor material. Por outro lado nós não podémos examinar na Granja do Olmeiro senão duas sepulturas, que estavam violadas. O parocho da freguezia, cuja ignorancia nos causou verdadeiro assombro, obstou a que proseguissemos na exploração, por estarem as sepulturas em terreno que fórma o adro da igreja; e por isso não sabemos se todas serão construidas com lages, e se terão a mesma fórma. Dentro d'uma das sepulturas, onde tudo estava em desordem, encontrámos fragmentos de telhas romanas; e nada se oppõe á conjectura de que estes objectos tivessem feito parte das peças que cobriram outrora a mesma sepultura.

O numero d'estas pobrissimas necropoles por inhumação da epocha romana parece indicar um facto analogo ao que o sr. Reber inferiu das que explorou na Suissa, isto é, que pertenceram á população autochtone do paiz. Este

facto não discorda do que dissémos ácerca da condição servil dos mortos de Marim, porque a Peninsula deve ter sido para os romanos um viveiro de escravos. Eis o que a este respeito diz Herculano: «Paiz domado pelas armas, a Peninsula devia ter visto cair muitos dos seus filhos na servidão. Era por meio dos escravos que os romanos cultivavam as terras, e é sabido a que ponto de tyrannia a escravidão chegou entre elles. Os servos agricultores foram os mais opprimidos pela deshumanidade e pelo capricho dos senhores do mundo [1]».

Sepulturas propriamente romanas seriam as da necropole por incineração da Fonte-Velha, que ficam descriptas, as que se descobriram no pendor septentrional do outeiro de Santa Olaya, quando foi construida a estrada entre Figueira e Coimbra, sepulturas que, segundo ouvimos, encerravam bellas amphoras e um variado mobiliario de bronze, alguns dos sarcophagos de pedra encontrados no sitio do castello de Montemór-o-Velho, que foram partidos e empregados na alvenaria dos muros do cemiterio, e as oito sepulturas de tijolo abobadadas que se acharam ao lado das ruinas de Nossa Senhora do Desterro, e que foram logo destruidas!

Estudando as necropoles das circumvisinhanças de Cascaes, o fallecido Francisco de Paula e Oliveira fez algumas observações que concordam com as que deixamos indicadas. Nas de Manique de Baixo, de Bicesse e de Alcoutão as sepulturas, feitas de lages brutas, eram quasi quadrangulares e oblongas, precisamente como as de Ferrestello, mas orientadas a LO, e não de NO a SE, como

1. *Historia de Portugal,* tomo 1, pag. 40.

estas ultimas, e não estavam guarnecidas com lages no fundo. Relativamente ás de Alcoutão o illustre anthropologista não affirma absolutamente a orientação a LO: emprega os termos — *à peu près,* que auctorisam a pensar que na propria necropole havia variantes; e é o que de facto se nota na planta que acompanha o seu escripto. As sepulturas d'esta necropole estavam dispostas em diversas filas, como tambem indicava a disposição das de Marim e de Marateca, na vertente SE d'uma eminencia, cruzando por isso o seu eixo maior (LO) em X com a linha de declive do solo, como n'aquellas necropoles e na de Ferrestello. Em algumas os intersticios das lages eram tapados com cal e tijolo britado, talvez fragmentos soltos do *opus signinum,* como em Marateca, mas de que não havia vestigios em Ferrestello e nas duas sepulturas da Granja do Olmeiro.

Na mesma necropole de Alcoutão cada sepultura continha um, dois e raramente tres esqueletos, estendidos sobre as costas, com as cabeças para O [1] e os braços ao longo do corpo, e ossos d'outros esqueletos agglomerados aos pés. Esta disposição dos esqueletos sobre as costas, a dos braços e a agglomeração d'outros ossos aos pés são communs ás duas necropoles algarvias e á de Ferrestello; e a sobreposição de dois esqueletos appareceu, como vimos, em Marateca. O sr. Paula e Oliveira opinou, como nós, ácerca dos ossos agglomerados. «Cette circonstance (diz elle), semble indiquer qu'il y eût des inhumations successives dans les mêmes tombes; les restes des cadavres plus anciens étant plus écartés, ou même rejetés en partie au dehors, pour céder l'emplacement aux morts récents».

1. Na necropole romana de Mouy-Bury, que pertence ao seculo IV da nossa era, como dissémos, os corpos ficavam com as cabeças para leste? «Le mort regardait l'ouest, suivant l'orientation générale des tombes romaines, variant à peine de 15° à 25°». *Revue Encyclopedique, loc. cit.*

Na necropole de Abujarda, situada na vertente meridional d'uma collina, as sepulturas, dispostas em filas e em fórma semelhante ás de Alcoutão, eram pela maior parte orientadas a LO e algumas a NO. Entre as primeiras havia exemplares construidos com lages aparelhadas ou com paredes de tijolos, como em algumas sepulturas de Marim, mas revestidas interiormente com argamassa composta de cal e areia.

O erudito explorador, encontrando n'esta e nas outras necropoles os esqueletos envolvidos por uma camada de terra muito tenue e ligeira, precisamente como nas necropoles de Marim e de Marateca, pensou que não tinha havido o uso de cobrir os corpos com terra, attribuindo a que envolvia os ossos ás infiltrações. Em Ferrestello uma sepultura mais bem vedada tinha apenas uma insignificante camada de poeira, que não cobria os ossos; mas as outras, muito rotas, estavam completamente entulhadas pela areia que constitue o proprio terreno da necropole. Na sepultura de Nossa Senhora do Desterro, a que alludimos, a poeira tambem parece que não chegava a cobrir os ossos. Quanto á necropole da Granja nada podemos ajuizar sobre este ponto, porque as duas sepulturas já não tinham tampa.

N'uma das necropoles de Murches as sepulturas, tambem enfileiradas, eram simples fossas abertas no solo, cobertas com lages brutas, como em Marateca e n'algumas sepulturas de Marim, e estavam invariavelmente orientadas de ENE a OSO, precisamente como na primeira d'estas duas necropoles; mas os esqueletos jaziam inclinados sobre o lado direito. N'outra necropole de Murches as sepulturas eram construidas e orientadas exactamente como em Alcoutão.

O sr. Paula e Oliveira affirmou que todas essas necropoles de Cascaes, com excepção da penultima, pertenciam á epocha romana; e nós estamos convencidos de que a propria exceptuada é da mesma epocha, attendendo á sua se-

melhança com as duas necropoles algarvias, onde não é licito duvidar da presença da industria romana. Pensou tambem que seriam do começo do dominio romano, provavelmente do segundo seculo antes de Christo, que foi quando os povos do oeste da Peninsula foram definitivamente subjugados.

Quanto a nós, até provas concludentes em contrario, as do valle do Mondego, a de Alcoutão e todas as mais em que as sepulturas são do mesmo typo pertencem, como teremos de mostrar em outro escripto, aos primeiros tempos do dominio romano, que começou nos fins do seculo III antes de Christo, sem que possamos determinar até quando subsistiram. A de Abujarda, onde á sepultura do typo de Alcoutão já se acha associada a fossa revestida com paredes de tijolo e argamassa, pertence talvez a um tempo de transição, que no estado actual dos nossos conhecimentos não póde limitar-se com datas precisas. A de Marim, onde a sepultura com paredes de tijolo ou pedra e cal se acha associada á simples fossa aberta na marne calcarea e coberta de lages brutas, a de Marateca e a primeira necropole de Murches, onde as sepulturas conhecidas são todas d'este ultimo typo, parecem ser posteriores a todas as outras necropoles.

Do facto de os romanos terem introduzido na Peninsula o uso da incineração não póde concluir-se que estas tres ultimas necropoles sejam muito antigas e anteriores áquelle uso. A simples fossa tambem era um uso romano, como já dissémos n'este estudo: applicava-se á plebe mais miseravel de Roma. O uso da cremação coexistiu sempre com o da inhumação até nas provincias; e a prova mais evidente está na necropole gallo-romana de Poitiers, que pertence já aos seculos II e III da nossa era: sendo muito para notar que algumas das sepulturas por inhumação d'esta necropole tambem consistiam em simples fossas abertas no solo, com um resalto no fundo para apoiar a cabeça, e co-

bertas com lages, e outras eram revestidas com paredes de tijolo, como na referida necropole de Murches e nas duas do Algarve.

De resto o sr. Paula e Oliveira emitte francamente a opinião de que as necropoles de Cascaes, attribuidas por elle á epocha romana, pertenceram á população authochtone [1].

Para oeste de Lagos, quasi á metade da distancia entre esta cidade e Sagres, está a povoação de Búdens; e a dois kilometros approximadamente para o sul d'esta povoação fica o logar da Boca-do-Rio, sobre a costa do mar.

N'este ponto existem umas ruinas romanas que Estacio da Veiga explorou em parte, e que presentemente se acham muito destroçadas. Os nossos serviçaes, que eram de Búdens e conheciam bem o logar, e um outro homem, que trabalhou alli ás ordens d'aquelle explorador, e que depois ficou por muito tempo de guarda ás ruinas, informaram-nos que o mar destruira já um grande molhe, dique ou caes, que existia em frente dos restos da casa, sobre a praia. A falta de previdencia na exploração causára em pouco tempo a perda d'uma obra que durante seculos resistira ao embate das ondas! Para arrancarem uma lapide com inscripção e outras pedras interessantes, que estavam

1. Vid. *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes.* Do seculo IV depois de Christo é a necropole romana de Mouy-Bury, a que já nos temos referido; e as sepulturas alli são por inhumação. A noticia que dá a *Revue encyclopedique*, n.º 131, do corrente anno, diz que são feitas com lages; mas não sabemos se estas têem algum apparelho, ou se são brutas. N'esta ultima hypothese teriamos até muito tarde na Gallia o typo archaico das sepulturas de Alcoutão e de Ferrestello.

na cortina d'esse molhe ou caes, abriram por alli uma via ao mar, que lambeu e levou os aterros, e reduziu os muros a um montão de pedras.

Já não vimos praia de areia: só pedras de construcção até á orla do mar. As ondas vinham cuspir-nos a tres metros de distancia da parte descoberta do edificio, que ainda se acha de pé.

Esta parte compõe-se dos envasamentos das paredes de duas pequenas camaras quadrangulares e contiguas, mas sem communicação entre si, dispostas n'uma linha parallela á orla do mar. Na face exterior da parede meridional da camara do nascente, face que fica fronteira ao sitio que fôra occupado pelo molhe ou caes, notámos uns restos de revestimento com argamassa, que nos indicaram o nivel do pavimento d'esta obra. Esses restos pertenciam ao remate inferior do revestimento.

Notámos ainda que houvera diversas camadas de revestimento, sobrepostas, todas com pinturas *a fresco*. D'aqui inferimos que esta face decorada pertenceria ao interior d'alguma outra camara mais vasta, que existisse pelo lado do molhe, ou estaria dentro d'algum portico que abrisse para o mesmo lado. Esta ultima hypothese é talvez a mais verosimil, porque nos contaram que sobre o molhe ou caes encontrára Estacio da Veiga restos de columnas. Inferimos tambem que já na epocha em que o edificio foi habitado, o mar galgara por vezes o molhe e destruira o revestimento da parede, obrigando os moradores a refazerem a obra. O apparelho do revestimento é semelhante ao de Marim; e os restos de pinturas apresentam as côres azul e castanha.

N'essa camara do nascente, que fizemos desentulhar de novo, encontrámos um pavimento de mosaico, já muito destroçado, representando talvez uma grande estrella, e tendo em volta uma cercadura de phantasia. Os cubos *(tesselae)* são de calcareo branco e amarello e d'uma rocha azulada. O mar não foi aqui o principal elemento de des-

truição. A argamassa em que assenta o mosaico, foi preparada com areia do mar, e desfaz-se facilmente com a simples pressão dos dedos. Mal se comprehende que os romanos commettessem semelhante erro.

Na camara do poente o pavimento era de terra. Ignoramos se assim estaria sempre; mas é provavel que tambem alli tenha existido um pavimento de mosaico. Excavada a terra, que estava durissima, parecendo ter sido apisoada, verificámos que a $0^{m},5$ approximadamente de profundidade o entulho era d'areia. N'este entulho recolhemos pregos de ferro, cobre e bronze, um anzol de bronze, uma agulha de osso, cujo fundo foi partido no acto da exploração, um grande dente de javalí engastado em cobre ou bronze, com annel de suspensão, e restos de ceramica muito fina e de vasos de vidro.

Os pregos têem secção quadrangular e cabeça achatada. O anzol é feito d'uma haste conica com o diametro maximo de $0^{m},003$, achatada na parte em que é ligada pelo fio, como os nossos anzoes actuaes, mas sem farpa na ponta, á semelhança de certos exemplares da epocha do bronze. A agulha é uma haste cylindrica, polida, com a ponta espessa e talhada obliquamente, medindo até ao ponto da fractura, onde conserva vestigios do fundo, $0^{m},08$. O dente de javalí devia talvez ser um amuleto, que se trazia suspenso ao pescoço. Entre os despojos gaulezes apparecem ás vezes estes objectos suspensos no *torques*. O sr. J. de Baye communicou na 10.ª sessão do congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistoricas, celebrada em 1889, que em uma sepultura gauleza de *Saint-Jean-sur Tourbe* (Marne) encontrára um dente enfiado em um annel suspenso d'aquella peça [1].

Para oeste das ruinas, na elevada barreira de terra e

1. *Compte rendu*, pag. 312 e 313.

areia que o mar vae destruindo, a excavação descobriu um pequeno cano, feito de alvenaria, tendo o fundo revestido com telha curva *(imbrex)* e a cobertura de lage. Este cano vem do lado do norte; mas não tivemos tempo para seguil-o com a excavação, a fim de conhecermos a sua origem.

Esparsos no seio da terra appareceram fragmentos de vasos de vidro e de barro fino, parte d'uma lampada *(lucerna)* de barro, o collo e bocca d'um grande vaso com duas azas, uma aza horisontal d'outro vaso mais robusto, tres fragmentos de placas de marmore de diversas côres, uma placasinha de cobre, um pequeno prego do mesmo metal e uma moeda de bronze muito oxydada.

Pelo norte e contiguo á camara do nascente encontrámos um grande deposito de rebotalhos de cosinha, consistindo principalmente em valvas de molluscos marinhos, onde recolhemos alguns pregos e um escopro *(scalprum fabrile)* de ferro, este ultimo de secção quadrangular junto á cabeça e achatado e mais largo para o lado do gume, medindo no comprimento $0^{m},16$.

Os vidros recolhidos n'estas excavações são brancos ou esverdeados. Entre os primeiros figura o fundo d'uma pequena taça com pé. Na ceramica mais fina ha a coberta vermelha e lustrosa de que démos noticia a respeito das louças de Marim, e ornatos de phantasia em relevo, como em algumas peças da necropole da Fonte-Velha. Apenas um exemplar apresenta a figura d'um guerreiro, com o escudo adiante do peito e a lança ao hombro. Parece-nos que esta ceramica é a que alguns chamam *samiana,* que teve sua origem na celebre ceramica de Arezzo.

Eis o mais importante d'estas ruinas. É pouco, sem duvida; mas nós pensamos que ha alli ainda muito que explorar, pelo lado do norte das ruinas descobertas, se attendermos ao plano geral das casas de habitação romanas e á existencia do cano que vem do interior da terra. Na collina que se ergue do lado do oeste tambem devem encon-

trar-se vestigios interessantes. Nós fômos informados de que alli se tem descoberto sepulturas.

Além das estações que temos tentado descrever, colhemos noticia d'outras durante as nossas excursões entre Tavira e Búdens, sobretudo nas visinhanças de S. Braz de Alportel e na freguezia da Mexilhoeira Grande. O Algarve está juncado de restos da epocha romana, cujo estudo absorveria mais do que a vida d'um individuo, e só podia ser feito com enorme sacrificio de cabedal, a avaliar as despezas pelo que nos custaram as nossas explorações. Nós não podiamos ir mais longe, nem o objecto dos nossos estudos o permittia; e por isso deixamos a outros a tarefa de inventariarem o mais que por lá existe.

II

ANTIGUIDADES ROMANAS

DAS VISINHANÇAS DE

NELLAS

Algumas pesquizas que fizémos nos arredores de Nellas, em companhia do nosso amigo sr. Annibal de Brito, academico da faculdade de Philosophia, conduziram-nos á descoberta de vestigios interessantes, que convém assignalar aos que estudarem a archeologia romana da provincia da Beira.

No sitio do Moledo, a 900 metros para o sul de Nellas, em uma vinha do nosso amigo sr. dr. Manuel Ferreira Marques, notámos á superficie do solo, esparsos em uma area consideravel, abundantes fragmentos de telhas de rebordo e de telhas curvas, de dolios e outros grandes vasos romanos, e, em certos pontos, algumas pedras aparelhadas.

Abrindo dois poços, para sondar o terreno, um proximo d'um pilar de granito que aflorava o solo, e o outro a alguns metros de distancia, onde o desnivelamento dos

terrenos nos pareceu muito suspeito, mostrou o primeiro que o subsolo era formado por entulho negro, carregado de detrictos vegetaes e de substancias carbonisadas, contendo grande quantidade de restos ceramicos, provenientes de telhas e dolios e de pequenos vasos romanos; e o segundo uma camada quasi superficial d'entulho semelhante, que parecia ter descido do terreno superior (onde fôra aberto o primeiro poço) por occasião das plantações da vinha, e por debaixo d'essa camada uma outra de terra vegetal, que a 1m de profundidade parecia depositada pelas aguas pluviaes.

Abandonando o primeiro poço, para não alargarmos muito a area das excavações, que teriam de destruir numerosas plantas, embora a illustração e amisade do sr. dr. Ferreira Marques nos facultasse esse perdoavel vandalismo, concentrámos o trabalho no segundo, onde fôra assignalada uma substrucção qualquer; e este poço foi convertido n'uma larga trincheira, segundo o methodo qae costumamos seguir nas nossas explorações.

A camada superficial d'entulho negro forneceu um fragmento de *pondus* de tear, feito de barro, com dois orificios, muitos fragmentos de diversos dolios e de pequenos vasos de barro, assim como numerosos restos de *tegula* e *imbrex*.

Em alguns vasos miudos notámos o barro cinzento, muito puro, que temos encontrado em grande abundancia nas estações luso-romanas do concelho da Figueira; e em outros esse barro annegrado e impuro, mui grosseiramente trabalhado á roda, que temos visto não só n'essas estações, mas nas que explorámos pelo Algarve. O mais interessante fragmento é o que contém um largo bordo, voltado para fóra e plano, onde existe um entalho que parece destinado a escorrer o liquido.

A excavação poz a descoberto uma curiosa peça do *torcularium* romano, aquelle em que era recebido o liquido

escorrido da prensa *(torcular)*. Nós tinhamos lido em Rich que nos lagares romanos exhumados em Stabias (Italia) o liquido corria pelo pavimento inclinado da prensa para um grande vaso de barro meio soterrado, d'onde era em seguida retirado para as vasilhas. Por outro lado haviamos visto nas visinhanças de Bensafrim (Algarve) um exemplar de *torcularium,* aberto no grés e disposto de modo que o liquido escorrido da prensa, que era montada em uma cuba rectangular, passava por um orificio para um recipiente circular, d'onde era retirado para as vasilhas; e junto ás famosas thermas do Milreu, em Estoi, ao norte de Faro, tinhamos examinado outro exemplar em que o fundo da cuba da prensa parecia feito com o *opus signinum* e era revestido com cimento, tendo uma especie de canal por onde o liquido escorria para um recipiente em fórma de vaso, soterrado e revestido tambem com cimento. Mas o exemplar de Nellas era diverso: supprimira-se o recipiente fixo, como vamos ver.

Quatro muros d'alvenaria secca, mas em que entravam pedras mais ou menos aparelhadas e alguns tijolos, attingindo a altura maxima de 1^m, formavam um recinto rectangular, medindo no comprimento 3^m e na largura 2^m. Este recinto ficava indubitavelmente em nivel muito inferior não só ao do pavimento da prensa, como era natural, mas ao do terreno que cercava o mesmo recinto pelos outros lados, poisque a elle se descia por uma escada, de que restam ainda dois degraus de pedra, construida junto a um dos angulos do edificio, no lado do sul. O primeiro degrau inferior, que manifestamente conserva as suas antigas dimensões, mede $0^m,55$ no comprimento, $0^m,2$ na largura e $0^m,23$ na altura.

O pavimento não era feito com o *opus signinum,* como nos edificios romanos que estudámos no Algarve. Faltava-lhe a argamassa. Sobre uma camada de calhaus rolados e de terra estava estendida outra camada de miudos fragmen-

tos de telha e de tijolo, attingindo até $0^m,1$ d'espessura, batidos e comprimidos a masso; especie de *pavimentum* que devia ter a denominação generica de *testaceum,* mas em que a ausencia de todo e qualquer cimento é novidade nas nossas explorações.

No muro occidental do edificio, muro que fórma um dos lados maiores d'este, a $1^m,2$ da extremidade do norte e a $0^m,75$ acima do nivel do pavimento, existia a *bica,* feita d'uma lage bastante alongada, saliente da parede $0^m,25$, tendo aberto a meio um canal de $0^m,7$ de comprimento e $0^m,07$ de largura, com a secção semicircular, e que estava coberto por uma telha curva.

Por esta disposição é claro que o liquido corria directamente da prensa para as vasilhas; e uma lage saliente da parede, ao lado esquerdo da escada, a certa altura do pavimento, parecia indicar que serviria para apoiar as vasilhas que se retiravam cheias, e poderem elevar-se até á cabeça ou hombros, a fim de serem transportadas para a *cella.*

O recinto da prensa, occupando nivel superior, apenas a $0^m,3$ da superficie actual do solo, estava, na maior parte, destruido pela plantação da vinha. Descobrimos os restos do envasamento d'uma das paredes e do pavimento, encontrando no entulho muitas pedras soltas e alguns fragmentos de grandes vasos de barro; mas não levámos mais longe a exploração para não destruirmos o plantio.

Surprehendeu-nos sobremaneira o facto de o pavimento ser igual ao do recinto da bica. É evidente que o liquido não podia correr sobre elle, como corria nos dos lagares de Bensafrim e do Milreu, que, sendo impermeaveis, não permittiam a infiltração. Como seria preparada a *area* ou espaço onde se exprimiam os restos das uvas, e por que meio era o liquido dirigido d'alli para a bica? Não sabemos. Em todos os entulhos extrahidos nenhum vestigio d'argamassa de cal e arcia ou de cimento!

Tambem não encontrámos dentro do recinto da bica pedras que podessem ter pertencido ao alçamento do edificio. Esta circumstancia e o facto, já notado, de a camada inferior do entulho ter um aspecto sedimentar, indicando que o edificio, abandonado durante muito tempo, fôra lentamente entulhado pela acção das aguas pluviaes que desciam do poente e norte, fazem pensar se o edificio não se elevaria acima do nivel do solo contiguo.

No sitio dos Moledinhos, que fica para L d'esta estação, em uma encosta fronteira, informaram-nos que tambem existem restos ceramicos iguaes aos do Moledo; mas preferimos ir encetar as explorações em Senhorim, d'onde nos haviam trazido um peso de tear e algumas noticias animadoras.

Alli, n'um predio sito junto ao logar da Ponte da Igreja, mostraram-nos uma cuba redonda de pedra, manifestamente romana, que devia ter pertencido ao *torcularium,* uma peça partida da *mola manuaria,* e alguns fragmentos de telha de reobrdo, que o proprietario havia encontrado soterrados.

No predio fronteiro, conhecido pela designação de — terra do Fidalgo — encontrámos á superficie do solo um *pondus* de barro e numerosos fragmentos de telhas romanas. Abertos alguns poços, para sondar os terrenos, só dois assignalaram no subsolo uma camada d'entulho negro, carregada de carvões vegetaes, contendo restos de vasos, tijolos e telhas. Não encontrámos envasamentos de muros nem vestigios de *pavimentum;* mas a exploração provou que alli existira uma vasta construcção, porque as pedras d'alvenaria abundavam no entulho.

Os objectos aproveitaveis foram poucos. Colligimos tres pesos de tear, todos feitos de barro, um com fórma

trapezoidal e dois quadrilongos, medindo na espessura $0^m,03$ a $0^m,037$, no comprimento $0^m,103$ a $0^m,11$ e na largura $0^m,07$ a $0^m,08$. Dois têem um só orificio, e um tem dois. Um dos primeiros apresenta vestigios manifestos d'uso, porque parte do bordo do orificio está gasto pelos fios que o suspendiam.

A abundancia d'estes objectos em certas estações romanas de Portugal parece indicar que se fazia largo uso do tear vertical, em que muitos pesos eram empregados para retesarem os fios da urdidura. As suas fórmas não eram sempre semelhantes ás dos nossos exemplares. O Museu Municipal da Figueira possue alguns, que lhe foram doados pelo sr. dr. Pedro Augusto Ferreira, em que se nota a fórma d'uma pyramide truncada de base quadrada.

Nos fragmentos de vasos encontrámos pastas muito grosseiras, umas vermelhas e outras cinzentas ou pardas. Pelas fórmas distinguiam-se os restos d'um pichel de bico e d'alguns vasos que tinham externamente um largo rebordo horisontal, saliente do fundo.

É notavel que nós tenhamos restaurado parte d'um vaso d'este typo com fragmentos recolhidos nas ruinas do pequeno povoado da Espadaneira, proximo do Cabo Mondego, que são em tudo semelhantes ás de Porto Saboroso, perto de Brenha, onde um ceitil de D. João 2.º, encontrado no pavimento d'uma das casas, nos permittiu fixar a epocha a que pertencem [1]. Esse vaso, que se acha exposto no Museu da Figueira, tem a fórma d'um alguidar e é furado em muitos pontos.

Será a reproducção d'esse typo romano, conservado tradicionalmente na olaria peninsular, ou uma peça genui-

1. A descoberta recentemente feita em Lirio, proximo de Brenha, de restos ceramicos semelhantes aos de Porto Saboroso e da Espadaneira, associados a ceitis de D. Affonso 5.º, confirma que esses povoados são do seculo XV.

namente romana, encontrada pelos moradores da Espadaneira em alguma estação das proximidades e para alli levada ? Esta ultima hypothese não é inverosimil, porque nos entulhos das casas d'este povoado tambem recolhemos fragmentos d'outros dois vasos com feição romana e um pedaço de rebordo de *tegula;* objectos bem differentes do resto da ceramica encontrada nas mesmas ruinas e nas de Porto-Saboroso, e que ao principio nos fizeram attribuir erradamente as primeiras á epocha romana.

Os orificios nos vasos constituem um interessante problema da archeologia. Nós temol-os encontrado em louças neolithicas, nas louças lusitanas dos castros das visinhanças da Figueira e nas de fabrica romana. Tendo de occupar-nos detidamente dos seus diversos destinos, nos estudos que estamos preparando ácerca d'esses castros, só notaremos aqui que os vasos com o corpo e fundo esburacados e que não apresentam vestigios de serem applicados ao fogo, como o da Espadaneira, são os que mais duvidas suscitam ácerca do seu uso.

A ornamentação dos vasos, tanto quanto póde apreciar-se por pequenos fragmentos recolhidos, é das mais singelas. Consiste em linhas onduladas, em filetes contornando o bojo e guarnecidos de impressões que parecem feitas com os dedos, ou de pequeninas incisões traçadas com uma ponta qualquer, e ás vezes em linhas traçadas em ziguezague.

Nenhum fragmento d'essa ceramica a que, entre nós, alguns chamam *saguntina,* e a que em França se chamou *sameana,* mas que bons criticos reputam uma simples contrafacção romana da ceramica *aretina;* e, o que é mais notavel, nenhuma ceramica fina foi assignalada nos entulhos d'esta estação de Senhorim.

Como objecto de curiosidade recolhemos um pedaço de *tegula* com a impressão das patas d'uma cabra, que sem duvida passara sobre a pasta quando ainda estava fresca.

Com a impressão das patas d'um cão já nós tinhamos encontrado um exemplar na necropole de Ferrestello.

Fronteira áquella estação existe outra da mesma epocha, em uma encosta que fórma o predio do sr. Manuel Marques Serra do Amaral, de Villa Ruiva. Á superficie do solo abundam os fragmentos de telhas romanas, que a recente plantação da vinha espalhara em todos os sentidos. Contou-nos o proprietario que se havia encontrado alli um grande vaso, que os serviçaes partiram, assim como varios objectos de barro furados, que, pela descripção que nos fez, deviam ser pesos de tear, e duas pequenas mós dormèntes de moinho.

Não podémos explorar o sitio por causa das plantações, que seriam damnificadas. O proprietario offereceu-nos as duas mós; mas nós só aceitámos uma. Tem diametro de $0^m,39$ e altura de $0^m,11$ a $0^m,14$. A superficie da trituração eleva-se para o meio em fórma de campanula, no centro da qual existe um orificio de $0^m,027$ de diametro e de $0^m,035$ de profundidade, destinado ao eixo.

Não são estes os unicos vestigios romanos da região. D'outros temos noticia em Villar Secco, nos predios do nosso amigo sr. Abilio de Brito Amaral, de Nellas, d'onde houvemos um pedaço de *tegula,* tendo um *sino-saimão* aberto na pasta, provavelmente com os dedos, quando ainda estava fresca.

III

VESTIGIOS ROMANOS

NO

VALLE DO MONDEGO E IMMEDIAÇÕES

Fóra dos castros e da necropole de Ferrestello, que relacionamos com o castro de Santa Olaya, temos colhido bastantes provas archeologicas da industria romana no Valle do Mondego, desde o Cabo do mesmo nome até S. João do Campo, nas proximidades de Coimbra. Esses vestigios estão pela maior parte colligidos, ou pelo menos assignalados, no Museu Municipal da Figueira; mas como ainda não se fez o catalogo geral d'este estabelecimento, nem é conveniente fazel-o sem que as collecções sejam installadas nas salas que lhes competem no novo edificio dos paços do concelho, é util dar-lhes já publicidade, para auxiliarem as investigações d'aquelles que porventura se dedicarem ao estudo da epocha luso-romana n'esta região.

Tal é o fim d'esta ligeira noticia.

Dentro da cidade da Figueira, em excavações feitas ha bastantes annos, para construcção d'um edificio na Ladeira da Lomba, encontraram-se dois denarios, que o dono da propriedade conservou em seu poder e só ha pouco tempo nos mostrou, offerecendo-os ao Museu da Figueira. Sobre estas peças nos enviou o nosso collega sr. dr. Antonio Alvares Duarte Silva, encarregado da secção de numismatica d'aquelle estabelecimento, a nota seguinte:

I — Da familia Vibia (plebeia):

PANSA. Cabeça laureada de Apollo á direita; e adiante um symbolo.

R.º - C. (Caius) VIBIVS. C. F. Pallas em quadriga, galopando á direita e levando um tropheu e a lança.

AR. Denario commum.

II — De Octavio Augusto:

CAESAR AVGVSTVS. Cabeça nua de Augusto, á direita.

R.º - OB. CIVIS SERVATOS. Escripto em tres linhas dentro d'uma corôa de carvalho.

AR. Denario commum.

Para oeste de Buarcos, no sitio da Emide, sobre a costa do mar, recolheram-se fragmentos de telhas romanas *(imbrex* e *tegula)*. Ao norte da mesma povoação, na Serra do Cabo Mondego, sitio das Pedras da Bandeira, appareceram restos de telhas, d'uma *patera* e d'outros vasos de barro fino.

Restos de telhas e de tijolo *(later)* se encontraram no sitio dos Pardinheiros, sobre a vertente septentrional da Serra, nas proximidades de Quiaios.

Para leste de Quiaios, entre esta povoação e a de Cabanas, proximo da estação neolithica do Arneiro, descobriram-se ha poucos annos os alicerces d'um pequeno edificio de fórma rectangular, construido com grandes tijolos, que, pela descripção que nos fizeram, deviam ser romanos.

Ao SE de Cabanas e da povoação de Brenha, no sitio da Asseiceira, que já pertence á grande estação neolithica da Varzea de Lirio, os fragmentos de telha romana acham-se esparsos pelos terrenos ou empregados em grande quantidade n'um muro de alvenaria secca que alli existe.

Nas Alhadas appareceu um busto romano de pedra, com tamanho natural. A esculptura é grosseira, indicando a decadencia da arte.

Na mesma localidade se encontrou ha annos, soterrada em predio de José Gil, um grande vaso de barro, que, pela descripção do proprietario, devia ser um *dolium*. Foi destruido immediatamente, e os fragmentos lançados para o aterro d'um caminho publico.

Em Maiorca têem apparecido muitas moedas romanas. Possuimos uma de bronze de Constantino II, ácerca da qual o sr. dr. Antonio Alvares Duarte Silva nos enviou a nota seguinte:

CONSTANTINVS IVN. NOB. C. O seu busto laureado á esquerda, com o paludamento e a couraça.

R.º - PROVIDENTIAE CAESS.

Pequeno bronze commum.

Para o norte da povoação, em predio do sr. dr. Antonio José Duarte Silva, recolhemos á superficie do solo alguns fragmentos de *imbrex* e de *tegula*. Ao oeste da mesma povoação, no caminho para a Serra de Crastos, existia em

uma penedia a seguinte inscripção em caracteres latinos já um pouco apagados:

VNODE

Uma parte do rochedo foi modernamente brocada e rebentada a fogo, e n'uma face lateral um escopro traçou uma figura geometrica. Nós fizemos serrar e transportar a pedra, contendo a inscripção e a figura, para o Museu Municipal.

No Monte do Cavallo, proximo de S. Fins, sobranceiro ao Mondego, recolhemos fragmentos de *tegula,* e no Outeiro de Mosquitos, que fica fronteiro do lado do nascente, restos de pequenos vasos de barro que nos pareceram de fabrica romana e semelhantes a outros que temos encontrado nos castros d'esta região.

Do outro lado do Mondego, ainda no concelho da Figueira, freguezia do Paião, proximo á Barroqueira, no sitio da Lagoinha e em predio de José Nunes Pedrosa, encontrámos fragmentos de telhas romanas e d'um *dolium;* e no povoado do Franco recolheu o nosso amigo Joaquim José dos Santos restos de telhas romanas e interessantes indicações sobre as ruinas d'um edificio soterradas em predio de João Ruivo.

Seguindo o Valle do Mondego para montante, temos ainda na margem esquerda o campo proximo de Revelles, onde foi encontrada, a mais d'um metro de profundidade, a tampa *(operculum)* d'um pequeno vaso de barro fino com feição romana. É circular, concava e com uma saliencia no centro para se lhe pegar. Estacio da Veiga collígiu no Algarve peças romanas precisamente iguaes.

Tampas com esta fórma foram tambem usadas pelos

arabes, segundo os trabalhos do mesmo Estacio da Veiga; e nós temos encontrado exemplares semelhantes em ruinas de casas que parecem pertencer approximadamente á epocha de D. João II, e até em panellas grosseiras de barro da actualidade. Em outro logar mostraremos que esses objectos tambem não são estranhos á grosseira ceramica dos castros.

Na Granja do Olmeiro, em sepulturas feitas com lages brutas, que existem no adro da igreja parochial, a que nos referimos n'outro escripto, recolhemos fragmentos de *imbrex* e de *tegula* e de vasos de barro com feição romana.

Em Formoselha, no sitio da Adémia, propriedade do sr. José Antonio de Sousa, da Figueira, existem soterrados muitos restos de construcções romanas. Nos amanhos da terra veem á superficie pedaços de telhas e de telhões e tijolos curtos e espessos com fórma ligeiramente trapezoidal. Um exemplar d'estes ultimos, que existe no Museu, mede na altura do trapezio $0^m,18$, na largura da base $0^m,21$, na do topo $0^m,15$ e na espessura $0^m,05$. Os telhões attingem a espessura de $0^m,021$.

Na margem direita Montemór-o-Velho tambem foi estação romana. A antiga capella de Nossa Senhora do Desterro estava sobre o aterro que cobria um pavimento de mosaico; e os alicerces da capella actual romperam barbaramente este pavimento. Nós estivemos alli quando se tinham aberto os fossos para estes alicerces, e podémos verificar o facto, notando tambem que por debaixo do pavimento existia uma sepultura trapezoidal, feita com lages brutas, igual ás da Granja do Olmeiro.

Esse pavimento pertencia ao rico edificio que occupava uma grande área do terreno contiguo á mesma capella, e

que é hoje propriedade particular. O dono contou-nos que, excavando o seu terreno, encontrára — paredes solidas de alvenaria, que foi destruindo para empregar os materiaes n'uma eira e em outras obras — um tanque, provavelmente o *impluvium* do *atrium,* na parte meridional das ruinas — pequeninos muros parallelos, feitos com tijolo, entre os quaes existiam tubos de barro cozido — pavimentos muito duros feitos com argamassa — e uma *calçada* feita com pedrinhas de côres. Esta ultima attrahiu alli muitos curiosos, que lhe devassavam o predio; e por isso tornou a cobril-a com terra. Não o fez, entretanto, sem que alguem, mettendo uma folha de ferro por debaixo do mosaico, arrancasse um grande pedaço, que guardou cuidadosamente, e que por sua morte foi parar ao Museu da Figueira, onde conseguimos com muito trabalho dispôl-o em boas condições de conservação. As côres d'este mosaico são a branca, cinzenta, vermelha e amarella; e os cubos *(tessellae)* são de rocha calcarea. As figuras são puramente geometricas.

Contou-nos mais o proprietario que pelo lado de oeste da capella, onde construiu um muro de vedação e uma casa, encontrára oito sepulturas abobadadas, feitas com tijolo e argamassa de cal e areia, onde os esqueletos tinham os braços estendidos perpendicularmente ao tronco, formando com este uma cruz; circumstancia verdadeiramente notavel, que muito conviria estudar, attendendo ao que geralmente se pensa sobre os primeiros enterramentos christãos.

Destruiu tudo! Os tijolos foram para a construcção da casa, onde vimos alguns na lareira. Até um cranio, em que se achava cravada uma ponta de lança de ferro, foi mettido na alvenaria dos muros!

Obtivemos d'elle cinco typos de tijolos d'estas ruinas, a saber:

— tijolo grande, quadrilongo, medindo no comprimento $0^{m},45$, na largura $0^{m},305$ e na espessura $0^{m},054$;

—tijolo grande, quadrilongo, medindo $0^m,41$ no comprimento, $0^m,272$ na largura e $0^m,04$ na espessura maxima;

—tijolo pequeno, quadrado, medindo nos lados $0^m,17$ e $0^m,19$, e na maxima espessura $0^m,055$;

—tijolo pequeno, quadrilongo, com a largura de $0^m,15$ e espessura de $0^m,022$. Não achámos exemplar inteiro a que podéssemos medir o verdadeiro comprimento.

—Tijolo minusculo, oblongo, de secção quasi quadrada, medindo no comprimento $0^m,14$ e na largura e espessura $0^m,043$ por $0^m,46$.

O terreno d'estas ruinas apresenta uma grande mancha negra. Tomando um punhado de terra em qualquer ponto, nota-se a presença de grande quantidade de carvão e cinzas. Á superficie do solo encontram-se fragmentos de telhas, de tijolos e de vasos de barro queimado. Estes factos persuadem que o edificio romano fôra devorado por um incendio.

Abundam os pedaços soltos de *opus signinum;* e nós recolhemos fragmentos d'um objecto de bronze, completamente oxydado, d'um espesso vaso de barro com bordo vertical e asa interna, e d'outros vasos diversos, incluindo a *patera* e o *dolium*.

Um nosso amigo offereceu-nos algumas moedas do IV seculo, alli encontradas, que nos confirmaram o conceito de que essas ruinas não são anteriores a Constantino Magno. Eis a descripção que d'algumas d'ellas nos dá o nosso presado amigo sr. dr. Antonio Alvares Duarte Silva, director da secção numismatica do Museu Municipal da Figueira.

CONSTANTE 1.º

CONSTANS. P. F. AVG. O seu busto com diadema e paludamento, á direita.

R.º - VICTORIAE DD. AVGG. Q. NN. *(Victoriae dominorum Augustorum quinque nostrorum).* Duas Victorias olhando-se, cada uma com a sua corôa e palma, tendo entre si tambem uma palma. No exergo HSIS.

Pequeno bronze.

Os cinco Augustos deviam ser Constantino 2.º, Constancio, Constante, Dalmacio a Hannibaliano. Todas as moedas com essa legenda foram cunhadas entre a morte de Constantino 1.º e o assassinato dos dois ultimos d'aquelles Cesares no anno 1090 (337 de J. C.).

CONSTANCIO 2.º

D. N. CONSTANTIVS P. F. AVG. O seu busto com diadema e paludamento, á direita.

R.º - FEL. TEMP. REPARATIO. Soldado de capacete e escudo, ferindo com a lança um inimigo caído com o cavallo.

Mediano bronze.

THEODOSIO 1.º

D. N. THEODOSIVS P. F. AUG. O seu busto com paludamento e diadema, á direita.

R.º - VOT. X. V. MVLT. X. X. Escripto em quatro linhas, dentro d'uma corôa de louro. No exergo SNRB.

Pequeno bronze.

Fizémos o que estava ao nosso alcance para emprehendermos a exploração d'estas ruinas; mas não conseguimos uma solução satisfactoria do proprietario. Estamos convencidos de que apesar da grande destruição ainda alli podem colher-se indicações muito interessantes.

Das proximidades de Montemór-o-Velho, junto do monte da Ladroeira, obtivémos tambem uma pequena mó de grés com algumas fracturas, medindo no diametro

$0^m,49$ e na espessura $0^m,11$, que tambem parece romana. O orificio central tem $0^m,065$ de diametro.

Emfim para o norte e a curta distancia do povoado de S. João do Campo encontrámos fragmentos de telhas romanas.

Taes são os dados archeologicos colligidos até ao presente, que podem servir de guia a futuras explorações.

IV

AS LOUÇAS PINTADAS DO CASTRO

DE

SANTA OLAYA

Laboriosas investigações, feitas durante tres annos, levaram-nos á persuasão de que o monticulo de Santa Olaya, situado sobre os campos da margem direita do Mondego, entre Maiorca e Montemór-o-Velho, foi um castro lusitano, cujos habitantes receberam o baptismo da civilisação romana.

Tinhamos já explicado a presença de muitos artefactos, principalmente os ceramicos, com feição primitiva, que faziam lembrar os tempos neolithicos, e d'outros que poderiam á primeira vista attribuir-se á primeira epocha da idade dos metaes, chegando á conclusão de que todos, indistinctamente, pertenciam em realidade á plena epocha do ferro, quando o dominio romano avassalou a Peninsula.

Mas um facto restava inexplicavel para nós: era a presença de louças finas, trabalhadas á roda, algumas com

fórmas exoticas e pintadas externamente. Tinhamos restaurado parte d'um grande vaso sem collo, com duas asas de fórma elliptica, medindo no diametro interno da bocca $0^{m},16$ approximadamente, cujo bojo augmentava gradualmente de diametro da bocca para a parte inferior, apresentando a restauração a fórma d'um grosso cone truncado, mas sem vestigios do fundo; e esse bojo conservava na superficie externa restos de faxas pintadas a vermelho e branco, que lhe seguiam o contorno.

Tambem tinhamos restaurado o boccal d'outro grande vaso, medindo no diametro interno $0^{m},19$, com uma pequena porção do bojo, assim como uma parte d'este em separado, que apresentavam a superficie externa listrada transversalmente a vermelho e negro.

Alguns fragmentos d'outros vasos eram inteiramente pintados a branco, outros a cinzento e com uma faxa vermelha junto ao bordo, e um em parte ornamentado com faxas vermelhas e brancas e n'outra com traços vermelhos cruzando-se sobre fundo branco e formando lozangos.

A estructura da pasta d'estas louças, a sua semelhança com outras não pintadas e a fórma da segunda peça restaurada pareciam denunciar uma origem romana; mas a fórma indicada pela primeira restauração e a pintura? Tal era o nosso problema.

Essa fórma não nos appareceu em estações genuinamente romanas do Algarve. Pertenceria só aos primeiros tempos do dominio romano, em que o castro foi habitado? Seria uma forma caprichosa e excepcional? A primeira hypothese não repugnava, porque em Santa Olaya tambem ainda não apparecia essa ceramica coberta d'uma especie de verniz vermelho, com apparencia de coral, que alguns archeologos estrangeiros denominaram *sameana,* e que era imitação da ceramica de Arezzo. A ceramica aretina é do seculo I antes de Christo, e as imitações só posteriormente parecem ter-se generalisado em todas as provincias roma-

nas. Nós encontrámos vestigios d'ellas em Marim e na Bôca-do-Rio, em Búdens, e vasos inteiros ou quasi inteiros na necropole da Fonte-Velha, em Bensafrim, estações evidentemente posteriores á de Santa Olaya.

Entretanto de colorido em vasos reconhecidamente romanos só tinhamos visto os exemplares com esse verniz. Estacio da Veiga dizia ter encontrado no Algarve, entre louças romanas, restos de vasos de fina argila vermelha, pintados de preto interna e externamente, e d'outros vasos pintados de amarello com veios vermelhos nos dois lados [1]. Seriam effectivamente romanos? Nós tambem tinhamos recolhido á superficie do solo, proximo á area da necropole romana da Fonte-Velha, alguns fragmentos d'um vaso de argila vermelha, bastante fina, pintado externamente de negro, que podia ser alguma urna cineraria; mas a verdade é que nos depositos funerarios d'essa necropole não recolhemos exemplar algum de semelhante louça.

Por outro lado o mesmo Estacio da Veiga pensava que os arabes tambem tinham usado na Peninsula louças pintadas, visto ter encontrado restos de vasos de argila amarella com pinturas, que classificara como arabes [2]. Nem isto surprehende, porque a pintura das louças era antiquissima no Oriente, e já os phenicios tinham espalhado esta ceramica na Syria. Perrot e Chipiez, referindo-se, por exemplo, a vasos d'essa especie encontrados no subsolo de Jerusalem, exprimem o seguinte conceito: «Or ces motifs, lignes parallèles qui donnent des bandes alternativement claires et foncées, lignes qui se coupent sous divers angles, points blancs qui s'enlèvent sur la teinte sombre, carrés, lozanges, triangles et méandres, sont de ceux que nous a offerts, bien des fois répétés, la poterie cypriote. On ne saurait refuser de

1. *Antiguidades monumentaes do Algarve*, II, 352.
2. *Ob. cit.*, II, 425.

reconnaître ici des ouvrages phéniciens, soit importés des villes du littoral, soit fabriqués à Jérusalem même par des artisans étrangers [1].»

Seriam arabes as louças pintadas de Santa Olaya? A affirmativa tambem não repugnava. Alli existiu um castello, que foi occupado pelos arabes. Pertencia á linha das fortificações avançadas que defendiam Coimbra.

N'estas duvidas fômos surprehendidos pela noticia de que na necropole romana de Mouy-Bury haviam apparecido muitos vasos pintados [2]. A noticia podia não ter novidade em França e n'outros paizes onde se tem estudado a fundo a archeologia romana; mas para Portugal o caso era diverso, porque todos aquelles a quem tinhamos interrogado sobre a pintura nas louças romanas nada poderam informar-nos.

Foi então que proseguimos com mais ardor a exploração do *crasto,* a leste do Casal da Serra, na freguezia de Brenha, estação contemporanea da de Santa Olaya, recolhendo com todo o cuidado quantos fragmentos de ceramica appareciam, a fim de procurarmos entre elles algum exemplar com pintura; mas não obtivemos resultado.

Em seguida fômos explorar o sitio dos *Chões,* a uns 200 metros para o norte de Brenha, onde descobrimos, quasi na planicie, outra estação contemporanea d'aquellas. Ahi é que tivemos a fortuna de recolher, entre os rebotalhos de uma ou duas habitações, uns fragmentos de pratos romanos com vestigios de pintura vermelha.

O deposito, no nivel em que estes objectos foram encontrados, estava virgem de remeximentos. Nenhuma duvida nos ficou de que eram contemporaneos da outra louça, caracteristica dos castros luso-romanos, alli recolhida; o

1. *Histoire de l'Art.*, IV, 456.
2. *Revue Encyclopédique,* anno VI, n.º 131, pag 170.

que não podiamos então dizer com segurança dos exemplares de Santa Olaya.

D'este modo, se o nosso problema não ficou inteiramente resolvido, é certo, pelo menos, que as louças pintadas de Santa Olaya podem agora, com muita probabilidade, reputar-se romanas.

Isto servirá de aviso aos que explorarem estações da mesma epocha em Portugal, devendo advertir-se que, sendo as pinturas raras e estando geralmente muito deterioradas, convém aproveitar todos os fragmentos de ceramica mais fina que se encontrarem nas explorações, e lavar com o maximo cuidado principalmente aquelles que tiverem a pasta avermelhada e muito macia.

V

FORNOS LUSO-ROMANOS

DA

FREGUEZIA DE BRENHA

Seguindo pela estrada da Figueira a Mira até ás immediações do pobrissimo povoado de Cabanas, encontra-se á esquerda a terraplenagem para uma nova estrada municipal que ha de ligar aquella via a Quiaios. Esta obra atravessa os terrenos maninhos e pedregosos do sitio da Pedrulha, pertencente á freguezia de Brenha; sitio que fica a menos d'uma centena de metros da estrada de Mira, pelo sul e sudoeste da estação neolithica do Arneiro, ahi onde vae expirar um dos contrafortes septentrionaes da Serra.

A excavação que a nova via abriu nas asperas encostas da Pedrulha cortou tres cavidades, com manifestos vestigios de fogo, que se achavam completamente entulhadas, distando duas d'ellas entre si 10^{m} e da terceira uns 60^{m} approximadamente.

Os serviçaes da obra desde logo as classificaram como fornos: tal era a sua apparencia; mas, não havendo alli quem conhecesse a importancia da descoberta, destruiram uma parte consideravel d'esses trabalhos subterraneos. Quando o nosso collector foi prevenido do caso por um proprietario visinho, já pouco restava para explorar. Entretanto a camara municipal, informada do occorrido, suspendeu o trabalho da estrada n'aquelles tres pontos; e nós fômos dois dias depois reconhecer que se tratava de tres fornos pertencentes á epocha luso-romana, os primeiros que tinhamos encontrado nas nossas explorações archeologicas.

Do que ficava mais proximo da estrada de Mira subsistia uma pequena parte, bem manifesta no corte do terreno do lado esquerdo da via; corte que attingiu a profundidade de 1m,60 a 2m, e que segue, n'aquelle ponto, o rumo de SSO a NNE approximadamente. A parede da cavidade distinguia-se pelo vermelho da argila do solo, que soffrera fogo intenso, e pela calcinação d'algumas pedras.

Extrahido o entulho, a cavidade apresentou a fórma d'um pequeno segmento do circulo, tendo na superficie os caracteres do fogo que tinhamos notado no corte do terreno. A excavação para esta obra fôra aberta por entre estratos calcareos e argila, e parecia descer perpendicularmente da superficie do solo.

Em seguida verificámos que ella continuava para baixo do nivel da terraplenagem da estrada; e por isso fizémos abrir n'esta um largo fosso transversal, seguindo a direcção do SE. Tivémos então a fortuna de pôr a descoberto o envasamento e pavimento do forno, que haviam sido poupados pela excavação da via.

A sua fórma era effectivamente circular, tendo o diametro de 3m.

O envasamento, do lado da barreira formada pelo corte da estrada, era constituido pela rocha viva, do lado de SSO por um renque de pequenas lages cravadas de

cutello, com a altura de $0^m,40$ approximadamente, e do lado de NNE pela parede da propria excavação, revestida com espessa camada de argila e areia.

O pavimento era feito de pedra miuda e argila.

Do lado de SE, isto é, do lado opposto ao da referida barreira, a circumferencia tinha uma interrupção de $0^m,60$. Explorado este ponto, descobriu-se uma excavação que se dirigia, subindo e estreitando gradualmente, do pavimento do forno para fóra do recinto, e terminava em $0^m,30$ de largura no nivel da terraplenagem da estrada. Era indubitavelmente alli a bocca ou entrada do forno *(praefurnium)*, por onde se introduzia o combustivel e se retiravam as cinzas, como provaram os carvões encontrados n'aquella excavação e a larga mancha de cinzas e carvões que se seguia immediatamente para SE. Essa entrada devia abrir sobre o pendor da encosta.

Já não encontrámos vestigios perfeitamente claros do pavimento superior do forno, onde se collocavam as peças a coser, nem da abobada ou cobertura; mas recolhemos ainda uns fragmentos de *tegula* que nos indicaram a especie d'objectos a que o forno era destinado, assim como alguns pedaços de troncos d'arbustos superficialmente carbonisados e inteiramente apodrecidos na parte interna.

Pela sua fórma circular este forno da Pedrulha pertence ao typo commum da *fornax* romana; mas a obra é pobrissima, como as obras similares que ainda hoje se usam nas nossas freguezias ruraes.

Dez metros adiante d'este forno subsistia metade d'outro, tambem com fórma circular. Distinguia-se perfeitamente por duas faxas verticaes e parallelas de côr vermelha, com a largura de $0^m,20$ a $0^m,25$, distantes entre si $2^m,30$, descendo da superficie do solo pela parede da trincheira aberta pela via. A excavação fôra praticada na argila, que, pela acção do fogo, tomou a côr vermelha, ficando calcinadas algumas pequenas pedras que continha.

A profundidade d'esta excavação media 1m,20, e o seu diametro 2m,30 approximadamente. O lar era preparado com pedra miuda e argila e coberto por uma camada de residuos de cal, a que hoje se dá vulgarmente o nome de *cinzeiro*.

Dentro do recinto ainda existiam pastas de cal, de que recolhemos um exemplar.

Era, pois, a *fornax calcaria* dos romanos, mas já sem vestigios das boccas *(praefurnia)*, nem de poços verticaes *(fauces)* em que estas abrissem, nem da cobertura conica que ficava acima do nivel do solo *(summa fornax)*, feita talvez de pedras brutas *(caementa)* e de argila, com um orificio circular ao meio *(orbis summa)*, servindo de chaminé, como indicam Rich e outros auctores.

Adiante d'este segundo forno a via muda de direcção, tomando approximadamente o rumo do N. A altura da trincheira diminue consideravelmente até ficar reduzida a 0m,50 no ponto em que cortou o terceiro forno. O que restava d'esta obra formava um angulo reintrante na trincheira, angulo cujos lados estavam revestidos até á altura de 0m,25 a 0m,30 por um renque de pequenas lages postas de cutello. Um dos lados seguia o rumo de NNE a SSO e media 1m,75 no comprimento; e o outro o rumo de ESE a ONO e media 1m,65.

Para NNE do primeiro lado, a distancia de 1m,15, existia uma lage isolada com vestigios de fogo, em disposição que indicava a bocca do forno *(praefurnium)*, mas de que não podémos determinar a verdadeira relação com o resto da obra.

A fórma d'este forno devia ser quadrangular; fórma excepcional de que não tinhamos noticia na epocha romana.

A excavação foi aberta em argila até á profundidade de 0m,60; o que indica que uma grande parte do forno fôra construida acima do nivel do solo.

O pavimento continha algumas pequenas lages, e por cima d'estas muitas cinzas e carvões.

Dentro do recinto não encontrámos outros productos além de grande quantidade de grossos fragmentos de telha curva *(imbrex);* o que indica que n'este forno de fórma quadrangular só se cozeram telhas d'essa especie. Ainda hoje nas localidades visinhas os fornos da nossa telha commum têem a mesma fórma, que é provavelmente a reproducção tradicional do modelo luso-romano.

Por debaixo dos fragmentos de *imbrex* e sobre as cinzas e carvões do pavimento recolhemos uns grossos pedaços d'argila cozida, com vestigios de fracturas e de largos orificios atravessando a pasta.

Estes orificios apresentam o diametro maximo de $0^{m},042$, e estão ennegrecidos pela passagem do fogo. É, pois, fóra de duvida que semelhantes objectos são fragmentos do pavimento superior do forno, a que se dá o nome de *lar*, onde se collocavam as telhas a cozer, pertencendo os vestígios d'orificios aos *agulheiros* que davam passagem ao calor do fogo feito debaixo do lar.

Esta ultima circumstancia é interessante, e ainda a não tinhamos visto mencionada na descripção do forno romano, que dão alguns auctores.

Nos actuaes fornos de telha das localidades visinhas o lar é geralmente feito sobre uma abobada de tijolo e barro, e não sómente de barro, e os *agulheiros* têem maior diametro do que os do forno da Pedrulha.

Partindo de Lirio na direcção de SE, a 1 kilometro approximadamente d'este povoado, encontra-se o pequeno Valle do Gonçalo, que desemboca no Valle da Asseiceira. Ahi, no sitio das Terras da Fonte, em predio de Anna Verissima, de Brenha, exhumámos os restos d'outro forno

luso-romano, onde se cosiam as duas especies de telha — *tegula* e *imbrex*.

Era construido em uma excavação feita no grés, com a fórma approximadamente d'um trapezio alongado. N'essa excavação conservavam-se ainda bem manifestos os vestigios do instrumento ponteagudo com que fôra aberta.

A bocca do forno *(praefurnium)* era do lado do topo do trapezio, voltada a SO. Do lado da base, que ficava a NE, fechava o recinto um muro de adobos, fortemente cosidos, especie de material de construcção que pela primeira vez vimos empregado em obra romana.

Media a excavação no eixo maior, orientado de NE a SO, $3^{m},7$, e na largura, quasi a meio, $1^{m},80$, do lado da base do trapezio $2^{m},5$, e do lado do topo $1^{m},7$. O pavimento era ligeiramente inclinado para SO; mas proximo do sitio da bocca do forno baixava rapidamente de nivel, formando um fosso quasi semicircular, medindo no fundo 1^{m} por $1^{m},2$. A profundidade da excavação era geralmente de $0^{m},5$ a $0^{m},65$; e em alguns pontos, onde o grés era irregular, formavam o envasamento das paredes do forno algumas pequenas lages postas de cutello.

Dentro encontrámos grande quantidade de fragmentos de telhas curvilineas e de rebordo, cinzas e carvões, assim como um fragmento do lar, feito de barro, com um dos *agulheiros*. A espessura d'este fragmento attinge $0^{m},21$; e o *agulheiro* tem o diametro de $0^{m},30$ a $0^{m},45$. Notam se n'este exemplar vestigios de *agulheiros* transversaes com o diametro de $0^{m},014$ a $0^{m},019$, alguns dos quaes pareciam communicar com o *agulheiro* vertical, e que tambem apresentam signaes manifestos da passagem do fogo.

FIM.

INDICE

Pag.

Prefacio 5

IDADE DA PEDRA

EPOCHA NEOLITHICA

I — A questão da anthropophagia nas estações neolithicas da Serra do Cabo Mondego 11
II — Pequenas hachas de pedra das estações neolithicas do concelho da Figueira. 21
III — A arte nas estações neolithicas do concelho da Figueira. 35
IV — O rito da inhumação nos dolmens da Serra do Cabo Mondego. 59
V — Uma obra da arte primitiva 71
VI — Estudo sobre um machado de pedra proveniente do Algarve. 79
VII — Estação neolithica do Forno da Cal na Vinha da Rainha. 91
VIII— A clava de pedra existente na Museu da Figueira . . . 103

IDADE DOS METAES

EPOCHA DO COBRE

I — Necropole prehistorica da Campina nas visinhanças de Faro. 111
II — Alguns vestigios da epocha do cobre colligidos no Museu Municipal da Figueira 129

INDICE

Pag

EPOCHA LUSO-PHENICIA

A necropole proto-historica da Fonte Velha, em Bensafrim . . 143

EPOCHAS LUSO-ROMANA E ARABE

I — Noticia d'algumas estações romanas e arabes do Algarve. 163
II — Antiguidades romanas das visinhanças de Nellas. . . . 235
III — Vestigios romanos no Valle do Mondego e immediações. 243
IV — As louças pintadas do castro de Santa Olaya. 253
V — Fornos luso-romanos da freguezia de Brenha. 259

ERRATAS

A pag. 77, nota 1, na linha antepenultima — e certo — por — é certo — e na linha penultima — e disposição. — por — a disposição.

A pag. 239, linha 19ª — reobrdo — por — rebordo.

DO MESMO AUCTOR:

DIREITO

— A Decima de Juros.

LITTERATURA E HISTORIA

— Cartas da Andaluzia.
— Materiaes para a historia da Figueira nos seculos XVII e XVIII.

PALEOETHNOLOGIA

— Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira, 1.ª, 2.ª e 3.ª partes.

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00031 3557